



**ESCRITAS em TEMPOS DE
ERE (ENSINO REMOTO EMERGENCIAL)
Aprendizagens em Formação - 2020**

**PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE
Carmen Lucia Bezerra Machado**





Copyright

CAPA

A força da delicadeza III – MÔa (Moacir Moreira) moaar.com.br;
Instagram: moamoreir

Projeto Gráfico:

Capa e marcas de página conferem identidade visual ao e-book são recortes de imagem de quadro do Artista plástico natural de Joinville, portoalegrense por adoção – Moacir Moreira – MÔa.

EDIÇÃO:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Departamento de Estudos Básicos
CURSO DE PEDAGOGIA
ÁREA de SOCIOLOGIA
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE – EDU-1070

ISBN 978-65-5973-137-4





DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

E74

Escritas em tempos de ERE - ensino remoto emergencial :
aprendizagens em formação 2020 [recurso eletrônico]/ Paulo
Peixoto de Albuquerque, Carmen Lucia Bezerra Machado
(organizadores) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2022.

263 p.

ISBN 978-65-5973-137-4

1. Ensino remoto emergencial 2. Aprendizagem 3. Formação
de professores 4. Escrita acadêmica I. Albuquerque, Paulo
Peixoto de II. Machado, Carmen Lucia Bezerra III. Título.

CDU: 371.13

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

AGRADECIMENTOS

ESCRITAS em TEMPOS DE ERE - ENSINO REMOTO EMERGENCIAL - Aprendizagens em FORMAÇÃO 2020

apresenta como e-book a produção textual ligada ao Grupo de pesquisa “Formação de professores do Mercosul/Cone Sul”, e à formação de pedagogas e pedagogos realizada nos tempos pandêmicos de Ensino Remoto Emergencial - ERE, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A presente obra é fruto do trabalho de escrituras acerca das relações entre educação e sociedade em continuidade temporal do exercício da docência compartilhada, buscando problematizar a formação e os fazeres de professores na construção teórico prática a ser generosamente oferecida aos leitores interessados nas temáticas.

Ao oferecer subsídios teóricos e práticos redigidos entre maio de 2020 e maio de 2022, ao romper com os tempos de sindemia, (convívio entre a pandemia Covid-19 e as demais e simultâneas necessidades de atendimentos em saúde) fomos de forma sucinta, buscando contribuir com os processos de ensinagens e de aprendizagens, especialmente na modalidade remota, uma das únicas alternativas possíveis para minimizar os transtornos decorrentes do isolamento social imposto pelo vírus às instituições de ensino do país e no mundo. A escrita frente à suspensão de atividades presenciais em todos os níveis de ensino passou a compor um recurso pedagógico a ser coletivizado. E, foram tantos que deram origem a dois volumes. Este, o primeiro, problematiza os aprendizados de escritas coletivas nos inícios de tempos de ERE.

Nossa gratidão à sensível generosidade de M^ôa (Moacir Moreira) por disponibilizar a sua arte, cedendo o direito de uso da imagem da obra intitulada *A força da delicadeza III* que compõe as marcas deste *e-book*.



ESCRITAS em TEMPOS DE ERE

Agradecemos ao engajamento autoral com a entrega das escritas de egressos da disciplina EDU1070, Educação e Sociedade, nesta forma singular de depoimentos entregues virtualmente e que dizem do que afeta a cada ser no diálogo com as teorizações, e com a presença em constante participação de Mariana Marins, monitora em ERE. E, ao deixar pistas ao leitor anunciamos a estrutura do e-book composto por três partes: a construção de relações e conceitos; enfrentando pré conceitos; e, as primeiras inserções no universo de pesquisa no mundo universitário em tempos de ERE para conhecer os pensares sociais.

Agradecemos ainda a acolhida institucional da Biblioteca da Faculdade de Educação e da FACED.

Por fim, o reconhecimento ao legado dos Mestres Paulo Reglus Freire (*in memoriam*), Augusto Nivaldo Silva Triviños (*in memoriam*), e aos vívidos alunos, alunas e *alunes* que anonimamente seguem *ensinando a ler o mundo e juntas produzimos as construções das escritas*.

Desejamos *uma prazerosa leitura!*

Carmen e Paulo, por vezes. Ou, Paulo e Carmen, quase sempre



Sumário

Sumário.....	6
Parte I A construção de coletivos entre as escritas e as virtualidades.....	8
O que dizer de um e-book: Um livro virtual que registra memórias de ERE.....	8
Convite à escrita do aprender e da formação nos tempos de ERE -	10
QUE ENTENDER DAS PERGUNTAS? OU A FINALIDADE DAS PERGUNTAS?...12	
Os Sentidos para compartilhar e conhecer aos colegas.....	14
TEMPOS LOUCOS, OLHARES OUTROS.....	45
Compartilhando as escrituras escrevemos.....	53
ENCONTROS EM ERE: “QUE NÃO É O QUE NÃO PODE SER ...O QUE É “!	55
Escritas dialógicas entre flores	64
Educação e Sociedade em tempos de silêncio.....	80
APRENDER NA UNIVERSIDADE: OLHAR, VER, CONHECER, ANDARILHAR. ...	82
Parte II Enfrentando preconceitos e as leituras de mundo	90
Diálogos e sentidos de educação.....	90
Flashback do encontro síncrono 08.02.21	90
Memórias e diálogos compartilhados	111
A Triste história de Maria.....	111
Em educação não há ingenuidade, inocência, gratuidade ou acaso. Diálogos possíveis. Comentando A triste história de Maria.	120
DO OUVIR E VER AO APRENDER A APRENDER: UMA CAMINHADA.....	135
Reflexões sobre o encontro de 22.03.21.....	138
Parte III	144
Inserções no universo de pesquisa no mundo universitário em tempos de ERE para conhecer os pensares sociais.....	144

NO RETROSPECTO: A CONTINUIDADE de esquema analítico e	145
Síntese de Esquema analítico dos encontros síncronos	151
Escrituras coletivas: mais do que uma retomada, uma intencionalidade.....	154
Escrituras coletivas: mais do que uma retomada, uma intencionalidade II.....	160
Escrituras coletivas: mais do que uma retomada, uma intencionalidade III.....	174
Diálogos possíveis (Manhã de atividade síncrona - 19 de outubro de 2020).....	187
Polifonias da Resistência – Palavra de múltiplos sentidos – memórias e imagens de 19 de abril.....	197
CONCEITOS, SONHOS E ENSINAR O QUE NÃO SE SABE	207
VER É BIOLÓGICO, OLHAR É INTENCIONAL:	219
Na véspera do grito das excluídas e excluídos seguimos a formar para professores	224
Memórias dO EnconTrO: Educação e SociedAdE, 25.10.2021.....	233
Visitantes convidados, planos e realizações.	241
PLANO DE AULA.....	242
Emergências na escola: Engasgo e a Lei Lucas.....	244
Aula Enfermeira Sabrina.....	252
MAIS DO QUE UMA RETOMADA, UMA INTENCIONALIDADE e ESCRITA COLETIVA.....	254

Parte I A construção de coletivos entre as escritas e as virtualidades

O que dizer de um e-book: Um livro virtual que registra memórias de ERE

E, ensino remoto emergencial, em um primeiro momento, exigiu aprendizagens.

Não há saberes prontos, formação ou previsão, planejamento ou experiências prévias. O inédito e por vezes o inefável surge como exigência vital. Desafia o social. desafia as singularidades, os diálogos, a diversidade e as desigualdades. Para depois falar do formar profissionais da pedagogia desde o primeiro contato quando do ingresso no Curso e com professores e professoras aprendentes do ensino remoto. No fortalecer quando tudo ao redor parece ruir e a fragilidade emoldurada em tela plana, com quadrados, círculos, letras e algumas poucas imagens pede por um proteger, amparar e sobretudo um ensinar onde o suporte da informação agora é outro.

Autoria requer um sujeito histórico a produzir cultura. Estabelecer relações com o mundo e com as pessoas, e, assim, suas vidas são construídas em meio a um cenário de transformação social, política e econômica. Este E-book se apresenta como um instrumento pelo qual os sujeitos envolvidos no processo expressam uma identidade do ser educador que educa e se educa. Mais, dá materialidade e traz à tona os questionamentos e as reflexões daqueles e daquelas que aprendem, ensinam, formam e se formam. Escrevem. Escrevem. Escrevem.

Conhecer aos que escrevem, seus modos de ser, de estar, de agir no mundo. A maneira como estabelecem relações com as pessoas e objetos, na virtualidade. No relatado há busca dos ingredientes imprescindíveis para a compreensão da própria vida, pois aqueles que escrevem não estão à margem da sociedade. Dela fazem parte neste particular contexto histórico: Brasil em tempos de pandemia entre 2020 e 2022.

A forma de auto-organização do pensamento no processo de associação de ideias, experiências e práticas anuncia ensinagens nos tempos de pandemia. Sinaliza um outro olhar. E os textos embora de caráter introdutório, resumido, fragmentados,

recontam e fazem reviver as experiências de dois grupos vivenciando o ERE, construindo relações virtuais de confiança e de formas para acessar conceitos. Como oposição a lógica social hegemônica da academia ou de um modo de pensar o ensino, inclusive ou especialmente na formação de quem educa.

Na segunda Parte (II) há narrativas que comunicam os silenciamentos de preconceitos e pré conceitos onde as memórias são oportunidades para explorar percepções, diálogos e significativas proposições. Como uma lição metodológica, a de que o método não é algo reificado e fora das relações sociais, separado de quem o escolhe, produz e/ou usa. Ao contrário, o método articulado à referenciais teóricos constrói modelagens / modelos para pensar a educação, a aula, o ser quem professa.

A Parte III propõe a inserção no universo de pesquisa como parte do mundo universitário em tempos de ERE onde o indagar para conhecer os pensares sociais começa nas proximidades familiares e se amplia na intenção de conhecer os tempos de vida e da vida de quem aprende em ERE com que faz desta condição de ensinagens um caminho possível. A escrita mostrou-se a possibilidade de construção de práticas compartilhadas, não solipsistas, para fazer a transformação de uma atividade online consciente de que a busca de um fim pensado, o rever o passado, propor um outro futuro e neste exercício uma proposta de ensinagem de convicções construídas coletivamente a partir de um compartilhar de significados.

Este livro tem pretensões e se diferencia por sua intencionalidade política. Trata-se de uma agir cuja iniciativa imprime movimento a experiência coletiva do escrever como modo de ensinar na universidade.

Não se trata de uma ação mental, impulsionada pelo desejo da descoberta abstrata e desvinculada do fazer profissional. Trata-se de renovar o olhar e colocar em outras molduras analíticas aquilo que já conhecemos. A experiência de mapear aquilo que foi sentido, vivenciado na pandemia permite indicar relevâncias, caminhos e percursos que podem (a critério do leitor) ampliar a rede de significados de alguns termos. Ainda, convidam a uma constante revisão de pontos de vista, até porque não são apenas pontos de vista: são pontos de vida! Pontos de vida que seguramente mostram que não vivemos uma situação normal... que os graus de ansiedade, apreensão, tristeza, sofrimento e medo não leva a aceitar o mundo, a sociedade e a situação que vivenciamos com a Covid-19.

Paulo para Albuquerque

Convite à escrita do aprender e da formação nos tempos de ERE -

Começamos escritas que educam ao enfrentar os desafios do Ensino Remoto Emergencial (ERE), no período de março de 2020 a junho de 2022,

narrativas, cuidar das memórias e dos afetos, para além de comunicar práticas educativas. Agora estamos convidando aos leitores e às leitoras a se aventurarem nas trilhas e nos mapas. Os mapas de navegação como os do Conto da Ilha desconhecida (onde o personagem de José Saramago pede ao rei um barco para realizar sua busca), ou as trilhas possíveis nas esteiras deixadas por outros pensadores, nas palavras de Marilena Chaui.

Ao “pôr em movimento” a “aprendizagem” e as “ensinagens” promovendo diálogos, construímos e mantivemos vínculos. Freireanamente ler a palavra para ler o mundo. Maneira como a curiosidade do aprendiz trabalha para apreender o ensinado, ensinando-se, sem o que não o aprende. Ensinante aprendem. Descubrem incertezas, acertos, equívocos. Cada temática enlaça escrituras, conceitos e vivências. Agora cabe aos leitores ressignificar.

Estimadas educandas e estimados educandos, sejam bem vindas e bem vindos. Sabemos da ansiedade e insegurança que a pandemia provoca em nós. Em tempos de normalização de pandemia, e de proposição de ensino remoto, tendo ocorrido somente um encontro presencial, e, muito rápido, considerando as matrículas nas turmas dos Professores Paulo Albuquerque e Carmen Machado da disciplina Educação e Sociedade, EDU-01070, gostaríamos de saber da turma que ingressa este ano de 2020 no Curso de Pedagogia, qual é o melhor meio de contato.

Gostaríamos de saber mais para nos conhecermos e partilhar ideias:

1. Podemos fazer a combinação de usar o WathsApp para contatos e informações? Isto implica em que vocês informem um número para acesso.
2. Ou, é possível aos integrantes o acesso à Plataforma Moodle? Nela podemos fazer fóruns, postagens de texto e questionamentos para respostas.
3. Ou ainda, o uso do e-mail está acessível aos participantes?

Aguardamos o retorno na busca das melhores maneiras de incluir sem que ninguém seja excluído. Caso seja possível poderemos promover uma conversa, por meio virtual, em que poderemos falar sobre os efeitos da pandemia em nossas vidas e quais os aprendizados do período, usando a Plataforma de Conferências da UFRGS, o "MConf".

Neste encontro poderemos fazer acordos sobre o que vamos construir juntos como proposta desta turma. Vocês estão recebendo o mesmo acesso, pois nós como professores temos trabalhado com docência compartilhada e estamos aprendendo a fazer docência virtual compartilhada.

Pensamos neste e-mail para podermos promover trocas coletivas e também organizar grupos: <educasociedade.pandemia@gmail.com> . A partir destas informações seguiremos como uma única turma e vários modos de trabalho para ensino remoto. Ficamos no aguardo.

Paulo e Carmen

QUE ENTENDER DAS PERGUNTAS? OU A FINALIDADE DAS PERGUNTAS?

Quem pergunta quer saber. Óbvio. Mas no nosso caso há uma intencionalidade.

Nas respostas do grupo há um saber, uma experiência de vida que estando inscrita na memória faz significar aquilo que nem sempre é dito.

O conjunto de respostas atua como uma espécie de uma “rede”, a qual tem furos, se repete, retoma, silencia e, por ser coletiva, traz um discurso social.

A observação das respostas (discurso) dos alunos do primeiro semestre na pandemia permite perceber que nos dizeres desses “jovens” há uma memória, e identificar nela sua historicidade, sua significância ou aquilo que insinua seus compromissos políticos e ideológicos com a educação.

Os quadros que seguem dizem das respostas:

PERGUNTA 1. o sentir de cada um/uma diante da espera/tempo

RESPOSTAS/SIGNIFICADO	SIGNIFICANTE
Desconcertante	A perspectiva da maioria traduz um contexto de incerteza e desconforto no momento; Educação escolar é entendida como presença e compartilhar/conviver em grupo
Ansiedade	
Expetativas, medo de não conseguir cursar pelo distanciamento	
Receio das aulas on-line	
Dificuldade de compartilhar	
O silêncio da tela nas aulas on-line	

PERGUNTA 2. memória marcante da experiência educativa

RESPOSTAS/SIGNIFICADO	SIGNIFICANTE
Experiência/vivência da escola, nem sempre vinculada aos conteúdos	A escola/sala de aula e o estar presente é identificada como lugar da aprendizagem que nem sempre corresponde ao que se propõe; Há uma violência velada nas relações horizontais e verticais na escola que nem sempre é expressa.
Bulling/violência nas comunicações	
Desrespeito provocado pelo desconhecimento do outro	
Não se sentir incluído	
Que educação é tratar todos como se fossem iguais	
Trabalhar em grupo e juntos	
Na sala de aula é que a gente	

aprende	
---------	--

Vocês devem estar perguntando: e aí? O que devemos compreender destas respostas?

E nós respondemos não será que nelas há indícios de como devemos entender por conhecimento escolar?

Vejam bem o que as respostas estão a dizer:

- As respostas estão a nos dizer que um dos elementos centrais da aprendizagem está no fato dos conhecimentos serem socialmente produzidos e que a escola (sala de aula) é condição para ser apreendidos, criticados e reconstruídos por todos/as os/as estudantes.
- Da necessidade do ensino só acontecer com um/a professor/a que conheça bem, escolha, organize e trabalhe os conhecimentos a serem aprendidos pelos(as) alunos(as).
- Que conhecimento escolar deve facilitar ao(à) aluno(a) uma compreensão da realidade em que está inserido, mas nem sempre isso acontece;
- Que as experiências e relações no ambiente/espço escolar nem sempre propiciam ao(à) estudante ir além dos referentes presentes em seu mundo cotidiano;
- que ensinar é diferente de educar;
- que ansiedades e incertezas são percebidas mais como “travas” do que fatores para formar sujeitos autônomos, críticos e criativos que analisem como as coisas passam a ser o que são e como fazer para que elas sejam diferentes do que hoje são.
- Que o grupo na(s) sua(s) diferenças tem algo em comum: entende que é na escola que se ensina e se aprende nas salas de aula.

Em função disto perguntamos:

Podemos dizer que há uma gramática historicamente criada pela própria escola, na escola e para a escola, daí o nosso desconforto e ansiedade neste momento que estamos vivendo?

Com a leitura o texto que segue:

1. destaque o que diz o autor
2. relacione com a pergunta

3. nos envie

Enquanto isso, fique bem, se cuide e continue em contato conosco.

Carmem e Paulo

Os Sentidos para compartilhar e conhecer aos colegas.

As rotinas estabelecidas na educação escolar formal e presencial características do fazer na Universidade foram rompidas na presença do Corona Vírus que neste ano de 2020 atinge a humanidade provocando a chamada COVID-19. Os sentidos múltiplos da palavra árabe Maktub, "já estava escrito", e os livros já estão, ou "tinha que acontecer", e a predestinação ou o sobrenatural comandam o "destino" nos trazem possibilidades múltiplas de aprendizagens. Tanto saber do passado, do acontecido, do comprovado como do que ainda não se sabe: o novo, o desconhecido, o inédito, o inefável. Mais do que prever ou projetar o futuro, agora estamos criando-o.

Entendemos que seja difícil superar esse primeiro momento de estranheza, ansiedade, angústia e desassossego ou desgosto que o ensino remoto nos traz. Mais, entendemos que nem todos tem acesso aos recursos necessários para essa nova modalidade de ensino, mas ainda assim, precisamos aprender e desbravar as possibilidades destes novos processos. São novas necessidades, condições, potências, possibilidades.

Mesmo sem pretender problematizar as tecnologias digitais e virtuais, esta contingência trouxe implicações à educação, à pesquisa e à extensão, que necessitam outros compartilhamentos e indicam que na pandemia as atividades presenciais, individuais ou com grupos, estão suspensas nos municípios brasileiros por tempo indeterminado. Os que se tem presentificado fisicamente, retornam o isolamento. Desta forma, não se sabe ao certo em que momento essa ferramenta (sala de aula) tão utilizada, e naturalizada como simples, poderá ser utilizada novamente na atuação dos profissionais da educação. Se levarmos em conta que os espaços de educação, e não necessariamente são engessados em uma sala de aula, é possível que o momento atual nos traga experiências educativas realizadas por meio do uso de recursos tecnológicos, como novos processos ainda mais transformadores e transgressores. Ou, a educação bancária, diretiva e verticalizada sairá ainda mais obediente, consolidada e enrijecida.

O que dizer do ensino nos tempos de pandemia?

Dos relatos de alunas de Educação Escolar no Ensino Fundamental, em tempos de pandemia com ensino remoto há mais de 6 meses, emergem duas vertentes que promovem o pensar:

1. quem tem acesso à tecnologia, aos equipamentos e a rede internacional de computadores e por consequência ao ensino remoto; 2. quem não tem acesso ao ensino remoto por meio virtual com todas as implicações excludentes desta condição o que nos diz que a sala de aula é, às vezes, um lugar secundário para a educação libertadora. Examinemos as situações.

No primeiro caso, há uma disponibilidade material que assegura o acesso à aulas presenciais, síncronas, nas quais predominam as explicações verticalizadas em que ao professor cabe o papel de expor o conteúdo a ser aprendido, levantar questionamentos e propor as tarefas a serem realizadas por alunos regularmente matriculados nas instituições escolares. O trabalho de professorxs não está em debate. Ainda assim, vale partilhar a escrita sobre o tema e buscar as obras de Miguel Arroyo, especialmente a que problematiza o fazer de “professores” como executores do chamado ofício de mestre. O papel da categoria dos professores não é ser mera transmissora de conteúdos, é ensinar-aprender a ser gente. “A categoria tem colocado todos os seus esforços em melhorar as condições materiais e de trabalho nas escolas (...) para que cheguem a ser espaços mais humanos.” (ARROYO, Miguel Gonzalez. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.64.). E em tempos de pandemia há quem ensine, graças a sugestões de crianças, tendo que observar bonecas e bichinhos para falar com uma máquina, segundo o costume de comunicadorxs.

E os alunes? alunes aprendem. Aprendem e ensinam o que sabem e o que não sabem. Gostem ou não de estudar estando em ensino remoto, acompanham o conjunto de tarefas propostas. Acompanham, envolvem os habitantes do domicílio, indagam perguntam, conversam virtualmente com colegas sobre as tarefas e os seus afetos. Na falta do contato presencial... a escuta, a fala, o diálogo são substituídos pela escrita como suporte para a comunicação. Estudam e cansam. Aprendem, ensinam, cansam e resistem. Rapidamente descobrem formas de enfrentar o aumento das atividades, das tarefas e dos desafiadores temas. Praticam ainda, desde o apagar as luzes da tela, enquanto faz outras coisas (como brincar pelo celular), até o desligar o monitor ou o computador e informar a queda da conexão. Resistem. Resistir e transgredir são aprendizados necessários.

Por outro lado, há a segunda situação em que nem todos tem acesso aos recursos necessários para essa nova modalidade/ ferramentas/ tecnologias do

ensino. Professorxs há que não dispõem de equipamentos, redes de acesso, conhecimento para o uso pessoal e para o uso profissional destes. Não são poucos. Nas palavras do livro do professor Miguel Arroyo, numa linguagem simples e objetiva: “O grave das condições materiais e de trabalho das escolas não é apenas que é difícil ensinar sem condições, sem materiais, sem salários, o grave é que nessas condições nos desumanizamos todos.” (ARROYO, p. 64) Para alunes a sala de aula é, frequentemente, um lugar de encontro e trocas num processo de socialização secundarizado pelos aprendizados dos conteúdos curriculares estabelecidos. Sem presença o aprendizado de si se afigura possibilidade. Em ambientes de vulnerabilidade social ou emocional o isolamento oportunizado pelo virtual inexistente. Como aprender sem materiais didático-pedagógicos? Sem livros, revistas, escritas, vídeos, filmes e imagens em qualquer suporte? Aprendendo a ler o mundo da desigualdade. Percebendo as diferenças entre os sujeitos e as diversidades culturais

O que dizer do aprender de alunes?

Remotamente a relação tende a se restringir à singularidade de cada alune e professor. A presença ou ausência de colegas no ambiente virtual não impede as solicitações ou proposições de atividades. Os saberes em diálogo são individualizados e restritos, inclusive por questões éticas.

Como divulgado em Infográfico pelo Monitor de Biologia, Vitor Gomes, junto a 148 alunes do ensino médio, em resposta à indagação - Por que os alunos não utilizam a Câmera nas aulas remotas? Encontra na timidez 47,6% seja pelo sentir-se tímido ou desconforto com a exposição; não preparado – 24,9 (cuidados com o vestuário - pijama, ou o corpo – cabelos desgrenhados ou cara de sono); problemas técnicos – 8,7 (equipamentos sem qualidade de imagem); colegas – 7,0% (porque os outros não ligam ou por medo de cyberbullying); ambiente – 3,1, (dividir ambiente com demais ou não querer mostrar a casa); outros – 8,7% (respostas isoladas).

Se na educação presencial onde há faltas de materiais e condições Arroyo afirma que “Não apenas torna-se difícil ensinar e aprender os conteúdos, torna-se impossível ensinar-aprender a ser gente.” Difícil superar esse primeiro momento de estranheza e desgosto que o ensino remoto traz. Desafiador é gentificar-se, no sentido freireano defendido no livro Pedagogia da Indignação na Carta ao Índio Gaudino Pataxó, nos ambientes de ERE.

O fazer de professor na sociedade brasileira abrange o lúdico, o humor, a função, a ocupação exercida, independentemente das semelhanças e diferenças existentes entre os conteúdos por eles ministrados e os níveis ou modalidades de ensino. A experiência como docente na teoria (como pesquisadorxs) e na prática (como professorxs em sala de aula e na escola)

faz deste ofício um espaço de promoção de reflexões sobre as dificuldades, os desafios e os não saberes vivenciados pela categoria no dia a dia.

Compartilhar, exige autonomia, exercida através de transgressões políticas e pedagógicas e cultivadas na busca de inovações para uma melhora das condições do exercício do ofício. Mais do que ser capturado por uma visão legalista do fazer formal e repetitivo do ofício as transgressões na prática inovam e expressam as possibilidades e as potências para a superação e autosuperação. Educar o educador, mais do que um permanente regresso ao vivido e portanto, possível de ser conhecido exige o conhecimento teórico, os conteúdos da docência, o saber-fazer, as reflexões sobre o vivido pessoal e o experienciado como educador para buscar elementos que esclareçam e contribuam para delimitar as propostas e reflexões sobre o ser e o fazer docentes. Mais do que retornar à própria infância é expressão do humano possível, inédito e viável como possibilidade de futuro. A grande possibilidade de aprender com a infância ou com aprendizes para aprende o ensinar na condição de docente. Acompanhar e compartilhar as vivências e experiências de alunes, colegas e professores nos conduz no processo. “[...] infância e adolescência são mais do que as novas gerações que conduzimos. Nos conduzem.” (ARROYO, 2000, p.251).

Compartilhando escrituras

Assim, as escritas compartilhadas, aqui ainda sem a identificação da autoria, mas associada a pseudônimos que usam o nome de flores, após solicitada a autorização para a partilha. As respostas dadas foram poucas considerando a matrícula de 54 alunes. Dificuldades em ERE, e, "Nenhum a menos".

A) Seja registrada o sentir/pensar de cada um/uma diante da espera/tempo para efetivar a relação professor/professora aluna/aluno e alunos/alunas?

Zara - Relação discente-docente se dá a partir da semelhança, de pensamentos ideológicos/políticos, por suas crenças, perfil, narrativa, trajetória e tantas outras características, pelo simples jeito de ser e lidar com a vida. No livro *O Espírito da Intimidade*, a escritora africana Sobonfú Somé, de Burkina Faso, trabalha o conceito de comunidade na perspectiva africana. Entre muitas considerações ela ressalta que a comunidade é o espírito do indivíduo, o guia, onde é a base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros. Diante disso, pensando a relação docente-discente, qual a melhor definição se não a de um relacionamento horizontal que recebe e dá dons e dádivas, fazendo com que

ambos envolvidos sejam guiados simultaneamente?! E é através dessa semelhança que vejo a partilha, buscando o mesmo propósito e entendendo que tal relação perpassa as paredes da escola ou universidade.

Yasmine - Não compreendi muito bem se a primeira questão está relacionada à espera para adequar a disciplina à modalidade de Ensino Remoto Presencial ou à retomada do contato presencial com colegas e professores, então comentarei um pouquinho sobre o que sinto a respeito das duas opções. Estava um pouco preocupada com a disciplina por conta do pouco retorno que tivemos em comparação às demais, dessa forma, não tinha certeza se as aulas ainda não estavam acontecendo ou se apenas eu não estava tendo acesso. Além de já termos muitas atividades para participar e realizar, então me preocupei em receber as atividades dessa disciplina com antecedência para que pudesse me organizar (o que já está sendo um pouco complicado e se mais atividades caíssem de paraquedas não sei se conseguiria dar conta de tudo kkkkk). Mas agora, com o retorno de vocês, fico tranquila e estou gostando da forma como estão administrando essa situação.

Já no que se refere ao contato presencial, sinto por não termos tido muitas oportunidades. Acredito que o uso de tecnologias não irão me aproximar dos meus colegas e professores da forma que gostaria, a convivência é essencial para que pudéssemos construir o sentimento de turma. Mas não é o fim do mundo kkkk, tudo é uma questão de adaptação, e acredito que podemos tirar o melhor dessa experiência. Desculpa se não tiver respondido o que vocês perguntaram, não tenho certeza se entendi kkk.

Yasmin - Seja registrada o sentir/pensar de cada um/uma diante da espera/tempo para efetivar a relação professor/professora aluna/aluno e alunos/alunas? Nesses tempos de pandemia, onde se faz necessário o isolamento social para que possamos preservar vidas, é com angústia que vemos e pensamos os espaços escolares, pois a construção do conhecimento se dá, principalmente, por meio das interações sociais que estabelecemos uns com os outros, e é justamente este aspecto das interações físicas que deve ser evitado. Pensar como que a escola, a sala de aula, e as interações possam vir a ser passíveis em um ambiente virtual com o objetivo de

construir saberes, tem se apresentado como um dos maiores problemas gerados por esta pandemia. Muitas propostas são postas e pensadas, sobre retornos possíveis ou não possíveis, protocolos de retorno e a utilização de ferramentas digitais, mas como pensar em uma readaptação da educação e do ensino em um País que apresenta uma desigualdade social assombrosa?

Como pensar em protocolos de retorno sem investimentos sólidos na educação (infraestrutura e insumos)? Em programas que visem a inclusão digital de todos os cidadãos e uma melhor distribuição de renda? Acredito que pensar as relações de tempo e espaço da escola precisam passar por estes questionamentos, que geram angústias sobre como isto será possível.

Violete - Compreendo que a situação que estamos vivendo, tanto a pandemia em geral como também as adaptações no mundo tecnológico, causam estranheza e nos preocupam pois tudo é uma questão de tempo. Em relação ao contato estabelecido por vocês professores, creio que demorou um pouco, mas como diz o ditado: "Antes tarde do que nunca". Não fiquei preocupada em nenhum momento já que mais cedo ou mais tarde iríamos nos conectar.

Violeta - Começo o registro com um sentimento de alívio após ler a mensagem dos professores. A pandemia têm sido um momento difícil para todos nós. Difícil pensar em começar a graduação numa época como essa, especialmente nós, estudantes de Pedagogia, que imaginamos uma relação próxima entre aluno e professor. A boa notícia é receber as mensagens de nossos professores tão preocupados conosco neste momento, pensando na melhor maneira de ensinar.

Violetes - Estes 5 meses sem um retorno concreto foi extremamente angustiante, e hoje, sinto-me mais segura com o retorno das aulas (mesmo que no modelo do ERE), por estar mais próxima dos colegas e dos professores e pelo cuidado que os mesmos têm tido para nos acolher e ensinar da melhor maneira.

Tália - A experiência de quarentena me deixou ansiosa. Enquanto as aulas da UFRGS não estavam ocorrendo estava concluindo o meu penúltimo semestre do meu curso de Jornalismo da Unisinos e realizando a entrega do meu

Trabalho de Conclusão de Curso. Ao mesmo tempo, queria muito voltar a ter contato presencial com as amigas que fiz durante os primeiros dias de aula em março. Mesmo com a experiência de estar terminando uma faculdade, a sensação de começar um curso na UFRGS como *bixo* foi totalmente nova, me senti como se estivesse recém saído do colégio (um pouco pois acredito que a Universidade Federal seja uma realidade diferente e vou ter experiências completamente novas).

Susi - O período de toda a pandemia, para mim, sofreu graves altos e baixos. No início o que eu mais queria era que cancelassem o primeiro semestre, para ter uma resposta e aliviar a angústia do desconhecimento de como seria o andamento das aulas. Depois, com os frequentes adiamentos de data de retorno à faculdade, tive a certeza que ele demoraria a acontecer, me dando um certo alívio, por pelo menos "saber" o que estava acontecendo.

Logo após veio a ansiedade para que o ensino remoto acontecesse e felicidade quando tal se confirmou. Agora nesse início posso dizer que será de bastante troca e crescimento, para aprender, estudar e se dedicar nesse momento conflituoso. O contato com os professores, mesmo que de forma virtual, significa muito para a minha aprendizagem e certa segurança emocional.

Susana - Seja registrada o sentir/pensar de cada um/uma diante da espera/tempo para efetivar a relação professor/professora aluna/aluno e alunos/alunas? Nesse período tão singular que estamos vivenciando, acredito que além da angústia e alguns sentimentos comuns a todos (ou da grande maioria) existem sensações e experiências únicas de cada lar, cada família e cada indivíduo. No meu caso, pude viver o momento de "pausa" nas aulas da UFRGS com bastante calma e pouca ansiedade, visto que consegui me manter focada em fazer coisas para me sentir o melhor possível. Minha família não está passando por nenhuma grande dificuldade, financeira ou de saúde, e me sinto muito privilegiada pelo apoio e ambiente extremamente agradável que eles me proporcionam. O mais duro, sem dúvidas, é a saudade de poder conviver e trocar com pessoas novas, e aí entram todos os meus colegas e professores da Universidade, os quais não pude conhecer a fundo mas que me fizeram sentir acolhida e extremamente animada para o primeiro semestre, o início da caminhada. Gostaria muito de estar vivendo

esse começo de vida acadêmica após o colégio da melhor forma, e certamente estamos longe disso, pois com a distância, se perde grande parte da "magia da troca" da sala de aula e da universidade no geral. Mesmo assim, estou feliz com a volta das aulas e da interação com todos, e por enquanto me senti muito bem porque todos se mostraram muito compreensivos conosco pela complexidade da situação.

Açucena - Estava ansiosa para a volta de nossas aulas, mesmo que não sejam da maneira que nós gostaríamos que elas voltassem. Sobre a nossa relação com vocês professores, mesmo online creio que vamos ter conexões e trocas de aprendizados incríveis, mas sinto falta das aulas presenciais, de nos vermos pessoalmente e as aulas que presencialmente conseguem ser mais produtivas, pelo menos para mim.

Amapola - Obrigada por seu e-mail. E obrigada pelas palavras sobre ser aluno é: "Ser sujeito de experiência não é somente ser sujeito de informação, mas ser sujeito capaz de construir opinião, refletir sobre o(s)saber(es) propostos, saber julgar,/fazer/querer, pois, o sentido da experiência se fundamenta no(s) diálogo(s), que permitem a transformação de si e do mundo quando os sujeitos são envolvidos nesse processo complexo que é o aprender. Quero que possa lembrar estas palavras no meu caminho de estudo para sempre. Durante a quarentena, fico ansiosa em alguns momentos por causa da incerteza da vida e várias outras coisas. No tempo de espera, fiquei imaginando como seria a situação quando voltassem as aulas presenciais. Também pensei nas formas das aulas virtuais. No período de sem aulas, fiquei com muito vontade de ter aulas da faculdade. Para mim Ouvir a voz dos professores e dos colegas pode ser uma alívio do estresse. Parece me voltar para uma comunidade, não fico mais sozinha.

Rosemary - Acredito que a relação professor-aluno tenha sido um pouco alterada em função da pandemia em que vivemos, o que é perfeitamente aceitável já que praticamente todas as relações mudaram de alguma forma. Com o distanciamento social, a interação e conexão que antes poderia acontecer de forma quase instantânea, agora demora mais para se consolidar. Ao mesmo tempo, acredito que todos compreendam que o setor da Educação está se reinventando para poder garantir ensino adequado para

todos. A espera é um pequeno preço a se pagar para garantir que mais alunos sejam contemplados nesse novo modelo de ensino, e que os professores consigam se organizar para fazer o seu melhor.

Roseanna - No início de março deste ano, estava cheia de expectativas para dar início ao meu curso, para conhecer os professores, os colegas e para poder criar novos laços. Por exatos sete dias, pude viver essa experiência, mas não esperava ser interrompida tão violentamente pela Covid-19, pandemia que fez toda a nossa vida mudar. Em casa, cumprindo o distanciamento, meus medos e anseios tornaram-se maiores. Pensamentos negativos ocorriam frequentemente e a ideia de cursar as aulas à distância me parecia algo pavoroso. O medo de não conseguir acompanhar as aulas e principalmente a falta do contato presencial com os professores me fazem acreditar na importância dessa relação. Hoje, mesmo com a distância, consigo perceber a atenção e os cuidados que os professores estão tendo com cada aluno, para que ninguém fique para trás. Isso tem refletido positivamente e já consigo encarar a situação com novas expectativas. Acredito, talvez, que essa pandemia nos mostre a importância de mantermos nossos laços, mesmo que virtualmente.

Ana Rosa - A espera/tempo para que se efetivem as relações é desconcertante. Em um momento em que tudo está mudando, se ajustando e acontecendo muito rapidamente em todos os ambientes forçosamente, não ter um guia já de início havendo tal possibilidade e oportunidade, não saber qual espinha dorsal guiará os trabalhos só faz aumentar a ansiedade já exacerbada. É um não ter informação na era da informação. Ao mesmo tempo que há demandas a serem cumpridas. As melhores técnicas e estratégias, se não apresentadas dentro de um ambiente seguro, podem ser rejeitadas pelo simples pré-conceito baseado na insegurança. Principalmente quando poderiam ter sido introduzidas/discutidas/construídas em um diálogo inicial.

Bartira - Pela minha experiência de vida creio que as relações humanas se estreitam e se tornam humanas pelo contato e pelos olhares que trocamos, pois assim a empatia surge na nossa espécie e através do olhar e da voz podemos transmitir muito mais verdade do que apenas pela palavra escrita.

Será que os docentes que aprenderam a construir o conhecimento com seus alunos numa outra forma conseguirão se adaptar a essa nova forma de fazer? Será que eu conseguirei fazer todas as atividades e construir meus saberes dessa forma?

Bela-flor - Acho que como uma aluna do primeiro semestre essa espera me deixa frustrada. Como chegamos a ter uma aula presencial em que pude perceber como seria dinâmica, como alunos e professores juntos construiriam experiências. E de repente uma longa pausa e o meu pesar por acreditar que aquele nível de troca não é possível no ambiente virtual. Acredito que criaremos uma relação, só que mais lentamente. É muito mais fácil comunicar ao vivo, se expressar, não só o que fala, mas como fala, tanta coisa que não vai ser possível passar por aqui, mas que seria atalho para uma empatia mútua.

Camélia - O sentimento está estranho. Ora angustia com pitadas de ansiedade, ora alegria, salteadas com raiva (raiva com atual descaso dos governantes para com a pandemia e alegria de estar cursando uma universidade pública).

Flor da glória - sobre o tempo de efetivação das relações no meio acadêmico, penso que o melhor a se fazer agora é contentar-se com os meios eletrônicos. Claro, é difícil e não tão eficaz quanto encontros presenciais, não chega nem perto disso, mas estabelecer algumas relações com os colegas, por exemplo, está sendo feito quase que exclusivamente pelo WhatsApp. Com os professores, os encontros síncronos no Moodle servem para essa segunda "introdução", tanto à dinâmica da aula quanto à personalidade da professora. É triste, e não é o ideal, mas esses encontros, essas mensagens e apoio servem e aliviam muito o fardo de se estar nesse período tão atípico.

Flor de Lótus - Parafraseando: Registre seu sentir/pensar diante da espera/tempo para efetivar a relação professor/professora e alunos/alunas. a) Não houve um dia entre 16/03 e hoje em que meus sentimentos e desejos não oscilassem pelo menos uma centena de vezes. Tenho o privilégio de poder contar com psicoterapia duas vezes por semana,

o que me proporcionou melhor entendimento deles. Houve períodos de desespero, de desistência, de ansiedade, de otimismo, de vitimismo, de planos, mas principalmente, de medo e de impotência. Minha mãe, o elemento mais importante da minha família, trabalha na área da saúde. Mais especificamente, na enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, local que já apresentou mais de uma centena do seu corpo de funcionários infectada com a praga de nossa época. Cada plantão traz consigo insegurança e vulnerabilidade, já que existem muitas chances de tal infecção chegar a ela e, posteriormente, a todos nós. Um grande capítulo na história do meu isolamento foi conseguir um emprego. Trabalhei por um mês cuidando de gêmeos de um ano e dez meses. Nunca enfrentei desafio maior que amar, cuidar e educar duas crianças sob o olhar atento e julgador de seus pais. Durante um dia de exaustão física, mental e emocional, desorganizei-me e caí. Ali se rompeu toda confiança que havia em mim, junto com meu ligamento do joelho esquerdo. Fui dispensada. Ainda sinto bastante dor devido à lesão, mas não há dor maior que sentir-se incapaz. O grande abalo sísmico em meus alicerces foi o desabamento de minha companheira. Recentemente recebi uma ligação dela durante a madrugada solicitando minha presença no Hospital. Ao chegar lá, descubro que minha tão amada não soube lidar com o caos externo sem deixá-lo entrar, e nessa situação tão desesperadora, colocou em risco a sua vida. Eu lutei com toda energia que existia em mim para convencer a equipe médica que eu cuidaria dela como a uma flor e não a deixaria só em nenhum momento, mas nada pode ser feito. Nunca me senti tão impotente. Agora me resumo a cinco minutos diários atrás de um telefone, enquanto ela mostra ser a pessoa mais forte do mundo por continuar sendo doce e gentil mesmo durante uma internação psiquiátrica involuntária. Acredito que a este ponto eu já tenha fugido muito do tema, mas não senti que seria justa ou verdadeira ao falar de minha quarentena sem mencionar os três grandes golpes que levei. Quanto ao retorno das aulas, espero que possa reestabelecer uma parte de minha confiança e foco enquanto ocupo meus dias. O que tem me motivado a acordar seguir caminhando sempre é a esperança de que isso, assim como todas as demais coisas, também vai passar. Em breve sei que terei muita coisa de volta: não viverei mais nessa tensão referente a minha mãe, conseguirei um emprego em que me sinta capaz e acharei descanso nos

braços de meu amor. Enquanto isso luto com as armas que me foram dadas e sigo... caminhando sempre.

Florinda - Eu particularmente fiquei um pouco angustiado com essa espera para as definições, pois o início foi oficializado e eu como aluno já estava num ritmo acelerado, com vontade de começar a estudar os materiais e me organizar da melhor forma possível. Porém entendo a posição de vocês docentes ao querer encontrar uma melhor forma, que inclua todos e que nos de uma experiência diferenciada, admiro a vontade de vocês.

Gardênia - A primeira semana de aula desta disciplina foi uma experiência muito positiva. Desta forma, não consigo não lamentar por não ser possível termos essa experiência de forma presencial. Não consigo esquecer daquela sala de aula cheia, das ansiedades compartilhadas pela expectativa de um novo semestre. Lembro-me da diversidade das pessoas. Recordo de um colega que chegou com suas meias coloridas, outra intercambista, vinda da China. Assim, não tenho como não pensar na troca de experiência que aconteceria, caso a pandemia causada pelo Covid 19 não tivesse interrompido nossa caminhada. Entretanto, de certa forma, sou privilegiada, pois, nesse momento, estou com a minha família em casa, todos fazendo suas atividades de forma remota. Minha internet é razoável, de modo que estou podendo acompanhar as aulas Ensino Remoto Emergencial - ERE. Sinto-me em uma situação confortável, mas e os meus colegas? Como eles estão? Outro dia, nas mensagem do grupo WhatsApp de uma outra disciplina, um colega falou que não podia assistir às aulas síncronas, pois só poderia ir a casa da sua tia na parte da tarde, onde teria o acesso a internet. Sabemos que esse não é um caso isolado, as dificuldades são muitas, seja por não ter acesso a uma boa internet - ou apenas a internet -, um local adequado para estudar ou até mesmo precisar trabalhar. Diante de tantas adversidades, entre elas a falta de familiaridade com essas ferramentas tecnológicas, são tantas plataformas que todos estamos tendo que aprender a usar, que se faz necessário ter paciência. É lógico que existe a ansiedade pelo o que os professores vão nos apresentar e de que forma essas aulas vão acontecer, mas entendo a necessidade de nós esforçamos para não deixar ninguém para trás.

Floral - Acredito que como qualquer caloura que entra em qualquer universidade possuímos muitos anseios e expectativas, começa pela aprovação e segue até o início das aulas em si quando conhecemos o campus, o prédio onde vamos estudar, as salas de aula, os professores e colegas e ter todo esse processo barrado, num primeiro momento até se mantém o pensamento positivo, mas não demorou muito para a ficha cair e entendermos a gravidade do vírus e todas as mudanças que ele provocou, inclusive no modo de ensinar e aprender, pensei primeiramente que se pudesse esperar até uma mudança de cenário que se mostrasse favorável para a volta as aulas presenciais, porem com o decorrer dos meses cada vez mais a vontade da maioria de voltar a todo custo foi ganhando força e eu mesma tive que me adaptar e adquirir um computador em "suaves prestações" para acompanhar o ensino remoto e não perder essa oportunidade, pois também concordo que não podemos mais esperar por algo que não sabemos se terá um fim, por isso se faz necessária essa modificação e aceitarmos essa nova normalidade.

Miosótis - Tempos de muitas dúvidas e incertezas estes que estamos vivendo. Particularmente estava com uma certa ansiedade pelo retorno das atividades pedagógicas, mesmo que virtuais, e com uma grande expectativa de realizar discussões, leituras escritas que pudessem, de alguma forma, contribuir no processo ensino-aprendizagem individual e coletivo.

b) Seja relatada a experiência educativa que, na memória de cada um, é a mais marcante, seja virtual ou presencial, agradável ou desagradável?

Miosótis - Bem subjetivo este questionamento. Então passo a respondê-lo em função do atual momento de pandemia e busca de conteúdos relacionados à licenciatura em pedagogia na rede mundial de computadores. Creio que através de um intrincado sistema de algoritmos, em que a busca por um assunto na internet se transforma numa avalanche de indicações de sites, recebi a indicação de um Curso de Fiscalização da Aplicação do Artigo 26-A da LDBEN (artigo inserido pela Lei n. 11.645/2008), num total de 20 horas. Curso este promovido, organizado e gerenciado pela Escola Superior

de Gestão e Controle Francisco Juruena, do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul.

O curso foi bem dinâmico, pois além do referencial legal, contou com o relato de Professoras e de Professores envolvidos com a temática, além de contar também com o relato das fiscalizações promovidas pelo TCE/RS com relação à aplicação dos recursos públicos por parte do Estado /RS e dos municípios, a fim de atender ao disposto no Artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN.

Flora - Do "difícil (d)escrever apenas uma experiência educativa que tenha sido marcante, uma vez que entendo todas experiências que passei até então como educativas, dentro e, principalmente, fora do ambiente universitário. Mas, tratando do segundo -a academia-, os momentos que irei trazer são duas vivências nas disciplinas Encontro dos Saberes e História da Educação I: Modernidade e Interculturalidade. O primeiro aconteceu na disciplina Encontro dos Saberes quando passamos três semanas compartilhando, aprendendo e, sobretudo, ouvindo o Mestre musicista nigeriano Idowu Akinruli. Aprendemos um pouco da cultura e da escrita yorubá, tivemos a oportunidade de entender um pouco da formação do mundo a partir de África, a afroperspectiva - o que para mim enquanto uma mulher negra em diáspora é de extremo valor e relevância. O segundo momento ocorreu na disciplina História da Educação I: Modernidade e Interculturalidade, onde pudemos ir até a aldeia indígena Cantagalo passar o dia compartilhando brincadeiras com as crianças, conversas com o cacique, comidas (indígenas e não indígenas) e ultrapassar nossos limites percorrendo uma trilha íngreme, cheia de percalços em um dia nada favorável. Conhecemos um pouco sobre os tipos de artesanatos feitos pelas mulheres e seus significados, entramos na escola que havia lá e nos deram a honra de presenciar e dançar em uma apresentação tradicional.

Deise - Fiz o técnico em química em concomitância com o ensino médio, então meu ensino médio demorou 5 anos para acabar e, no final do quarto, além da preocupação a respeito da aprovação nas matérias técnicas, tínhamos que apresentar o TCC. Em virtude disso, a turma estava uma pilha de nervos. Foi aí que, em uma aula sobre alimentos, a professora pediu para

que largássemos tudo o que estávamos fazendo por um momento. Ela colocou uma música calma e pediu para que fechássemos os olhos, respirássemos fundo e meditássemos por uns minutos. E, depois de mais calmos, continuamos a aula.

Dayse - Seja relatado a experiência educativa que, na memória de cada um, é a mais marcante, seja virtual ou presencial, agradável ou desagradável? Atualmente sou professor de ciências da rede pública de um município no interior do Estado. A atividade educativa que mais me marcou nestes tempos de pandemia, foi a participação dos estudantes em atividades por meio da utilização de uma plataforma de ensino, a plataforma Sutori. Os estudantes que possuíam acesso a internet e a algum equipamento digital participaram das atividades e relataram que gostaram de ter chegado o mais perto possível do que seria uma "aula", relatando saudades da escola, das trocas e de entrar em contato com seus professores. Sendo esta uma experiência agradável por poder estabelecer conexões e trocas com alguns estudantes, e com isso manter os vínculos entre a escola e as crianças. Contudo, ao mesmo tempo é uma experiência desagradável, por ver que não foram todos que puderam participar das atividades na plataforma, por conta da desigualdade social que vemos em nossas escolas.

Carla - Vivenciei diversas situações no ambiente escolar que me marcaram de forma positiva, uma delas foi uma apresentação de trabalho sobre as moedas virtuais, um assunto que eu não tinha conhecimento algum. Esse trabalho deveria ser apresentado individualmente durante um tempo mínimo de 6 minutos e logo que ouvi a proposta da atividade senti um desconforto, pois sempre fiquei nervosa durante as apresentações. Porém, consegui dominar o nervosismo e fiquei satisfeita com meu desempenho. Já nas aulas na nossa querida UFRGS, escolhi falar da nossa primeira e única aula de Educação e Sociedade, recordo que fizemos uma atividade em grupos e aquele ambiente despertou em mim algo que há anos não sentia, uma vontade espontânea de expressar minhas ideias e opiniões.

Rose - Minha experiência educativa mais marcante certamente foi o cursinho pré-vestibular. Saí de Santa Catarina para estudar em Porto Alegre com o desejo de estudar na Universidade Federal do Rio Grande do

Sul. Foi uma época difícil, de escolha de curso, cidade nova, sem amigos e longe dos pais, mas, ao mesmo tempo, incrível. Um momento que descobri muito sobre mim mesma e o que queria para a minha vida.

Rosye - Fiz dois anos de cursinho, um presencial e um online. No período presencial eu entendi um pouco mais como era a vida de um professor, encontrei professores apaixonados pela sua profissão, visto que foi no ano de 2018 (ano de eleições).

Rosana - Tive muitas experiências educativas, é difícil escolher apenas uma delas, mas fui muito feliz durante a minha quarta série. Eu lembro que mudei de colégio, então estava também com a sensação gostosa de começar um novo ciclo, conhecer colegas totalmente novos. Em 2006 tive muitas aulas maravilhosas, o escrito de uma autobiografia, fiz uma apresentação com imigrantes que vestíamos e servimos pratos de diferentes culturas, estudamos as tribos indígenas e aprendi frações comendo pizza e chocolate (um conteúdo que eu, que não gosto tanto de matemática, passei a gostar). Mesmo sendo apaixonada por música, eu odiava as aulas, pois a única coisa que fazíamos era tocar flauta doce, numa tentativa de preencher a grade curricular com obrigatoriedade das aulas de músicas na Educação Infantil.

Rosa - Confesso que essa pergunta me deixou um pouco confusa, por ser bastante abrangente, por isso irei relatar duas situações de diferentes ambientes para tentar respondê-la adequadamente. Como exemplo agradável, eu tenho o meu primeiro dia de aula na FACED, essa minha experiência me traz tantas boas lembranças, porque apenas naquele dia já senti o quanto o curso de pedagogia da UFRGS se preocupa com uma educação visionária e democrática, tão semelhante ao que acredito e idealizo, percebi como somos os sujeitos ativos dessas ideias apresentadas, afinal nós que as aplicaremos em sala de aula.

Potira - Seja relatada a experiência educativa que, na memória de cada um, é a mais marcante, seja virtual ou presencial, agradável ou desagradável? Decidir pela mais marcante foi muito complicado, mas optei por uma experiência que foi de grande importância para mim, tanto pessoalmente

quanto academicamente. Escolhi a escrita de um livro junto com todos os colegas no primeiro ano do Ensino Fundamental, em 2008.

Orquídea - Um momento marcante na minha experiência educativa foi minha professora Simone da segunda série que sempre estava com bom humor, usava carimbos e desenhos de carinhas felizes nas atividades corrigidas, achava isso muito delicado, porque não tive outras professoras que usam esses recursos. Também tem outro momento que me marcou no colégio, foi no ensino médio que eu estava com muita dificuldade em matemática e minha professora, vendo a minha situação, procurou outros métodos de ensino para me ajudar, isso foi de tanta dedicação vinda da parte dela como professora que até me emocionei após ter entendido o conteúdo. Outro momento, dessa vez mais atual, foi na primeira semana de aula desse ano, estava iniciando o curso de pedagogia e tive aula de Educação Musical com a Dulci, ela nos levou para a frente da FACED para dançarmos e cantarmos, ver eu e todos os meus novos colegas juntos nesse momento foi incrível e marcante.

Marjorie - A minha experiência educativa tem parte agradável e desagradável. Encontrei muitos professores bons que me ensinaram além de os conhecimentos, mas também os bons virtudes e comportamentos. A maioria dos professores que encontrei são muito bons, apenas a minha primeira professora da escola primária foi horrível para mim porque na época eu era tímida, e ela não gosta de alunos tímidos, me chamou de burra. Sendo na escola, todas as aulas são presenciais. Fora da escola, tenho boas experiências de algumas aulas virtuais boas, algumas palestras e sites oferecem alguns conhecimentos interessantes, posso escolher o que eu goste de assistir. Agradeço todos os professores que apareceram na minha vida, os professores ruins me ensinaram valorizar os bons, os bons me ensinaram agradecer-los mais e contribuir essa bondade.

Margarida - Seja relatado a experiência educativa que, na memória de cada um, é a mais marcante, seja virtual ou presencial, agradável ou desagradável? Que seja justificado, ou seja, quais as razões para essa escolha? Quando penso em experiência educativa marcante, a primeira coisa que me vem à cabeça é a visita que fizemos a uma aldeia indígena no semestre passado, na disciplina de História da Educação I: Modernidade e

Interculturalidade. Ter a oportunidade de ver de perto como funciona uma escola indígena que é um exemplo de integração de disciplinas obrigatórias do MEC com disciplinas que contemplam a cultura e saberes indígenas foi espetacular. Acredito que seja uma visita obrigatória para todos que são ou querem ser educadores.

Magnólia - Minha memória mais marcante na vida escolar, foi quando recebi a atenção e o carinho de uma professora muito especial. Lembro que foi um ano complicado, era meu segundo ano naquela escola, pois tinha vindo de outra cidade, e por essa razão e também por minha aparência na época, sofria com bullying. Essa "zuação" de colegas durou toda a minha sexta série, e quando passei para sétima, não queria retornar as aulas. Minha mãe me obrigou a voltar a frequentar, mas me tornei alvo das piadas, outra vez. O que não esperava naquele ano, foi o tratamento que recebi por parte da professora Belkis, de português. Ela percebeu a situação, conversou comigo, demonstrou empatia, carinho, respeito, me aconselhou... Após isso o bullying não cessou. Mas pude então, a partir daquele momento, ter forças para continuar, pois eu tinha a quem recorrer, a quem eu sabia que poderia contar, e isso fez toda a diferença.

Lótus - b) & c) Devido à feitura do Memorial Formativo da disciplina História da Educação I, várias memórias afloraram. Porém o que acho mais significativo, não foram os fatos isolados em si, mas o conjunto de acontecimentos. Por vários motivos alheios a mim, me mudei com bastante frequência de escolas. E me causou consequências positivas e negativas quase em equilíbrio. Dentre as positivas, a noção de que, independente do lugar geográfico, tudo é "igual", as pessoas são iguais, as relações são iguais e tudo se repete, mudando apenas hábitos e regionalismos. Também tive oportunidade de conhecer e estudar com INÚMERAS pessoas e conhecer variadas realidades. As mais marcantes positivamente, foram minhas experiências como aluna, porém ensinando, ajudando. Eu já lia bastante aos 8 anos, então em uma oportunidade na aula de língua portuguesa, pois escrevia (ortograficamente) bem, fiquei à frente da turma ajudando os colegas com a ortografia das palavras que eles precisavam para suas produções textuais, enquanto eu, que tinha péssima caligrafia e odiava escrever pude fazer a minha em casa. Outra oportunidade, aos 10, foi estar

no pátio no "recreio" e ver as crianças da educação especial voltando para a sala de aula. Fui até a porta da sala e perguntei para a professora o que ela ensinava pra eles, já que havia crianças de vários "tamanhos" juntas. Ela me convidou para observar e assim eu passei muitos recreios... Ajudando a professora. Até que um dia ela me perguntou se eu podia ficar na sala com eles enquanto ela dava uma saidinha. Eu disse que tudo bem e começou uma nova rotina, eu chegava e ela saía... Brincava de mímica, ditado, e fazia desenhos com ele. Guardei durante muito tempo o desenho de um dos Ursinhos Carinhosos que uma aluna com paralisia cerebral coloriu pra mim. Só soube que era paralisia cerebral quando descobri o que era e na hora lembrei dela. Seu nome hoje me escapa à memória. Ou seja, me tornei professora ainda criança... Me formei professora mais tarde, no Ensino Médio. Dentre as negativas, trocar constantemente de escola (uma média de 1 por ano), a quebra de vínculos de amizade ou sua não criação, ser sempre "a novidade" da turma, estar quase sempre atrasada em alguma disciplina e ter que compensar com trabalhos extras, conteúdos perdidos "para sempre" - até hoje odeio frações e análise sintática (apesar de dar aula de línguas)... Não lembrar dos colegas e nem da maioria dos professores. Lembro de alguns apenas... Uns por serem muito bons, outros por "pegarem no pé", outros por algum caso, outros por serem "ruins"... Muita, mas MUITA caligrafia naqueles caderninhos pautados específicos que não ajudavam coisa alguma... Só quando fiz magistério fui descobrir que era disgrafia e não necessariamente má vontade... Negativas e com consequências a longo prazo? Sim! Me afastaram da escola? Não.

Lis - A experiência educativa mais marcante na minha memória foi quando pela primeira vez consegui construir o conhecimento de um conteúdo de Matemática muito difícil com um aluno meu através do uso da educação virtual no começo de abril de 2020.

Jasmine - B e c) Derrubar água em um teclado e ser prontamente ajudada pelo professor.

Quando isso aconteceu fazia dois anos que eu tinha entrado no ensino superior e eu não me sentia acolhida pelo meus professores. Foi então em um curso livre, e por algo que parece pequeno, que eu senti que era possível

estabelecer uma boa relação com o professor, uma relação colaborativa mesmo depois do ensino básico, algo que eu não acreditava mais. O que eu lembro mais claramente foi a ajuda em limpar a água do teclado. Mas não foi só isso que me fez acreditar nessa possibilidade. Foi construído confiança, uma formação em que era possível de novo ter dúvidas e solucioná-las sem se sentir incapaz por ter feito isso sozinho. Acredito muito em uma relação mútua entre professor - aluno. A ideia de auto didatismo nunca fez a minha cabeça. Sempre gostei da possibilidade de ser guiada por outro que já tivesse experiência, mas também acrescentar algo nesse caminho.

Jasmin - B e C) Minhas experiências mais marcantes, são as que vivencio diariamente com as pessoas em vulnerabilidade social que atendo em meu dia a dia no trabalho*. Tantas histórias que escuto. Relatos que atravessam meus estereótipos (pré criados) e meus privilégios de homem branco e de classe média. Escuto tais palavras, e sempre quando deito minha cabeça no travesseiro e penso na frase clássica de Sócrates: Só sei que nada sei. * trabalho com pessoas em moradia de rua e crianças em trabalho infantil.

Jasmim - b e c) quando li a pergunta B, a primeira memória que me veio foi a do meu professor de História do Ensino Médio, um grande professor e amigo, e o momento no qual contei para ele que não tinha ideia do que ia fazer no vestibular. Foi um momento confuso da minha vida, e eu não queria admitir que não estava tão confiante assim sobre o que fazer no futuro. Era uma possibilidade, na minha visão, tão definitiva, tão absoluta! E meu professor, vendo que eu estava quase chorando, segurou minhas mãos e me consolou, dizendo palavras simples, mas que eu acredito serem verdadeiras: que eu tenho muito para viver ainda, e que tá tudo bem não estar tudo bem. Por isso que escolhi esse momento: faz eu me lembrar de que não estamos sozinhos, mesmo nesse período tão difícil.

Jacinta - B e C) Relate a experiência educativa que, na sua memória, é a mais marcante, seja virtual ou presencial, agradável ou desagradável. Justifique.

Não tenho certeza se vocês se referiam à experiência mais marcante como educanda ou educadora. Por ser uma pessoa muito prolixa, não vejo problema em relatar brevemente as duas. Melhor pecar pelo excesso que

pela falta. Enquanto educanda, lembro-me perfeitamente de fevereiro de 2006, quando recebi a primeira carta contendo meu nome. Senti-me "gente grande". Quem no mundo gostaria de comunicar-se comigo além daqueles com que já dividia o mesmo teto? Ao abrir tão misterioso envelope, descobro que fora enviado por minha futura professora, Márcia. Márcia nunca havia visto seus alunos, não sabia de seus hábitos, da cor de seus cabelos ou quantos dentes lhe faltavam, e mesmo assim deu-se o trabalho de endereçar a todos um pequeno cartão colorido com dizeres simpáticos e uma ilustração de tartaruga. Ela nunca tinha me visto, não sabia meus hábitos, nem a cor dos meus cabelos, nem quantos dentes me faltavam, mas me fez sentir importante e única. Guardo até hoje o cartão para nunca me esquecer de, enquanto professora, ser como a Márcia para meus pequenos. Agora, como educadora, vamos a setembro de 2019. Eu estava prestes a me formar em um curso de profissional de apoio da educação infantil, faltava apenas um breve estágio de 32h. Escolhi a instituição e fui designada para uma turma de Jardim B, com alunos de cinco a seis anos, onde coloquei minha alma em um projeto pedagógico sobre a primavera e as diferenças (tanto entre as flores quanto entre as pessoas). Nunca me empenhei tanto em algo, portanto meu desempenho foi melhor do que esperava. Sinto que todo esforço, investimento financeiro e noites em claro foram generosamente recompensados com a satisfação compartilhar conhecimento e afeto. Quando cheguei ao fim de meu estágio, fui um dia extra, apenas para despedir-me da turma. Eu não estava preparada emocionalmente para anunciar minha partida e vê-los pela última vez, mas só descobri isso quando tive que sair da sala de aula para não chorar na frente das minhas crianças. Naquele dia, a ideia de pedir transferência para pedagogia se solidificou e tudo passou a fazer mais sentido. Sempre que desanimo ou acho que não serei capaz, lembro que ao me despedir da minha turma, enquanto muitos me abraçavam, a pequena Luiza sussurrou no meu ouvido: - Prof, eu nunca vou te esquecer.

Íris - A experiência educativa que mais me marcou e me marca até hoje são sempre aquelas presenciais que saem do padrão, um debate, uma saída para a rua para fazer alguma atividade prática, qualquer coisa que saia do tradicional quadro branco/negro me marca de um jeito inesquecível, lembro

até hoje de aulas práticas maravilhosas, inclusive da primeira semana de faculdade.

Hanna - Minhas experiências educativas mais marcantes felizmente em sua maioria foram positivas e são muitas pois sempre gostei de estar dentro da escola, uma delas quando fiz o curso normal que era integral me lembro que passávamos o dia todo na escola, então conhecíamos as pessoas do turno da manhã e da tarde, todos os professores, participávamos das festas, dos festivais de teatro, de música ajudando na organização, tudo era com as meninas do magistério, foi uma experiência que se eu pudesse voltar no tempo, com o pensamento de hoje aproveitaria muito mais, pois na época como toda adolescente eu me sentia presa e queria ter mais tempo livre fora da escola, mas nunca me senti tão acolhida em um lugar que eu conhecia como se fosse minha casa e realmente era, pois passava mais tempo ali que na minha própria casa e outra experiência ótima que tive foi quando fiz o curso técnico em meio ambiente no Instituto Federal Campus Porto Alegre e éramos umas das primeiras turmas desse curso e desse campus que tinha acabado de inaugurar, então tudo era novo, muitos professores eram doutores e mestrandos, mas não possuíam muita metodologia então alguns eram bem formais ou não se faziam entender, mas conforme os semestres foram passando todos fomos nos unindo e nos ajudando, eu fiz bolsa e fui monitora nesse campus então também passava o dia todo fora, enfim viramos uma família, tendo inclusive os professores participado de festas com a turma e ajudado na nossa formatura financeiramente, enfim sou muito grata a todos os professores desse campus.

c) Que seja justificado, ou seja, se escreva quais as razões para essa escolha?

Hana - Escolhi partilhar estes momentos porque compreendo que para a educação ser eficaz e cumprir seu papel precisa ser decolonial, acredito que somente a partir daí será emancipatória, autônoma e inclusiva de verdade. É urgente a reconstrução da formação de docentes, discentes e todos aqueles que não estão dentro das instituições de ensino, romper com nossos modos de ensinar e ver o mundo que são eurocêntricos e ocidentais. Dar voz, espaço e a devida importância às outras narrativas que nos antecederam. Entender que os ensinamentos de mestres, griôs e mais velhos são

fundamentais para que possamos ser continuidade, como diz o Mestre Piauiense Quilombola Nego Bispo, somos inicio, meio e início.

Cravo - Acho que esse foi um dos momentos mais marcantes da minha trajetória acadêmica pois foi uma das poucas vezes em que um professor/professora reconheceu que o que importava não era o conteúdo que tinha que passar, mas sim o aprendizado de seus alunos. Naquele momento, ela nos forneceu o que precisávamos tanto quanto indivíduos dotados de sentimentos, quanto como alunos, pois no tempo que se seguiu, nosso rendimento e aprendizado foi muito maior do que se apenas tivéssemos tido aula "normalmente", sem interrupções. Para mim, isso é ser professor/professora.

Papoula - Que seja justificado, ou seja, quais as razões para essa escolha? A escolha desta experiência foi realizada acreditando que é difícil selecionarmos experiências que sejam uma coisa ou outra. Algumas experiências são um misto de sensações, podendo ser gratificantes e desagradáveis ao mesmo tempo. A experiência da utilização da plataforma de ensino tem sido assim, gratificante por conta do relato dos estudantes que citam estarem felizes por estarmos estabelecendo este tipo de contato e de "aula", empolgados e motivados pela tecnologia. Mas como não pensar que temos aqueles que ao invés de estarem compartilhando este espaço com os demais, estão somente recebendo folhas impressas em casa? O quão desagradável é pensar que dentro de nossas escolas temos uma desigualdade social tão aterradora. Este modelo de acumulação econômica de bens e serviços somente para uma parcela da população precisa ser revisto, repensado e, se possível, completamente descartado.

Narciso - Escolhi falar desses momentos porque em ambos senti que foi o início da minha perda do medo de falar em público. Cada vez mais sinto a necessidade de participar, me engajar, me envolver em todas as atividades e momentos do novo mundo acadêmico que estou inserida.

Lírio - Sempre gostei mais de aulas presenciais, contato direto com pessoas, com professores e colegas, porém, durante o ensino online aprendi a ter mais disciplina e comprometimento, então foi uma experiência bem

importante para mim. Ainda assim, há coisas que só são possíveis numa sala de aula.

c) Que seja justificado, ou seja, quais as razões para essa escolha?

Miosótis - O conteúdo desse excelente curso teve total relacionamento com o curso de licenciatura em pedagogia, tendo em vista que, dentre outros temas, o curso abordou o motivo pelo qual os Tribunais de Contas dos Estados devem controlar o cumprimento do artigo 26-A da LDBEN (inserido pela Lei n. 11.645/2008), que tornou obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e no ensino médio. Importante ênfase também foi destinada às razões históricas da assimetria de acesso e de sucesso escolar em relação aos povos nativos ("indígenas") e aos povos de etnia negra descendentes das africanas e africanos escravizados no Brasil. E também por que são necessárias políticas de educação das relações étnico-raciais (ERER) no Brasil.

Poderia se dizer que há uma gramática historicamente criada pela própria escola, na escola e para a escola, daí o nosso desconforto e ansiedade neste momento que estamos vivendo?

De acordo com o Capítulo 1 do livro-diálogo de Paulo Freire e Ira Shor, os autores defendem que um regime político autoritário está numa relação simbiótica com uma pedagogia autoritária, na medida em que ambos não permitem a liberdade necessária à criatividade, sendo que é preciso criatividade para aprender. Também retira-se do texto a informação de que a cultura de massas socializa as pessoas para se policiarem contra sua própria liberdade, por isso é importante relacionar os questionamentos em sala de aula à temas concretos e não coisas abstratas ou conceitos.

Paulo Freire também nos diz que o(a) professor(a), para ensinar, deve estar completamente aberto para aprender através da experiência com seus alunos, numa relação educacional que é, em si mesma, informal. Os autores também destacam que através da educação, podemos compreender o que é o poder na sociedade, iluminando as relações de poder que a classe dominante

torna obscuras. E que a educação é uma "inadmissível ameaça à oligarquia, à desigualdade e ao regime autoritário". Assim, as oligarquias reproduzem a ideologia dominante obscurecendo a realidade e evitando que as pessoas adquiram uma percepção crítica, que percebam a sua própria realidade de forma crítica.

Paulo Freire defende que a educação libertadora é, fundamentalmente, uma situação na qual tanto os professores quanto os estudantes devem ser os que aprendem, apesar de serem diferentes. Ou seja, para que ocorra a educação libertadora, é necessário que tanto os professores como os estudantes sejam agentes críticos do ato de conhecer.

Pode-se dizer que o professor se transformará num educador libertador quando conseguir motivar o(a)s estudantes para que produzam uma reflexão crítica da realidade. Mas isto deve ser feito de modo a tentar convencer o(a)s estudantes, respeitando-os e não lhes impondo ideias. Assim, o papel do professor na educação libertária será o de orientar e estimular o pensamento crítico dos estudantes.

A educação se relaciona com a mudança social na medida que a educação libertadora ilumina a realidade, tirando as pessoas do obscurantismo intencionalmente e ideologicamente provocado pelas oligarquias que detém o poder. Como nos ensina Paulo Freire, "a educação não é a alavanca para a transformação revolucionária precisamente porque deveria sê-la!", isto é, a classe dominante não abdicará de seu poder de dominação na sociedade. Por isso, o educador libertador deve tornar-se um militante, ou seja, um ativista crítico, radicalmente democrático, mas sem deixar os estudantes entregues a si mesmo. Então o educador libertador, tornando-se um ativista crítico, não pode ser autoritário e nem comportar-se como uma liderança do tipo laissez-faire, ou seja, deixar o(a)s estudantes "navegarem sem saber a que porto se dirigem".

Desta forma, relacionando-se com a pergunta, pode-se afirmar que em cada momento histórico, a escola constitui uma expressão e uma resposta à sociedade na qual está inserida. Assim a escola jamais assume uma neutralidade em relação ao processo ensino-aprendizagem, sendo sempre ideológica e politicamente comprometida, cumprindo-lhe uma função

específica. Entendo que o nosso desconforto venha da necessidade de adequação ao modelo imposto, apesar das incertezas do momento que estamos vivendo.

Jacinto - Acredito que as melhores experiências educativas foram as aulas em que mais me senti incluída e que senti que estava utilizando minhas aptidões e usufruindo do meu potencial criativo e também as aulas que pudemos viver na prática o que estávamos aprendendo. Como visitas a museus como o de Ciência e Tecnologia da PUCRS, saídas de campo, práticas esportivas, projetos de pesquisa, seminários, laboratório, aulas de arte, debates, entre outros. Também acredito que outras experiências de educação vão para além do ambiente escolar, também tive várias experiências em casa e o que eu chamava de aulas "extra", como aulas de música, atividades esportivas e cursos diversos (inglês, artes, teatro) etc. Não só, mas qualquer lugar que eu pude trocar experiências e histórias com outras pessoas e grupos.

Floriano - Apenas como complementação, gostaria de trazer um fato, infelizmente, recorrente, que acontecia na escola onde realizei toda a minha educação básica. Na minha turma tinha um amigo que possui Síndrome de Asperger e a maioria esmagadora dos professores não sabia como lidar - controverso, afinal é apenas tratá-lo como os neurotípicos - tomando atitudes que o prejudicavam, ou alguns perguntam aos alunos (inclusive quando éramos crianças) o que devia ser feito. Isso sempre me chocou muito, porque os professores tinham tão pouco preparo, que sua falta de tato chegava a ser desrespeitosa. Não apresentei nenhum exemplo de aulas virtuais, pois tive pouco contato com elas até então. Espero que minhas respostas tenham respondido claramente às perguntas realizadas. Fico no aguardo de mais orientações do nosso ensino remoto.

Crisanto - Esta experiência de escrever um livro com a turma aos 7 anos me marcou por muitos motivos. Foi um trabalho conjunto, pois cada aluno contribuiu com uma história escolhida entre várias que escrevemos durante o ano, além de fazer uma ilustração para a sua história. A capa e título da obra foram selecionadas entre ideias e desenhos feitos por todos os

colegas e depois votadas pelos mesmo, e ao final do projeto tivemos uma sessão de autógrafos dos autores. Lembro-me de, além da enorme satisfação ao ver o livro "O Mundo Mágico das Histórias" pronto, ter me sentido imensamente feliz participando efetivamente da construção daquele projeto, que exigiu de cada um comprometimento, dedicação e paciência. Ter tido essa experiência logo no meu primeiro alfabetizada com certeza me trouxe gosto pela escrita e vários aprendizados pessoais, por isso foi a escolhida entre tantas.

Cleanto - Escolhi pedagogia por gostar muito de crianças e sentir que eu levo jeito com elas, mas na verdade antes queria trabalhar na área da saúde com crianças, mas várias pessoas próximas de mim sempre me mostravam que eu levava muito jeito para estar em sala de aula. Fui pesquisar mais sobre o curso e me achei, me fascinei por tudo e agora estou aqui iniciando o meu percurso na graduação.

Adonis - Que seja justificado, ou seja, quais as razões para essa escolha? Na minha opinião, todo mundo pode aprender coisas de outras pessoas, pode ser experiência, histórica, carácter, virtude, hábito etc. Confúcio diz: "entre três pessoa, deva ter uma pode ser meu professor." Se nós abrirmos bem os olhos, podemos aprender coisas no dia a dia da vida das diferentes pessoas. Acho que todo mundo pode ser professor em ensinar alguma coisa, porém, não é todo mundo consegue ser professor. Existem professores que têm diploma, conhecimentos, mas não tem bons caracteres. Esse tipo de professor não tem bons senso de ser um professor. Para esse tipo de pessoas, ser professor é apenas uma profissão. Para mim, ser professor é uma escolha de poder passar bons conhecimentos e caracteres para mais pessoas.

Crisantemo - Escolhi essa memória, pois acredito na importância que o professor exercer na vida do estudante, não apenas como educador, mas também como exemplo de pessoa de carácter, sabedoria, alguém que nos apoie. Muitos estudantes podem não ter esse exemplo dentro de casa, e com certeza professor não substitui família, mas ele tem o poder de ser essa fonte de inspiração.

Meus sentimentos e pensares são uma mescla de felicidade e temor, pois não sei como se dará essa forma de Ensino-Aprendizagem.

Cravina - Isso se deve ao fato de que eu não tinha experiência em trazer os saberes dessa forma, mas após muito pensar eu resolvi aplicar alguns saberes freireanos e outros construtivistas e a aula foi muito boa. Meu aluno aprendeu e depois recebi um feedback da Mãe dele dizendo que ele tinha adorado a aula pois eu havia conseguido explicar de uma forma simples e divertida. Eu me lembro dessa primeira aula desde aquele dia, pois muitas outras aconteceram e algumas não foram tão boas quanto à primeira, mas aquela sempre me conforta e me diz que eu posso sim ajudar meus alunos.

Dália - As razões dessa escolha é muito clara: sempre fui a favor de professores que tentam inovar, na minha opinião o clássico quadro branco/negro não funciona mais, copiar textos, coisas engessadas não ensinam direito, por isso admiro muito os docentes que tentam inovar em suas aulas fazendo a gente aprender de forma diferenciada e prática. Admiro inclusive vocês Paulo e Carmen pela intenção de tentar fazer algo fora do padrão em tempos de ERE.

Marjorye - A escolha destas experiências se deu pela forma positiva que elas me marcaram, me fizeram evoluir como pessoa, me inseriram dentro de um grupo, me deram oportunidades, acolhida, ambos os cursos foram minha segunda casa, podia usar os computadores, biblioteca, almoçar, tudo ali, na época do magistério não tinha nem computador, na época do curso técnico não tinha internet e tinha um computador velho então usava tudo que o campus oferecia, pois sem isso não haveria condições de seguir em frente, enfim escolhi essas experiências pois ambas foram ótimas oportunidades de conhecimento e crescimento pessoal, acredito que tornar o aluno parte da escola, parte da faculdade, como uma família, faz ele dar mais valor ao ensino que lhe é ofertado.

Delfínio - É interesse como a solicitação do escrito desta retomada de ensino traga um poema/música/citação: "Caminhante, são teus rastros... O caminho e nada mais; caminhante, não há caminho. Se faz caminho ao andar" que conversa perfeitamente com a citação que propus ao final da primeira e

única tarefa solicitada por vocês, Carmen e Paulo, lá no início do semestre, em março de 2020: "Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar" (Paulo Freire). O fim é o começo? Ou o começo é o fim? Encontro-me neste ínterim. Voltando à Universidade após quase 10 anos. Formada, experiente, quadrada. Se por um lado trago a bagagem de quem já andou e trilhou caminhos, por outro me sinto novata, de volta à cadeira discente - depois de experiência na cadeira docente. Ingressei na Biblioteconomia da UFRGS em 2007, aos 20 anos, vinda da escola pública. Tudo era novidade, assombrosa e encantadora. Eu caí e engatinhei muitas vezes, até finalmente andar. E trilhei todo o processo da formação acadêmica (há conceito melhor? a forma me deixa quadrada). Eu aprendi as normas da ABNT, as expressões latinas, os verbos operacionais, marcos teóricos, metodológicos, o penso científico e o fazer bibliotecário. Cinco anos depois, eu estava pronta (?) para receber o meu diploma e exercer a profissão que escolhi. Então, o que posso afirmar é que o meu ingresso original na faculdade é a minha experiência educativa mais marcante porque trouxe uma série de conhecimentos e desafios que o Ensino Médio sequer vislumbrou. Fui de aluna aplicada à aluna mediana em uma turma de colegas já em segunda graduação. Esse cair e levantar foram essenciais para a minha caminhada e constituição humana. Esse ser aluna me fez uma profissional da educação, ser bibliotecária escolar me aproximou do fazer docente. E por querer me apropriar desse caminho docente, também, torno a ser aluna, de um lugar mais tranquilo dessa vez. Confiante de que o processo educativo é cíclico e se retroalimenta sempre, como no início desse escrito. Voltar é bom.

*Escrito embalado por: Joan Manuel Serrat- Cantares (Caminante, no hay camino, se hace camino al andar).

Esperança - Descreva ao menos duas situações conhecidas que envolvam:
educação – resistência – mudança – aprendizado

Prezadxs Carmen e Paulo, como estão?

Tento fugir de ser clichê, mas sempre penso que educar é resistir. Aprendi isso no meu fazer profissional como bibliotecária, especialmente nos últimos

três anos, quando atuei como bibliotecária escolar em instituição privada. A biblioteca é um espaço voltado à pesquisa e à leitura e mantê-la é um desafio diário, de nadar contra a correnteza, ainda mais em uma época caracterizada pelas fake news. Sofri toda a sorte de boicotes e desvalorização, perseguições em função das minhas posições políticas, principalmente após a eleição presidencial de 2018. Mas, também, em função dos próprios objetivos da biblioteca, como exercitar o pensamento crítico, o acesso à informação de qualidade e à boa literatura, promovendo a emancipação do ser.

E são, justamente, os objetivos da biblioteca que produzem as melhores situações de aprendizado e mudança. São tantas, mas as especiais que recordo agora envolvem as mediações de leitura que realizamos na biblioteca. No ano passado em maio, mês da família, descobri um livro novo: "Amoras" do Emicida e fizemos Horas do Conto com marionete para alunos da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A história é o diálogo de uma filha com o pai e, de forma muito poética, fala sobre diversidade, negritude, resistência, representatividade e amor próprio. As crianças amaram e mensurar o tamanho desse aprendizado é difícil, porque cada aluno elabora seus sentimentos e conhecimentos no seu próprio tempo.

Outra experiência que lembro com muito carinho foi quando adaptei "A bolsa amarela", da Lygia Bojunga, para os 4º e 5º anos do EFI. Uma história escrita em plena ditadura militar, que suscitou discussões novas, mas antigas também porque Raquel era uma menina que tinha três vontades: ser grande, ser menino e ser escritora. Assuntos atuais como valorização da infância, desigualdades e problematizações de gênero e liberdade para se exercer intelectual e criativamente.

Enfim, as situações são inúmeras e o caminho é longo, mas a certeza é de que: "Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar" (Paulo Freire).

Grande abraço, Professorxs, fiquem em casa e bem

TEMPOS LOUCOS, OLHARES OUTROS.

NOS MODOS DE CONHECER, EDUCAR É IMAGINAR!!!!????!!!

Paulo P. Albuquerque
Carmen L. B. Machado

Este texto compartilha e organiza o que foi ou o que é um acontecimento em encontro síncrono do dia 25/01/21. Para quem lê pode parecer estranho, mas o texto tenta capturar a dinâmica em quatro movimentos.

O **primeiro movimento** busca marcar que na experiência do ERE – Ensino Remoto Emergencial (o encontro no ciberespaço), o conhecer se constrói a partir dos saberes já acumulados por todos os participantes (a experiência escolar de cada um e cada uma) que atua como condição necessária para evidenciar e alavancar as discussões/reflexões na perspectiva da sociologia (enquanto disciplina), sobre Educação e Sociedade. Isto aparece nas palavras ditas e escritas pelo grupo.

A intenção é compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações. Para tanto, partimos de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético. (Boaventura de Souza Santos¹).

As palavras que seguem trazem uma intencionalidade que ao serem organizadas e agrupadas (não só em duplas) nos indicam uma percepção de educação como meio e como finalidade.

Sociedade e Sustentabilidade;

Futuro e empatia;

Ajudar e transformar;

Mudança e conforto;

transformação e crescimento;

reconhecimento e oportunidade;

Transformação e diálogo;

crescimento e diálogo;

esperança e base;

acreditar e responsabilidade;

Paixão e evolução;

amor e transformação;

Estas duplas de palavras traduzem para quem escolheu, não só o cenário, mas também diz do horizonte utópico com que cada um/uma pensa a educação.

¹ Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf> (texto), ou Vídeo no Youtube

Interessante, também destacar nestas escolhas é o fato de que elas, mesmo não fazendo uma distinção (até porque não foi pedido) elas insinuam: método e finalidade².

Outro aspecto que foi destacado a partir das palavras foi que elas atuam quase como “mantra”, que além de ser repetido precisa ser refletido. Ao mesmo tempo nos mobiliza dependendo do modo como se operacionalizam as palavras e ele (o mantra) pode servir como instrumento de dominação e manipulação.

Como assim?

As palavras ou sua justaposição podem insinuar/propor uma noção de educação que se fundamenta no “mito civilizador” de que há um sujeito (aquele que aprende) que não sabe nada. Ao mesmo tempo há um sujeito que ensina e sabe tudo o que é necessário saber e por isto se justifica uma ação direta, vertical de quem detém o saber para romper com a incognoscibilidade da vida e do mundo.

Ou pode ser a expressão de um conceito/noção de educação como pensamento, como ato criativo que não se submete a um único propósito: que educação é cultura e tem na reprodução do conhecimento já conhecido o papel importante na manutenção das formas de existência úteis (seja para o capitalismo, para o consumo ou para os governos).

O interessante das palavras propostas é o fato delas permitirem variações. Diferentes modos de agrupá-las (tentem fazer isto) e... quanto mais variações, maior a possibilidade de construção de um pensar que se altera no tempo/espço abrindo possibilidades para romper com a domesticação das formas/modos de pensar propostos pela ordem (do texto pronto).

O interessante deste exercício está na valorização de uma produção (protagonismo dos alunos) que não sucumbe no instante ou que se desfaça com muita rapidez na oralidade do chat.

O **segundo movimento**, tenta refletir sobre a condição (estar distante fisicamente) ou de um modo de ver o social (centrado na virtualidade), dando importância ao potencial papel da palavra de cada um/uma que ao expressar-se, na escrita ou oralmente, pode evidenciar um tipo de conhecimento que nos permita construir um conceito de educação, compreender o fazer docente, explicitar nossos encantos/desencantos com a realidade que vivemos na Educação Pública, particularmente nestes tempos de pandemia.

Por isso, **os tempos loucos, olhares outros** não pode prescindir da crítica que vem na primeira organização das palavras que re-organiza o pensar de quem escuta.

CECILIA LAGRECA MACHADO

² Método é forma/moço com que se faz algo e que se apresenta como transitório; fim não tem a intenção /desejo que nos move e que pretende afetar aqueles que estão envolvidos.

acho que pela a educação ser muito desigual ainda, quando tu fala de educação sem empatia por aqueles que ainda não tem tanto acesso a uma educação de qualidade fica meio "exclusivo"

ANDRE LUIZ DE MATOS CHIAPPINI

a parte que citei reconhecimento, foi mais buscando o sentido de reconhecer-se na interação educando/educador. Ainda que o reconhecimento profissional também seja uma luta essencial

As perguntas:

1. o que é uma boa aula?
2. No fragmento de poesia do Carlos Drummond de Andrade

**Um professor disserta sobre ponto difícil da matéria.
Um aluno cansado das canseiras da vida... dorme.
O professor vai sacudi-lo?
O professor vai acordá-lo?
Não. O professor baixa a voz
Com medo de despertá-lo!**

[Carlos Drummond de Andrade](#) ANDRADE, C. D. "Mosaico de Manuel Bandeira" apud Bandeira a vida inteira. Edições Alumbramento. Instituto Nacional do Livro. 1986.

Não só serviram de disparador do pensar, mas permitiram um posicionar-se preliminar do grupo.

CECILIA LAGRECA MACHADO 10:21

acho que é relativo ao objetivo da aula (matéria, idade dos alunos ECT)

GABRIEL DE OLIVEIRA VIEGAS - *Um aluno cansado nem sempre está desinteressado*

CECILIA LAGRECA MACHADO 10:22 - *Concordo com o Gabriel*

LAURA NUNES JASPER 10:25

Talvez o prof. devesse pensar na melhor forma de acordar esse aluno...

ANA ALICE HOGETOP DE ALCANTARA 10:27 - *Acho que o professor tem que ser sensível a realidade de cada aluno... enxergar cada aluno em sua individualidade.*

ANDRE LUIZ DE MATOS CHIAPPINI_{10:33}

acredito que o aluno tem ou deve ter o direito de não querer aprender. porquese for uma imposição, acaba com a possibilidade de usar da curiosidade como combustível da aprendizagem

ANDRE LUIZ DE MATOS CHIAPPINI_{10:33}

aprender por obrigação é desperdício de conhecimento no futuro

GABRIEL DE OLIVEIRA VIEGAS_{10:38}

É que essa conversa pode acabar indo muito longe né, inclusive voltando pra qual a "finalidade" das coisas

GABRIEL DE OLIVEIRA VIEGAS_{10:38}

Por que tipo, "aprender" é muito subjetivo também

THIAGO SEVERO GONCALVES_{10:39}

Minha inquietação: O indivíduo tem o direito de ser negacionista?

ANDRE LUIZ DE MATOS CHIAPPINI_{10:42}

ai já acho diferente. optar por não aprender leva ao dever de aceitar o conhecimento formado por quem buscou aprender

GABRIEL DE OLIVEIRA VIEGAS_{10:44}

É que, quem dita quem tem mais ou menos conhecimento? Alguns pedaços de papel?

JULIANA MENEZES AZEVEDO_{10:44}

mas muitas vezes a pessoa nega o conhecimento sem consciência né

JULIANA MENEZES AZEVEDO_{10:45}

por uma ignorância já "infiltrada" ou desinteresse

LOUISE VOLKER AREND(off-line)_{10:46}

Mas como pode se medir q o teu conhecimento é verdadeiro e o do outro não?

Paulo Albuquerque

Os seres humanos tem necessidade de explicar o mundo a sua volta, não há uma verdade absoluta, conhecimento é socialmente construído

GABRIELE PASCOAL DOS SANTOS_{10:50}

A validação do conhecimento é dado pelos pares

GABRIELE PASCOAL DOS SANTOS^{10:50}

O conhecimento não é estático

As intervenções parecem não estar coordenadas, mas elas permitem entender que na Mconf (plataforma utilizada) há momentos compostos por falas e silêncios. Mais importante ainda, nos mostram que a comunicação como valor social é na comunicação digital e das plataformas - autorreferentes – o que de certo modo reflete a transformação da sala de aula, pois o laço social que a sala de aula organiza, na plataforma, fica fragmentado.

Atenção: a fragmentação das falas/escritas, não pode ser entendida como uma participação estéril, pelo contrário, elas sinalizam um conhecimento que tem na experiência³ a sua expressão maior.

O terceiro movimento, tem a ver com a interpretação que decorre daquilo que foi fixado na chat nas regras (gramaticais e/ou formalizações) que facilitam a decodificação do que foi dito/escrito e, porque não dizer - a aceitação de uma outra lógica: o aprender não se dá unicamente a partir de “verdades” acabadas em si, mas pode ser co-construído e legitimado pelas regras da observação/escuta/diálogo.

Esta intencionalidade do aprender a partir da observação/escuta/diálogo é uma proposta (da disciplina de sociologia) bem diferente daquelas que são legitimadas por regras impostas por quem não convive ou pouco sabe da dinâmica dos espaços educativos que compõem a Educação Pública, num país injusto e desigual como o nosso.

Chamamos atenção para este detalhe (observa/escuta/dialoga), porque a comunicação virtual tem por promessa favorecer a conexão entre as pessoas independente das distancias físicas ...

Mas o desaparecimento das fronteiras físicas, entretanto, não é capaz de construir uma utopia de conagraçamento social, de partilha ou de bem viver e conviver, porque as lógicas sociais (a ironia, o humor e a indiferença) nem sempre são evidentes no ciberespaço.

No ciberespaço a sala de aula virtual pode ser ostensiva, mas insuficientemente agregadora, porque nem sempre o que está acontecendo (microfone desligado, câmera desligada, ruídos, queda de sinal, dificuldades do Mconf ou de outras plataformas, equipamentos que não suportam os programas ou os tempos de conexão) gera valor (quantos likes a gente pode ter mesmo???!?)

³ Experiência aqui entendida como trânsito e construção de sentido ao que o mundo que se apresenta ao sujeito e/ou ao coletivo; implica em continuidade para que, como possibilidade, se apresente como potência do conhecer e da existência no convívio em sociedade.

O que antes estava exposto em sala de aula (a portas fechadas, silêncio dos alunos, as evasões, o distanciamento lógico) agora fica protegido pelas fronteiras físicas da tela do computador ou do celular.

Onde nada mais é relacionado à presença; não se lida mais com a co-presença da coisa, do olho e da imagem no tempo ideal... a criação de uma informação vai ser derivada de uma determinação matemática (algoritmo).

Trata-se de uma interatividade que está e é buscada por todos, está em todo lugar, mistura tudo e aboliu a distância e o tempo síncrono.

Quarto movimento ... Enquanto isto noutra sala da mesma disciplina (a professora Carmen ouvindo essa sala) enquanto estava repetindo o texto, propondo questões ou organizando espaços de WhatsApp, de salas virtuais e problematizando aspectos concretos e imediatos do educar e educar-se e o “Bem-vindes a Terceira tentativa. Abrindo sala nova!”.

ROBERTA BORBA FONTOURA DIAS (off line) 09:40

oii, não consigo ligar o microfone

THAMI JULIE GARCIA MACHADO MELGAREIJO 09:41

clica ali no fone embaixo azul

THAMI JULIE GARCIA MACHADO MELGAREIJO 09:41

desativa e ativa de novo ... dai o microfone liga

ROBERTA BORBA FONTOURA DIAS (off line) 09:44

acho que meu microfone não funciona

JOANA EIFLER SILVA MACHADO 09:44

ta aparecendo aqui q ele ta desligado 09:45 tu ta no fone?

ALEXIA ALESSANDRA TAVARES DA COSTA 10:45

o áudio ta travando

Porque? Por que as pretensões democráticas da comunicação nas redes sociais favorecem, isto sim, a um espelho para cegos. Isto é, agora estamos todos em um mesmo espaço e participantes da mesma busca por atenção, só que não. Os desafios da tecnologia no ciberespaço, aqui tornam-se experiências vivenciadas e saberes compartilhados. Partilhadas foram as palavras ditas pela Carmen para as duas turmas que ouviam simultaneamente as respostas sem conhecer as perguntas. Estranho. Muito estranho. É quase como uma escuta clandestina de apenas um dos partícipes de um diálogo. Novamente e noutra sequência reaparece a fragmentação do diálogo.

ROBERTA BORBA FONTOURA DIAS (off-line) 09:45

prof., existe a possibilidade de criar um grupo no WhatsApp com as duas turmas? o plano de ensino do primeiro semestre será disponibilizado no Moodle?

ROBERTA BORBA FONTOURA DIAS (off line) 10:07

acredito bastante que a educação possa transformar as formas de ver o mundo e lidar com o próximo

ISABEL BRASIL VIEGAS (off line) 10:09

Pra mim, ser responsável pela educação é inspirador. Ademais, acredito não existir outra base para estabelecermos uma sociedade melhor

MATHEUS MEDEIROS PEIXOTO (off line) 10:09

mudança , 10:39 aqui falha bastante.

ROBERTA BORBA FONTOURA DIAS (off-line) 10:46

situação meio complicada né visto o presidente que temos, mas assim como ele que conduz a partir da fala, nós também temos de agir a partir do diálogo com o outro

JOANA EIFLER SILVA MACHADO 10:50

é q a gente tem q trabalhar c um negacionismo científico que é extremamente difícil de lidar

ISABEL BRASIL VIEGAS (off-line) 11:06

Terei que desconectar aqui. Agradeço muito a aula de hoje!! Uma boa semana a tod@ss!

E... como tudo tem um início, um meio e um fim ... o tempo passou e chegamos ao fim. Na finaleira do encontro foram feitas as perguntas:

A gente muda ou muta? Em educação há mudança ou mutação?

Que experiência de vocês (positiva/negativa) levou a uma escolha profissional na Pedagogia? Podemos registrar?

As perguntas são fundamentais e precisam ser respondidas por quem pretende ter a docência como fazer profissional, principalmente num contexto como o de hoje em que perdemos o cenário. Porque? Por que perdemos a sala, cadeiras, portas, janelas e quadros. Perdemos olhares, toques e gestos, abraços. Estamos atrás do pixel.

Paulo e Carmen

Obs.:

Quem conta um conto, aumenta um ponto. Aquele que narra, narra de um lugar e aquele que lê quando lê faz do texto um outro texto.

Por isso mesmo posso (o Paulo) dizer: o descrito aqui é/ diz do nosso encontro, mas também não é/não foi o nosso encontro tanto para quem esteve como para quem não esteve.

Até que o MUTO by BLU chega:

<https://www.youtube.com/watch?v=uuGaqLT-gO4>

Como é mesmo? É isso mesmo, pois “Ainda que eu falasse a língua dos homens e falasse a língua dos anjos, sem o amor eu nada seria” ...lembrei, lembramos:

Legião Urbana: <https://www.youtube.com/watch?v=53W3u-74Nz0>

Educação e Sociedade – Professor Paulo Albuquerque e Carmen Machado

Aluna: Aline Azambuja Santos

1) No início de março deste ano, estava cheia de expectativas para dar início ao meu curso, para conhecer os professores, os colegas e para poder criar novos laços. Por exatos sete dias, pude viver essa experiência, mas não esperava ser interrompida tão violentamente pela Covid-19, pandemia que fez toda a nossa vida mudar. Em casa, cumprindo o distanciamento, meus medos e anseios tornaram-se maiores. Pensamentos negativos ocorriam frequentemente e a ideia de cursar as aulas à distância me parecia algo pavoroso. O medo de não conseguir acompanhar as aulas e principalmente a falta do contato presencial com os professores me fazem acreditar na importância dessa relação. Hoje, mesmo com a distância, consigo perceber a atenção e os cuidados que os professores estão tendo com cada aluno, para que ninguém fique para trás. Isso tem refletido positivamente e já consigo encarar a situação com novas expectativas. Acredito, talvez, que essa pandemia nos mostre a importância de mantermos nossos laços, mesmo que virtualmente.

2) Minha memória mais marcante na vida escolar, foi quando recebi a atenção e o carinho de uma professora muito especial. Lembro que foi um ano complicado, era meu segundo ano naquela escola, pois tinha vindo de outra cidade, e por essa razão e também por minha aparência na época, sofria com bullying.

Essa “zuação” de colegas durou toda a minha sexta série, e quando passei para sétima, não queria retornar as aulas. Minha mãe me obrigou a voltar a frequentar, mas me tornei alvo das piadas outra vez. O que não esperava naquele ano, foi o tratamento que recebi por parte da professora Belkis, de português. Ela percebeu a situação, conversou comigo, demonstrou empatia, carinho, respeito, me aconselhou... Após isso o bullying não cessou. Mas pude então, a partir daquele momento, ter forças para continuar, pois eu tinha a quem recorrer, a quem eu sabia que poderia contar, e isso fez toda a diferença.

3) Escolhi essa memória, pois acredito na importância que o professor exercer na vida do estudante, não apenas como educador, mas também como exemplo de pessoa de caráter, sabedoria, alguém que nos apoie. Muitos estudantes podem não ter esse exemplo dentro de casa, e com certeza professor não substitui família, mas ele tem o poder de ser essa fonte de inspiração.

Compartilhando as escrituras escrevemos

Estimades alunes.

Saudações sociológicas!

Tarefas pensadas e abertas ao diálogo:

1. Ler um dos artigos da Revista da FAEBA;

O link está disponível na Biblioteca da UFRGS, na aba "SABI - busca integrada" e a proposta é que cada pessoa escolha um dos textos deste número da Revista Educação e contemporaneidade.

Revista da FAEEBA. Educação e Contemporaneidade. v. 29, n. 58, 2020. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v29.n58> .

Na impossibilidade de acesso deste ou de outros materiais entrem em contato e avisem. Sempre há alternativa.

2. Destacar o que o autor diz.

3. Associar ou relacionar o artigo com duas das respostas dadas por colegas e registradas no texto acima sobre o sentir/pensar em tempos de pandemia, justificando por escrito a escolha do texto, identificando-os, para que possa ser compartilhado com toda a turma em atividade de encontro presencial.

Em aberto fica a possibilidade de enviar o escrito para o e-mail: educasociedade.pandemia@gmail.com as observações ou descobertas de outros materiais (vídeos, músicas, imagens fotos, desenhos) que possam ser compartilhados com os colegas.

Quem tenha a disponibilidade e possibilidade de encontrar e acompanhar algum colega que não dispõe de condições para o acesso ao ensino remoto, neste momento, informa, procura, compartilha, por amor. Fiquem bem.

ENCONTROS EM ERE: “QUE NÃO É O QUE NÃO PODE SER ...O QUE É “! ^{4 5}

Paulo para Albuquerque / Carmen L B Machado⁶

O texto que segue tem a ver com a **inteligibilidade, isto é, com a apropriação, pela razão, dos pensamentos subjetivos singulares que se evidenciaram no encontro síncrono e que podem ser indutores de um ou de outro conhecimento.**

Digo isto, porque sem inteligibilidade, não existe conhecer, enquanto resultado da produção humana e, bem entendido, também de uma dada “história”, já que todas as percepções, recepções ou transmissões de informação são o fruto de experiências vividas por estas mesmas subjetividades, reunidas em "comunidades" ou em saberes partilhados.

Nossa comunidade (das segundas feiras) de nome: – Educação e Sociedade – tem por proposta pensar as questões da docência, da escola, da educação a partir do pressuposto: mesmo em ERE, participamos de uma vida social e podemos comungar de um saber coletivo.

A comunidade das segundas-feiras está a nos dizer que não existe comunidade e nem sociedade, sem sujeitos individuais, pois, até as bolinhas verdes, azuis e vermelhas da tela do computador, ou do celular, sinalizam que não somos robôs (e nem mesmo clones).

O importante, do texto e destes primeiros momentos da disciplina, é sinalizar para quem vem aos encontros síncronos e para quem não vem, mas lê os “Flashbacks” que este e os demais textos (a serem enviados) são uma imagem esquemática demais, e mesmo grosseira, daquilo que poderia ser um encontro presencial.

Entretanto, eles (os textos) se apresentam como espaço de inteligibilidade que permite aos indivíduos **a possibilidade de orientar-se diferentemente entre si, conservando sua capacidade de originalidade criativa.**

É importante destacar que os encontros síncronos ou os textos que seguem aos encontros atuam muito mais como uma narrativa do que uma orientação de convicções que segue “paradigmas” no sentido Kuhniano.⁷

A docência e a educação como processo nos ensinam que os conhecimentos não são transmitidos de maneira uniforme, pois para compreender se faz necessário um

⁴ **SOCIOLOGIA: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE - Registro do encontro síncrono de 01/02/21**

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=JjafPmE-kRo>

⁶ Por generosidade de que escreve e partilha a escrita Prof. Paulo colocou meu nome. Sou a revisora.

⁷ Ver Thomaz Khun – paradigmas - https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Kuhn ou [https://www.infopedia.pt/\\$thomas-s.-kuhn](https://www.infopedia.pt/$thomas-s.-kuhn) ou <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/thomas-kuhn-ciencia-historicamente-orientada.htm> ou outro ...

conjunto complexo de atitudes, como bem sabem os docentes, como por exemplo a disponibilidade e o querer aprender, para além do querer ensinar.

Nos faz compreender, também, que nem todos têm a mesma leitura de um fato, de um problema ou de uma proposição, ainda que uma dada situação ou informação tenha sido apresentada sob uma formulação racional e tão objetiva quanto possível.

É por isso, que o acontecido nos encontros síncronos (virtuais ou numa sala de aula), a captura do chat ou o registro nos cadernos, tablets, etc. são paradoxalmente, uma **representação** do que aconteceu, mas não são esta realidade⁸.

Por quê? Porque em primeiro lugar, ela (realidade) se representa como sendo de natureza simbólica, transcrita em forma de signos, de palavras (conceitos ou de imagens) que têm, no pensamento, a função de apresentar esta realidade, mas que são de uma natureza totalmente diferente.

Os fatos que serviram de base às nossas apresentações e representações não podem ser exaustivos e foram escolhidos, pela significação de seus conteúdos e pelo impacto que causaram em quem conta ou relata.

Os “recortes” são o olhar posterior que permitem re-fazer o processo / o movimento das falas e a “história” do encontro. Não são falas pequenas, assim como não é pequena “a história” que estamos vivenciando nestes “tempos loucos de olhares outros”.

Nossas falas podem parecer sem significação profunda, mas são úteis, porque traduzem um modo de ser e de pensar – um modo de estar e de viver.

Assim, o olhar retrospectivo é o “mais” que ficou capturado, nos detalhes (situações/ fatos e saberes) cujo elo não podia ser percebido no momento da reunião, mas que se mostra depois, quando relatado, a ponto de permitir caracterizar, em tempos de *ERE*, como os alunos da disciplina de sociologia construíram junto com os professores uma “história” própria e singular.

MOMENTO 1 – URBANIDADES E FORMALIDADES

Você 07:33

Bom dia! Estamos a postos!

Cheguei cedo... o trânsito estava liberado aqui em casa (entre a sala e o quarto...

Roberta Borba 08:32

Oii profs, não sei por que, mas não recebi o e-mail de vocês?

Valquiria Menezes da luz Brunet 08:33

Bom dia a todos e todas

Melissa Saldanha 08:34; **Marilia Câmpara** 08:34; **ANA GOULART** 08:36,

VITÓRIA COLLAR 08:43

Bom dia Bom dia! Bom dia! Colegas, bom dia!!

Marilia Câmpara 08:36

⁸ Por isso, a referência inicial à letra da canção dos Titãs – O quê é o que ...

Prof. Essa turma AGL já parece no MOODLE.

Juliana Azevedo 08:43

Acho que teve uma aula no meet que foi gravada

Juliana Azevedo 08:43

Só não sei como

Profa. Carmen:

necessitamos autorização de uso de imagem para efetivar gravação do encontro...formalidades: sim. Mas necessária, visto que poderá ser vista e revista em outras situações / momentos.

PAOLA SILVA 08:48 - Sim

GABRIELA CORREIA 08:48 - sim

Gabriele pascoal 08:48 - Sim

Thiago Severo 08:53

Minecraft S2 (sou viciado!)

Thiago Severo 08:56 - Autorizado.

Paulo 08:56

Atenção: o pedido não é só uma formalidade, embora pareça, está nos dizer que enquanto alunx não podemos aceitar o grupo em sala de aula ou nos encontros em ERE como um ser passivo dominado pelas ações ambientais, mas sim como um ser influente em todos os processos.

Valquiria Menezes da luz Brunes 08:56 - Autorizado

JESSICA OLIVEIRA 08:57 - Autorizado

Bruna Lima 08:57 - Autorizado

Aléxia Tavares 08:58 - Autorizado

ANA GOULART 08:58 - autorizado

Andre chiappini 08:59 - autorizado

GABRIELA CORREIA 08:59 - Autorizado.

JESSICA OLIVEIRA 09:02 - sim

PAOLA SILVA 09:02 - Sim

Marilia Câmpara 09:02 - sim

Luiza Klug 09:02 - eu também não

Valquiria Menezes da luz Brunes 09:02 - Sim

Matheus Medeiros 09:02 - sim

ANA GOULART 09:02 - siim

GABRIELA CORREIA 09:02 - Sim

Vitória Collar - Sim

MOMENTO 2 – EM EDUCAÇÃO AS PERCEPÇÕES E O IMAGINÁRIO ATUAM: CONSTRUINDO CENÁRIOS!

Thiago Severo 08:59

Existe educação entre os animais não humanos? Ou isso é um privilégio nosso?

Carmen Paulo 09:00

Imitação e hierarquia do poder instituído

Gabriel Viegas 09:00

Animal Planet

gabriele pascoal 09:02

Mas só os seres humanos tem a prévia ideação tem que chame de "o chefinho mandou "

Matheus Medeiros 09:02

conheço como chefinho mandou kkk

gabriele pascoal 09:02 - Sim

Talita Vieira 09:02 - eu não conheço

PAOLA SILVA 09:02 - O chefe mandou

Talita Vieira 09:03 - kkk nunca ouvi falar

Thiago Severo 09:03 - já

Daniela Steinhaus 09:03 - Eu sim

Carmen 09:03

Dos nossos medos nascem as nossas coragens, e em nossas dúvidas, vivem as nossas certezas. Galeano

ANA GOULART 09:04

até a posição na sala de aula mostra a hierarquia

Thiago Severo 09:06

RESPOSTA QUESTÃO: Ao finalizar uma das entrevistas da minha dissertação de mestrado em administração, o respondente me disse: "Thiago, **não existe sustentabilidade sem educação**". Foram 2h10 de entrevista, mas esta frase me marcou e me fez refletir sobre entrar para Pedagogia.

Valquiria Menezes da luz Brunet 09:10

Desde de criança sempre gostei de brincar de professora sempre gostei muito de ler fiz o curso em 2009 de Educadora Assistente por desconhecimento só depois de concluir o curso descobri que o curso não era reconhecido pelo MEC. Tentei antes serviço social mas vim para o que desde de criança me completa aula.

gabriele pascoal 09:12

Durante meu estágio docente em ciências sociais passei por uma situação **durante uma atividade proposta percebi que alguns alunos tinham muita dificuldade para ler, seu nível de leitura era compatível com os anos iniciais do ensino fundamental, e eles estavam no primeiro ano do ensino médio**, naquele momento eu não consegui auxiliar eles, foi quando eu percebi que eu **queria estudar, entender e ajudar na formação dos alunos** e me faltava bases para isso,por isso escolhi a pedagogia.

Paulo 09:13

Atenção: o descritivo / o dito não é exibicionismo ou narcisismo...a narrativa se apresenta em esquema de síntese (a gente conta o que acha que é) e

descreve os determinantes do comportamento. A teoria tem como objetivo apresentar um quadro que sirva de referência e que pode influenciar determinado comportamento e, não prioritariamente explicar os processos implicados.

Carmen 09:18

A devolutiva vai vir em forma de texto em que coloca tudo que foi/será enviado e que forem recebidos. Vou voltar a programar a resposta automática sempre que abirmos as respostas.

TERCEIRO MOMENTO: MUTA OU MUDA OU MUTA???

Andre chiappini 09:21

Profs., adiantando um pouco o assunto que ficou pra outra aula. na provocação de "a gente muda ou muta?" vocês procuram mais uma reflexão sobre o individuo do professor se moldar ou calar, ou mais sobre o professor mudar os alunos ou silenciá-los?

Thiago Severo 09:27

Considerarei que as palavras tem o mesmo significado. E no dicionário encontrei isso "MUTAÇÃO: 1.atto ou efeito de mudar(-se); alteração, modificação. 2.tendência, facilidade para mudar de ideia, atitude etc.; inconstância, volubilidade."

PAOLA SILVA 09:28

É, eu também pensei assim Thiago. Eu acredito que durante a vida inteira a gente muda e muta. O ser humano está em constante transição.

Juliana Azevedo 09:30

Eu tinha entendido totalmente mutar como calar-se

Andre chiappini 09:31

essa pergunta foi um total de 0% gratuita, pelo visto. MUITAS possibilidades de interpretação

Vitória Collar 09:31

eu não tinha entendido dessa maneira

Andre chiappini 09:31

assunto pra mais de aula

PAOLA SILVA 09:31

Exatamente Andre

Bel Viegas 09:31

bah, bem isso Andre kkk

PAOLA SILVA 09:32

São diversos significados, contextos, interpretações...

Thiago Severo 09:35

Podem escrever estas palavras aqui?

Louise Arend 09:36

Mas então a diferença n poderia ser entre algo q temos escolha e algo q n temos?

Exemplo: Podemos escolher mudar, mas somos forçados a mutar

Thiago Severo 09:43

Olha aí! Educação é Sustentabilidade pura! Poder, Liberdade, Social, Economia e Estética.

Eduarda Hofmann 09:47

Essa reflexão vai ficar sempre na nossa cabeça e vai sempre mudando conforme a nossa vida

Paulo 09:51

As respostas a partir da experiência individual permitem pensar singularidades e que existe uma descontinuidade nas práticas sociais (modos de ser) e ...que no dizer de cada uma/um para mesmos conceitos dão significações diversas....mas pela reflexão coletiva permitem construir conceitos provisórios

Valquiria Menezes da luz Brunet 09:52

Posso definir mutação ao corona vírus? E a mudança como consequência?

Você 09:56

quem sabe muito sobre algo saberá ensinar o que sabe?

Thiago Severo 09:57

Não necessariamente!

Bel Viegas 09:57

e estou aqui...

hahahaha

Você 09:57

Tem gente que sabe muito, mas compreende pouco!

Quem muito compreende, dificilmente saberá compartilhar o pouco que sabe

Gabriel Viegas 10:01

Que realidade

Nas cadeiras de cálculo só tive professor assim

gabriele pascoal 10:04

O professor tem que ajudar o aluno transformar a informação em conhecimento, o que define a aprendizagem não é saber muito, é saber comunicar

gabriele pascoal 10:07

Esse é o desafio da educação na era da informação

Luiza Klug 10:11

ta meio embaçado

Vitória Collar 10:14

não tem

tem 42

PAOLA SILVA 10:14

Tem 42

QUARTO MOMENTO: MUTANDO DE TEMA / ASSUNTO PARA NÃO MUTAR

Eduarda Hofmann 10:16

Acesse este link para entrar no meu grupo do WhatsApp:
<https://chat.whatsapp.com/FwUbRCSQujEIgkCTZQOq90>

O link do grupo, para quem não está ainda

Gabriel Viegas 10:17

Acho que o melhor, prof, era mandar o link do grupo pra todo mundo no email

PAOLA SILVA 10:17

Ou por o link no Moodle

Aléxia Tavares 10:17

ou então deixar no Moodle

Gabriel Viegas 10:17

É, pode ser

Eu pelo menos só recebi hoje e por um acaso kkkkk

PAOLA SILVA 10:18

Eu também Gabriel

gabriele pascoal 10:18

Pensei agora no livro do Mézaros A educação para além do capital

Paulo 10:21

Então uma educação para além do capital é uma Educação Pública?

Thiago Severo 10:22

ODS 4 - Educação de qualidade e equitativa!

Paulo 10:22

Mas então onde fica a "cultura"? a cultura dá uma distinção

gabriele pascoal 10:30

Privatizaram sua vida, seu trabalho, sua hora de amar é seu direito de pensar. É da empresa privada o seu passo em frente, seu pão é seu salário. E agora não contente querem privatizar o conhecimento, a sabedoria, o pensamento, que só a humanidade pertence. BERTOLT BRECHT

Paulo 10:35

Não parece que quem educa tem lado e sabe o lado que está?

neutro e imparcialidade é interessante e interessa a quem?

10:39

A discussão está nos levando a compreender que os fenômenos de aprendizagem resultam de experiências diretas e podem ocorrer também, numa base que parte da observação das falas e dos comportamentos e experiências de outras pessoas.

Gabriel Viegas 10:39

Eu ia abrir o microfone. mas meu vizinho resolveu cerrar alguma coisa aqui

Então vou falar pelo chat mesmo

Um professor antigo meu dizia que a neutralidade não existe, já que a partir do momento que tu faz a escolha de ser "neutro", tu já tá escolhendo uma posição e abdicando da neutralidade.

Paulo 10:42

Teoricamente (abstrato, mas nem tanto) pode-se dizer que a em educação a construção do sujeito se dá no processo de aprendizagem, visto que aquilo e como se aprende serve de modelo para os alunxs que através da cognição são capazes de incorporar e imitar comportamentos que irão considerar como experiências positivas.

Marilia Câmpara 10:43

Acredito que nos deveríamos ter um lado, um lado é uma escolha diante nossa vida, para seguir uma luta.

Paulo 10:44

O comportamento não precisa ser reforçado para ser aprendido ou adquirido, aquele que apreende: aprende e adquire experiências observando as consequências dentro do seu ambiente. Isto é, a gente constrói comportamentos levando em consideração aquilo que permitiu a nossa "sobrevivência", sustentabilidade no espaço educativo formal

Marilia Câmpara 10:45

Seguir a luta na educação não é solitária, por isso é tão importante. Acreditar no ideais e jamais desistir.

QUINTO MOMENTO: Entre o MUTAR e PARA NÃO MUTAR

Rever escritas, reencontrar memórias do vivido no dia 1º e do ponto de vista da sociologia, as formas de falar / escrever e modos de ser são indicativos que permitem manifestar à diversidade de pensamentos e de ações humanas e, em particular, constituem um dado que, nós futuros educadores, precisamos compreender, isto é, de interpretar ou de explicar para compreender e estar/viver no mundo.

Esta compreensão supõe a possibilidade de uma comunicação, mesmo que indireta e parcial, entre formas de falar e ser do passado e aquelas que habitam o sujeito presente e dirigem seu olhar. O conhecimento do “ser professor” parte deste “olhar” atual, informando aquilo que conhece, mas, ao mesmo tempo, sabendo descentrar-se / distanciar-se ou, pelo menos, ter consciência da diferença entre o falar e o olhar.

Compreender o que existe, se manifesta, o mais próximo possível do que aquilo era, isto é, da significação que aquilo tinha então para os sujeitos que estão em situação de aprendizagem. Trata-se de estabelecer uma proposta de compreensão, pertinente, cujo conteúdo traga consigo exemplo, conceitos que podem conferir sentido e articular-se ao que já sabemos. É por isso, que a própria noção de explicação passa por transformações à medida que se lida com exigências diferentes para o conhecimento e que se criam novas exigências.

Assim sendo, continua válido o quê?

“O que?

O que?

O que?

Que não é o que, não pode ser

Que não é o que não pode ser

Que não é o que não pode ser que não é

Não não não é

É

Pode ser

É”

Fico por aqui...
paulo

Escritas dialógicas entre flores

Na impossibilidade dos encontros emergiram os desafios à escrita dialógica. Começam com as ausências físicas e a possibilidade de descobertas de que são estes humanos que não mostram os corpos e os rostos e compõe as listas de nomes de colegas. A primeira aula síncrona, aconteceu em 21 de setembro do primeiro ano pandêmico. Prevista de início para ser realizada no MConf, não foi possível porque os estudantes da turma B não estavam conseguindo acessar. Migrar para outra plataforma, o Google Meet, informar pelo whatsapp e pelo Moodle, outros modos de viver uma aula. O número de participantes aumenta.

No decorrer da aula conversamos sobre os temas: escola sem partido, o link da revista que desapareceu e que impediu o acesso, e ainda sobre as molduras da sociedade, uma apresentação de slides com uma imagem de trabalhadores com máscaras, além de um diálogo sobre as condições que estamos vivendo durante a pandemia. As escritas passam a ser parte dos modos de educar após março de 2020. E entre 21 e 28 de setembro leituras originam respostas. Aqui compartilhadas com nomes de flores aleatoriamente atribuídos contam desafios.

Zara - Após ler as postagens sobre o sentir e o pensar dos estudantes as que mais me chamaram a atenção foram as Bela-flor e Florinda. Escolhi a Bela-flor pois recordo do nosso primeiro e único encontro presencial e para mim foi uma aula incrível, nos apresentamos em pequenos grupos, partilhámos experiências e fluiu muito bem. A realidade agora infelizmente é outra, um olhar ou sorriso por debaixo da máscara nos toca tanto quanto um abraço ou aperto de mão, então depois de ficarmos 6 meses sem um encontro virtual, nossa aula síncrona me deixou muito feliz por simplesmente ouvir a voz dos colegas. Já Florinda, simpatizo muito com a ideia do reconhecimento do esforço de vocês professores por criarem ambientes e condições para a troca de conhecimentos e vivências sem deixar nenhum estudante para trás, já que cada um está em uma situação diferente e é extremamente necessário reconhecer e compreender isso.

Roseanna -Acho, Bela-flor que como uma aluna do primeiro semestre essa espera me deixa frustrada. Como chegamos a ter uma aula presencial em que pude perceber como seria dinâmica, como alunos e professores juntos construiriam experiências. E de repente uma longa pausa e o meu pesar por acreditar que aquele nível de troca não é possível no ambiente virtual. Acredito que criaremos uma relação, só que mais lentamente. É muito mais fácil comunicar ao vivo, se expressar, não só o que fala, mas como fala, tanta coisa que não vai ser possível passar por aqui, mas que seria atalho para uma empatia mútua.

Lírio - Eu particularmente fiquei um pouco angustiado com essa espera para as definições, pois o início foi oficializado e eu como aluno já estava num ritmo acelerado, com vontade de começar a estudar os materiais e me organizar da melhor forma possível. Porém entendo a posição de vocês docentes ao querer encontrar uma melhor forma, que inclua todos e que nos de uma experiência diferenciada, admiro a vontade de vocês.

Hana - Em nossa primeira aula síncrona, confesso que não consegui compreender muita coisa. Na primeira tentativa de encontro, precisamos mudar para outra plataforma, e nessa mudança, me perdi no meio do caminho. Mas depois de já ter entrado na correta, o que consegui entender, foram os comentários e falas agregadoras dos colegas e da professora sobre censura e liberdade.

Escolhi os comentários de Violete e Açucena para comentar.

Yasmine - Concordo com a fala de Violete, eu nunca fui muito boa com tecnologias, e por isso tem sido um tempo de muitas descobertas nessa área. Feliz que em algum momento todos os professores entraram em contato conosco para ver como prosseguiríamos este semestre um tanto desafiador.

Açucena - Também estava ansiosa pelas aulas presenciais, mas tem sido um tempo de muita aprendizagem nesse formato também. Com expectativa de tudo que vamos aprender e viver juntos na volta às aulas presencialmente.

Yasmin - Na última aula pudemos conversar sobre assuntos diversos, sobretudo a respeito dos contextos atuais em que todos nós estamos inseridos na nova realidade de um mundo em pandemia. A prof também apresentou alguns slides com imagens e textos que geraram reflexões sobre temáticas como democracia, liberdade e censura.

Sobre os pontos apresentados pela atividade do tópico 3, além de mandar por e-mail minhas considerações, vou mandar por aqui também:

Deixo abaixo as duas respostas de colegas que escolhi sobre sentir e pensar em tempos de pandemia, de acordo com o proposto no tópico 3.

Violete - Compreendo que a situação que estamos vivendo, tanto a pandemia em geral como também as adaptações no mundo tecnológico, causam estranheza e nos preocupam pois tudo é uma questão de tempo. Em relação ao contato estabelecido por vocês professores, creio que demorou um pouco, mas como diz o ditado: "Antes tarde do que nunca". Não fiquei

preocupada em nenhum momento já que mais cedo ou mais tarde iríamos nos conectar.

Rose - Açucena estava ansiosa para a volta de nossas aulas, mesmo que não sejam da maneira que nós gostaríamos que elas voltassem. Sobre a nossa relação com vocês professores, mesmo online creio que vamos ter conexões e trocas de aprendizados incríveis, mas sinto falta das aulas presenciais, de nos vermos pessoalmente e as aulas que presencialmente conseguem ser mais produtivas, pelo menos para mim.

Justificação da escolha: Escolhi o comentário da Violete, porque acho muito importante termos o ponto de vista por ela apresentado diante dessa situação que estamos vivendo de pandemia; apesar de todas as dificuldades, nós temos a capacidade de readaptação e no fim tudo será apenas uma questão de tempo para conseguirmos nos recriar pessoalmente e coletivamente.

Já o comentário da Açucena, escolhi porque diferente dela (e talvez da maioria dos colegas), eu tenho me adaptado muito bem com o ERE. Eu entendo que o modelo à distância seja muito difícil para a grande maioria das pessoas por uma série de questões, como disciplina, planejamento, atividades extra em excesso, condições emocionais ou acessibilidade. Em minha experiência pessoal, depois de ter me planejado e comprometido com a disciplina de manter o curso, essa organização tem ocorrido de maneira muito prática e eficaz, talvez de maneira até mais produtiva do que quando não tínhamos essa modalidade de ensino remoto.

Orquídea - Na última aula pudemos conversar sobre assuntos diversos, sobretudo a respeito dos contextos atuais em que todos nós estamos inseridos na nova realidade de um mundo em pandemia. A prof também apresentou alguns slides com imagens e textos que geraram reflexões sobre temáticas como democracia, liberdade e censura.

Sobre os pontos apresentados pela atividade do tópico 3, além de mandar por e-mail minhas considerações, vou mandar por aqui também:

Deixo abaixo as duas respostas de colegas que escolhi sobre o sentir e pensar em tempos de pandemia, de acordo com o proposto no tópico 3. Violete - Compreendo que a situação que estamos vivendo, tanto a pandemia em geral como também as adaptações no mundo tecnológico, causam estranheza e nos preocupam pois tudo é uma questão de tempo. Em relação ao contato estabelecido por vocês professores, creio que demorou um pouco, mas como

diz o ditado: "Antes tarde do que nunca". Não fiquei preocupada em nenhum momento já que mais cedo ou mais tarde iríamos nos conectar. Açucena - Estava ansiosa para a volta de nossas aulas, mesmo que não sejam da maneira que nós gostaríamos que elas voltassem. Sobre a nossa relação com vocês professores, mesmo online creio que vamos ter conexões e trocas de aprendizados incríveis, mas sinto falta das aulas presenciais, de nos vermos pessoalmente e as aulas que presencialmente conseguem ser mais produtivas, pelo menos para mim.

Justificação da escolha: Escolhi o comentário da Violete, porque acho muito importante termos o ponto de vista por ela apresentado diante dessa situação que estamos vivendo de pandemia; apesar de todas as dificuldades, nós temos a capacidade de readaptação e no fim tudo será apenas uma questão de tempo para conseguirmos nos recriar pessoalmente e coletivamente. E, Já o comentário da Açucena, escolhi porque diferente dela (e talvez da maioria dos colegas), eu tenho me adaptado muito bem com o ERE. Eu entendo que o modelo à distância seja muito difícil para a grande maioria das pessoas por uma série de questões, como disciplina, planejamento, atividades extra em excesso, condições emocionais ou acessibilidade. Em minha experiência pessoal, depois de ter me planejado e comprometido com a disciplina de manter o curso, essa organização tem ocorrido de maneira muito prática e eficaz, talvez de maneira até mais produtiva do que quando não tínhamos essa modalidade de ensino remoto.

Em nossa primeira aula síncrona, confesso que não consegui compreender muita coisa. Na primeira tentativa de encontro, precisamos mudar para outra plataforma, e nessa mudança, me perdi no meio do caminho. Mas depois de já ter entrado na correta, o que consegui entender, foram os comentários e falas agregadoras dos colegas e da professora sobre censura e liberdade.

Escolhi os comentários de Violete e Açucena para comentar: Violete - Concordo com a fala de Violete, eu nunca fui muito boa com tecnologias, e por isso tem sido um tempo de muitas descobertas nessa área. Feliz que em algum momento todos os professores entraram em contato conosco para ver como prosseguiríamos este semestre um tanto desafiador. Açucena - Também estava ansiosa pelas aulas presenciais, mas tem sido um tempo de muita aprendizagem nesse formato também. Com expectativa de tudo que vamos aprender e viver juntos na volta às aulas presencialmente.

Margarida - A sala de aula deveria ser um espaço politicamente neutro, mas na realidade a escola tem sido lugar de doutrinação política, ideológica e

moral por parte de docentes. Os professores precisam tomar muito cuidado de usar as palavras, é difícil de evitar colocar os próprios sentimentos nas falas. A interpretação de cada aluno pode ser manipulada por os pensamentos e falas dos professores. Escola sem partido é um bom desejo para acabar "abuso da liberdade de ensinar".

Fiquei impressionada de ler as respostas dos colegas. No início eu tratei esta atividade como uma tarefa, mas no momento de ver o que outras pessoas estão pensando, me sinto que estou acolhida, todo mundo está junto, vi as emoções, lutas, confusos dos colegas. Sendo um humano, vivemos resolvendo os problemas, os problemas exteriores e interiores. As pessoas lutam muito com isso. Não foi a pandemia que criou tudo isso para nós, mas é a gente própria está enfrentando os nossos problemas. Criamos as ansiedades, as nervosidades, os sentimentos. Viver é um processo de conhecer a si mesmo, educar é um processo de achar uma paz dentro de si. Ainda estou no começo deste caminho, talvez vai levar a vida inteira para seguir este caminho. O mais importante é que estou indo.

Magnólia - Boa tarde. Observando o compartilhamento das escrituras vi que a minha não estava postada, e que minha resposta enviada por e-mail não estava no mesmo padrão, visto que respondi às três perguntas no mesmo parágrafo. Gostaria de saber se poderia enviar uma nova atividade para ser considerada.

No primeiro capítulo do livro *Medo e Ousadia* de Ira Shor e Paulo Freire existe um predomínio de presença de Shor, que é professor universitário em Nova York. Por residir em outro país, ele diversas vezes comenta sobre a educação nos Estados Unidos, como por exemplo "Uma das grandes crises dos EUA, neste momento, é a resistência dos estudantes ao currículo oficial. Em outras palavras, os professores e os administradores se recusam a mudar o currículo que aliena o estudante. A reação dos estudantes é recusar-se a trabalhar de acordo com o currículo oficial." O capítulo do livro apresenta uma ideia geral de como começaram a pensar em uma educação libertadora e transformadora. A trajetória pessoal de cada um é contada, até o momento que começam a transformar os estudantes que querem ser transformados, e conta sobre os que se recusam. Shor lutava pela melhoria de condições de ensino das classes mais baixas e com a reforma de ensino para que os norte-americanos tivessem uma educação de qualidade.

Considerando escola como "local ou instituição concebida e direcionada para o aprendizado intelectual dos alunos", creio que existe uma pressão que nos acompanha por gerações. Por séculos a educação formal foi restrita a alta

sociedade e muitas vezes, aos homens brancos. Hoje com uma universalização da educação, pelo menos em teoria, cria-se novas formas de educar, porém que ainda são altamente rejeitadas. A ideia de uma educação libertadora causa medo em pessoas que só conhecem a escola tradicional, lugar que não permitia a individualidade. Ainda trazemos muito disto conosco, e neste momento de pandemia e ensino remoto não nos permitimos ao olhar individual e nos cobramos estar equivalente a pessoas que muitas vezes tem condições diferentes a nossa

Cleanto - *Artigo: A SALA DE AULA SOB A VONTADE DA NEUTRALIDADE DE SENTIDOS*. Simone Tiemi Hashigiti, Fabiane Lemes e Rogério de Castro Ângelo. Revista da FAEEBA. Educação e Contemporaneidade. v. 29, n. 58, 2020.

As autoras e o autor realizaram uma análise discursiva do conteúdo do site informativo do programa Escola sem Partido (ESP) e observaram como a escola, os conteúdos didáticos, a(o)s professora(e)s e a(o)s estudantes são referidos a partir da comunicação através da linguagem e da sala de aula como ambiente controlado e consciente.

O(a) professor(a) é representado no ESP como aquele(a) que pretende inculcar seus ideais na(o)s estudantes, que não passariam, de simples receptáculos da doutrinação transmitida unilateralmente em sala de aula, ou seja, a(o)s estudantes seriam esponjas de absorção da doutrinação ideológica, alegadamente ocorrida em sala de aula sob a manipulação do(a) professor(a).

As autoras e o autor, nas considerações finais do artigo, referem que o ESP apresenta o(a)s professore(a)s como manipuladores, a(o)s estudantes como receptáculos vazios, o saber escolar como transmissão de conhecimento e a linguagem como instrumento transparente de comunicação. Entretanto, entendem que a neutralidade de sentidos é impossível, haja vista a necessidade de interpretação para o surgimento dos sentidos.

Relacionando o artigo com a resposta da "Esperança" (quando a colega afirma que sofreu "toda a sorte de boicotes e desvalorização, perseguições em função das minhas posições políticas, principalmente após a eleição presidencial de 2018") sobre o sentir/pensar em tempos de pandemia,

verifica-se que a “neutralidade” proposta pelo ESP é, na verdade, algo profundamente ideológico. Esse movimento espúrio pretende apresentar uma escola ideal neutra justamente para esconder a sua opção político-partidária, para camuflar a subserviência aos interesses e concepções doutrinárias sob a ótica do “sistema espoliativo universal”.

A colega “Amapola”, destacou em sua resposta que “Ser sujeito de experiência não é somente ser sujeito de informação, mas ser sujeito capaz de construir opinião, refletir sobre o(s) saber(es) propostos, saber julgar/fazer/querer, pois, o sentido da experiência se fundamenta no(s) diálogo(s), que permitem a transformação de si e do mundo quando os sujeitos são envolvidos nesse processo complexo que é o aprender.”

Retira-se deste trecho, conseqüentemente, o entendimento de que a escola não pode ser um ambiente neutro. O(a)s professore(a)s, a(o)s estudantes e a escola estão e estarão sempre inseridos em determinado contexto sociocultural.

Como nos ensina Paulo Freire, a educação deve ser capaz de trazer autonomia para o indivíduo, de modo que ele possa fazer escolhas mais adequadas. O(a) professor(a) deve se aproximar o máximo possível a realidade da(o) estudante, para que esta(e) veja sentido no conteúdo e consiga transformá-lo a partir das suas experiências vividas. O entendimento de Paulo Freire é ideológico? Evidente que sim, dentro de um contexto de alinhamento com o que poderíamos denominar de “sistema de solidariedade universal”. E é justamente isto que o movimento ESP visa combater.

Os diálogos com os colegas desbravam caminhos para diálogos com autores academicamente reconhecidos. E, lembrando BaKtin, os ARTIGOS LIDOS Coversam com AS RESPOSTAS DOS COLEGAS, mediados pela autoria.

Lótus - *Reflexões e assertos sobre o movimento escola sem partido*. Através da leitura de alguns dos artigos presentes na Revista FAEEBA (Educação e Contemporaneidade. v. 29, n. 58, 2020), relacionados com o Movimento Escola sem Partido, foram feitas algumas reflexões. Partindo da concepção presente no site do ESP de que “em uma sala de aula, a palavra é do professor, e os estudantes estão condenados ao silêncio”, que “ninguém dos presentes a uma sala de aula possa criticar o mestre” e que, dessa forma, “é imperdoável a um professor valer-se dessa situação para buscar incutir em seus

discípulos as suas próprias concepções políticas, em vez de lhes ser útil, como é de seu dever, através da transmissão de conhecimento e de experiência científica”; percebe-se a posição de ameaça em que o professor é colocado. Os estudantes são, então, vistos como figuras exclusivamente passivas, sem participação ativa e intelectual colaborativa e cooperativa no processo de aprendizagem escolar, e que não possuem nenhum posicionamento político, moral, ético ou religioso a não ser aquele doutrinado pelo professor. Profissional, este, que usurpe o direito dos pais na educação moral e religiosa de seus filhos, enquanto o processo de ensino- aprendizagem escolar deveria ser entendido como conteúdo estritamente científico transferido do docente para os estudantes. Passa-se a exigir, portanto, a “neutralidade” dos professores com relação aos demais assuntos senão àqueles estritamente científicos.

Um dos exemplos da aplicação da “neutralidade” no conteúdo apresentado nas escolas foi retirado de um livro didático de geografia destinado ao sétimo ano do ensino fundamental:

Figura 1– Reprodução de apostila de Geografia da Plataforma de Ensino Eleva que falava em “golpe” contra a ex-presidente Dilma Rousseff



Fonte: APÓS CITAR... (2019).

Fonte: APÓS CITAR... (2019).

Figura 2 – Reprodução de apostila de Geografia da Plataforma de Ensino Eleva com er-

Figura 2 – Reprodução de apostila de Geografia da Plataforma de Ensino Eleva com errata substituindo “golpe” por “destituição”



Fonte: APÓS CITAR... (2019).

rata substituindo “golpe” por “destituição”

Fonte: APÓS CITAR... (2019).

Nele, o substantivo “golpe”, (na versão original do material distribuído aos estudantes) foi substituído pelo termo “destituição” no que se refere ao processo político por que passou a ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff, em 2016. Mudança resultante das pressões dos pais e familiares, após a leitura do conteúdo, para torná-lo "neutro". Percebe-se, no entanto, que em ambos os casos, a simples substituição sintagmática e os gestos de interpretação dos sujeitos (a partir de suas posições discursivas) revelam posicionamentos discursivos, políticos e ideológicos, pois são capazes de qualificá-la inocente ou culpada, respectivamente. Assim, apesar de o Programa ESP defender uma suposta neutralidade em sala de aula por parte dos professores, entendemos que a própria seleção do que deve ou não ser ensinado aos alunos, via direcionamentos institucionais sobre a base curricular, não é neutra, uma vez que, na escolha de uma narrativa, teoria ou conceitos, por exemplo, são deixados “de fora” uma infinidade de textos e teorias.

Não existe neutralidade em nossas linguagens. Todas as práticas languageiras, ocorram elas dentro ou fora da sala de aula e com materiais didáticos ou não, são práticas discursivas, isto é, são necessariamente ideológicas, que acontecem a partir de gestos de interpretação e posição dos sujeitos frente a materialidades linguísticas, visuais, corporais

etc., em determinadas condições e na relação com demais discursos. Percebe-se, dessa forma, que a defesa de uma bandeira de “neutralidade” da Educação é, na verdade, a defesa de ideais cristãos e conservadores, expressando muito mais o desejo individual dos pais do que a preocupação com as crianças. Há a transformação estratégica de pautas de fundo religioso em pautas sociais, onde, ao mesmo tempo em que se afirma que “a doutrinação política e ideológica em sala de aula afronta o princípio da neutralidade política e ideológica do Estado e ameaça o próprio regime democrático” baseia-se seu discurso político na crença de “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Nesse contexto, apesar do objetivo principal desse movimento ser o combate à “doutrinação marxista” nas escolas, foi com a batalha contra a “ideologia de gênero” que ganhou maior visibilidade no cenário, defendendo e garantindo a manutenção e exclusão de conteúdos relacionados a temas como gênero, sexualidade e direitos LGBTQIA+ dos Planos de Educação. Uma vez que a “ideologia de gênero” é vista como um suposto plano (que seria orquestrado pela ONU) para “destruir” a identidade, o binarismo de gênero, a família e, por conseguinte, a sociedade; e onde as escolas estariam sendo usadas para uma tentativa em implementar tal “ideologia”, a luta contra as discussões sobre gênero nos Planos de Educação é vista como necessária (apesar de o termo “ideologia de gênero” ser uma invenção católica e não estar presente em nenhum ponto dos Planos de Educação).

Tal defesa do que é a família, na perspectiva dos deputados, é supostamente baseada em argumentos jurídicos, não religiosos, garantindo apenas a defesa da Constituição Federal brasileira de 1988; visto que é evidente a inconstitucionalidade da inserção de temas relacionados a gênero e sexualidade nas escolas enquanto nossa Constituição afirma que: “para efeito de proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre homem e mulher como entidade familiar”. Uma visão distorcida e fora de contexto do conteúdo desse documento que, se de fato analisado, não apresenta nenhuma incoerência ou incompatibilidade com relação à presença desses temas nos Planos de Educação.

Além disso, existe a afirmação de que é direito da família educar seus filhos da maneira como entendem que é o melhor para eles, sem influência da escola; visão ancorada na ideia de que a educação sexual e de gênero deve passar por uma reflexão a respeito da moralidade e da religião. Ou seja, caso houvesse discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas, ela seria necessariamente “tendenciosa”, fazendo “propaganda” LGBTQIA+ apenas ao expor essa realidade.

Pode-se concluir, portanto, que falta reconhecer que mesmo se a escola tentasse apenas instruir no sentido estrito de qualificação profissional dos alunos, ela não deixaria de socializá-los. Esta socialização, por sua vez, ocorre segundo certas representações e, apoiando os ideias do Movimento Escola Sem Partido, está-se reduzindo o espaço para o desenvolvimento de diferentes subjetividades, impedindo a problematização e pluralização de representações segundo as quais os alunos estão sendo socializados, e reforçando representações únicas, necessariamente excludentes e que reforçam desigualdades exis-

tentes na sociedade. O interesse coletivo da abordagem desses temas na escola está em combater tais desigualdades, desconstruindo o ódio quanto a certas identidades de gênero. Apesar disso, interesses privados de algumas famílias desejam proibir que os alunos da Educação Básica sequer entrem em contato com essas discussões por irem contra suas convicções pessoais, sobrepujando o interesse coletivo de viver em uma sociedade mais igualitária por vontades particulares de uma parcela dessa mesma sociedade.

Outro ponto a ser destacado é que não falar, literalmente, sobre sexo não significa que esse tema não esteja sendo ensinado de alguma forma. A pressão desses grupos em direção do silenciamento, supondo que se não se tocar nessas questões elas não “entrarão” na escola, se revela impossível. As questões referentes à sexualidade estão, queira-se ou não, na escola.

Elas fazem parte das conversas dos estudantes, estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, mas também de fato nas salas de aula – assumidamente ou não – e nas falas e atitudes dos professores e estudantes.

Dessa forma, o aprendizado através do silenciamento apenas reforça os tabus que envolvem a sexualidade e mantém certos preconceitos no campo do aceitável.

A escola não tem o direito de obrigar alunas e alunos a mudar seus valores morais ou crenças religiosas nem de constranger os alunos em razão de suas convicções, mas isso não significa que não se possa ao menos dialogar sobre esses temas. Como seria possível impedir que tantas crianças e/ou adolescentes que convivem, cada um com suas crenças e valores, expressem e debatam suas opiniões? Em casos de conflitos, reconceitos, deveria o professor omitir-se? Como é possível que o professor se limite a transmitir conteúdos diante de tantas situações em que a desigualdade e a violência de gênero emergem e afetam as oportunidades de aprendizagem dos sujeitos dessas discussões, ocasionando, inclusive, sua evasão? Afinal, a escola ainda é um espaço de construção de valores que são fundamentais para a convivência democrática na sociedade.

Em resumo, as escolas não se limitam simplesmente a transmitir de maneira objetiva um conjunto comum de valores e conhecimentos. Pelo contrário, as escolas são lugares que representam formas de conhecimento, de pensamento crítico, usos linguísticos, relações sociais e valores que implicam seleções e exclusões particulares a partir da cultura comum.

Em poucas palavras, as escolas não são lugares neutros, e conseqüentemente tampouco os professores podem adotar uma postura neutra. E, principalmente, a escola como ambiente democrático e inclusivo, não pode estar ameaçada e coagida frente ao combate à exclusão.

As respostas escolhidas para a análise estão apresentadas a seguir: Yasmin - Nesses tempos de pandemia, onde se faz necessário o isolamento social para que possamos preservar vidas, é com angústia que vemos e pensamos os espaços escolares, pois a construção do conhecimento se dá, principalmente, por meio das interações sociais que estabelecemos uns com os outros, e é justamente este aspecto das interações físicas que deve ser evitado. Pensar como que a escola, a sala de aula, e as interações possam vir a ser possíveis em um ambiente virtual com o objetivo de construir saberes, tem se apresentado como um dos maiores problemas gerados por esta pandemia. Muitas propostas são postas e pensadas, sobre retornos possíveis ou não possíveis, protocolos de retorno e a utilização de ferramentas digitais, mas como pensar em uma readaptação da educação e do ensino em um País que apresenta uma desigualdade social assombrosa? Como pensar em protocolos de retorno sem investimentos sólidos na educação (infraestrutura e insumos)? Em programas que visem a inclusão digital de todos os cidadãos e uma melhor distribuição de renda? Acredito que pensar as relações de tempo e espaço da escola precisam passar por estes questionamentos, que geram angústias sobre como isto será possível.

Violeta - Começo o registro com um sentimento de alívio após ler a mensagem dos professores. A pandemia têm sido um momento difícil para todos nós. Difícil pensar em começar a graduação numa época como essa, especialmente nós, estudantes de Pedagogia, que imaginamos uma relação próxima entre aluno e professor. A boa notícia é receber as mensagens de nossos professores tão preocupados conosco neste momento, pensando na melhor maneira de ensinar.

Escolhi tais apontamentos pois ambos trazem ideias não somente pessoais, mas sociais, refletindo sobre a forma como se darão as aulas nesse momento de pandemia e isolamento. O primeiro ponto a ser analisado é a maneira excludente como a educação está se dando devido à necessidade de ferramentas digitais para o acompanhamento das aulas em uma realidade onde muitos não tem acesso a tais ferramentas e, conseqüentemente, à educação. Ao reconhecer que o objetivo da escola é ser um ambiente democrático e inclusivo, se faz necessário, então, o desenvolvimento de programas e projetos que visem a inclusão digital de todos os cidadãos para a garantia do direito de educação a todos, “sem nenhum a menos”, assim como pregam os profs dessa disciplina.

Outrossim, com a inevitabilidade do ERE, nos vimos inicialmente perdidos pela expectativa e reconhecimento da importância da sala de aula como um lugar de encontro e trocas num processo de socialização associado aos aprendizados dos conteúdos curriculares.

Além da estranheza inicial com relação ao funcionamento das aulas no modelo remoto. Nesse contexto, nos cabe, portanto, refletir sobre qual caminho seguir: (1) Podemos fortalecer ainda mais a educação verticalizada, com o professor sendo o detentor do conhecimento, quem expõe o conteúdo a ser aprendido, levanta os questionamentos e propõe as tarefas a serem realizadas pelos alunos; sem a participação efetiva dos estudantes na construção das aulas e de seu aprendizado, sem o debate nem o compartilhamento de indagações, reflexões e diferentes pontos de vista. Ou (2) podemos nos adaptar e aproveitar esse novo momento da necessidade de mudança e de alternativas para participar, pensar, reafirmar e colocar em prática processos transformadores e transgressores não evidenciados anteriormente ou que não tinham o espaço que agora têm.

REFERÊNCIAS

APÓS CITAR “golpe” em material didático, rede de ensino pede desculpas. O Globo, Rio de Janeiro, 18 jun. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/apos-citargolpe-em-material-didatico-rede-de-ensino-pededesculpas-23749227>> Acesso em: 1 out. 2020. DE SORDI, Denise; FÁVERO, Douglas Gonsalves; MORAIS, Sérgio Paulo. “A escola deveria ser afago pra gente”: ocupar e tornar a escola pública. Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 29, n. 58, p. 290-307, abr./jun. 2020. ISSN

2358-0194 (eletrônico).

HASHIGUTI, Simone Tiemi; LEMES, Fabiane; ÂNGELO, Rogério de Castro. A sala de aula sob a vontade da neutralidade de sentidos. Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 29, n. 58, p. 119-133, abr./jun. 2020. ISSN 2358-0194 (eletrônico).

MOTTIN, Karina Veiga. Relações entre política e religião na defesa de uma educação "neutra". Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 29, n. 58, p. 134-149, abr./jun. 2020. ISS N 2358-0194 (eletrônico).

Lis - Olá, professores! Mando aqui minha resposta sobre um dos artigos lidos no vol.29 n.58 da Revista Educação e Contemporaneidade. ARTIGO ESCOLHIDO: Escola Sem Partido e Sem Gênero: Redefinição das Fronteiras Público e Privado na Educação. Autores: Carlos Eduardo Barzotto e Fernando Seffner.

O artigo traz ponderações e apontamentos sobre os mais recentes movimentos políticos e ideológicos na Educação brasileira, baseando no talvez mais forte, o movimento Escola Sem Partido, para traçar suas contradições e retrocessos quando unido com os projetos conservador e neoliberal, e como esses dois se entrelaçam e divergem, ainda que caminhem lado a lado no cenário atual. Para isso, os autores se valem tanto de exemplos nacionais quanto internacionais, como as eleições de Donald Trump e outros movimentos políticos na Europa, e como isso tudo reflete na Educação. Além disso, discorrem sobre qual deve ser o verdadeiro papel da Educação e como, apesar dos trágicos retrocessos enfrentados hoje, ela já caminhou muito desde a Constituição Cidadã de 1988.

Ao correlacionar com os depoimentos dos colegas, achei que o de Jacinto (“Acredito que as melhores experiências educativas foram as aulas em que mais me senti incluída e que senti que estava utilizando minhas aptidões e usufruindo do meu potencial criativo e também as aulas que pudemos viver na prática o que estávamos aprendendo”) conversa muito com os temas da Educação propostos por Barzotto e Seffner, principalmente de como ela deve ser – para a sociedade e para o aluno. Note que Jacinto fala tanto da inclusão pela comunidade escolar (professores e colegas) quanto da sua autonomia frente às descobertas. Esse trecho é levantado no artigo como o principal contraponto frente aos ataques feitos pela Escola Sem Partido e pelos setores retrógrados da sociedade brasileira. Os apontamentos feitos pelos autores na conclusão do trabalho mostram que, ainda que haja grandes desafios atualmente, a educação precisa ser assim para ser realmente efetiva: democrática, inclusiva e justa.

Outro depoimento relacionado foi o de Crisantemo (“Escolhi essa memória, pois acredito na importância que o professor exercer na vida do estudante, não apenas como educador, mas também como exemplo de pessoa de caráter, sabedoria, alguém que nos apoie. Muitos estudantes podem não ter esse exemplo dentro de casa, e com certeza professor não substitui família, mas ele tem o poder de ser essa fonte de inspiração.”), pois os autores do artigo também falam sobre o papel do professor, principalmente o quanto ele é contestado e atacado nesse contexto político e “anti-ideológico”, e fala sobre algo muito discutido no texto, que é a sempre relevante discussão sobre os limites da Educação nas esferas público-privada, entre família e escola, e assim eu cito: “A disputa pela educação dos indivíduos na sociedade foi sempre acirrada, ainda mais quando esses são considerados ainda não plenamente capazes, e a balança pendeu para diferentes lados, em diferentes momentos históricos (SEFFNER, F. E BARZOTTO, C.E.)”. Ainda, ao falar sobre o poder inspirador dos professores, Crisantemo aponta para o talvez mais importante fator dessa vocação: de ensinar aos alunos além do que está em casa; não necessariamente como fator contraditório, mas sim como expansão de seus conhecimentos, para que o aluno seja autônomo, com sede de conhecimento e sempre procure ser o seu melhor.

Jasmine - Olá! Sobre o trabalho a ser enviado, que para mim não ficou nítido,- é se deve conter as respostas individual e a do grupo juntas, ou enviamos somente a resposta do grupo.

A questão traz dois conceitos (responsabilidade e culpa). Mas o termo "culpa" tem várias acepções: sob a ótica das religiões judaico-cristãs, sob a ótica de uma sociedade machista, sob a ótica do direito penal, sob a ótica do direito civil, etc. Esta definição ficará a critério do grupo? Abraços,

Jasmin - Boa tarde, profs!

Em primeiro lugar eu queria dizer que estou adorando e aprendendo muito com as temáticas das aulas! Tanto no que se refere a forma de enxergar a Educação (desmistificando a ideia de "salvadora da pátria"), a relação da culpabilidade que designamos às pessoas

com sua real responsabilidade perante os acontecimentos, a realidade da Educação no Brasil que merece atenção para que não se submeta às censuras cada vez mais presentes, e a nossa postura perante esse momento de mudanças na forma de aprender.

Sinto apenas pela dificuldade em se dar o debate sobre essas temáticas entre a turma como um todo nesse modo remoto de ensino. Mas estou muito feliz e empolgada com as aulas! :)

Além disso, seguem, anexadas, as reflexões sobre os artigos da Revista FAEEBA e as respostas dos colegas. Abraços,

Jacinta - No artigo "'Escola Sem Partido': os (des)caminhos do movimento e dos projetos de leis", contido na revista "Educação e Contemporaneidade", as autoras explicam alguns contextos sociais por volta do movimento da Escola Sem Partido, expondo um posicionamento contra esses projetos de leis expostos pelo governo atual, alegando um privilégio de determinadas visões de mundo através desse movimento.

Violete - Compreendo que a situação que estamos vivendo, tanto a pandemia em geral como também as adaptações no mundo tecnológico, causam estranheza e nos preocupam pois tudo é uma questão de tempo. Em relação ao contato estabelecido por vocês professores, creio que demorou um pouco, mas como diz o ditado: "Antes tarde do que nunca". Não fiquei preocupada em nenhum momento já que mais cedo ou mais tarde iríamos nos conectar.

Açucena - Estava ansiosa para a volta de nossas aulas, mesmo que não sejam da maneira que nós gostaríamos que elas voltassem. Sobre a nossa relação com vocês professores, mesmo online creio que vamos ter conexões e trocas de aprendizados incríveis, mas sinto falta das aulas presenciais, de nos vermos pessoalmente e as aulas que presencialmente conseguem ser mais produtivas, pelo menos para mim.

Justificativa para as escolhas: Escolhi o comentário da Violete, porque acho muito importante termos o ponto de vista por ela apresentado diante dessa situação que estamos

vivendo de pandemia; apesar de todas as dificuldades, nós temos a capacidade de readaptação e no fim tudo será apenas uma questão de tempo para conseguirmos nos recriar pessoalmente e coletivamente.

Já o comentário da Açucena, escolhi porque diferente dela (e talvez da maioria dos colegas), eu tenho me adaptado muito bem com o ERE. Eu entendo que o modelo à distância seja muito difícil para a grande maioria das pessoas por uma série de questões, como disciplina, planejamento, atividades extra em excesso, condições emocionais ou acessibilidade. Em minha experiência pessoal, depois de ter me planejado e comprometido com a disciplina de manter o curso, essa organização tem ocorrido de maneira muito prática e eficaz, talvez de maneira até mais produtiva do que quando não tínhamos essa modalidade de ensino remoto.

Quanto à associação e relação dessas respostas com o artigo proposto pela revista, acredito que poucas coisas podem ser comparadas. O mundo está sempre em constante mudanças, as opiniões sempre acabam divergindo em qualquer assunto proposto e no final de tudo, é preciso haver recriação, respeito e empatia a todos. As diferenças e obstáculos podem nos levar a uma recriação ainda mais eficaz.

Educação e Sociedade em tempos de silêncio.

Em tempos de normalidade docente a sala de aula é um espaço em que se ensina e se aprende. Nele trocamos ideias, conversamos. Alí se lê, se escreve, se debate, se observa imagens, vídeos. Esta primeira frase parece não ter nada a ver com a proposta do ERE (ensino remoto emergencial), mas precisa ser entendida como uma idealização e como toda idealização do real: é imperfeita.

Por quê? Porque tanto a sala de aula presencial quanto o ERE condensam os mesmos valores, conceitos e crenças em relação à escola. Ao observarmos uma sala de aula concreta ou a tela do computador o que resulta das respostas presenciais ou das tarefas do ERE são imagens que se superpõem e nada tem a ver com a efetividade daquilo que é pensado ou planejado por profesori.

A sala de aula e a tela do computador (e-mail – Moodle – Mconf – Zoon ou Meet) podem ser vistos como um não-lugar, isto é, um lugar em que nem todo mundo troca ideias, fala, lê, escreve ou debate o que ao fim e ao cabo dos dias dá a sensação de "mau funcionamento" da disciplina.

O silêncio em sala de aula e nos fóruns do ERE (para quem deseja ser professor) pode ser entendido como uma resposta de outra natureza cuja origem pode ser atribuída a um indivíduo, que por não ser "visto" não tem sua fala inspirada, ou acompanhada. Mas, este silêncio ou mal estar nos diz alguma coisa sobre a posição ou o alinhamento do indivíduo na situação.

O silêncio pode ter valores positivos, indicando maior entendimento ou intimidade; ele pode não ser apenas uma ausência de palavras, mas uma presença ativa e realizar a necessidade defensiva que está no evitar algo desagradável ou o desconhecido.

Para nós da "disciplina" Educação e Sociedade, tanto o silêncio na tela como nas falas de sala de aula permitem visualizar a emergência de diferenças e particularidades não evidentes no começo de uma disciplina. E... por mais que o senso comum diga que a linguagem é transparente, nós achamos que não. Ela é opaca, polissêmica, habitada por múltiplos sentidos e vozes, indeterminada.

O silêncio do grupo "fala". A ausência de respostas verbais, preenche os espaços da comunicação ao impedir novas ações. A ausência de respostas escritas, preenche os espaços e também impede novas ações. Por isso, para dar continuidade às tarefas. Surge a necessidade de estabelecer modos de interação para além da sala de aula, para que no exame das possibilidades e dos limites da interação proposta pelas tarefas assíncronas se amplie o conhecimento sobre o que acontece quando ensinamos/

aprendemos, nestes intervalos do tempo-espaco. São as respostas do grupo que permitem estabelecer a interação. Permitem a análise e a proposição de outras condições de aprendizagem que não só alarguem a noção de interação, como também, as possibilidades e os limites do próprio conceito de ensino remoto emergencial.

Assim, não basta prestar atenção ao fato de que, quando alguém fala, alguém cala e algo, alguma coisa é silenciada. E, os tempos são outros e os ritmos também. Para nós que somos/vamos ser professores é importante saber que onde há linguagem, há também silêncio, mas para o processo de aprendizagem o importante não é o que se diz, mas o que dá a dizer...

E, nenhum e nenhuma a menos.

Saudações sociológicas

Paulo e Carmen

Em tempo: WhatsApp permite respostas rápidas e esclarecimentos.

APRENDER NA UNIVERSIDADE: OLHAR, VER, CONHECER, ANDARILHAR.

Paulo Peixoto de Albuquerque

Carmen Lucia Bezerra Machado

Turmas A+C – 2021-1

A pedagogia da pergunta tem sido base para o diálogo que estabelecemos em atividades de ensino remoto nem tão emergencial. No encontro do dia 06 de setembro, começamos a construir perguntas. Depois, dialogamos entre nós e ainda com outros. Assim nos construímos.

Até agora reunimos algumas perguntas:

Lari Seadi – 6 de set. 11:33

É possível aprender sozinho, mas o conhecimento se torna muito mais rico quando trocado e compartilhado.

Larissa

Raissa MJunqueira – 7 de set. 13:30

Olá profes queridos, aqui é Raissa. Decidi fazer um compilado com algumas perguntas e respostas das últimas aulas e enviar tudo junto. Autorizo expor meu nome nas respostas. bjs

O que é educação pra mim: Liberdade

O que é educação para um familiar: Continuação na vida toda

Se o professor em sala de aula repete, repete, repete, será que aprendemos?

A educação é plural, sendo assim, impossível pensar que apenas um método de aprendizagem será eficaz para todos. A repetição pode surtir efeito em alguns, mas acredito que para aprendizagem funcionar, para todos, não precisa ser maçante e repetitivo. Pode ser algo mais amplo e divertido.

A noção de autonomia é relativa ou tem papel ativo no aprender?

Acredito que tenha papel ativo. Cada pessoa é única, portanto existem diferentes modos de pensar e agir. Assegurar que cada indivíduo e sua autonomia sejam respeitados no processo de aprendizagem é fundamental.

Yara Rosa – 9 de set. 17:08

A autonomia é relativa ou tem papel ativo no aprender?

A autonomia estudantil é explorada na psicologia desde o humanismo, quando temos pela primeira vez a educação centrada no aluno. Quando analisada nos dias de hoje esse pensamento precisa ser levado em consideração quando pensamos em uma educação de qualidade.

A relatividade, em meu ponto de vista depende muito dos meios que se dispõem os alunos para ter acesso ao aprendizado. Ao mesmo tempo que precisamos pensar na autonomia estudantil não podemos deixar os educandos "a ver navios" sem uma orientação adequada, quando juntamos ambos autonomia e orientação de forma equilibrada podemos sim ter um bom resultado final. Já que sem autonomia o aluno não aprende, apenas copia as informações que foram lhe passadas sem nenhum interesse real.

Fernanda Cougo – 11 de set. 23:01 (há 11 dias)

Boa noite, Professora Carmen e Professor Paulo!

Estou enviando em PDF o questionamento abordado em nossa última aula do dia 6/09.

Olá, Professora Carmem e Professor Paulo!

Espero que ambos estejam bem :)

Vim trazer minha compreensão e resposta da pergunta realizada na última aula: A noção de autonomia é relativa ou tem papel ativo no aprender?

Na última aula foi dito que nos educamos através do coletivo, o que concordo plenamente, mas nós, como indivíduos, também podemos aprender e buscar o conhecimento, não digo sobre uma educação individualista, porque isso não é correto, mas nós como agentes ativos da busca pelo nosso aprender. Coincidentemente, em outra disciplina lemos um texto sobre o modo de educar na cultura indígena, e aquilo

despertou em mim um ponto de vista no qual nunca tinha olhado a educação, o da autonomia. Em sua cultura, a autonomia é um valor ensinado desde criança, onde as mesmas buscam sua educação através da curiosidade e do fazer. Pensei muito sobre isso, e mesmo que a autonomia não seja muito incentivada em nossa cultura, ela é muito importante para o nosso desenvolvimento. Respondendo a pergunta de forma mais formal, na minha visão, a autonomia tem papel ativo no aprender. Penso assim, pois a autonomia nos traz liberdade de escolha e de explorar um mundo cheio de conhecimento. A independência e a capacidade de buscarmos por nós mesmos e a estimulação da criatividade, tem um papel muito importante na hora de aprender e de colocar em prática nossos saberes. Como também dito na nossa aula, devemos ter a preocupação de educar com respeito e formar o desenvolvimento de nossos alunos, dessa forma, estimulando a autonomia, nós como futuros profissionais da educação, ajudaremos a desenvolver pessoas com habilidade de encontrar o melhor caminho para si e que aprende respeitando seus próprios limites.

Observação: Gostaria de pedir desculpas por não ser muito participativa nas aulas, mas como pessoa observadora e atenta de suas aulas, a aula dessa disciplina já me fez repensar muitas vezes diversos conceitos e a relação entre a educação e sociedade em que estamos inseridos. Agradeço por isso, com certeza os questionamentos feitos em aula nos ajudam a moldar os profissionais que seremos.

Uma boa semana para vocês!

Nadia Nara Braga Goulart – 20 de set. 10:29 (há 2 dias)

A noção de autonomia é relativa ou tem papel ativo no aprender?

Entendo que a noção de autonomia no aprender implica em ser ativo, pois há que ter ação para buscar conhecimento. Não dependendo somente do professor.

Nadia tem razão. E o chat do dia 13 mostra os atravessamentos criados nos tempos de distanciamento e quando as tecnologias limitam e circunstanciam. Outras possibilidades.

Haruka Ikeda – 08:02 - Bom dia!

Luiza Reck – 08:03 - Bom dia. Estou mal da garganta, uma péssima novidade

Luiza Reck – 08:06 - Não consigo falar direito por causa da garganta

Lari Seadi – 08:13 - mandei o link no grupo do Whats. Não sei se era isso que tu queria. Dá pra colocar o link na descrição do grupo pra facilitar. Tem 32 no grupo incluindo vcs

Lari Seadi – 08:17 - não é mais fácil fechar e abrir de novo?

Fernanda Cougo – 08:18 - Bom dia!

Paulo Albuquerque – 08:27

Por isso que educação pode ser a estratégia para mudar as coisas, as pessoas e o mundo... mas a dificuldade está em encontrar a(s) estratégia(s) mais adequadas

uma educação (aproximação diferenciada) melhor leva a maior prosperidade, à melhoria da agricultura, a melhores resultados de saúde, a menos violência, a mais igualdade entre os sexos, a capitais sociais mais elevados e a um ambiente natural melhorado.

Mariana Martins – 08:32 - sem câmera pois tudo escuro aqui e sem voz pois nenê ainda dorme

Bruna Furtado Machado – 08:32 - Bom dia! ♥

Ricardo Gomes – 08:32 - bom dia Bruna

Paulo Albuquerque – 08:36

Fui buscar uma leitura antiga: a incapacidade para o diálogo é justamente a situação inicial a partir do qual a recuperação do diálogo se apresenta como o processo mesmo de cura [...]. O outro se encontra tão fixo das suas ideias que não sabe ouvir a linguagem dos outros, enquanto alimentar suas próprias ideias (Gadamer,)

Mariana Martins – 08:36 -faz sentido prof kkkk

Paulo Albuquerque – 08:37 - serve para compreender porque pensar o passageiro no governo e aqueles que não querem a vacina

Raissa MJunqueira – 08:37 - nojentoooo

Jeann Medeiros – 08:37 - Bom dia a todos e todas!

Lari Seadi – 08:37 - bom dia Jean

Raissa MJunqueira – 08:37 - bom dia

Paulo Albuquerque – 08:40

Não é a transmissão do sentido como tal, mas a abertura infinita da comunicação. Como sobreviver como humanidade se não pudermos aprender que não podemos simplesmente explorar os meios de poder das mídias, mas devemos aprender a parar e respeitar o outro como um outro, sujeito de direitos

Mariana Martins – 08:44

Acho que um dos primeiros absurdos q ouvi o palhaço falar foi sobre o "dei uma fraquejada e veio uma mulher". cara, só isso já era de se imaginar que ele em qualquer lugar que esteja seria cilada

Lari Seadi – 08:45 - sim

Paulo Albuquerque – 08:45

Por isso a solidariedade nos faz renunciar a certas coisas , em um certo momento, e atuar a serviço de um certo objetivo: pensar a educação para um outro tipo de sociedade e um outro tipo de pessoas

Lari Seadi – 08:45 - é absurdo atrás de absurdo

Se as palavras chave: diálogo, espaço de confiança e educação como política para mudança, tem outra finalidade porque a nossa cultura que valorizou sempre o afeto, o abraço, um beijo, o contato como forma de manifestação de cuidado e delicadeza, de atenção e bem querer, tudo isso, neste tempo se manifesta exatamente como: distanciamento, o mínimo toque, e no aprender a descobrir o sorriso no olhar, comum às mulheres árabes com seus véus encobrendo os rostos?

Antes se costumava dizer: como é que elas conseguem viver trancadas, sempre com o véu, somente com os olhos de fora? Como é que alguém sabe o que elas estão sentindo pelos olhos?

Esses códigos nós estamos aprendendo quase que de forma inconsciente. Agora o pensar essa relação com os outros, na presença da máscara no cotidiano se assemelha aos véus que as mulheres árabes usara usam ainda. Há diferenças ou não? No Afeganistão elas estão sendo obrigadas, por questões de posições políticas, que vem acompanhadas de uma exclusão de participação, enquanto aqui, por enquanto, o uso da máscara ou não uso da vacina justifica posições.

E, o curioso é que a proporção de mulheres no legislativo afegão é maior do que a presença feminina nos organismos legislativos brasileiros.

Ou, a exclusão e negacionismo como máscaras sociais são muitas vezes formas de esconder ou mostrar algo que precisa ser decodificado.

As aulas não estão gravadas... Não, porque não é só uma aula expositiva... A aula tem sentido no acontecer/desacontecer e quando gravada, pode ser mais difícil para quem fala e expõe de si ou para quem não quer se expor. Assim, nem penses que é só tua

palavra e mais nenhuma outra é certa. Pois, aqui não há só os ponderados ou os que não tem rival no pensamento e mesmo nas palavras. Aqui a ideia é: Não há vergonha alguma, pois é sábio aprender cada vez mais, sem presunções...

Afirmou o Professor Paulo.

Mariana Martins – 09:04 - prof, passa pra nós no grupo o vídeo se pudeses
achei bem bonito

Davison Godoy Dutra – 09:04 - Bom dia!

Raissa MJunqueira – 09:05 - já ta no grupo o vídeo

Mariana Martins – 09:05 - ahhh sim, já ta aqui

Ricardo Gomes – 09:11 - <<https://www.youtube.com/watch?v=ZFArkc5Cu2k>>

Ricardo Gomes – 09:23 - pra quem ficou curioso

<<https://jumpercursos.com.br/>>

Jeann Medeiros – 09:29 - Mérito não existe hehehehe

Fabiola Carvalho Valim – 09:34 - O sinal aqui (Lami) ta péssimo, caindo conexão a todo momento :(

Mariana Martins – 09:34 - eu tava falando no microfone mas acho que não tava dando pra ouvir

Bruna Furtado Machado – 09:36

To na cama com o meu gato na minha cabeça, por isso não ligo a câmera kkkkk

Ricardo Gomes – 09:37 - As grades do condomínio são para trazer proteção

Mas também trazem a dúvida se é você que 'tá nessa prisão - O Rappa

Estas indagações abrem possibilidades. Não podem ser silenciadas.

O acesso ao que a Universidade tem sido capaz de produzir vai ser problematizado em outro texto, mas a urgência requer lembrar que na próxima semana ocorre o chamado

Salão UFRGS – “Conectando vidas, construindo conhecimentos”

<<https://www.ufrgs.br/salaoufrgs/>> com atividades de ensino; pesquisa, extensão, em variados níveis e abrangências.

Na FACED, por exemplo, temos o Projeto Geringonça que se dispõe a dialogar com nossa turma. Poderão estar junto entre 10 e 11h no dia 27 em nosso link.

A pluralidade de oportunidades deixa entrever autonomia. Ver a seguir no final do texto, a imagem. Andarilhagens.

Escolham onde e como.

A partilha é o requisito.

A construção para se sonhar juntas e, mais do que escolher a palavra, o respeito a outrem é o pressuposto.

Até breve,

Carmen e Paulo

PROJETO GERINGONÇA

PEDAGOGIAS DA DIFERENÇA. ECOLOGIAS DA VIDA:

Ouvir, brincar, partilhar, geringonçar



DIA 24 DE SETEMBRO (SEXTA-FEIRA)

Às 10 horas - Kauê Carvalho

Professor Waldorf Florianópolis - Lisboa

Educador Físico

Atua em uma Comunidade de Pedagogia Curativa e

Socioterapia - Serra da Estrela - Portugal

DIA 8 DE OUTUBRO (SEXTA-FEIRA)

ÀS 10 HORAS - Estela Bentancor e Mario Piñeiro

ANTIGOS MEMBROS DO LA MANCHA

Professores no Uruguai

Estela é professora de Artes Visuais

Mario é Educador Físico



DIA 22 DE OUTUBRO (SEXTA-FEIRA)

ÀS 10 horas - Aline Milena

Graduanda em Pedagogia pela UFRGS.

Pesquisadora no campo das Artes, Saúde e Educação.

Atua no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)

Link do evento: Google Meet

<https://meet.google.com/fed-zsmw-dku>

COM CERTIFICADO



Parte II Enfrentando preconceitos e as leituras de mundo

Diálogos e sentidos de educação

Dialogar. Os sentidos de educação, nas leituras e nas escolhas, promovem pensares.

Indagações acolhidas, curiosidades comentadas e reflexões conceituais compartilhadas.

Flashback do encontro síncrono 08.02.21

Carmen L B Machado
Paulo para Albuquerque

Diálogos entre mutar e mudar, memórias do educar e do fazer ciência Ou ... No acontecimento do encontro síncrono: a aula, a arte e a potência educativa.

No terceiro encontro síncrono das Turmas A e C vamos construindo e nos reconstruindo. Muitas tentativas. Várias co-criações. Vamos vivendo e escrevendo sobre o vivido. Como diz um poeta "cada encontro num canto encanta", ou enquadra.

Momento 1

As palavras que bordam os espaços. Os professores recebem textos e lêem. Mas, e os outros?

Como sempre nosso texto traz alguns movimentos: trata-se de uma leitura livre, seus propósitos não tem regras; tem uma limitação de tempo e de espaço (deriva do nosso encontro síncrono) e nos remete a um outro tempo (assíncrono) que é e não é a tradução do que foi falado/dito.

Por isso, partimos da ideia de que as falas/escritas do grupo nos ajudam a compreender diversos conceitos. Portanto, aquilo que é produzido por vocês é e da conta de um conhecimento de fundamental importância para o aparecimento e a valorização da escolha profissional – ser docente -.

Partindo desta hipótese, reconhecemos a existência de eixos de conhecimento que hoje disputam espaço nas concepções dos aprendizes de professores e outros profissionais da educação.

São eles: (1) o conhecimento transmitido, (2) o conhecimento construído e (3) o conhecimento tecido em rede(s).

Nós, aqui neste espaço, acreditamos ser correto afirmar que nossas práticas sociais e institucionais são informadas por nossos valores e crenças (valorizar a diferença, a diversidade, a singularidade para dar conta das desigualdades).

Longe de ser mero ornamento, os depoimentos que seguem precisam ser entendidos como uma operação cognitiva que tem uma natureza conceitual, pois ajudam a nossa compreensão / construção / ação / transformação de mundo.

Não se trata aqui, pois de fazer uma comparação disfarçada entre os diferentes depoimentos, mas de atentar para o fato de que as histórias individuais permitem a compreensão sobre as práticas sociais.

A seguir apresentamos algumas histórias / memórias que por serem individuais (para o leitor e para quem lê) podem dizer muito, pois trata-se de um texto cujo sentido remete a um contexto que serve de pretexto para que possamos nos situar não na especificidade da história pessoal, mas nas condições de possibilidades sociais que nos levam a escolher um fazer profissional.

Possibilidades aqui entendidas como um conjunto de modos de ser diferenciados e descontínuos, pelas questões de gênero, pelo lugar social e pela forma do discurso que dão à mesma opção profissional, significações diversas.

Não temos aqui a pretensão de analisar o pensamento das pessoas ou as escrituras apresentadas, mas, acreditamos poder afirmar que as relações da realidade social possam ser descritas. E mais, conhecê-las é fundamental para aquele que pretende ter a docência como fazer profissional.

Trata-se de uma via de mão dupla: conhecendo os outros, a gente também se conhece e re-conhece. **Por isso, vamos saindo do**

enquadramento proposto por Basil Bernstein⁹ para explicar educação, vamos transbordando e bordando os espaços com palavras.

Palavras trazidas das memórias influenciadas pelas tradições familiares do que é e como vivem os professores de outros tempos. Palavras trazidas da influência dos exemplos vivificados em situações, momentos que por vezes mostram o que queremos ou o que não queremos ser e fazer. Palavras que pretendem incluir a todes para que sejamos “Nenhum a menos”¹⁰. Por fim, mas não só, palavras que recolhidas de reflexivos diálogos, na esteira deixada por pensadores e pensadoras.

Entre os princípios filosóficos, as recordações experienciadas, as perguntas para as quais ainda não temos respostas, ou as que são impossíveis de responder. E aqui estão modelos do fazer ciência que, após 2020, desafiam nossos conhecimentos humanos, técnicos, científicos, cronológicos, processuais ou instantâneos.

Os nomes, ah, os nomes são como flores que trazem em si as sementes e também uma estética de boniteza e capacidade de recriar. Estão aleatoriamente substituindo os nomes na intenção de manter o sigilo de quem escreve suas lembranças e que, cada ser, quando julgar conveniente vai partilhar pessoalmente a autoria com colegas, ou não. Boa leitura.

⁹MORAIS, Ana Maria; NEVES, Isabel Pestana. A teoria de Basil Bernstein: Alguns aspectos fundamentais. *Revista Práxis Educativa*, 2 (2), 115-130 (2007). Disponível em <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=praxis>> ou <SITE2007_A_Teoria_de_Basil_Bernstein_vs02.PDF (ul.pt)>. Acesso em 5 de fevereiro de 2021.

¹⁰Título de filme sobre uma aprendiz de professora. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WWGj0gXzoD4>>.

Primeiro recorte: Influências, ou, da tradição familiar,

Magnólia - Decidi desde muito cedo que queria fazer pedagogia, fortemente influenciada e incentivada pela minha mãe (professora municipal de Porto Alegre). Porém, na escola sempre que me perguntavam que profissão eu iria seguir, surgia aquele tom debochado e comentários como “Vai passar fome”, “Vai passar trabalho” e “Coitada”. Esses comentários vinham muitas vezes dos meus próprios professores. A opinião alheia nunca me desmotivou, diferente disso, me fortaleceu. É com muito orgulho que escolho fazer pedagogia, nada é mais gratificante do que o olhar de uma criança que está se desenvolvendo e desenvolvendo o mundo. “Se de um lado, a educação não é a alavanca das transformações sociais, de outro, estas não se fazem sem ela”. Paulo Freire

Rosa - Minha avó, hoje com 87 anos, foi professora por mais de 40 anos, passei minha infância toda admirando a profissão dela e vendo inúmeros ex alunos dela indo visita-lá e agradecendo por tudo que foi ensinado por ela e por todo apoio e incentivo que ela dava. Tentei até ir para o Direito mas com o tempo vi que o que eu queria mesmo era ser professora.

Hortênsia - Minha família é formada basicamente por professoras. Meus avos paternos foram professores até o final da vida. Minha mãe e mais três tias são professoras sendo que minha mãe e minha tia tiveram escola infantil. Eu sempre jurei que nunca iria trabalhar com educação por ver tanta desvalorização, como via na família. Apesar disso, sempre amei estar dentro da escola, vendo o processo das crianças de aprendizagem e sempre amei crianças em geral. Acabando o ensino médio, entrei pro cursinho, jurando que seria médica. Entraria na medicina e cuidaria das crianças diabéticas (isso porquê também tenho diabetes). Fiquei 2 anos estudando e batendo na trave. Paralelo ao cursinho, eu trabalhava de babá e ajudava minha mãe nas aulas particulares para crianças em situação de vulnerabilidade, do bairro Restinga. Até que reprovei no 3º vestibular e parece que tudo começou a fazer mais sentido. A minha vontade sempre foi e é acompanhar a evolução e ensinar, estar junto com as crianças. O processo da criança de começar a comer e aprender cada coisinha ao seu redor me fascina.

Flor de Lótus - Quando criança sempre gostei de brincar de professora com a minha irmã pois foi brincando de sala de aula com a minha mãe que eu aprendi a ler e escrever aos 4 anos. Quando maior, com mais ou menos 13 anos, no final do ensino fundamental, eu era muito próxima às professoras de anos iniciais da escola onde estudava então minha professora de educação física, me liberava das aulas de vôlei por saber que eu não gostava de jogar para ir até as salas dos primeiros anos e passar períodos ajudando as profs em suas aulas. No fim do ensino médio me dei conta que eu na verdade nunca quis fazer o curso que sempre tive em mente, então foi aí que minha mãe sugeriu a pedagogia e eu entrei no magistério (aproveitamento de estudo) quando me formei no ensino médio. Me apaixonei já no primeiro semestre e decidi que iria querer isso para minha vida.

Cravínia - [...] o motivo da escolha do curso de Pedagogia foi meu pai. Eu não pretendia fazer o vestibular da UFRGS pois não tinha estudado o suficiente e pedagogia era minha segunda opção de graduação. No entanto, um dia estávamos conversando sobre vestibular e ele pediu que eu fizesse a UFRGS pois o sonho dele era me ver cursando a faculdade (principalmente a UFRGS). Então ele disse pra eu tentar minha segunda opção de curso, já que eu achava que não conseguiria passar na primeira opção. Eu sempre gostei muito de me envolver com crianças, e acho maravilhoso o fato de poder ensinar as pessoas, e junto com elas, aprender coisas novas. Então cá estou eu, futura pedagoga!

Flor da glória - Eu não tenho uma memória específica mas tenho toda uma construção dessa minha vontade de ser Pedagoga. Em grande parte da minha infância eu tive contato com muitos dos meus tios, ao todo são 07 e 05 deles trabalham em alguma área da Educação, desde pedagogas, a professoras de física, professor de universidade federal, e eu sempre admirei muito isso, em todas as festas e aniversários eu sempre ficava brincando e entretendo as crianças e todos sempre diziam que eu tinha muito jeito e vocação para isso, e essa ideia foi crescendo cada vez mais na minha cabeça. Em 2019, quando eu fui me inscrever para o vestibular da UFRGS eu estava em dúvida de fazer fisioterapia ou pedagogia e eu resolvi seguir o meu coração e intuição e fazer

pedagogia, e hoje com o começo do curso estou me sentindo realizada e muito feliz.

Floriano - Então, quando eu estava sendo alfabetizada eu passava as tardes na casa dos meus avós. Na casa deles trabalhava uma senhora muito querida por todos que era analfabeta funcional, eu desde pequena gostava de ensinar as matérias que eu tinha aprendido para ela como forma de diversão. Todos na casa adoravam aquela rotina, até que um dia minha avó me comprou um quadro e eu fiquei completamente realizada, me instigando a gostar cada vez mais de ensinar e admirar essa profissão. Desde então eu sempre tive o desejo de ser professora. Ver que mesmo eu sabendo tão pouco e sendo pequena já consegui ajudar ela a aprender algumas coisas já me deixava extremamente grata.

Segundo recorte: Experiência – vivência, aprendendo com os exemplos.

Flora - No ensino médio eu me envolvi em uma relação extremamente conturbada, que me fez desenvolver ansiedade e depressão. Eu não conseguia ficar na escola, acompanhar as aulas, muito menos estudar em casa, e conseqüentemente meu desempenho escolar se tornou péssimo. Eu morava em uma cidade pequena, onde todo mundo se conhece e a reputação importa mais do que deveria, e a reputação da minha escola era tão importante que a diretora disse aos meus pais que se eu não melhorasse, ia ter que sair de lá. Eu não recebi o apoio que eu precisava da escola, nem por parte dos professores nem por parte da diretoria. E eu sei que assim como eu, existem muitos jovens que passam por isso, e passam sozinhos. A escola não é somente um lugar para aprender matemática e português, é um lugar de formação do ser humano. Nós passamos anos na escola, e como eles esperam que nos tornemos pessoas boas e “bem-sucedidas” se eles não nos ajudam a fazer isso? Lá é o nosso lugar de referência para a vida. Quero fazer pedagogia para fazer diferente de como foi comigo, por que eu tenho certeza que a ajuda deles teria mudado muita coisa.

Florinda - Enquanto criança eu sempre gostei de brincar de professora, apesar de nunca ter pensado a profissão enquanto recebia minhas primeiras formações na vida. Apesar disso, sempre tive diversas experiências de professores que me chamaram muito atenção e me passaram muitas mensagens, por pontos negativos ou positivos. Mas eu sempre gostei muito de crianças, quando terminei o ensino médio fui fazer magistério, a partir da vivência e da prática me apaixonei pela pedagogia. Posso dizer então, que os meus pontos positivos foram as próprias práticas, aprender na prática, vivenciar na prática, descobrir os pequenos prazeres de ser um educador e decidir entrar de corpo e alma nessa carreira.

Lótus - Apesar de ter demorado pra decidir cursar a Pedagogia, sempre fui uma “pedagoga” e acredito que tudo começou na infância. Quando eu era pequena, sempre que podia, dava um jeito de aparecer uma criança pra cuidar nas minhas brincadeiras, podia ser filhos, irmãos ou ainda alguma criança perdida; fui crescendo e mesmo tendo amigos da minha idade, gostava de andar com as crianças mais novas e ser um exemplo pra elas. As crianças dos vizinhos viviam me chamando pra brincar, era só alguém chegar que já vinham perguntando onde eu estava e se eu podia ficar brincando na rua, logo os pais começaram a dizer "vou ali no super, fica com ela 15 minutinhos?" e depois, "meia hora", "uma hora", "uma noite"... Quando eu vi, estava trabalhando remunerada de babá durante toda semana. Sempre me preocupei com as crianças nas ruas, sem comida e sem moradia, pedia pra minha mãe pra levar uma pra casa, mas nunca funcionou; visitei várias creches públicas e me doía ter que ir embora e não poder levar os pequenos comigo; fui monitora de ciências na minha escola e também trabalhei com festas de bebê. A minha decisão é composta não por uma, mas por todas essas memórias e crianças que já passaram por mim e ainda vão passar.

Jacinto - Vim trazer uma memória que tenha me influenciado na escolha do curso. Creio que o que mais me faz querer cursar a pedagogia é todas as experiências negativas que eu tive em outras áreas, por exemplo, fiz SENAI por 2 anos em Eletrônico industrial, esse curso foi um divisor de águas na minha vida, tendo a certeza do que eu não gostaria de seguir carreira.

Trabalhei 3 meses em uma empresa metalúrgica, novamente tendo a certeza do ambiente que eu não gostaria de passar a maior parte do meu tempo trabalhando. Pela questão da profissão de professor ser sempre muito criticada pela questão do salário, acabei deixando de lado a ideia de fazer uma faculdade relacionada a isso, porém, anos se passaram e ao fim percebi que o ambiente escolar era um dos únicos lugares que eu adoraria trabalhar, tendo crianças, muitas pessoas para conversar, muita psicologia envolvida (algo que eu gosto bastante).

Jasmim - Desde muito nova, a brincadeira que sempre acabava sendo escolhida era a de "escolinha". A "professora" até podia ser outra pessoa, mas isso não durava muito tempo, logo eu já estava na frente do quadro ensinando a "tal professora" como ela deveria ensinar. Com o passar do tempo, confesso que a escola se tornou um pouco cansativa e não muito atrativa, mas seguia observando a facilidade que eu conseguia ter em estudar e aprender algumas matérias mais do que as outras. E quando parava pra pensar no porquê, o professor e como suas aulas eram lecionadas sempre vinham a mente. Deixo aqui uma pergunta - Será que, só porque alguém sabe muito de um assunto, ele vai saber como ensiná-lo?" Assim como todo o ensino médio, a semana de provas do meu colégio era igual à todas: desesperadora. Porém, em um dia qualquer, marquei de ajudar uma amiga estudar para uma matéria na qual eu tinha mais facilidade, e ao fim daquela tarde, escutei a frase que desde então me deixa muito feliz: "Adoro a maneira como tu ensina as coisas, faz parecer tudo tão fácil, muito mais simples!" Desse dia em diante, não tenho somente um momento marcante o qual me fez ver a pedagogia com outros olhos. Mas sim, toda a vez em que eu posso ajudar alguém somente ensinando-o algo para ele(a), me faz querer muito exercer essa profissão!

Rosa - Uma memória positiva que influenciou na escolha do meu curso, é uma pessoa, na verdade, minha orientadora educacional do sétimo ano. Ela era muito acolhedora na função e muito objetiva na resolução de conflitos. Foi a primeira vez que considerei a profissão docente. Depois comecei a me envolver mais com o colégio, com meus professores e atividades

extracurriculares, o que só fez eu me apaixonar ainda mais com o ambiente escolar e enxergar o que deve ser mudado em tal.

Dália - Durante meu período escolar tive diversas experiências que me marcaram profundamente, dentre elas a dificuldade que eu tinha em conseguir focar e me adaptar a atividades de certas matérias, o que fez com que eu criasse muitos bloqueios em sala de aula, principalmente com a matemática. Por eu não conseguir me identificar dentro do espaço de sala de aula, o aprendizado da matemática pra mim foi uma grande angústia que por vezes não eram entendidas pelos professores que me acompanhavam. A partir disso, eu comecei a me interessar em descobrir se era apenas daquela maneira que estava sendo ensinada que eu conseguiria aprender, descobri que não (ainda bem). Escolhi a pedagogia pela vontade de ensinar de forma singular, não tornando o aprendizado algo genérico para que todos aprendam da mesma forma. Espero que eu consiga criar esse caminho com muita sabedoria e com capacidade de desenvolver muito aprendizado.

Margarida - Sempre fui encantada por crianças, adorava ir pra creche e ficar brincando com as crianças mais novas que eu e sempre tive muita admiração por todos os meus professores, desde a educação infantil até o ensino médio. Mas, no meio do meu ensino médio passei por duas situações negativas que me marcaram muito: uma professora de matemática que simplesmente não ajudava os alunos que estavam abaixo da média e uma professora de química que disse para a minha mãe que eu nunca conseguiria passar em uma universidade federal. Esses dois momentos me fizeram refletir muito sobre a educação no Brasil (tema que já me interessava) e sobre o tipo de impacto que eu queria ter na vida das pessoas caso resolvesse mesmo trabalhar como educadora. Esse pequeno "trauma" me fez valorizar muito mais os professores e coordenadores do meu colégio que sempre se esforçaram para auxiliar e ajudar na evolução dos seus alunos e tomei como objetivo pessoal estudar sobre o sistema educacional para entender seus defeitos e qualidades e de alguma maneira tentar evitar que a escola seja um lugar de vivências negativas.

Rose - A situação que me marcou e que aqui gostaria de relatar não foi um momento em específico, mas sim um período da minha vida escolar. Ao sair do Ensino Fundamental eu, por diversas razões, optei por cursar o Ensino Médio em uma modalidade integrada a um curso técnico de design de interiores, por isso durante minha formação tive contato com professores com as mais diversas bagagens acadêmicas e profissionais. Já no terceiro e penúltimo ano de curso passei a ter aulas de História da Arte e Mobiliário, Técnicas de Restauro e Criação e Seminário Integrado com uma única professora. Eu estava bastante ansiosa para cursar essas disciplinas, pois eram assuntos que na época muito me interessavam, no entanto, com o passar do tempo tamanha foi a minha frustração ao perceber que mesmo que a professora fosse tecnicamente qualificada, e de fato ela possuía grande saber teórico, lhe faltava habilidade para repassar todo aquele conhecimento que ela havia adquirido em seus anos de formação, mas principalmente nela havia uma incapacidade de se conectar aos alunos e seus anseios e questionamentos apresentados durante as aulas. Para mim, que sempre me imaginei trabalhando com educação, esse cenário foi a confirmação de um questionamento interno que há muito já existia. Obviamente que para ensinar é necessário certo grau de saber técnico, todavia, isso não lhe garante de forma alguma que você será um professor competente, pois proporcionar um bom processo pedagógico passa, inevitavelmente, por se conectar com os alunos, compreender o ambiente em que se está inserido e se mostrar disponível a também aprender durante todo esse percurso. Ali eu entendi que a minha formação enquanto profissional da educação demandaria muito mais esforço, questionamento e autocrítica do que eu achava necessário até então.

Violeta - Eu sou acadêmica de letras e, logo no início do curso, fui chamada para um estágio em inclusão, na prefeitura de Gravataí. Nunca tinha estado em sala de aula e não tinha nenhuma experiência com autistas, mas foi uma grata surpresa trabalhar com eles. E foi a partir dali que eu resolvi entrar na pedagogia, eu via a forma com que a professora tratava os alunos, alunos esses do segundo ano e ainda em fase de alfabetização. Ela não tinha nenhum tato para tratar com aquelas crianças, ela não levava em consideração o contexto social delas, a escola ficava em uma comunidade muito pobre e

completamente invadida pelo tráfico. E eu, mesmo sendo apenas uma monitora, eu queria fazer alguma coisa para mudar aquilo, mesmo não sendo a minha área, eu percebia que não era daquela forma que ela conseguiria alcançar o objetivo de alfabetizar aquelas crianças. Foi então, que no fim daquele ano eu resolvi fazer o Enem e tentar entrar em pedagogia, sabia que, só assim, eu conseguiria mudar alguma coisa.

Amapola - Abaixo mando uma história que foi marcante para a minha escolha de pedagogia, assim como foi requisitado na aula, na verdade, mando sobre o momento que descobri que adorava ensinar. No terceiro ano do fundamental eu não era tão segura com as coisas que eu sabia, até que, em uma aula, minha professora pediu para alguns alunos ensinarem matérias que ela considerava que eles tinham facilidade para os colegas que tinham dificuldade naquilo. Fui escolhida para ensinar matemática para um grupo. Lembro até hoje que expliquei para um amigo como se fazia subtração e que ele entendeu, lembro de como expliquei, eu me senti segura comigo, além de ter adorado ensinar. Este momento foi marcante, após ele eu entendi que minha admiração pelos meus professores não era só porque eles eram bons, mas porque eu gostaria de estar fazendo a mesma coisa que eles.

Terceiro recorte: Educar é incluir na sociedade – letrada ou não

Acácia - Desde pequena a ideia de dar aula sempre foi algo muito incrível pra mim, a possibilidade de transmitir um conhecimento e ajudar na formação de novos cidadãos que fariam parte do futuro. Mas foi no meu segundo ano do ensino médio que ficou claro que eu tinha uma missão, de ajudar os alunos com necessidades especiais a ter o mesmo direito de aprender tanto quanto aqueles que não tinham nenhuma deficiência. Percebi isto quando estava trabalhando de auxiliar de turma na escola em que eu estudava, e notei que a aluna na qual ajudava, que tinha síndrome de down, não conseguia acompanhar a turma, não evoluiu e a escola não fazia muita coisa para mudar essa situação. Além desse caso, houve outro parecido onde eu precisei ajudar a minha vizinha que é autista e sua mãe já é idosa; ambas não tinham acesso a tecnologia adequada para realizar as atividades online que a educação a distância (devido a pandemia) exigia. Assim notei mais um problema que atinge

muitas pessoas: A desigualdade e a falta de apoio por parte do Estado. Dito isso, encerro com o meu objetivo dentro da educação: Lutar de todas as maneiras para que todas as crianças que apresentam alguma deficiência ou distúrbio de aprendizagem, consigam aprender e se desenvolver como cidadãos ativos na sociedade.

Alecrim - O escritor Rubem Alves em sua obra “A alegria de ensinar” afirma “Se os professores entrassem nos mundos que existem na distração dos seus alunos, eles ensinariam melhor. Tornar-se-iam companheiros de sonho e invenção... Por isso os educadores, antes de serem especialistas do saber, deveriam ser especialistas em amor: Intérpretes de sonhos”. Minha escolha pela pedagogia permeia memórias positivas de experiências com professores que, mais do que transmitir o conteúdo da disciplina, enxergavam cada aluno como um indivíduo único, dotado de suas particularidades e sonhos. Uma das memórias mais nítidas que tenho é da minha professora do terceiro ano do ensino fundamental, uma educadora sensível que com muita paciência e sensibilidade me auxiliava em minhas dificuldades matemáticas. Entretanto, minha escolha pela pedagogia também passa por memórias negativas que guardo comigo em relação à escola. Olhando para minha trajetória escolar, percebo que em muitas vezes a “decoreba” roubou o lugar do aprender, e que por muito me preocupar com tirar notas satisfatórias nas provas acabei me preocupando mais em memorizar conteúdos para reproduzi-los em um papel do que de fato compreendê-los, e vi o mesmo se repetindo com muitos de meus colegas. Nesse sentido, minha escolha pela pedagogia passa pelo desejo de tornar a educação algo que efetivamente leve os alunos a uma compreensão da realidade e não apenas forme pessoas treinadas a reproduzir conteúdos de maneira alienada, sem a mínima compreensão. Em suma, meu desejo por tornar-me uma educadora baseia-se em um misto de inconformidade com o modelo de educação vigente e a inspiração que carrego de educadores que, mesmo em meio a tanta desvalorização, fizeram a diferença em minha vida.

Camélia - Eu sempre quis ser professora, desde pequena, porém ao ir crescendo algumas dúvidas sobre qual curso foram surgindo. A indecisão

sempre foi entre a pedagogia e a letras. No início/meio do meu terceiro ano, se fez necessário ir às ruas lutar contra os cortes que estavam sendo feitos na educação. Então eu fui, junto a um grande grupo de colegas e também professores. Durante o protesto conversei muito com um professor, questionamos e criticamos essa realidade que estava por vir com esse desgoverno. E essa troca foi um dos momentos que me fez perceber que eu não precisava escolher entre os dois cursos que são bem próximos, já que ambos estão dentro da educação e que me permitiriam passar por diferentes salas de aulas, mas cumprindo um mesmo objetivo. Depois desse episódio, pude entender melhor que a sala de aula vai muito além do espaço físico, do conteúdo, e pude compreender que a educação se trata de ensinar a pensar, a lutar por aquilo que se acredita e, principalmente, aceitar que nós estamos em construção e desconstrução constantemente. Hoje, tenho como planos fazer a pedagogia e logo após começar o curso de letras. Quero também fazer mestrado em educação, mas vou deixar a vida me guiar um pouco antes de planejar tudo.

Beladona - A escola sempre teve um grande papel na minha vida, lembro que comecei a estudar aos 7 anos, logo na primeira série, direto. E olha, eu amava estudar, amava ir para a escola, para aprender, para fazer amigos, para brincar.. Eu era um dos melhores da minha turma, sempre terminava minhas lições cedo, e adorava ajudar meus colegas que tinham alguma dificuldade. Nos trabalhos em grupo, perdia horas fazendo tudo da melhor forma possível. E sabe qual era meu castigo quando não me comportava em casa? Faltar um dia de aula. Algo que era um alívio para muitos, era algo que me deixava triste e me fazia chorar, juro! Minha mãe sabia o quanto eu amava a escola, e por esse motivo me prendia em casa HAHHAHA. Lembro de um dia que cheguei um atrasado, e por esse motivo o portão já estava fechado, comecei a chorar muito, até que um monitor me viu chorando e me deixou entrar. Lembro de quando eu estava na 3ª série foi até pensado em me pular para a 4ª, mas acharam melhor não pois talvez eu não conseguisse me adaptar. Entre esses dois anos eu acabei mudando de cidade, fui morar em Viamão, e é aí que minhas memórias ruins começam. Eu sempre fui uma criança afeminada, claro que na época eu não entendia os olhares e comentários maldosos, mas hoje

em dia, com 21 anos, consigo ver. Eu amava bonecas, mas também amava carrinhos, eu amava rosa, mas também amava azul, eu gostava de jogar futebol, mas também gostava de vôlei e queimada, eu era apenas uma criança, era meu jeito de ser.. Aparentemente isso era um problema para algumas crianças e adultos em minha volta. Então eu comecei a sofrer o bullying, que na verdade, já me acompanhava tinha um tempo, mas a gente vai crescendo e percebendo as coisas, né? Eu não entendia o motivo de ser diferente, nem entendia o motivo de ser feito por chacota dentro da sala de aula, com alguns professores fechando os olhos para isso. Foi aí que eu reprovei a 5ª série, foi um momento bem ruim, mas no ano seguinte, mesmo sem ninguém ao meu lado, consegui ser aprovado. Então eu cheguei a 6ª série, e as coisas pioraram, pedi para minha mãe para me trocar de escola mas ela pouco ligou, então em agosto eu já não aparecia mais na escola, pra minha família era preguiça, pra outros era bobeira, e eu fiquei um ano escolar trancado em casa, tentando me entender e me aceitar. Fiz mais o 6º ano nessa escola e no 7º ano fui para outra, lá, decidi ser quem eu era, fiz amizades com pessoas que estão comigo até hoje, e eu sou muito grato por ter elas na minha vida. Era uma escola municipal, então eu só tinha o 7º, o 8º, e o 9º ano nessa escola, durante esse período passei por alguns professores preconceituosos, um deles, debochava de mim e quando minha mãe ia até a escola, dizia que ela ainda ia se chocar comigo. Não me importava tanto igual antes pois tinha meus amigos, mas ainda doía escutar isso de um adulto que eu admirava. Mas claro, também tive professores bons, sempre gostei de biologia e inglês, então todas as professoras dessas matérias sempre foram incríveis comigo. Cheguei no ensino médio, sempre sendo 2 anos mais velho que meus colegas, o repetente, eu me achava burro, me botava pra baixo e não acreditava que era merecedor de nada, mas eu não queria desistir, um lado de mim acreditava que eu poderia chegar longe. Então em 2019, enquanto eu ainda estava no 3º ano do médio, eu fiz o ENEM. Sem pretensão nenhuma, e apesar das minhas limitações, tirei uma nota boa e foi aí que eu pensei em tentar a pedagogia, já que eu e a educação temos uma história tão interessante, por que não? Sempre gostei de ajudar todos meus colegas, minha brincadeira favorita quando menor era ser professor, e eu sei que não vou mudar todo um sistema, mas se eu conseguir ajudar algumas crianças, crianças iguais a mim, vou ser

muito feliz. Claro, ainda tenho dúvidas se sou merecedor de estar aqui, tenho baixa autoestima e me pergunto se meu lugar é em uma faculdade no meio de tantas pessoas incríveis, mas ainda tenho aquele lado meu acredita em mim, então sigo aqui, dando o máximo de mim.

Bela-flor - Quando me questiono porquê decidi cursar pedagogia sempre lembro de uma disciplina que fiz no curso de Bacharel em Políticas Públicas. A disciplina de “Sociologia da Educação” que despertou em mim mais que o interesse em pesquisar sobre a área, mas trouxe a vontade de lecionar. O professor que ministrava as aulas falava com muito conhecimento, mas sobretudo, sensibilidade sobre o assunto. Esse amor e esperança que ele demonstrava ter pela educação me impulsionou a pensar sobre a possibilidade de trocar de curso. Por diferentes motivos decidi dar continuidade a graduação que já cursava, a ideia de troca foi ficando de lado, me formei, e três anos depois surgiu o desejo de me especializar, iniciei a Especialização em Educação Infantil na Unisinos e assim aquele professor de anos atrás voltou a mente e o desejo de ingressar na área ressurgiu. Escolhi a pedagogia e não outra licenciatura específica, pois penso que atuar com crianças é um privilégio, seres que estão iniciando sua formação, se desenvolvendo... e fazer parte desse processo será mágico. Além disso, a pedagogia nos proporciona a oportunidade de atuar com a educação social que é outro campo que alimenta a confiança na educação como ferramenta de transformação.

Amarilis - Tenho um priminho de 6 anos com síndrome de down, desde que ele nasceu acompanho o ensino dele e percebo que não é tão simples, e que precisa envolver muito amor para lidar, vindo tanto da família quanto do educador. Sabemos infelizmente que não são todos que tem esse amor e essa paciência para lidar com criança especial, e isso me fez ter vontade de entrar nesse meio. Também tenho outras 3 crianças na família, uma delas minha irmãzinha, e a ingenuidade da criança me faz acreditar que com um bom ensinamento, eles têm muito potencial para mudar o futuro. ...

Quarto recorte: Reflexões emergentes do diálogo

Açucena - A minha decisão de cursar pedagogia não se constituiu por um momento em específico, mas sim de diversas reflexões e análises a respeito da nossa educação e do quão importante é esse elemento na constituição do indivíduo. Ao longo de toda jornada escolar criamos vínculos que marcam e impactam as pessoas que somos hoje. Tive a oportunidade de passar pelos ensinamentos de professores incríveis que com certeza têm uma parcela de influência na minha escolha. Outro ponto que motivou a possibilidade de formação na pedagogia, é a vontade de levar a educação às pessoas que não tiveram oportunidade de concluir os estudos básicos “no tempo adequado”, fazendo com que o aprendizado seja encantador e prazeroso (ou, pelo menos, tentando).

Adelfa - Em uma aula de Educação Física, o professor da disciplina - Ricardo - veio na nossa sala do terceiro ano conversar com a nossa turma. Não lembro exatamente qual era o assunto, mas creio que ele estava dialogando conosco a respeito da gincana. Em um certo momento, o Ricardo começou a falar sobre a educação e o trabalho do professor. Nisso, ele perguntou para a turma quem de nós, 34 alunos, iria ser professor. Como eu sabia que só eu queria e não queria chamar atenção, levantei o braço em uma altura baixa. Então, ele chegou no meu lado, pegou o meu braço, colocou bem pra cima e disse que era pra ter muito orgulho dessa profissão. Acho que no fundo, por mais que eu ame a profissão, tinha um pouco de vergonha, já que é tão desvalorizado e profissionais ganham tão pouco, além de que via os meus colegas escolhendo profissões tão reconhecidas como medicina e direito. Mas depois dessa aula, sempre que me perguntam “o que tu vai ser?” Respondo com muita alegria: "Vou ser professora!".

Crisanto - Ao finalizar uma das entrevistas da minha dissertação de mestrado em administração, o respondente me disse: "[...], não existe sustentabilidade sem educação". Foram 2h10 de entrevista, mas esta frase me marcou e me fez refletir sobre entrar para Pedagogia.

Gardênia - Desde cedo, observei que a educação é uma ferramenta de transformação e como sempre nutri um grande sentimento de transformar a

realidade social, decidi me dedicar à educação, para mim a pedagogia é um dos caminhos onde acredito que irei conseguir contribuir para construção de um mundo melhor. A primeira vez que me recordo em ter esse "despertar de consciência" foi no ensino fundamental. Eu fazia parte de um projeto social no Instituto Ronaldinho Gaúcho, era um projeto não governamental que atendia crianças e adolescentes de 5 à 15 anos de idade, matriculados na rede de ensino municipal de Porto Alegre. Eu tinha entre 12 e 13 anos de idade quando participava das oficinas do Instituto, conheci crianças em uma situação de vulnerabilidade social maior do que a minha, fui me aproximando delas auxiliando minhas professoras no cuidado. Foi um menino de 5 e outro de 9 anos que me fizeram despertar para essa ideia de que "o afeto educa", e que são duas coisas incríveis. De lá para cá, a ideia de seguir na educação se manteve e hoje estou neste curso. Quero seguir uma carreira onde eu possa contribuir para a formação do sujeito, é uma das formas de ressignificar a minha vida.

Genciana - A escola sempre foi de extrema importância na minha vida e de meus familiares e acredito que de certa forma toda a minha vida escolar é responsável pela escolha de iniciar o curso de pedagogia, eu só demorei um pouco para amadurecer a ideia. Entrei para a escola aos 4 anos e desde então a escola e a vida pessoal da minha família está interligada, nessa primeira escola tenho poucas memórias pois era muito jovem. Lembro-me de ver minha mãe em aulas de artesanato durante o horário de brincar no parquinho e dela iniciando as vendas de guardanapos e toalhas pintadas e bordadas depois disto. Eu e minha mãe criamos vínculos muito fortes com minhas professoras tanto do pré A quanto do pré B, minha irmã foi baba da filha da minha primeira professora por anos e minha professora do pré B, a dona Vera, era vizinha e mantivemos contato, na minha formatura de jornalismo em 2017 lá estava ela orgulhosa e ainda me chamando de "Ripilica".

Na segunda série do fundamental precisei mudar de escola pois meu avô ficou acamado e a escola dobrando a esquina de casa era a única opção viável para meus pais. Os vínculos afetivos com os professores e funcionários da escola também eram muito fortes, várias vezes passei mal na escola e a monitora do pátio me levou para casa pois minha mãe não podia deixar meu avô sozinho.

Foi nessa escola que comecei a desenvolver a noção de coletividade, após muito insistir conseguimos que o grupo mirim do CTG da escola fosse criado. Mas havia um problema: a maioria das famílias não tinham condições financeiras para os custos das roupas e viagens para apresentações. Então começamos a fazer rifas, e uma ou duas vezes por semana uma das mães do grupo saía com as crianças coletando garrafas pet e latas de alumínio pela rua e com o dinheiro arrecadado com a venda de recicláveis e rifas conseguimos roupas para todos! Foi também no ensino fundamental que comecei a desenvolver uma ansiedade fora do comum com as tarefas a serem apresentadas a toda turma, muitas vezes mentia que não havia feito a tarefa ou levado o caderno para aula por medo da resposta estar errada. No ensino médio fui para uma nova escola que possuía uma fama muito ruim de frequentemente haver brigas entre gangues armadas e a polícia ir resolver, mas no ano que estudei lá não aconteceu e o problema maior foi a falta de estrutura. Nesta época comecei a perceber e me importar com o descaso com a educação pública! Faltava materiais na escola e os professores muitas vezes compravam do próprio salário para conseguir dar aulas, não havia cortinas nas salas nem ventiladores o que tornava a sala de aula péssima no verão, não havia livros didáticos para todos os alunos, e naquele ano não tinha professor de história e de sociologia por dois trimestres, quando finalmente conseguiram enviar professores para a escola não havia como recuperar o conteúdo perdido. Nos outros dois anos do ensino médio voltei a minha primeira escola, tinha mais estrutura, participei de projetos extracurriculares como o jornal da escola, e o cursinho pré vestibular oferecido em turno inverso. Foi durante a primeira graduação, em jornalismo, que tive mais experiências negativas em sala de aula, mas também percebi que gostaria de trabalhar na área da educação. Foram muitas as discussões com professores insensíveis a situações de alunos de baixa renda na universidade, aos que trabalhavam além de estudar, e que não tinham uma bagagem de informações sobre o funcionamento de uma universidade ao ingressar no curso! Faltando pouco mais de um ano para finalizar o curso, iniciei um estágio na assessoria de comunicação da universidade, foi lá que comecei a pensar mais a respeito da educação e da importância dela nas comunidades mais carentes. Primeiro pensei em trabalhar com a comunicação de instituições de ensino, depois,

comecei a participar de algumas feiras com o projeto de socialização da leitura do curso de Letras da FURG em que minha sogra faz parte, e conversando com os participantes e trocando experiências dentro daquele projeto, comecei a pensar na docência em educação infantil como uma opção para mim e fui amadurecendo a ideia. Hoje ingressei na graduação em pedagogia com um objetivo claro: defender e fazer o meu melhor para uma educação pública de qualidade, com foco em bairros periféricos, pois vivi e sei a importância que a escola possui na vida das famílias dessas comunidades.

Orquídea - Uma das coisas que tive muita dificuldade na escola foi a interpretação de texto, sempre muito envergonhada em tirar minhas dúvidas e me acharem boba ou burra, não perguntava nada em sala de aula. Saí do ensino médio, na cidade em que morava, que se chama Tapes, e vim para Porto Alegre tentar entrar na universidade. Ingressei em um cursinho popular e lá tive professores que me mostraram como a didática do ensino faz a diferença na vida das pessoas, aprendi a gostar do aprender de uma maneira que ainda não sabia ser possível. Depois disso, passei a ver a educação de um outro jeito, ainda imaturo, mas me despertou um interesse que fez mudar minha visão sobre onde eu realmente quero estar inserida.

Lírio - Eu sonho na possibilidade de ser professor desde os meus 12 anos de idade. Quando muito pequeno, via a utopia de que um professor era a máxima como suporte da sociedade e era o que eu queria, ser uma pessoa que ajudaria as outras e inspiraria elas. Tive muitas experiências positivas pra me espelhar e muitas negativas para me espelhar também, mas de como não fazer as coisas. Mas, incrivelmente, o gatilho mais forte pra eu ter decidido me tornar professor foi em uma das piores épocas da educação que eu vivenciei. O ano era 2017, os salários dos meus professores estavam atrasados, alguns professores tiveram de vender suas casas, outros tiveram que vender móveis, era a verdadeira representação da frustração o que eu via nos meus professores. Eu confesso que essa parte da história poderia constar como experiência negativa, porque eu quase pensei em desistir. Mas, em um fatídico dia, bem no início das greves, minha diretora, contra todo o movimento, decidiu contratar uma professora substituta. Nós, alunos, revoltados com o descaso da

diretora, decidimos fazer nossa parte da greve e não entrar em sala de aula. Foi algo muito bobo, todos pagamos por isso, foi pequeno mas, pra nossa professora que ia ser substituída, foi mágico. Ela me disse algo alguns anos depois: "Eu me tornei professora para inspirar meus alunos e, depois de 15 anos de profissão, descobri que eles é quem estavam me inspirando." Eu não sei exatamente onde essa frase me tocou, mas ela me toca até hoje e é ela que me marcou a possibilidade de formação na pedagogia.

MOMENTO 2 – Na releitura do dito e do escrito: uma síntese nova!

A primeira observação a fazer sobre os depoimentos diz respeito ao fato do conhecimento não se dar apenas no plano interpessoal, isto é, ele *pode começar a acontecer quando começamos a entender nossa experiência em termos de uma prática social que se torna uma realidade mais profunda quando começamos a pensá-la não como um acontecimento singular e pessoal.*

A segunda, aquilo que nos acontece ou nossas escolhas não se explicam somente pelo determinismo de fatores sócio-históricos, mas também por **uma prática social, aberta e plural que deriva de uma fissura criativa que rompe com a mesmice ou com uma trajetória marcada pela tradição ou pela passividade.**

Importante destacar estes dois elementos, pois, eles tem implicações tanto no papel do aluno quanto no do professor. De detentor e transmissor do saber, passando a facilitador da aprendizagem do aluno, aquele que ajuda / apoia a construção, ou a professor-mediador que aprende e ensina em movimentos do e no processo educativo.

Por isso, a provocação feita e repetida mais uma vez

Professores 08:40

Se Mutaç o e mudana que tem no ponto de vista a condio e a possibilidade para a construo do conhecimento, então antes da análise precisamos dos pontos de vista dos outros? Será que quando não há pontos de vista não há entendimento? Será que todo ponto de vista corresponde a uma mudana e faz surgir outras transformao es? Outras conexo es?

Juliana Azevedo 08:56

Acho que quando o ponto de vista   bem explicado em conversa ele causa transformao es, nem que seja a reflexão das razo es da pessoa ter esse ponto de vista

Marina Vieira 08:59

Acho que não só inclusão, mas empatia também. Se colocar no lugar do outro

No dia 08 de fevereiro as palavras ficaram recheadas de calouradas em que o café que alimenta a energia dos corpos divide os encontros e os recria.

Na curta hora retomamos propostas, pedidos e fazeres.

Entre os fazeres fica a indagação:

Que aprendizados/descobertas tivemos nesta semana e que podem ser compartilhados?

O curso de pedagogia e a UFRGS (mais do que um logotipo – uma marca) marca quem aqui está.

Registrem o que aprenderam na semana e nos tragam para o próximo encontro; Fiquem bem, se cuidem e... aproveitem o momento.

Carmem e paulo

Valquiria Menezes da luz Brunet 08:54

Ainda bem que não comprei está marca quase comprei na verdade não comprei porque achei o preço dos notebook acima do meu orçamento

Valquiria Menezes da luz Brunet 08:55

Filtro de sonhos

Marilia Câmpara 09:04 - Obrigada prof!! Boa semana ☐

Juliana Azevedo 09:04 - obrigada, tchau profs!

Valquiria Menezes da luz Brunet 09:04 - Obrigada, boa semana

PAOLA SILVA 09:04 - Boa semana, tchau ☐ ☐

Brenda welter 09:05 - Até! Obrigada!

Agora sim, ao fim, deixamos a proposta: é possível me reconhecer nestas escritas? Para quem, ou com quem quero dar tchau e dizer até breve, deixando algumas palavras para nossa próxima aula? (Retornos escritos esperados até o dia 22 no chat da sala de aula – encontro síncrono, ou pelo e-mail: educasociedade.pandemia@gmail.com)

Bom carnaval, feriado, descanso, dia, semana...

Paulo e Carmen

Memórias e diálogos compartilhados

Fórum

Ainda não consegui reunir as turmas A e B no MConf e em função disto migramos para o Google Meet, onde fizemos um diálogo ou quase um "solilóquio" (eu Carmen falei tanto que quase me perdi), e combinamos que o fórum seria a próxima atividade.

A partir de agora fazemos o convite para que cada participante relate o que conseguiu captar e/ou o que mais fez sentido na fala que não foi gravada para que colegas possam saber o que foi dito e mostrado. Esta atividade pretende permitir que participantes tenham acesso assíncrono - durante o período desta semana. Qualquer integrante pode iniciar uma discussão a qualquer momento e a ideia é que cada estudante possa postar relatos e ou perguntas e respostas, prevenindo situações em que apenas alguns indivíduos dominem as discussões. Os estudantes devem primeiro fazer um post com assinatura automática para então serem autorizados a ver os outros posts de outros estudantes. Além de ser espaço social para os estudantes se reconhecerem, continuar online uma discussão iniciada em sala de aula, compartilhar os comentários solicitados no Tópico 3, mesmo sem a Revista, usando o material de que disponham. A partir das postagens a ideia é se organizar em pequenos grupos, por afinidades para na próxima semana realizar atividade síncrona em pequenos grupos.

E, diz Paulo: Vou contar para vocês.

A Triste história de Maria

Era uma vez três amigos. João o pastor de ovelhas, José seu amigo artesão e Maria, professora amiga de José e de João. Vivem no pequeno município à beira do lago, cercado pela floresta de um lado e por altas montanhas do outro. Sempre que João vai para a cidade, costumam se encontrar para conversar, falando das coisas da vida e fazer dos encontros momentos de alegrias e partilhas. Sabem como são amigos. Quando partilham suas ideias atravessam os dias ou as noites, sem ver o tempo passar.

Mais ainda em ano de eleições quando a política e as posições começam a ficar polarizadas. Cada um considerando as qualidades e os defeitos de candidatos e candidatas. E, vocês sabem como é viver na cidade. A gente tem viadutos, ruas esburacadas, muito movimento. No interior não. Tem é "picadas", tem que passar riachos. Cruzar a floresta. O carro tranca. A bicicleta tranca. Mas João nem liga. Ele sai de casa e vai ao encontro dos amigos. Isso afirma mais a amizade deles e se torna quase que um hábito. Toda semana João se encontra com José e a Maria.

Um dia, passado um certo tempo, João vai até a cidade sem ter um motivo especial que seja seu trabalho e vai encontrar o José. Chega para o José e este diz: – Ué, o que aconteceu? Você veio para a cidade por quê? – Vim falar contigo, porque tu é meu amigo. A gente é amigo há muito tempo e eu precisava conversar contigo, disse João, ao que José responde: – Que é isso, senta aí. Vamos tomar um chimarrão. Que que é? Conta aí. – Eu queria te contar que eu e a Maria, a gente está se encontrando sem tu saber porque faz um tempo que entre nós está rolando um clima uma química, despejou o João num só fôlego. José disse: – Não tô entendendo. Tu e a Maria?

A gente se gosta tanto. Se gosta tanto que se encontra e a gente está pensando em ficar junto, afirma João.

– Que bobagem é essa? Nunca pensei que fosse fazer isso comigo João. Bem que tu podias ter falado logo. Afinal, a gente é amigo há tanto tempo. E amigo que é amigo não esconde nada do outro. E entre os dois ficou um clima muito estranho. – Frescura tua João. Podia ter me falado. Não precisava enganar. O João disse: – não é nada disso. É que a gente gosta ou não gosta. E o José está reponde: – está bom.

Mas, a partir daí João e Maria continuam se encontrando, mas agora sem o José. E mais, o João e a Maria entram num acordo de morar juntos. Mas, na conversa entre eles a Maria diz: – Eu sou professora, e eu trabalho na cidade. Eu gosto do que faço. Tenho meu trabalho na escola. As Escolas da Terra, por causa desses governos, estão sendo fechadas. Estão deixando muitas crianças sem escolas. Essa é uma barbaridade, pois crianças de 4 e 5 anos passam muito tempo andando mais de ônibus do que o tempo que ficam na escola e na sala de aula. Eu não tenho o que fazer no campo.

Ainda assim, o João concordou que essa vai ser uma escolha temporária. Com o passar do tempo ela poderia voltar a ser professora no campo ou na cidade.

João diz: – porque afinal eu tenho uma criação no campo, o meu trabalho é no campo. Não dá para ser na cidade. Meu trabalho é de criação é de pastoreio de ovelhas. Eu cuido de ovelhas e as ovelhas, vocês sabem, para viver precisam de muito campo. Comem um pasto numa área e precisa trocar de área, ir para outro espaço. E, esse é o meu trabalho e eu não tenho como viver sem ele. Mas, no primeiro momento tu vem morar comigo e vamos ver depois. Vamos dar um jeito e entrar num acordo. Vai ser uma situação temporária.

A partir daí o João leva Maria para morar na casa dele do outro lado do lago. Nos primeiros tempos. os dois começam a construir suas memórias juntos. O que um gosta, do que não gosta e assim estabelecem uma rotina construindo

uma história que é feita de memórias no viver. Do viver não mais na cidade, mas, agora, numa outra cultura nos espaços do campo.

Assim, seguem. Tanto é que quando o João começa a levar as ovelhas para outros potreiros, mais distantes, ele vai e volta porque quer ficar perto da Maria. Mas quando ele fica longe tem que levar para cada vez mais longe as ovelhas, procura dar um jeito de retornar para poder ficar próximo da Maria. Mas, chega um ponto em que tem que levar as ovelhas cada vez para mais longe e isso vai dificultando o retorno dele. Com isso, a Maria, que é uma professora e sabe se organizar no tempo, e sabe que como professora aprendeu a resolver as coisas complicadas, começa a ficar insatisfeita com essa situação: ficar sozinha. Se sente descartada pelo João, que fica cada vez mais tempo longe de casa. Certo dia, quando o João chega em casa, e diz que veio buscar um produto porque precisa socorrer uma ovelha que estava doente e como a ovelha precisava de uma medicação que tinha no paiol, ele voltou para buscar a medicação e vai retornar com rapidez.

Maria diz: – que bom que tu chegou porque nós precisamos conversar.

– Agora eu não posso. Agora não dá, respondeu João.

– Mas eu preciso conversar contigo.

– Não, agora não dá.

– Mas tu sai e desaparece. Fica 3 ou 4 dias longe. Parece que as ovelhas são mais importantes do que eu. E, eu fico aqui te esperando.

– Mas agora não dá, disse o João.

– Desse jeito não dá. Quando tu saís eu fico sozinha, eu tinha o meu trabalho, tinha minha vida. Aqui eu não tenho internet, não tenho trabalho, nada do que eu faço resolve.

E o João insiste: – agora eu já disse que não dá porque eu tenho que voltar. Depois a gente conversa. Tenho que levar a medicação.

– Mas João, tu sai e fica sabendo que eu estou incomodada e não estou contente com a vida que a gente está levando.

Ele sai. Resolve as coisas dele. Mas, passa uns 2 dias e ele volta. Quando ele volta ela volta a questionar. Ele, por sua vez, volta a insistir que a situação é temporária, que vai passar, que ela vai se acostumar. Tem que aguardar que tudo passa porque afinal a gente precisa viver nessa condição da nossa

sociedade. E agora com tudo que tu estás aprendendo aqui pode usar, porque eu tô vendo como é que a gente pode fazer para achar outras formas sobrevivência.

Com isso a Maria aceita, mas dá um prazo para que achem uma saída. Passa um tempo e toda vez que João fica longe a Maria mostra a sua insatisfação, seu desconforto, sua inconformidade com a situação. E foi passando o tempo e cada vez que ele voltava ela trazia a questão: – E aí, tem alguma solução? Até que chega um dia e ela já não aguenta mais porque está muito complicado. O João disse para ela: – Olha, quer saber, tu sabe que esse é meu trabalho e eu vou continuar fazendo ele. Não vou fazer outra coisa. Ele sai. Bate a porta. E fica aquele climão. Ela fica em casa, mas pensa: – Quer saber de uma coisa? O João vai ficar fora três quatro dias. Eu vou é ir para a cidade. Não vou ficar mais esperando por ele.

Quando ela chega na cidade vai visitar quem? O seu amigo José. Chega lá no trabalho do José e ele diz: – Nossa! Quem é vivo sempre aparece. Senta aí e me conta, o que está acontecendo? Como é que está a tua vida? A vida está te tratando bem? Maria responde: – Ah, tu nem sabe. Mas, eu vim aqui porque fazia muito tempo que eu não vinha na cidade. O João está sempre trabalhando e vai cada vez mais longe para levar as ovelhas para pastar. E, eu resolvi vir.

Mas, mas sabe como é que é amigo. Amigo bate o olho e sabe que o outro amigo está mal. Por isso José insistiu: – O que é que houve? Conta Maria? Maria disse então que está muito ruim. Abre o jogo. Conta que considera que fez uma escolha que a deixou vulnerável. Sem trabalho. Sem condições de vida. Mas, – sabes que eu sou uma pessoa de fé. José a conforta ressaltando que as perdas doem, mas a gente sempre ganha algumas coisas e perde outras. A gente não gosta de perder, mas quando a gente valoriza a outra pessoa é assim mesmo. As relações vão mudando. Não. Não são tão rígidas e não estão pré-fixadas. Mas, pensa bem. É verdade, José. Tu é um bom amigo mesmo acho que eu vou voltar depois da conversa. Maria volta para casa mas não conta para o João. Ele, que também saiu maquinando o que é que ele ia fazer na volta para encontrar Maria. Pensa – aí, eu fui muito grosso. Devia ter sido mais delicado. Não devia ter tratado a Maria tão mal.

Maria volta para casa e pouco depois chegou o João e ele se encontram. – está difícil por causa do meu trabalho eu tô muito estressado. Resultado da conversa ficou o seguinte ambiente: toda vez que o João sai trabalhando para levar as ovelhas para muito longe e que vai passar dias fora a Maria vai para a cidade mas não conta para o João. Vai para a cidade. Visita os amigos. Volta, mas não conta para o João. Passa o tempo e a Maria, em função das chuvas, num certo dia, passou por outro caminho ao invés de ir pelo caminho costumeiro. Vai por um atalho e, nele, ela encontra Pedro -o Lenhador – Quase

ninguém passa por aqui. As pessoas não têm condições de passar por aqui por causa da cerca que está aí e foi posta nessa área de reflorestamento por que o proprietário quer manter a sua posse. Não quer que ninguém pise na sua terra. Eles ficam conversando e se cria um clipe entre Pedro e Maria e os dois começam a conversar. E começa uma história. São as coisas que a gente não sabe explicar.

A partir daí, toda vez que João viaja Maria deixa de ir até a cidade e vai até a metade do caminho. Isso se torna uma rotina e eles passam a se encontrar. E isso também se transforma numa rotina para observar onde Maria e Pedro passam a se encontrar no meio do caminho e toda vez que João sai para longe, Pedro e Maria se encontram.

Depois de um certo tempo João diz para Maria: – Vou levar as ovelhas mais para o Norte para uma área mais distante. Vou passar muitos dias sem retornar para casa porque essas ovelhas que eu tô criando são muito frágeis. Nós estamos testando outras pastagens, outro aperfeiçoamento e como somos produtores familiares temos que ir achar uma forma de aumentar a produtividade e temos que nos antecipar. Então, com isso eu vou levar esses borregos para mais longe, para achar um pasto melhor. Afinal, a gente está tão bem.

Mas, nesse momento Maria disse para João – vai tranquilo segue vai fazer o teu trabalho. Vai tranquilo. E assim que ele sai ela dá comida para os animais da criação, se arruma e sai. E sai pelo caminho do atalho na floresta. No meio do caminho em direção ao lugar onde pretendia localizar Pedro, encontra um bandido. O bandido estava vivendo na floresta. Neste lugar ele aparece e diz: – Eu sou bandido e agora eu mando aqui. Maria faz beicinho e diz: – E o que eu tenho com isso? Sou Maria esposa do pastor de ovelhas e não trago nada comigo. Ninguém anda por aqui com dinheiro. Ao que o bandido responde: – Aqui para passar quem manda sou eu. Só passa quem eu quero. E para passar tem que pagar o pedágio porque agora eu mando aqui eu sou o dono daqui. Não me interessa quem tu és. Para passar tem que pagar o pedágio. Se não pagar não pode passar.

– Sim, mas eu preciso passar. Não tenho dinheiro. E, mulher de pastor não anda com dinheiro na bolsa.

– Como eu sou um bandido bom vou ser generoso com você. Ou tu volta para casa ou tu passa e não volta, porque quando tu voltar tu vai ter que pagar. Aqui só passa se pagar. Se tu não pagar na ida, tem que pagar na volta. Tem que pagar dobrado na volta. Decide.

Maria para, para e pensa. Pensa e decide. Vou passar e depois vou achar a solução. Afinal fazia quase 3 semanas que não encontrava Pedro. Vai em direção ao Pedro até alcançar o local. Lá chegando encontrou Pedro. Abraça-o e diz da saudade e também: – Sabe quem eu encontrei no caminho? Um bandido. Pedro afirma: – Ouvi dizer que ele está por aí e que nos seus caminhos não deixa ninguém passar; que pagam pedágio com valor extremamente alto. Mas, Maria afirma: – Eu passei por que decidi que vinha te encontrar. Mas, para voltar eu vou ter que pagar o pedágio senão o bandido não vai me deixar passar. Mas, eu achei mais importante vir te ver. Ao que Pedro responde: – Eu tô prejudicado. A seguir explicou que sendo dia 28 e no dia 1º tendo que fazer a entrega do lote para que no dia 10 possa receber, pois não é como quem tem um salário fixo como os professores que podem atrasar mas recebem. Lenhadores são pessoas que só recebem pela entrega da tarefa. Caso contrário têm que viver sem. Eu tenho que terminar o trabalho, entregar e depois ainda esperar pelo pagamento. Então, se eu não entregar dia primeiro, nem no dia 10 eu vou poder pagar ao bandido. Assim, Pedro disse: – Sinto mas eu não posso fazer nada. Não tenho como te ajudar. A Maria diz: bom, deixa que eu vou dar um jeito. Eu vou para a cidade e vou pedir ajuda.

Chega Maria, assustada na casa do José. José recebe Maria manifestando o quanto é bom ver outra vez a amiga. Comenta que ontem mesmo esteve falando nela que agora aparece na cidade. Afinal, faz tempo que Maria não aparece por aqui. – Pois é, sabes José que eu estava vindo para cidade e o bandido me atacou e me pediu um pedágio. Pediu um valor muito alto para que eu possa voltar para casa. E José lembra que esse bandido anda assustando as famílias por aqui e todo mundo já reconhece a existência de quem faz um estrago e está assustando todo mundo. Está tirando o dinheiro de todos que andam por aqui, de todas as famílias e ninguém mais sai. Ninguém mais anda fácil por esses caminhos. – Pois é exatamente por isso. Eu vim pedir ajuda para ti José, porque eu não tenho como voltar sem pagar o pedágio e eu sai e nem avisei o João que ia vir até aqui e tu sabe como é que é né. José disse está prejudicado pois é final de mês. – Não tem como. Eu não tenho dinheiro e não tenho como parar de trabalhar, pois sem entregar as encomendas, os artesanatos que eu faço, não recebo. Eu entrego meus artesanatos para a Tok Stok, tudo em consignação. E eles só me pagam depois que fecha o mês e se venderem a mercadoria. Podes esperar mais uns dias para eu poder receber Maria, então podes ficar aqui na minha casa. Fica sem problema nenhum. Espera. Então quando receber vou ter dinheiro para poder te dar e tu voltar para casa, mas eu mesmo, não tenho aqui. A Maria em resposta disse: – Não. Eu não posso ficar. Eu tenho que voltar para casa. Não, muito obrigada viu Zé. Deixa que vou dar um jeito.

Com isso ela vai até a Igreja a procura do padre. Procura por ele e o padre reclama: – Bom. Ah. Já não era sem tempo. Sei que tu está vivendo em

concubinato. Então tu veio para regularizar a tua situação com o João. Maria conta que não. Não veio por isso. Conta toda a história do bandido e o padre lembra que ela deve saber que os sacramentos são muito importantes. Afinal ela já fez a primeira comunhão e agora não se casar é ter um relacionamento que não está abençoado por Deus. Mas, ainda assim, diz: – Eu tô prejudicado. A crise está muito forte eu não tenho como ter reservas de dinheiro na igreja para poder emprestar nem para os fiéis, os paroquianos. Imagina ficar ajudando quem abandona a igreja. E isso é uma coisa muito séria, mas sempre se pode ficar aqui na casa paroquial. Ou tem um jeito de arrumar com as irmãs no colégio uma cama pelo menos para tu passar a noite, para poder descansar. A Maria disse, não. Não poderia ficar. Tem que voltar para casa. Repete que precisa voltar. Voltar para casa. – Deixa padre. Vou dar um jeito.

Saindo da Igreja ela vai em direção a escola para encontrar as suas colegas professoras. Colegas na escola onde ela trabalhara. Pretende aproveitar a hora do intervalo. Chega para falar e pedir para as colegas que façam uma vaquinha para que ela possa voltar para casa. Ela sabe que nenhuma pessoa só iria dispor do valor necessário para o pedágio. Uma delas pergunta se Maria não tem cartão de crédito, pois poderia trocar por dinheiro e novamente as respostas são: – Não, não tenho. E mais, concretamente o que é preciso é o dinheiro para poder voltar para casa porque o bandido não vai aceitar cartão ou mercadoria. Aí as colegas olham para ela e dizem que ela não sabe. Estão prejudicadas. O governador está prejudicando todos os contratos. Está prejudicado novos contratos. Aos efetivos também. Os professores do Estado estão recebendo atrasado. O salário além de pequeno, além de pouco, vem parcelado. Além disso, se não recebem pegam empréstimos e pagam juros para o BANRI, seja por empréstimos voluntários ou compulsórios. Colegas estão vendendo qualquer coisa. Vendem cachorrinhos, pinturas, lanches, pães, qualquer coisa para poder sobreviver e não tem dinheiro, que dirá sobrando para poder emprestar. Ainda mais esse alto valor que a rota da Maria exige. Ela mais uma vez diz, agora as colegas: – podem deixar que eu vou dar um jeito.

Com isso a Maria sai da escola e fica pensando. Resolve ir a delegacia fazer uma queixa de que ela foi assediada pelo bandido e que está impedida de voltar para casa. O delegado de plantão ouviu a queixa e reafirma a falta de condições de trabalho. Existem duas viaturas na cidade, mas uma está no conserto e a outra está sem gasolina. Tudo congelado. Em cima da geladeira, e reconheceu: – Eu tô prejudicado. E aí eu tô sozinho. Não tem como fazer nada e não basta isto, ainda tô aqui ocupado com esse pivete que está com 14 anos e anda aprontando pelo caminho. Invadindo as casas e furtando tudo que aparece desde um telefone celular até o que puder carregar. Não tem janela aberta que escape. E aí Maria olha para o lado e diz: – Alfredinho? Não pode ser. Eu conheço esse rapaz. Foi meu aluno. É uma boa pessoa um rapaz

excelente. Não é verdade. Ele não pode ter feito isso. Ele tem uma pequena propriedade e trabalha junto com o pai. Ele vem para a escola e sempre foi um rapaz muito estudioso. O delegado indaga: – É ele? A senhora tem certeza? A senhora conhece esse marginal? Maria reafirma: – Conheço e ele é o Alfredo. Esse foi um dos meus melhores alunos, e diz o sobrenome, mostrando o seu conhecimento. O policial repete a indagação: – Tem certeza que conhece? Então a senhora se responsabiliza por ele? Então assina aqui esse documento que a senhora se responsabiliza por ele. E o policial, já que não consegue contato com o Conselho Tutelar e tem na Professora Maria alguém que se responsabiliza, após a assinatura do documento diz: – Leva essa peste daqui para parar de incomodar. E eu, eu não posso ajudar em mais nada porque tô prejudicado. Não tenho como ir atrás de bandido a pé. Ainda mais se está vindo para cá. Tenho outras coisas para proteger.

A pé a Maria sai da delegacia e o Alfredo agradece para ela. Pouco depois ele informa à professora que tem uma ideia. Convida-a para ir lá na beira do lago. Sugere que ela fale com o Barqueiro que transporta a mercadoria para os ribeirinhos e ele pode levar a Professora até o outro lado do Lago. – Ele pode fazer o transporte para a senhora. Alfredo vai com Maria e lá ela conta toda a história para o Barqueiro. Então responde a ele que não tem nada na carteira. Não tem dinheiro e nem cartão de crédito consigo. Apenas na sua casa pode pagar a ele. O barqueiro fixa logo as condições para negociar: – A gente pode esperar mais meia hora no máximo para sair, porque depois vai mudar que o vento eu não consigo mais atravessar a lagoa e não posso me arriscar porque se a gente se demora eu não tenho tempo de chegar de volta antes que o temporal desabe por aqui. Nós vamos precisar desse vento favor, mas, eu não ligo o motor sem o pagamento adiantado. Não sou comerciante. Não aceito pagamento em escambo. Só saio com o dinheiro no bolso. Caso contrário, eu tô prejudicado.

De cabeça baixa Maria sai de perto e diz ao Alfredinho, não sei o que fazer. Tenho que dar um jeito. Preciso voltar para casa ainda hoje e sei que o bandido não vai me deixar passar não tenho o dinheiro comigo. Alfredinho dá uma outra ideia. – Professora, conheço um outro caminho. Além da estrada e do atalho por dentro do reflorestamento, tem uma trilha que é mais íngreme e por vezes mato fechado. Vai desviando os obstáculos. Leva mais tempo. Segue entre o lago e a floresta, mas dá para chegar na sua casa. O bandido não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Aceita a proposta saem os dois caminhando pela trilha. Vão conversando sobre os limites da Internet por estes lugares e os perigos impostos por este bandido que limita a liberdade de ir e vir típica desta pequena cidade até então.

Depois de terem percorrido um longo trajeto, quase saindo da floresta e chegando ao campo, ouvem a voz do bandido: – O que você está fazendo aqui?

– Corre sora, grita o Alfredinho se escondendo entre as árvores. – Trouxe meu dinheiro? Grita o bandido. – Não, sabe seu band ... começa a gaguejar Maria. Enquanto isso o bandido que é bandido faz: Pá. Pá. Dá dois tiros e acaba com a vida da Maria.

Agora vem o nosso trabalho. Primeiro individualmente e depois em grupos de até quatro pessoas.

1. Vocês vão dizer quem é o mais importante responsável pela morte da Maria.
2. Em segundo lugar, quem é o maior culpado e assim, sucessivamente estabeleçam quem é o culpado do maior ao menor grau de culpa, estabelecendo uma hierarquia de culpa.

A ordem dos personagens é a ordem segundo a sua aparição na história: João, José, Maria, Pedro, bandido, Padre, colegas de trabalho, policial, Pivete Alfredo, Barqueiro.

Lembramos que nosso melhor acesso para os resultados ainda segue sendo o e-mail:

educasociedade.pandemia@gmail.com .

Em educação não há ingenuidade, inocência, gratuidade ou acaso. Diálogos possíveis. Comentando A triste história de Maria.

Paulo Peixoto de Albuquerque
Carmen Lucia Bezerra Machado¹¹

Retomando a proposição

A tarefa solicitada foi acompanhar a história e pensar sobre o que pensa Maria e, ao mesmo tempo, pensar sobre o que os personagens pensam, e o que os professores pensam disso que vocês pensaram e escreveram. Se a educação é processo intencional, “A triste história de Maria” parece ser uma escrita simplista ou vazia.

A história permite aproximações ao pensar estudantil e a reflexão sobre Educação e sociedade. Como recurso pedagógico tem sido utilizada em várias turmas no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS. No ano de 2020, em tempos de pandemia COVID-19 e consequente Ensino Remoto Emergencial – ERE, a oralidade, o diálogo presencial e a partilha coletiva são substituídas pela escrita, diálogos virtuais e partilhas verticalizadas.

Ainda assim, na docência compartilhada construímos espaços para virtualidades. Desafios do inédito viável estão sendo enfrentados. Aprendizados necessários. Não fazer da educação um processo semelhante aos estudos dirigidos que tendem a reproduzir os textos dos autores consagrados, ou nem tanto, na área da Sociologia da Educação, nos indaga. Impossível ler repostas idênticas e achar normal. O que antes era contado com gestos, tons e sobre tons de voz, insinuações, movimentos corporais e deslocamentos no espaço físico, para além dos desenhos e posicionamentos de cadeiras e pessoas, ao ser traduzida em texto carece de mais explicações. Este é o objetivo. Mais do que explicar, construir possíveis interpretações, promover o pensar e a apropriação de ideias, promover aprendizagens e ensinagens. Coletivizar.

Os personagens

Examinar “A triste história de Maria” considerando diálogos entre docentes e discentes e entre os dois grupos permite que a escritura aconteça. Os contextos se materializam como crenças e contextos que mostram a realidade

¹¹ Docentes da disciplina Educação e Sociedade Paulo Peixoto de Albuquerque e Carmen Lucia Bezerra Machado escrevem este texto no ano de 2020, em outubro, dialogando com A triste história de Maria e os discentes que participam das aulas em Ensino Remoto Emergencial (ERE) na FAGED/UFRGS.

das coisas. Nesta história cada personagem não é só um personagem é a expressão de determinados valores e significados. João e Maria apresentam uma relação heteronormativa de acordo com os padrões que na sociedade ocidental e cristã se está acostumado a conviver. Os privilégios masculinos de consolidam quando os leitores trazem a responsabilidade dele que não se sacrifica por ela, ou seja, Em toda a relação deve haver sacrifício. Em vez de haver perdas ou concessões os leitores pedem por sacrifício. Diferente do fazer concessões ou dialogar.

Precisamos fazer acordos e somente quem dialoga torna possível. O diálogo exige equitatividade. Ser de igual pra igual. No caso do personagem João, ele não deu tanto quanto Maria para a relação. Logo, alguém que sacrificou não recebeu reciprocidade, nem cuidado na relação. Mas, ainda mostra que relações heteronormativas têm certos padrões de normas e regras.

A presença de Pedro aparece na história representando a sexualidade. Também a questão da confiança nas relações pessoais e o como elas podem se construir sem compromissos. São pontuais. Representam um momento ou um acontecimento na história. O personagem traz os valores com os quais se pode buscar no mercado. Dos pecados capitais emerge a luxúria. Ou, o quem individualmente se coloca como: o aproveitador. Ou seja, Pedro é um aproveitador, quer levar vantagem e não tem compromisso com e por quem passa. Corta árvores, relações, necessidade do outro ou de outra. De outrens.

A história é interessante porque aparece o bandido e o personagem não é também a expressão da anomia. O bandido quebra as regras, os costumes, o que se espera, discursa e anuncia como o necessário fazer para viver em sociedade. Por ser “fora do padrão” confunde. Do bandido se espera a quebra das regras. Espera-se o fazer fora do padrão. O privado que é privado é apropriado e se é público torna-se também privado. A violência atravessa tudo o que ele faz. Tanto pode ser a quebra da regra como a própria regra. “Se não pagar não passa, se passar não volta, para passar apanha”. Se não passar morre. Sinaliza as regras por ele instituídas. Estabelece-as e também as consequências das regras e da quebra das regras. Das suas e das regras estabelecidas no e para o convívio social.

O Barqueiro. Não é só o Barqueiro. O Barqueiro tem em si a lógica do mercado. A lógica que não implica a solidariedade, a generosidade, a disponibilidade, a confiança ou o cuidado seja com o próprio trabalho ou com o coletivo. Sequer implica nos serviços de atendimento aos clientes (SACs). Atende a outras lógicas e outros modos de estabelecer as relações entre seres.

Na vida social somos marcados por determinados modelos. José é um amigo. É a questão da amizade que está em pauta. Amizade em que os conceitos de

fragilidade e violência passam a ser secundários e a reciprocidade se subordina a decisões e afetos. Mais ainda quando os colegas e o pároco ou o religioso é o que está propondo a questão da religião e da religiosidade, do apoio espiritual, dos valores. Tudo isto fica secundário, mas compõe e estrutura “A triste história de Maria” e a fragilidade e a violência dominam.

Por último aparece um menino representando a juventude. Com ela a vontade de fazer a mudanças, transformações, independentemente das condições objetivas e das subjetividades. A história é boa exatamente porque permite pensar contextos da sociedade em que se vive. As saídas possíveis estão longe de poder ser individuais. Difícil pensar no coletivo, neste contexto é o que está dado.

Histórias imaginadas e educação

Imaginar que se todos os personagens fizessem um mínimo movimento, um pouquinho que fosse, poderia ser diferente o fim. Por exemplo. Se saíssem todos os personagens em bloco, passariam, poderiam dominar o Bandido e teriam resolvido a situação. No entanto, como cada um busca a solução individual ao problema criado pelo Bandido e reforçado pela posição de continuidade de Maria com o compromisso assumido para com João tem o desfecho mortal. Independente de João não deu ter dado tanto quanto ela, Maria deu algo sem se ocupar ou preocupar se não haveria ou não reciprocidade, nem equidade na relação. E não houve.

Se de um lado o significado da história e seus personagens evidenciam nossas crenças e maneiras de viver, de outro lado o modo como se analisa as situações, a maneira como as expressões compõem a leitura, também permite o aprender de forma coletiva. É no não compartilhar que se reforçam os modelos que são individualistas e não são coletivos. Ao tender a buscar saídas individuais também individuais são os modelos reforçados. Estes modelos fazem com que se faça a leitura de realidade. Tem uma frase que diz que “a vida não é o que a gente vive mas o que a gente recorda para contar”. Sim, agora voltamos a trabalhar a história.

Não é a vida em si, mas a maneira como se conta e a maneira como os outros recordam que vai apresentar os sinais que são emitidos por quem escuta. É trazendo as marcas que ficam, que passamos a assumir como importantes no modelo de releitura de realidade, que podemos falar de educação e sociedade. Para falar de educação e sociedade temos que abrir com a referência ao clássico da Sociologia Émile Durkheim quando afirma que educação no sentido estrito é:

"A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular" (**DURKEIM, Émile. Educação e sociologia. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013. p. 53-54**)

"Este conceito trata do processo como socialização. Poderíamos também dizer que educar é como "conhecer o conhecido". Reconhecer o que existe e agir para manter implica em vivenciar os princípios segundo certos modelos vigentes. Os modelos fazem a redução da complexidade do real para que se possa tomar decisões.

A sequência: Olhar a realidade; Analisar a realidade; Tomar decisões; impacta na educação e na sociedade. Muda o passado e constrói o agora, o futuro.

É a possibilidade de tomar decisões e só toma decisão quem tenha maioria intelectual ou autonomia frente aos modelos.

Ao reduzir a complexidade do real os modelos podem expressar as coisas, os acontecimentos, os momentos vivenciados. Exemplificando. Qual é o modelo de homem bonito? Depende das escolhas de cada pessoa. Se a resposta a esta indagação for: – É o meu namorado - como é este namorado? Há que descrever o indivíduo. Informar que a pessoa compartilha dos mesmos valores, tem mais ou menos a mesma idade, trata com gentileza, tem valores como tratar de igual para igual, pode compor o modelo de quem fala. Entretanto, o modelo pode ser diferente quanto ao que é gentileza. Para outro ser definir o que é um homem bonito, esses critérios não servem. Precisamos de um conceito mais preciso e de algumas informações além de ser gentil e paciente, ter a mesma idade ou ser politicamente alinhado, ou o estar ao lado.

Quais são os atributos materiais ou quais os recursos materiais que possam expressar o conceito de beleza. Quais são as ideias, as características para que se possa entender como é que é um determinado e particular modelo? Quando falamos que o modelo é algo flexível, maleável também é necessário delimitar sobre o que se fala. Para o conceito de beleza os atributos físicos como a altura, o volume, forma, corte dos cabelos ou de barba, não são suficientes.

O que torna essas características expressão de beleza? Para conhecer qual é o modelo precisa ainda caracterizar outros atributos como: ter o nariz recortado, o queixo quadrado, não tem nenhum arranhão, não é só uma máscara. Um modelo ainda não está explicitado. Pode ser um letrado, ter barba, muita ou pouca, saber de um lugar não mostra o modelo. Por comparação é possível fazer uma aproximação. Ao indagar se o namorado se

parece com alguma pessoa presente no ambiente, mesmo que apenas um pouquinho, cuidando para não ofender ou magoar ninguém. A analogia com algum artista, músico, youtuber ou pessoa pública, pode ser uma boa estratégia para elaborar critérios para um modelo de boniteza. O que implica o cuidado para não cair num lugar em que o dialogar sobre modelo se torne estereótipo que indaga: - se parece com quem? Com Steel? Está na fase hétero ou não?

Cuidado para não cair num lugar em que o dialogar se parece com quem? Com Steel seria feio. O estereótipo está na fase hétero se tomamos esse modelo como referência e comparamos com os colegas presentes pode-se perguntar: – Qual deles é o que mais se aproxima do modelo que cada um de nós tem. A idade é diferente, o cabelo é diferente. Ou seja, o conceito de homem bonito para fazer uma análise dos modelos reais que temos, não serve. Por quê? Porque não encontramos nenhum ou nenhuma referência concreta capaz de aproximar. Ao mesmo tempo que ele é particular, ele não é tão impessoal. Quando se fala de um homem bonito a referência para todos os que estão presentes não é a mesma. A questão é não encontrar um modelo concreto e materializado idêntico ou muito semelhante ao idealizado. Para além de construir uma referência coletiva de beleza, há outros valores implicados. Não é somente aparência. Parecer bonito, e “abrir a boca” seja para falar ou para comer, pode “dar vontade de fugir”. Não há beleza de aparência que se sustente.

Na construção de referências ou paradigmas e modelos apenas na construção coletiva é que se pode relativizar a parte física e valorizar a construção narrativa. É possível saber se alguém fala bem e se tem comportamento diferenciado, se é um homem bonito e pode ou deve ficar de boca fechada desde que ele aja às vezes; se ao falar diz de coisas que também são perigosas, porque o não falar também expressa uma forma de pensar. Quando se traz esses elementos mostra-se que as escolhas são resultados de uma história, de uma memória, e quando se pensa as relações étnicas, hetero ou não heteronormativas, homonormativas ou não, as escolhas estão marcadas por determinados significados e valores que vão montando os modelos e precisam ser sempre questionados e repensados na história o no contexto.

Modelos e sociedade

É num contexto do capitalismo que vivemos e se o personagem é um predador, a violência da omissão, numa lógica do estado totalitário e irresponsável com a população, diz alguma coisa. Diz uma coisa e faz outra. O estado é o lugar de dominação, de controle do uso da força. Ao aceitar a violência de seus integrantes se omite e ao fazê-lo toma posição. Defende a violência. O estado

diz uma coisa e faz outra. É irresponsável. É lugar onde quem domina não são todos os cidadãos, mas, são apenas alguns, o estado é omissor.

O modelo de sociedade, de nação e de povo que é iluminista e na modernidade afirma que há uma divisão do Estado em três poderes (executivo legislativo e judiciário), ao mesmo tempo o que se vê são esses três poderes atuarem competindo como predadores entre si e frente a população. A maneira como deveriam funcionar na realidade é uma outra coisa. É um lugar aonde predomina o modelo capitalista e as escolhas são marcadas por valores e por riscos. A área da saúde exemplifica.

Como modelos precisam ser questionados, estudados, no contexto do capitalismo e onde predominam o individualismo, o egoísmo e a violência, a figura de um predador ou da violência por omissão segue uma mesma lógica.

Quando se diz que culpa e erro não são a mesma coisa, há que pensar. Culpa é uma coisa e o erro é outra coisa – escreveu um aluno. Culpa remete a um modelo de leitura da realidade ligada a duas instituições: as religiosas ou ao Estado. Culpa como força repressora ou como conjunto de instituições que fazem o controle da vida social – os aparelhos repressivos de estado, sejam a justiça, o direito, as prisões ou o governo, assim como o pecado (seja a luxúria, a inveja ou outros...), remetem à religiosidade e aos valores morais em comunidade. Pode-se viver sem culpa, mas a lei Religiosa e a lei do Estado são diferentes na comunidade, segundo as expectativas de quem vive na proximidade, e onde o reconhecimento do outro se constrói e permanece ao longo da vida.

Em relações hétero a fidelidade e a reciprocidade são pensadas como o que um espera do outro. Quando se vive em sociedade a materialidade dessa expectativa exige um sacramento ou um documento - casamento - como uma condição legal e formal que rege regulamenta e estabelece as regras que em qualquer vacilo, de qualquer uma das partes, as omissões da regra, podem promover desencontros. Essas diferenças fazem com que a sociedade tenha regras com permanência que podem mudar ou não. Ou muda informalmente mas não muda no comportamento das pessoas. O que é culpa está ou pode estar idealizado pelas pessoas, independentemente do que a igreja ou o preceito religioso possa dizer, alguns costumes como formas não escritas regulamentam, pela tradição, a ação dos indivíduos. Justifica-se pelo “sempre foi assim”.

Modelos e costumes

No costume gauchesco, a capital do Rio Grande do Sul, há 40 anos temos a favela gaudéria, montada no Parque da Harmonia para comemorar a derrota

dos riograndenses frente aos federalistas no 20 de setembro. No ano de 2020, como um ano atípico, não foi habitada a favela. O aterro já não é a terra. As casas grandes, fixas, como fantasmas permanecem vazias. E, há moradores de rua vivendo ao relento.

A imagem de gaúcho se constrói após a atuação de Paixão Côrtes. Antes dele não tinha nem bombacha, nem bota, e nem esporas. A imagem construída por ele para representar o gaúcho e materializada na estátua próxima ao Aeroporto Salgado Filho, na entrada da cidade de Porto Alegre, após os anos 60 do século XX passou a ser predominante o modelo “Paixão Côrtes” de gaúcho. Gaúcho que anda a cavalo com bombacha, botas e esporas. Talvez estas características possam estar associadas ao que são os grupos dominantes, os grandes fazendeiros que tinham dinheiro suficiente para pagar a produção desta indumentária da sociedade rio-grandense. Para a maioria dos gaúchos, ao contrário, o tamanco (solado de madeira com couro rústico por cima) e Alpargatas (confeccionado com corda e tecido) eram os calçados mais usados, naquela época. Esses eram típicos calçados que os gaúchos costumavam usar e ainda usam. Este era o vestuário comum.

Qual é o costume? E a imagem que passa e é aceita pelo conjunto da população em outro tempo? Depois das décadas de 50/60, e até hoje se pode dizer que “sempre foi assim”. Mas quem não vai no Parque da Harmonia, porque lá é a favela gaudéria, não é gaúcho? Se a vida não é o que se vive mas é o que se guarda para lembrar, para poder contar, a identidade de gaúcho estava em confronto com a interpretação apresentada ou entendida como o que foi contado por alguém e passou, nesta ficção a ser contada.

Modelos educativos e escola

Este modelo de aula em que “A triste história de Maria”, por exemplo, poderia ao analisar a história em comunidades ou em sociedade em que se poder viver, poderia ser o modelo de aula em que se aprende a cadastrar, preencher ou consultar um fichário da própria biblioteca, ou fichar ou resumir um texto, como um conjunto de saberes organizados classificados numa lógica branca ocidental. Será que uma biblioteca dos saberes indígenas será feita da mesma forma? Ou, com certeza se vai dizer que não. Porque a pergunta, por si só, já é uma pergunta do pensamento de brancos ocidentais. É coisa do prédio azul (Faculdade de Educação) porque as lógicas são diferenciadas das dos indígenas. Eles têm outra concepção. Os quilombolas têm outra concepção. Quando se entra no prédio azul se começa a trabalhar com os valores e regras e normas. E, no espaço acadêmico os valores e as regras e normas passam a ser de outro lugar. São os regramentos de um lugar que se chama escola.

Particularmente, um tipo de Escola – Universidade. Exige e espera de quem a frequenta, determinados tipos de comportamentos.

Aqui há referências e exigências segundo certos comportamentos aceitos. Se um aluno pergunta em aula se professores costumam fazer chamada, e a resposta é não, esse não significa que inexistente registro no papel do “pontinho”. Sem ponto não tem a presença. E, não tendo a presença, ou melhor, o registro da presença, não há aprendizagem. Segue-se a afirmativa: – “Vocês não fazem chamada, então dão presença para todo mundo? Ou falta para todo mundo?” Por que isso? Porque na regra os significados do estar aprendendo no espaço escolar formal tem na presença física e que fique com registro de um ponto, a condição para a aprovação que se confunde com o aprendizado.

Por que isso? Porque na regra os significados do - estar aprendendo - no espaço escolar formal tem na presença física e que fique com registro de um ponto, a condição para a aprovação que formalmente se confunde com o aprendizado. A regra fixa esta ideia. Não aprendo porque não tenho presença. A regra diz que precisamos ter 70% de presença para a aprovação ao final do semestre.

Como se sabe 25% de faltas estão dentro da regra. Ao aprender que a regra é essa, todos sabemos que faltas são permitidas. Com registro se pode ter 15 horas - aula de faltas e usar dessa regra para manipular as presenças. Então, quantas vezes cada discente vai poder faltar, em cada turma e em cada disciplina? E que dia vai deixar para faltar? No início ou ao final? No feriadão? Agora que se está mais folgado? Ou depois quando um feriado pode ser ligado a um final de semana? É possível aproveitar para fazer feriadão? Depois, haverá trabalhos mais complexos, longos ou pesados para fazer ou deixar para faltar no dia em que tiver mais trabalhos para serem entregues? E com isso se estabelece um regramento que circula no movimento boca-orelha. Não escrito e independentemente, ainda assim, efetivo. Há todo um cálculo e um planejamento. Quando é possível matar aula ou não.

Expressa o cinismo a dissimulação a hipocrisia. O que se aprende? A ser dissimulado, hipócrita, o modelo de cinismo. O que estamos ensinando é a ser cínico? Ou melhor, já se sabe ser cínico desde o segundo grau, porque a escola determina modos de ser e de estar no mundo. Do conceito estrito de educação como processo de socialização e o promover mudanças e um outro modo de ser. Tende a reproduzir a regra. Como tal, lógica formal é uma, e há uma outra lógica que é o que efetivamente ocorre.

A escola que poderia ser a promotora de mudanças para um outro modo de ser tende a reproduzir a regra, os mecanismos de controle social. A escola, mesmo na sociedade capitalista, no cooperativismo seria diferente. Assim também a escola indígena ou a quilombola. Se têm presença, precisa registrar? Com certeza professor não está preocupado se está presente ou se a falta de frequência se registra com o FF.

Na escola indígena a presença é, por si mesma, estar no mundo e significa que ser docente é uma outra coisa para além do controlar e registrar a ocupação de um espaço físico. Não fazer chamada é possível e aplicável numa escola do campo, quilombola ou indígena, dizem alguns. Não fazer chamada, por que está lidando com menores de idade. Nas escolas urbanas os pais querem saber que as crianças estão seguras naquele momento e naquele lugar. Ou, os pais é que estão sob controle, pois levam ou não os filhos para a escola, como necessidade para receber o Bolsa Família, por exemplo. As manifestações de alunos sugerem que a ideia é interessante e pode ser legal, mas não seria aplicável nas escolas na nossa realidade. Ou seja, nossas memórias estão ancoradas nos inícios do século XX. Nas formas como as escolas estavam organizadas. Aqui se formam os professores do Terceiro Milênio.

Educar para o terceiro milênio

Aqui, se formam os professores do e para o Terceiro Milênio. Como se aprende a ser livre, sem ter sido preso? Esta questão trazida por outra aluna pode inspirar o pensar e também as atividades pedagógicas a serem desencadeadas, planejadas e construídas coletivamente. Como aprender a responsabilidade e a liberdade sendo refém do controle?

As crianças chegam às escolas em 2020 com pelo menos 5.000 horas de atividades como: assistir vídeos, jogar e interagir nos jogos em rede, falar por smartphones com câmeras, assistir filmes, construir cenários virtuais, brincar com, fotografar, filmar, ou são crianças que sequer tomaram nas mãos um telefone. Trazendo o relato de uma avó no diálogo com o neto de 4 anos olhando os jogos que ela havia colocado afirma: – *Esses eu já joguei. É muito fácil. Está ultrapassado. Posso instalar?* É uma criança normal. Não é gênio. Apenas tinha observado a senha ser desenhada e a reproduziu. Instalou sozinho 27 jogos para crianças, num tempo de 3 dias visitando a avó. Reconheceu quais os jogos que são muito fáceis para sua idade. Escolheu e instalou os jogos que julgou possíveis de uso para o seu nível de conhecimento. Abandonou os que não gostou ou os que não compreendeu a lógica ou as regras.

Imaginando estas crianças incluídas digitalmente chegando à escola e à sala de aula nas séries iniciais do Ensino Fundamental, junto com crianças que desconhecem estas tecnologias, podemos afirmar: – há que ter um outro espaço, um outro tempo, uma outra viagem, outras pistas, outros modos ou formas de estar o mundo. Impossível percorrer os mesmos caminhos construídos até agora.

Conhecer apenas o conhecido e repetir o conhecido. Por exemplo: colocar regras e normas no aprendizado da linguagem como as impostas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), pode significar esquecer da escrita espontânea, do dizer a palavra, do lutar com a palavra. Se esquece com isso de toda a possibilidade de criação. Como saber se isso é aprendizado verdadeiro? Como saber se houve aprendizado? Esse aprendizado é verdadeiro? Regras para a maneira como se consegue ensinar pode ensinar a ser livre? É ser livre em algo ou não ser.

Retomando a pergunta – como ser livre sem nunca ter sido preso vive neste espaço. Como no filme *Matrix*, ou como saber o que é ser livre, sem nunca ter sido preso, sequer se isso é verdade, ou não. Como é que tu sabes que algo é verdade. Ou, quem pode afirmar que é necessário para ser livre. A pergunta pode ser levada para outros lugares que não apenas a universidade. Há que escutar um outro lugar, outras pessoas, e trazer para um próximo debate, diálogo o tema: – O que é ser livre e como eu sei se sou?

Cada formato de indagação traz em si nuances que para a pesquisa seriam, *apriori*, impensáveis. No ensino, os regramentos são outros. Não se trata de haver censura ou regramentos. Ser livre em algo e não ser livre para outras coisas. Lidar com as situações. Não há caixinhas de liberdade. Mas, se eu sou livre dentro de caixinhas, só quando eu estou dentro da caixinha, posso ver a caixa? Porque a outra caixinha não se vê. Estar livre em sala de aula quando se disse que “estejam dizendo presente ao professor”, desde que alunes participem, pois, se não participam, não estão em sala de aula. A participação é isso. Sempre se está preso a algo. Estar em sociedade é não estar livre. É estar preso a norma social.

Cada grupo social tem as suas normas e regras. Os grupos de contracultura, os indígenas, os quilombolas, os grupos incluídos por terem necessidades especiais, têm outra lógica. A Negritude tem outra lógica. Pensa, organiza e age de outra forma que não a imposta pelos brancos e/ou europeus. Na Serra Gaúcha, por exemplo, o que a contracultura diz que é ser livre? Ou, porque são ainda mais oprimidos? Os surdos agem do mesmo modo? E os cegos? Neste sentido, nossa sociedade não fala a verdade. Ainda fala de libertação. “A educação é que liberta.” Será liberta de que? Das regras antigas?

Mas, criará novas normas? As antigas são a tradição que se consolida. As novas precisam e são criadas e recriadas.

Da virtualidade e do individual ao coletivo

Preciso é que haja um acordo. Que haja resistência. De outro modo não há nova forma, ou nova regra. A liberdade é coletiva. Como tal a pergunta é como ir além das normas sociais. Para ser livre, embora condicionado pelo que se conhece. Condicionado pelo que a tradição impõe. Condicionado, se pode formular uma questão sobre algo. Sobre o que não se conhece, não. Porque estando numa caixa só se pode formular questões dentro daquilo que é a caixa, na qual estando incluídes, se vive. E, os demais? A educação¹² se pode pensar as relações a partir de um comprimido azul ou de um comprimido vermelho. Sem acordar há dor. E tem quem quer ser dominado.

Então, podemos ser livres ou não? Só podemos saber se estamos livres, se estivermos privados da liberdade. No filme *Primavera verão outono inverno*¹³, o isolamento social auto-imposto por um hermitão, o regramento é pessoal e, enquanto estiver só ele é livre para viver como quiser. Mas, no momento em que chega um único elemento externo, ou mais, todas as formas de convívio ficam condicionadas pela perda da Liberdade. Na realidade, não existia porque vivia preso a outro tipo de pensamento que não o dominante no ambiente social. Era livre da sociedade, mas não livre da existência na sociedade.

Este seria um contraponto e portanto, as formas de materialismo que se impõe no contexto do filme budista, ser livre ou escolher a ser livre ou como julgar uma história por um relato já que não nem todos conhecem ou assistiram a história? Não conhecemos. Não vivenciamos a história. No caso do filme, não é

¹² Filme de ação e ficção científica, lançado em 1999, com a capacidade de nos fazer pensar sobre uma inteligência artificial que domina os humanos e cria um mundo diferente da realidade, recebeu 4 categorias do Oscar, na relação filosófica com o idealismo platônico (referência ao Mito da Caverna) e a ideia que "o corpo não vive sem a mente", e conforme a cor escolhida os personagens vêem e vivem o mundo.

¹³ [1](https://cinema.uol.com.br/revista/teste/2003/primavera-verao-outono-inverno-e-primavera.jhtm) Primavera, Verão, Outono, Inverno... e Primavera (2003), obra-prima do polêmico sul-coreano Kim Ki-duk. Um filme budista, em que nenhum dos personagens tem nome (conforme ensinamento), silencioso, de poucos diálogos, mesmo que eloquente e poético. A rigidez do mestre que cria um menino, aparentemente órfão, é interpretado como o "fracasso pedagógico sentido na carne por ambos", segundo Rubens Ewald Filho em 01/01/2005, disponível em: <<https://cinema.uol.com.br/revista/teste/2003/primavera-verao-outono-inverno-e-primavera.jhtm>>. Também pode ser entendido como um sucesso como filme e como quem ensina o samsara, por falar de "mudanças, respeito e que cada um muda conforme o seu aprendizado. um filme para mentes sensíveis", segundo Amauri Nolasco Sanches Junior, em 2004, disponível em: <http://obviousmag.org/cultura_liquida/2015/primavera-verao-outono-inverno-primavera-o-filme-que-ensina-o-samsara.html>. Acessos em 15 de outubro de 2020.

uma questão de escolha o personagem viver livre. Para viver no isolamento, mas não livre, para viver no conjunto com os demais, ou o inverso. O filme *Primavera verão outono inverno* traz um pouco deste questionamento. Os seus intérpretes mostram educações diferentes.

Se cada um conjunto de estudantes de 20 pessoas fizeram três questionamentos para pessoas de seu convívio em ambientes variados, teremos ao todo 60 respostas. Se perguntarem para conhecidos de suas relações familiares essas respostas podem permitir que tenhamos um modelo do que pensam suas famílias. Se perguntarem para pessoas que desconhecem pode-se construir um modelo de como é que se aprende.

Se aprende construindo um modelo de hipóteses ascendentes sobre qualquer assunto. Quem faz a pergunta sabe em parte a resposta. Caso contrário não conseguiria perguntar. Então, construir perguntas é construir hipóteses. E a primeira pergunta é: É possível saber se se é livre sem nunca ter sido Prisioneiro? As diferentes respostas possíveis vão passar desde o sim ou não até o ouvir a própria indagação, a própria pergunta. Se se está livre nunca se é tão livre assim.

De algum modo se está ligado a um conceito social que é apresentado no contexto para a criança. Até ela entrar na escola ela sabe o que os pais oferecem. Quando a criança cresce e convive além da família em outros ambientes, vai começar a confrontar a cultura da sua família com outras culturas. Portanto, ou ela vai romper ou vai seguir no conhecimento proposto pela família. Conhecer outros espaços de liberdade dos quais ela estava privada, trás outras possibilidades. Em outro ambiente, com outros grupos, emerge o conceito de liberdade. Porque existe o conceito de prisão, há conceitos que são estruturalmente vinculados ao de liberdade.

Associado ao conceito de prisão, por exemplo, confronta-se o natural e o social. O social não é natural. As relações entre homens e mulheres, entre amigos, entre colegas, não são relações naturais porque são construídas. Naturalizar o que é natural, como o que vem da natureza, é esquecer que somos parte da natureza, como humanos.

No entanto, a relação entre os humanos é sempre construída entre pessoas com compreensões diferentes, inclusive sobre o que seja a própria natureza. É possível ser livre sem estar aprisionado. Como as pessoas vão perceber isso? Ou não percebem? O existir ou não existir são contrapontos ao que não é natural, ao que não é só físico, ao que não é apenas possibilidade, ao que constitui a vida em sociedade como pelo menos dois lados. Correndo o risco de parecer maniqueísta, são opostos: liberdade e prisão.

Encerrar o texto para iniciar diálogos

A história de Maria está a nos dizer que nossa consciência é moldada, em doses iguais, pela impressão que outros – em qualquer lugar – tem das coisas, e pela maneira como estas coisas se nos apresentam aqui e agora, onde estamos. A instabilidade da história nos induz a uma certa via moral, que se apresenta como uma sensação que nos persegue e nos faz acreditar que há coisas demais nesta realidade e que temos pouco tempo para buscar uma posição mais adequada para julgar outros modos de vida.

E é exatamente isto que a história busca. Tem a pretensão de ser capaz de nos ajudar, apesar dos diferentes pontos de vista, a encontrar um lugar para falar do cotidiano e de vidas e de descobrir como construções imaginativas podem fazer do nosso fazer docente um lugar de descobertas.

A história de Maria é um exercício analítico e representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que o ser humano tem de construir as suas vidas no processo de vivê-las. O truque do imaginativo proposto se explicita na análise quando ela permite a cada um e cada uma o ultrapassar os contextos originais do onde e como surgiram os seus significados para, então, estabelecer afinidades e demarcar diferenças que nada tem a ver com subjetivismo, idealismos, relativismo.

Não se trata mais de isto ou aquilo. Não há somente isto ou aquilo. Somos isto e aquilo e mais todas as nuances que nos perpassam, que nos fazem ir além. Ir além do dualismo. Ir além de duas únicas possibilidades e ficar entre o bem e o mal.

Opostos nunca podem ser livres. Essa é a questão.

Como professores e professoras a amplitude de espírito se faz necessária. Sem ela a objetividade é hipocrisia que não permite ver-nos entre, com, e, nos outros. Por isso, constantemente se reensina e se reconta a história que não é só a de Maria, mas a história de todos nós. Nossos memoriais. Como os outros nos vêem e o ver a nós próprios, pode ser muito esclarecedor.

Assim, nesse contexto de pandemia ou sindemia, nem sempre vou ser livre, mas posso remoldar o modo do como poder ser livre. Nas formas de expressão (nossa linguagem) tornamos ou tentamos tornar mais clara – compreensível - uma história. Ao capturar os seus, os meus, os nossos pensares, sentires e agires, enfim, explicitando aquilo que entendemos por cultura de um grupo social que é muito diferente do senso comum. Nosso próximo encontro pede uma pergunta. Ou perguntas... Qual é ela?

Registros de diálogos:

Ao final da aula, aproximadamente às 12h chega uma mensagem:

Oi prof, tudo bem? Aqui é a (...). Só para te dizer que não consegui assistir a aula de hoje pois tinha um exame para fazer cedo e acabou demorando. Assistirei a gravação se tiver e já conversei com algumas colegas sobre o que foi dito. Obrigada e espero estar no próximo encontro!

Pouco depois enviamos a resposta:

Infelizmente não conseguimos gravar. Mas, vamos buscar fazer uma síntese para enviar para vocês. A indagação a ser respondida é:

Atualmente, a tua mente atua, ou mente?

Para responder, é importante entrar em contato com tuas ideias e fazeres o teu comentário. Podes usar qualquer situação do cotidiano, de ERE, ou pessoal, ou coletiva, da Internet, meios e comunicação, de textos, imagens em qualquer formato ou suporte, ou ... para refletir e te posicionar no ambiente costumeiro.

Abraços.

Nesta manhã, a aula partiu do trinômio: Observação/escuta/fala que no ERE (ensino remoto emergencial), mediado pelas tecnologias de comunicação digitais (Google Meet) permitiram constituir diálogos e fazer algumas observações:

1. Que a aula síncrona exige disciplina e compromisso. Porque a tela do computador, paradoxalmente, ao contrário do que deveria ou se esperaria ser, limita não amplia as fronteiras da sala de aula. O presencial no computador reproduz, também, o silêncio da sala de aula (dos 26 alunos presentes, apenas 6 se manifestaram oralmente; dificuldades no sinal do computador, problemas de câmara, microfones, etc.), e 16 escreveram ao menos uma frase no chat;

2. Os pontos destacados na história de Maria:

a) a vida em sociedade é diferente da vida em comunidade e nas duas situações há padrões de comportamento que se repetem, porque fundados em pré-conceitos (que são modos de conhecer);

b) a história não tem resposta certa, mas aponta para a incompletude do nosso saber ou para o nosso querer encontrar verdades;

c) a história, na sua forma e fundamentos, remete à questões de vida/morte; amor e violência; aos múltiplos sentidos do amor (agapê=encontro; eros=paixão; philia=amizade; storge=afeição; filantia=amor próprio ou egoísmo; xênia ou pragma=hospitalidade; ludus=jogo/alegria).

3. Apesar ou por causa da tecnologia seja em sala de aula virtual (ou não) a linguagem (fluída ou não) sinaliza como um processo de interação, mediado pelo diálogo, pode ser o lugar do ensinar, do aprender, pois na linguagem o enunciado sempre é modulado pelo falante para o contexto social, histórico, cultural e ideológico.

"Caso contrário, ele não será compreendido".

4. Na relação dialógica entre locutor e interlocutor o meio social (aula síncrona), confirma que o verbal e o não-verbal influenciam de maneira determinante o contexto da aprendizagem e re-afirma: aquilo que na sala de aula presencial acontece nem todos participam em condição de igualdade.

5. Diálogo (como forma mais elementar de comunicação) só existe em função do uso que locutores (quem fala ou escreve) e interlocutores (quem lê ou escuta) fazem das situações (prosaicas ou formais) de comunicação à incrível capacidade de relacionar com o passado, o presente e o futuro (o contar ou os depoimentos da profa Carmen e do prof Paulo, de colegas).

Para quem tiver curiosidade: uma referência bibliográfica:

BRAIT, Beth (org.). Mikhail Bakhtin. Conceitos-Chave. 224 pág, São Paulo: Ed. Contexto (Ou Geral), Ano em qualquer edição desde 2005 até 2020.

[tel. (11) 3832-5838, 35 reais, ou em sebos e ou nas bibliotecas virtuais...]

DO OUVIR E VER AO APRENDER A APRENDER: UMA CAMINHADA¹⁴

Paulo para Albuquerque
Carmen Lucia Bezerra Machado

Caminhante, são teus rastros
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho.
Se faz caminho ao andar.
Ao andar se faz caminho,
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se há de voltar a pisar.

Caminhante não há caminho
senão esteiras no mar.

Abrirmos esta reflexão com versos de Antonio Machado como forma disparadora do pensar que, busca evidenciar no caminhar que as convergências e divergências podem se traduzir em uma determinada forma de atuar em sala de aula.

Mais do que “identificar a variância do andar”, a reflexão que segue busca mostrar que na Educação e em Sociedade, “escutar o outro”, significa, primeiro, que os diversos sujeitos precisam expressar das suas necessidades e as suas demandas, não são únicas, quando compartilhadas.

Em nosso primeiro contato da disciplina Educação e Sociedade, alertamos que o semestre e a forma de operacionalizá-la se encontrava com ponto de interrogação por uma razão: a atividade remota mediada pela tecnologia, nem sempre se constrói coletivamente, com a participação dos alunos. Recebemos respostas de alguns acadêmicos e acadêmicas.

Como diz o filme, "Nenhum a menos". (disponível nas redes sociais).
Queremos andar juntas.

Claro que nós docentes, pela experienci(ação) e pelo tempo de docência, sabíamos o porque e das dificuldades (ansiedades discentes/docentes) em termos de adequação de tempo e espaço que na realidade virtual da educação modelada pela tecnologia evidenciam que o “caminho se faz no andar”, mas não é qualquer andar. E, como diz Humberto Maturana (2000, p.31) a reflexão é abandonar certezas, perder o que se acredita e abrir-se para a possibilidade do desconhecido.

¹⁴ Texto redigido em agosto de 2020.

Por isso, pensar sobre as tensões entre o dizer-fazer existente das propostas de educação que tem a sala de aula como fundamental para quem começa um processo de capacitação para a docência (pedagogia) se faz necessário.

Salientamos que a experiência nestes semestres não se apresenta apenas como ficção ou abstração que sai da cabeça de quem ensina, porque para nós é importante que o lastro ou ponto de partida do fazer docente resulte de um construir coletivo como esfera pública, onde o conflito, as discussões, os debates (com todos os decalques de tempo e espaço) possibilitem materializar uma proposta de trabalho consciente e criativa e a escritura das respostas do grupo permita mostrar um fazer pedagógico não instrumental e, por isso mesmo, menos burocrático e mais democrático.

Conceitualmente, estamos dizendo que ser aluno é:

Ser sujeito de experiência não é somente ser sujeito de informação, mas ser sujeito capaz de construir opinião, refletir sobre o(s)saber(es) propostos, saber julgar, fazer/querer, pois, o sentido da experiência se fundamenta no(s) diálogo(s), que permitem a transformação de si e do mundo quando os sujeitos são envolvidos nesse processo complexo que é o aprender.

Ao contrário do que o senso comum anuncia como “a nova normalidade” dos espaços educativos o “ver e ouvir” mediado pela tecnologia é diferente da tradicional aula “do ouvir e ver”. Ele começa problematizando nossa noção de tempo e de espaço.

Nestes tempos viróticos (Covid-19), por um lado, o momento/tempo aparece como algo que por ser subjetivo (tenho urgências, pausas) se justifica e se compreende, mas por outro aparece como alguma coisa que, objetivamente, é passageira e não tem nada a ver com a essência das relações necessárias do ato de ensinar/aprender que parecem falsas quando mediadas pelas tecnologias (síncronas ou assíncronas).

Independente de nossa opinião, uma coisa é certa: a materialidade social e histórica da nossa experiência Covid-19 começa no pressuposto que nenhuma pessoa é igual à outra; que estamos vivenciando as modificações ocorridas no mundo do trabalho, nos conceitos, no domínio do conhecimento articulado ao desenvolvimento das capacidades cognitivas complexas; ou seja, das competências relativas aos domínios teóricos e práticos.

Nesta condição de educandos e educandas, e de educar - trabalhadores e trabalhadoras da educação, desconhecer essas modificações é perder o compromisso ético-político de resgatar e valorizar o lugar de fala do outro.

Assim sendo, estamos propondo para a próxima semana que:

a) Seja registrada o sentir/pensar de cada um/uma diante da espera/tempo para efetivar a relação professor/professora aluna/aluno e alunos/alunas?

- b) Seja relatada a experiência educativa que, na memória de cada um, é a mais marcante, seja virtual ou presencial, agradável ou desagradável?
- c) Que seja justificado, ou seja, se escreva quais as razões para essa escolha?

Tais escritos serão enviados para o e-mail anteriormente informado (educasociedade.pandemia@gmail.com), que será nosso ponto de contato e retorno, até termos elementos para construir a primeira aula síncrona.

Por quê? Porque não queremos trabalhar com antecipação de conteúdo(S) sem ter presente a experiência e o lugar de fala da turma.

Como estratégia isto significa mudar no tempo e no espaço o modo de ensinar e aprender, a fim de apontar para quem está começando um processo de capacitação para a docência, que metodologias ativas e pouco tradicionais em tempos de pandemia são possíveis, quando se constrói um canal de comunicação que permita feedbacks contínuos e coletivos.

MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2000. 98 p.

MACHADO, Carmen L. B. Experienciação e formação orgânica de educador@s. IN: MACHADO, Carmen L.B.; LOPES, Ana Lucia G.; e SILVEIRA, Marner L. Cartas Educativas: Uma experienciação de resistência, anúncios e fazeres. Porto Alegre: Itapuy, 2010.

Reflexões sobre o encontro de 22.03.21

A consciência [...] é, antes de qualquer coisa, apenas a consciência do meio sensível mais próximo e de uma interdependência limitada com outras pessoas e outras coisas situadas fora do indivíduo que toma consciência (...)" (Marx e Engels, p. 25,¹⁵

Por isso, o Encontro Síncrono do dia 22.03.21 iniciou com a Carmen dando Bom Dia e diz ter pensado, ontem em iniciar com música. Mas na dificuldade da escolha devido aos tempos que estamos vivendo, optou por trazer o convite: "Que escolha de música seria boa para fazer a acolhida de quem chega para a primeira aula da semana?"

Em poucos minutos vem a resposta: PAOLA SILVA07:55 Bom dia!

<https://youtu.be/c5bTbCDwd7>

Paulo Albuquerque – 08:51 – Para nós (pensando o fazer educação), pode ser interessante pensar que, assim como a música tem um propósito, na educação se aprende que o sujeito é construtor de significados e sentidos.

E pouco depois ele escreve – 08:55 – Os tempos difíceis (escatológicos) que estamos vivendo, os acontecimentos que sugerem o fim do mundo e da humanidade, ou seja, as últimas coisas que devem acontecer antes e depois da extinção da vida na Terra. Nos levam a pensar que em educação a confusão dos alunos é importante: ela indica que a busca continua. A referência ao escatológico tem a ver com a ideia de que confusão quando múltiplos significados e diretamente relacionado as referências, Por isso, minha resposta à pergunta é através da música: Senhas da Adriana Calcagnoto <<https://www.youtube.com/watch?v=IESDKjGjb4A>> A educação como espectador ou ouvinte se dá pela pluralidade das estéticas, mas não parece a vocês que hoje o nosso olhar está condicionado ou na mão dos algoritmos?

E pelo curta metragem intitulado: "Canvas"

<<https://www.netflix.com/br/title/81332733>>.

"Com apenas nove minutos, o filme apresenta a história de um pintor que se desconectou de sua arte após sofrer uma grande perda. Porém, essa realidade é confrontada diante das constantes visitas de sua neta. A trama é simples e dotada de sensibilidade. Se por um lado deixa de aprofundar seus temas, essa simplicidade é o que facilita a conexão com um público variado. Falando sobre luto, perda e esvaziamento, o filme acessa sentimentos que qualquer ser humano enfrentou ou teme enfrentar.

¹⁵ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. 2002. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes.

Passando pelo ano de 2020, que infelizmente trouxe muitas perdas, conversar sobre esses vazios e como seguir apesar dele, tornou-se ainda mais importante. Para aqueles cujo trabalho depende do criar, “Canvas” abre mais uma camada de significância. Em algum ponto, todo artista, escritor ou criador de conteúdo em geral já experimentou essa agonia – principalmente diante dos fatos recentes. Fazer sua arte quando dentro de si só há o vazio beira o impossível.”

Paulo Albuquerque – 09:14 – a gente fica tão preocupado com o pixel que perde a dimensão do cenário ou da paisagem. Mas na Netflix aparece como desenho animado.

Valquiria Menezes da luz Brunes – 09:17 – Acredito que nas mãos do algoritmos pois eu pesquiso algo e este algo abre um leque de sucessões vinculado a palavra que pesquisei.

Paulo Albuquerque – 09:17 – Pergunta: a tecnologia hoje determinado o modo de pensar das pessoas? Pergunta: a nossa vida hoje é melhor que a vida dos nossos avós?

Valquiria Menezes da luz Brunes – 09:18 – Sim mas a tecnologia é uma ferramenta. A questão é quem esta por trás de tal tecnologia

Ana Alice Hogetop – 09:19 – tem um documentário muito interessante sobre essa questão algoritmo, o dilema das redes o nome

Thiago Severo – 09:19 – Muito bom este documentário

Paulo Albuquerque 09:20 Pergunta: Pessoa alguma negará que a matemática é feita com o uso do cérebro. No entanto, nenhuma máquina construída pelo homem [ser humano] conseguiu ainda reproduzir as faculdades de razão e invenção de nossa máquina cerebral?

PAOLA SILVA – 09:20 – Acredito que a tecnologia influência. As informações que temos através da tecnologia

Paulo Albuquerque – 09:21 – Então Paola: podemos criar artefatos com os mecanismos formais da consciência [...], e pode ser possível afirmar que esses artefatos possuem algum tipo de consciência

Você – 09:23 – Por favor, tentem registrar entre os vídeos...

Dandara Conrad – 09:26 – dilema das redes

Marina Vieira – 09:26 – Privacidade Hackeada

Paulo Albuquerque – 09:26 – Dilemas das redes...

Importante: ver o filme/documentário como exercício de formação (quando indicado) é importante como estratégia didática para o professor , porque nos livra de estar na mão dos algoritmos

PAOLA SILVA – 09:28 – Cecília me identifico muito

Paulo Albuquerque – 09:29 – o contato com filmes/ documentários produz, num primeiro momento, apenas imagens entendidos aqui como marcas, traços, impressões, sentimentos – significantes que serão lentamente re-significados depois, de acordo com os conhecimentos que o indivíduo possui de si próprio, da vida.

Paulo Albuquerque – 09:31 – Precisamos para manter a sanidade mental considerar a tela do computador/filmes /redes sociais apresenta não é uma

realidade fechada em si, mas a proposição de um mundo cuja significação flutua ao sabor dos nossos olhos (daquilo que a gente pode ver)...daí a necessidade de "filtros" analíticos

Paulo Albuquerque – 09:34 – O importante desta conversa é o fato de que estas novas formas de comunicação não só nos coloca em contato com costumes, bens simbólicos, visões de mundo que se aproximam e se distanciam das nossas, mas também por nos fazer olhar para nós mesmos.

Paulo Albuquerque – 09:38 – Gabriele: lugar do professor...função e papel na abertura de outros caminhos ...outras lógicas (logaritmos)

Paulo Albuquerque – 09:43 – no diálogo se constrói significados, permite a manifestação de diferenças recíprocas, o pluralismo e a igualdade, assim como o experimentar a democracia

Paulo Albuquerque – 09:46 – Pergunta: a censura feita pelos administradores/professores (facebook, instagram) é necessária para garantir o direito de todos em participar? isso é democracia!

Paulo Albuquerque – 09:51 – Mas a leitura do Jorge Furtado é de classe média que desconsidera o saber-poder das pessoas que capturou por imagens e mostra uma dominação a partir de um modo de ser.

Paulo Albuquerque – 09:57 – No seu sentido mais amplo as relações sociais são sempre culturais (intra-cultural, inter-cultural) e políticas representando uma distribuição de poder

Você – 09:57 – Censura, escolha, diálogo Individual ou coletivo, e, – 09:59 – Quais estratégias para a educação são pertinentes, no lugar de poder, produz reflexão ou manipula e impede? – 10:01 – Certeza ou incerteza, confusão ou ordem como dilema da educação... – 10:02 – Diferentes saberes, ...

Paulo Albuquerque – 10:05 – Pergunta: então o professor precisa desencantar aquele que aprende?

Mariana Martins – 10:06 – o professor precisa se desencantar com o que estava encantando pra se reencantar com os novos encantos

Paulo Albuquerque – 10:06 – <<https://www.wikiart.org/pt/fernando-botero>> ou <<https://uploads6.wikiart.org/images/fernando-botero/bather-on-the-beach.jpg!Large.jpg>>

Paulo Albuquerque – 10:09 – o professor/aluno precisam se desencantar com o que estava encantando pra se reencantar com os novos encantos sair do seu (in)cantamento...do seu canto

Paulo Albuquerque – 10:12 – Educação como movimento, processo, aberto, plural...de encontro entre o tu e o eu a partir de uma situação problema (perspectivas diferentes)

Você – 10:17 – Tempos loucos e olhares outros? de novo? – 10:18 – Entre o poder e o diálogo, o pressuposto é o do saber do outro Toda opção técnica é política...Só no movimento é que nos construímos como educador e de educador/educando, educadora/educanda...

Você – 10:22 – fé = acreditar é o pressuposto da certificação modelo explicativo mecanicista, método experimentalista e dedutivista e linguagem

matematizante – é, assim, traço básico da racionalidade da educação contemporânea?

Thiago Severo – 10:40 – 18,00

Você – 10:58 – Acordado o uso do Google Form (Formulário) com link disponibilizado neste texto, no E-mail e também no Moodle onde quem dispuser do link vai poder editar e compartilhar, ainda em obras e sem data fixada, até o momento desta escrita. Para não esquecer: aprendizagem se dá a partir do descobrimento individual, na construção/desconstrução de um saber que se produz no coletivo, onde aquilo que já se sabe é apropriado por todos e nesta apropriação provoca outras conexões.

Explicar e não complicar já constitui uma vitória.

A partir da música sugerida pela Paola, no início da aula, Cidadão quem, nos diferentes modos de estar no mundo e para fechar a aula, retomar a música selecionada pela Paola para o início da aula Cidadão Quem. "A luz que brilha de manhã, frente à escuridão", como possibilidade.

Mariana Martins – 11:19 – essa música é sensacional



PAOLA SILVA – 11:20 – □

Gabriel Viegas – 11:22 – Essa música é muito linda. Boa escolha.

"O tempo está no pensamento espelha a vida que passar no espelho está do pensamento"

Você – 11:22 – Copiar diálogos e não perder o registro, para construirmos nossos modos de estar no mundo,

Valquiria Menezes da luz Brunet – 11:22 – Tchau profs

Brenda Welter – 11:22 – Muito obrigada! Até!

Kamila Santos – 11:22 – obrigada pela aula, boa semana profs!!

Paulo Albuquerque – 11:23 – Boa semana e...fiquem bem, se cuidem!

ANITA SALVADOR – 11:24 – obrigada! boa semana a todos

Louise Arend – 11:24 – Tchau pessoal

Síntese

No encontro síncrono trabalhamos a partir de determinadas referências (musicais) tentando relacionar linguagem e educação. Visto que, as possibilidades de compreensão do mundo dependem da linguagem que utilizamos para tanto e dos significados que juntos construímos.

Dessa maneira, estamos dizendo que quando a escola privilegia a linguagem está confluindo para a produção de um mundo homogeneizado.

Quando utilizamos a música / sua letra como propósito pedagógico estamos dizendo da possibilidade da linguagem, dita não-científica, que não reprime as múltiplas possibilidades de sentido e não exige a instauração de um único valor semântico.

Por isso, insistimos no diálogo, pois conforme Freire (Pedagogia do Oprimido 1987, em qualquer edição.)

“A palavra viva é diálogo existencial. Expresso e elaborado em termos, em comunicação e colaboração O diálogo autêntico-reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção de um mundo comum. Não há consciências vazias; pois isso os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo”.

Quando se problematiza o papel da Escola ou do professor estamos dizendo da necessidade de se assumir as crises de maneira pedagógica, como estímulo à prática dos e junto aos alunos e alunas para, nos contextos plurais, reconhecer que há instâncias ideológicas de dominação e de autonomia.

E... com isso incentivar a produção de umx alunx que veja o mundo e a si mesmo de forma menos predeterminada, expandindo as possibilidades de conteúdo em sala de aula e dissolvendo hierarquias e preconceito de origem dos objetos e de sujeitos.

Nesse sentido, o ERE se apresenta como potência e possibilidade de abertura para o desconhecido ao subverter posições fixas, pensamentos regulados, normas paralisantes e práticas previsíveis.

Terminamos o encontro lembrando que todo ponto de vista é sempre a vista de um ponto, e que o ponto que observamos nós, e como nos movimentamos, neste espaço, pois: *Para além do tempo e sem desistir de ninguém, seguimos juntas*. Esta música diz que o tempo passa mas o que nós fazemos no tempo é o que compõe as nossas vidas e como educadora o que guardo desta música e o não desistir de quem desistiu- de quem não vem. Nenhum a menos é desafio à indagação e trazer o que estão por aí excluídos ou auto excluídos e, pela convocação do Gabriel, na tentativa de reescrever o que foi dito.

De nenhum a menos e não excluir quem se auto excluiu.

Se cuidem muito para que sejamos nenhum a menos...

Carmen e Paulo

Área de anexos

[Visualizar o vídeo Cidadão Quem - O Amanhã Colorido do YouTube](#)



Visualizar o vídeo Adriana Calcanhotto - Senhas do YouTube



<https://uploads6.wikiart.org/images/fernando-botero/bather-on-the-beach.jpg!Large.jpg>

Parte III

Parte III – Congnição social implícita: [DO OUVIR E VER AO APRENDER A APRENDER 123](#)

Inserções no universo de pesquisa no mundo universitário em tempos de ERE para conhecer os pensares sociais



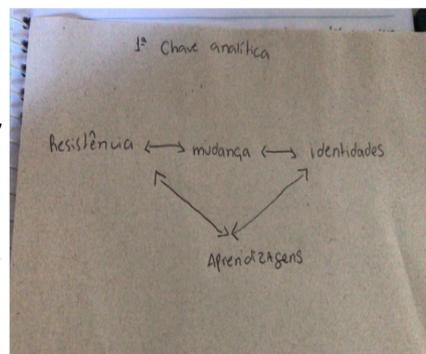
Diálogos possíveis (Manhã de atividade síncrona - 19 de outubro de 2020)

NO RETROSPECTO: A CONTINUIDADE de esquema analítico e

de construção coletiva de conceitos

O texto que segue não tem por propósito ou pretensão criar conhecimentos novos, mas sistematizar o existente e adaptá-lo à situação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) e, tem, por objetivo, no seu caráter descritivo-explicativo: promover a inclusão daqueles que estiveram e não estiveram presentes ao encontro síncrono do dia 15 de março..

Tem por outro lado, a intenção de permitir aos leitores construir hipóteses sobre o discutido (fragmentos de lógica) e, a partir daí, tornar compreensível e justificável passarmos quase três horas e meia olhando para a tela do computador, espaço plano e chapado, sem movimento que não os olhares e expressões faciais de uns poucos, e muitos círculos coloridos associado a nomes silenciosos, que escutam e por vezes não. E, não somos radialistas.



Para bom entendedor também serve como uma avaliação provisória que se dá na constante busca de consolidação de uma forma de comunicação que (falando/ escrevendo bonito) evidencie a convergência processual do fazer docente vinculado ao fortalecimento dos compromissos sociais de uma Universidade que se pretende pública, “democrática e gratuita”, sobretudo em seus aspectos direcionados ao aprendizado, respeito à identidade, à diversidade, às diferenças e principalmente às desigualdades que o contexto pandêmico e político no qual a instituição e nós estamos todos inseridos.

Paulo Peixoto Albuquerque 08:31

Saudações! Estamos aqui mais uma vez para o encontro síncrono

Roberta Dias 08:31 - bom dia!

Paulo Peixoto Albuquerque 08:40

Estamos começando com perguntas gerais sobre o covid....mas há uma intencionalidade

Valquiria Menezes da luz Brunes 08:40

Bom dia! Estou pelo 3g . Sim acompanhando as notícias já tive familiar com covid

Paulo Peixoto Albuquerque 08:40

Falando/escrevendo bonito: **O pensamento contextual busca sempre a relação de inseparabilidade e as inter-retroações entre qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com o contexto planetário.**

Valquiria Menezes da luz Brunes 08:42

Verdade na minha mudança tive que brigar com um dos ajudantes negacionistas que usava a máscara no queixo. Medo.

Thiago Severo 08:43 - "Não há educação ingênua!"

Paulo Peixoto Albuquerque 08:50

O complexo requer um pensamento que capte relações, inter-relações, implicações mútuas, fenômenos multidimensionais, realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas (como a própria democracia, que é o sistema que se nutre de antagonismos e que, simultaneamente, os regula)

Paulo Peixoto Albuquerque 08:53

talvez aprendizagem só aconteça quando há ruptura do ponto de vista disciplinar... do claustro disciplinar Valquiria Menezes da luz Brunes 08:54
Viver num contexto de pandemia, sendo do grupo de risco não é algo fácil medo meu esposo trabalha com público e teve duas colegas com covid uma do lado e outra a frente medo continuo de ser infectada faz um ano já que não vejo meu pai e demais familiares.

Paulo Peixoto Albuquerque 08:56

Conhecer é impossível?

Paulo Peixoto Albuquerque 09:14

Pergunta: então aprender é esperar e compreender pela síntese dos contrários...

Paulo Peixoto Albuquerque 09:23

Na conversa com vocês... Crise do Paulo: **Mas integrar conteúdos seria suficiente para a construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a sua realidade, com sua cultura?**

Valquiria Menezes da luz Brunes 09:27

Só integrar não seria suficiente pois tudo depende dum contexto, mas o conhecimento é rotativo. Concordo.

Gabriel Viegas 09:30

Mariana, teu microfone ta aberto

Valquiria Menezes da luz Brunes 09:30

Problematizar é um instrumento de aprender e instigar o pensamento.

Carmen Paulo 09:33

Humanos aprendem só aquilo com o que se importam?

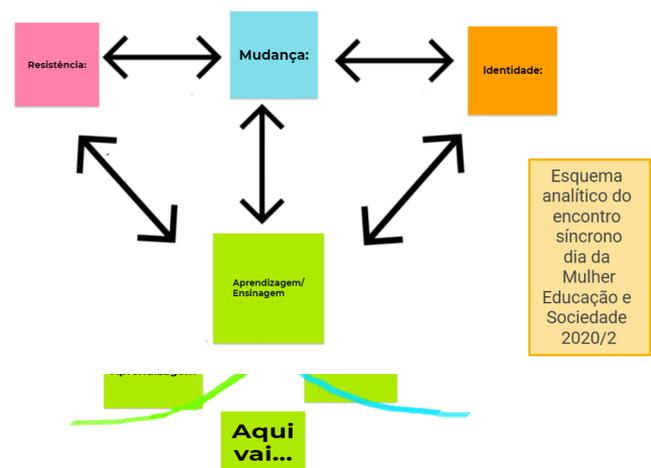
Paulo Peixoto Albuquerque 09:34

Então aprendizagem em um primeiro momento se dá a partir de um descobrimento individual...aquilo que faz sentido (Dandara) mas o saber (meeesmo) se produz no coletivo?

Valquiria Menezes da luz Brunes 09:36

Sim o saber é coletivo

Paulo Peixoto Albuquerque 09:36



Esquema analítico do encontro síncrono dia da Mulher Educação e Sociedade 2020/2 - UFRGS

ensinar então é criar possibilidades para ser/explorar e relacionar aquilo que se sabe com o saber dos outros...

Ana Alice Hogetop 09:38

eu acho que a maneira que os conteúdos são expostos na escola não são atrativos, isso faz com que os alunos não se importem com aquilo

Dandara Conrad 09:38 - concordo Ana

Roberta Dias 09:39

acho que as vezes a gente aprende mesmo não se importando com aquilo que ta sendo oferecido

Paulo Peixoto Albuquerque 09:46 - o silêncio é disciplinar...por isso

Ágatha Santanna 09:48

Nossa relação com a escola desde sempre é linkado a uma obrigação, os pais sempre diziam " - não fez menos que a obrigação", "- sua responsabilidade é estudar" , " - estuda para ter um futuro" Como viver o presente nos anos mais avançados no processo de aprendizagem, igual quando se é criança?

Paulo Peixoto Albuquerque 09:50

Disciplina é a obediência ao conjunto de regras e normas que são estabelecidos por determinado grupo. Também pode se referir ao cumprimento de responsabilidades específicas de cada pessoa.

Paulo Peixoto Albuquerque 09:54

uniformizar, padronizar modos de ser... para não dar autonomia, protagonismo, emancipação daquele que aprende desperdiçando potenciais para pensar para além da sala de aula ou da escola ou da relação professor/alunes

Thiago Severo 09:55 - \$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$

Roberta Dias 09:57

a instituição escola acho que perde um pouco de força na disciplina quando tem professores e alunos dispostos a ir além dessa caixa quadrada

Paulo Peixoto Albuquerque 09:58

Mas se a escola e/ou a universidade é a sociedade em conceitos... então educar é subversivo!

Escola franciscana (cristã) discutindo o casamento homo

Andre chiappini 10:00 - meu deus.... que barra dandara...

Ana Alice Hogetop 10:01

isso da escola se preocupar com a reputação e com a opinião dos pais é muito característico das escolas privadas

Paulo Peixoto Albuquerque 10:01

o padrão na educação para resolver conflitos é isolar, excluir

Dandara Conrad 10:01 - simm, minha escola era privada

Paulo Peixoto Albuquerque 10:05

Educação não mais como direito, mas como mercadoria...é a lógica empresarial assumindo o contexto da educação formal disciplina, matéria, cadeira...

Mariana Martins 10:06

é importante pensar também no objetivo oculto da educação que vemos na escola pública e na escola privada, principalmente na educação infantil

Paulo Peixoto Albuquerque 10:09

... então o educar, não o ensinar, é subversivo e não depende da escola...depende da diversidade e da capacidade de problematizar para ir além da sua bolha ou contexto social depende da diversidade do pensar.

Mariana Martins 10:11 - isso

Juliana Azevedo 10:11 - Sim

Juliana Azevedo 10:13 - Exato Roberta

Paulo Peixoto Albuquerque 10:14

educar (segundo as falas) é construir elementos para a compreensão das diferenças como constituintes do complexo processo da diversidade e a sua

conexão com as desigualdades... . caso contrário é doutrinação, adestramento e isto é para o Kennel club

Andre chiappini 10:14

que prof dizia isso Cecília? tinha um prof de história que falava bem assim tb

Cecília Machado 10:15 - prof Alexandre Andrade

Andre chiappini 10:15 - EU ERA ALUNO DELE TB

Cecília Machado 10:15 - MENTIRA ai amo ele perto

Andre chiappini 10:16

quando ele tava dando aula sobre idade média ele me desenhou sofrendo na mão da igreja católica porque eu era herege uashahsasuhahaus

Paulo Peixoto Albuquerque 10:18

e identidade é algo que se dá no cruzamento dPos olhares (dos outros)

Andre chiappini 10:19

mas profs, se me permitem fazer uma provocação: o ensino privado, é o causador da defasagem do ensino público, ou é reflexo de uma defasagem prévia? Porque vira e mexe eu caio na sempre resposta de que o ensino privado é um problema.

Thiago Severo 10:19

é muitooooooooooooo diferente....

até mesmo em cargos administrativos

Roberta Dias 10:20

como assim diferente?

Thiago Severo 10:20

eu trabalho em 3 núcleos de inovação universitários....2públicos e 1privado...

Thiago Severo 10:21

o privado não é um ambiente plural, onde as decisões são debatidas, e sim, uma imposição do pensamento único de uma chefia. a preocupação não é com a contribuição com a sociedade, mas sim com o boleto pago em dia.

Andre chiappini 10:23

total. o ensino particular não quer que tu estude, quer que tu pague

Paulo Peixoto Albuquerque 10:23

respondendo a provocação: só uma educação pública pode levar um grupo social, uma sociedade ser democrática, respeitosa e dar conta dos diferentes saberes existentes na sociedade

Andre chiappini 10:24

podem até enfeitar com um monte de ideais religiosos por trás, mas sempre tem uma finalidade

Paulo Peixoto Albuquerque 10:36

Temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza. (Boaventura de Souza Santos, 2006) e a escola pública é o lugar para isso

Paulo Peixoto Albuquerque 10:44

Das falas estou entendendo que Ensinar se dá e compreende cruzamentos relacionais que se legitimam no olhar do outro e no replicar a partir dos saberes vínculos que conectam pessoas...por isso aberto , ambíguo porque articula igualdades e diferenças não é só racionalidade operativa e administrativa de conteúdos, mas contingente e limitado pelo viver em coletivo

Carmen Paulo 10:58

Esquema analítico do encontro sincro no dia da Mulher Educação e Sociedade 2020/2

Resistência é processo no qual o conjunto de ações (individual e coletivo) vai além do momentâneo, pois sua dinâmica concorre para a liberação daquele que resiste. Começa com a análise da situação (espaço de vida)

podendo determinar o comportamento do(s) indivíduos não termina, pois autocrítica, não renunciando as contradições /oposições podendo significar um tempo que não se completa

Mudança é processo complexo que se materializa nas Intenções (individuais e coletivas) que impactam na regularidade social; se faz necessária para não perder de vista a pluralidade, reconhecendo que as diferenças e a alteridade que marcam os modos de ser sem desconsiderar as construções passadas (conceitos ou modelos) e as interações da vida, pois se constitui em possibilidade para o

futuro desde que não pensada apenas como percepção, mas em ação.

Identidade é conceito ambíguo que resulta do provisório da intersecção do que é a minha vida (passada/presente) e o contexto social, bem como, o que o imaginário social sinaliza.

"Mudou o conceito, é preciso que mude para que continue o mesmo" Ou, mude para que nada mude.

É algo que esta se dando e compreende cruzamentos relacionais e que se legitimam no olhar do outro. Se dá no replicar dos vínculos que conectam as pessoas.

Por isso, é aberto, ambíguo porque diz da tensão de articular igualdades e diferenças.

Pássaro de ouro a voar /
Se voar cria asas/

Com o som/
Destas cordas cria mundos/
Para você se habitar.
Beto Guedes

Paulo Peixoto Albuquerque 11:02

pensar a docência mais centrada nas dinâmicas internas das escolas (sala de aula), sem desconsiderar uma perspectiva mais abrangente. Pergunta: qual é o maior medo do(s) professor(es) da(s) Professora(s)?

Ensinaem: é processo intencional que se dá na relação prof/aluno e a partir de situações problemas que possibilita àquele que aprende encontrar os limites do seu saber para além do seu contexto social (bolha) de modo a construir hipóteses ascendentes para dar conta de problemas mediatos e imediatos. Mas isto só tem sentido se for feito para a autonomia, protagonismo e emancipação de quem aprende

Carmen 11:29

https://jamboard.google.com/d/1RAXYAJR_TMk81TUrm1LX3Rd6TFNltzqzc5-YtzUhoA8/edit?usp=sharing

Falta inserir relação aluno/aluno, aluna/aluna e a questão de gênero? Falta?

Paulo Peixoto Albuquerque 11:41

As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá.

Há três coisas misteriosas que eu não consigo entender:

A águia voando no céu;

A cobra se arrastando nas pedras;

O navio que encontra seu caminho no mar;

O pássaro gosta de pairar nas alturas, acima do mundo, não para ver as pessoas de cima, mas para estimulá-las a olhar para cima.

Louise Arend 11:44 - Pode ser pelo drive

Paulo Peixoto Albuquerque 11:45

Deixai-me com o meu dia que nem sempre é dia,

com a minha noite que nem sempre é noite como a alma quer.

Não sei caminhos de cor....

Roberta Dias 11:46 - vou ter que sair agora, boa semana!

Gabriel Viegas 11:46

Prof, tu pode mandar isso no grupo mais tarde? Pra ficar de "lembrete"?

Louise Arend 11:46

São perguntas que as respostas tem q ser algo pessoal ne?

Mariana Martins 11:46 - Isso

Para disparar o pensar ou para dar seguimento ao texto....

Qualquer narrativa (quem conta um conto aumento um ponto) é a organização da “experiência do eu”, “um processo que diz respeito à pessoa que está construindo significados de uma experiência ao contar uma vivência e, por mais que tenha querido seguir a ordem cronológica

das falas ou dos registros sempre falta algo. As vezes também sobra. Há dobras e pregas que repetem. E não é apenas mais do mesmo. É expor de si. Possibilidade de transgredir.

Assim sendo, agora é a parte do leitor (pelo menos para quem chegou até aqui) produzir outros significados com aquilo que leu, pois a temporalidade que foi central na narrativa, agora ganha outros elementos para que possamos compreender melhor aquilo que foi dito no encontro síncrono: o mundo não é. O mundo está sendo nas relações que estabelecemos... “não é que o sujeito passa pelo tempo; antes, nós somos tempo; não é o tempo que passa, somos nós que nos constituímos temporalmente”¹⁶

Para isso, precisamos continuar pensando¹⁷ que os encontros síncronos (como um tempo-espço) sejam compreendidos como um espaço/tempo de confiança para que se saboreie outros pensares, ou, que a reflexão produzida nos desdobramentos da semana contribuam para o ressignificar de sentidos e crescente autonomia de, aos e para sujeitos.

“Outros que contem

Passo por passo:

Eu morro ontem

Nasço amanhã

Ando onde há espaço:

– Meu tempo é quando”. [Vinicius de Moraes](#)

Até o próximo encontro síncrono (seja no dia 22 de março ou outro)

Carmen e Paulo

Apêndice

(consta do *JAMBoard*)

¹⁶ Ribeiro AK, Lyra MCDP. O processo de significação no tempo narrativo: uma proposta metodológica. *Estud Psicol.* 2008; 13(1):65-73.

¹⁷ E o texto colocado como Apêndice ao final deste, resulta de escrita coletiva, aberta e inconclusa;

Síntese de Esquema analítico dos encontros síncronos no dia da Mulher e no dia 15 de março 2021.

Educação e Sociedade 2020/2 Construção coletiva das turmas A e C da FACED/UFRGS

Resistência é processo no qual o conjunto de ações (individual e coletiva) vai além do momentâneo, pois sua dinâmica concorre para a liberação daquele que se opõe. Resiste. Começa com a análise da situação (espaço de vida) podendo determinar o comportamento de indivíduos. Não termina, pois autocrítica, não renunciando às contradições/oposições, podendo significar um tempo que não se completa... É incompleto;

Mudança é processo complexo que se materializa nas intenções (individuais e coletivas) que impactam na regularidade social; se faz necessária para não perder de vista a pluralidade, reconhecendo que as diferenças e a alteridade, marcas dos e nos modos de ser, sem desconsiderar as construções passadas (conceitos ou modelos) e as interações da vida. Se constitui em possibilidade para o futuro desde que não pensada apenas como percepção, mas em ação. "Mudou o conceito, é preciso que mude para que continue o mesmo" Ou, "mude para que nada mude".

Identidade é conceito ambíguo que resulta do provisório. Da intersecção do que é a "minha" vida (passada/presente) e o contexto social; do que sinaliza o imaginário social. É algo que está se dando. Compreende cruzamentos relacionais que se legitimam no e pelo olhar do outro. Replicar dos vínculos que conectam as pessoas. Por isso, é aberto, ambíguo. Diz da tensão de articular igualdades e diferenças...

Aprendizagem e Instrução

Aprendizagem: Em um primeiro momento se dá a partir de um descobrimento individual... aquilo que faz sentido, a curiosidade, com perguntas, e instigar o pensamento contextual busca sempre a relação de interconexão e problematizar é um instrumento de aprender e instigar o pensamento. O pensamento contextual busca sempre a relação de interconexão e problematizar é um instrumento de aprender e instigar o pensamento. O pensamento contextual busca sempre a relação de interconexão e problematizar é um instrumento de aprender e instigar o pensamento. O pensamento contextual busca sempre a relação de interconexão e problematizar é um instrumento de aprender e instigar o pensamento.

Ensinar: é processo intencional que se dá na relação prof/aluno e a partir de situações problemáticas que possibilitam aquele que aprende encontrar os limites do seu saber para além do seu contexto social (bolha) de modo a construir hipóteses ascendentes para dar conta de problemas mediados e imediatos. Mas isto só tem sentido se for feito para a autonomia, protagonismo e emancipação de quem aprende, pois, ensinar é criar possibilidades para ser/explorar e relacionar aquilo que se sabe com o saber dos outros...

Educação está atualmente considerada não mais como direito, mas como mercadoria... é a lógica empresarial assumindo o contexto da educação formal como disciplina, matéria, cadeia, com o objetivo oculto da educação que vemos na escola pública e na escola privada, então o educar, não o ensinar, é subversivo e não depende da escola... depende da diversidade e da capacidade de problematizar para ir além da sua bolha ou contexto social, depende da diversidade do pensar e o educar (segundo as falas) é construir elementos para a compreensão das diferenças como constituintes do complexo processo da diversidade e a sua conexão com as desigualdades... caso contrário é doutrinação, adestramento.

Aprendizagem.

Em um primeiro momento se dá em um descobrimento individual... aquilo que faz sentido, a curiosidade, com perguntas, e nelas há intencionalidade, e problematizar é um instrumento de aprender e instigar o pensamento. O pensamento contextual busca sempre a relação de

Qual ESCOLA?
A que temos? A que queremos? A que gostamos? A que é possível? Ou...

Disciplina é a obediência ao conjunto de regras e normas que são estabelecidos por determinado grupo. Também pode se referir ao cumprimento de responsabilidades específicas de cada pessoa. E a maneira que os conteúdos são expostos na escola não são atrativos, isso faz com que os alunos não se importem com aquilo, as vezes a gente aprende mesmo não se importando com aquilo que está sendo oferecido e lembrara que o silêncio é disciplinar...por isso, Nossa relação com a escola desde sempre é ligado a uma obrigação (os pais sempre dizem "não fez menos que a obrigação", "a sua responsabilidade é estudar", "estuda para ter um futuro"). Como viver o presente nos anos mais avançados no processo de aprendizagem, igual ao quando se é criança? Uniformizar, padronizar modos de ser, não para dar autonomia, protagonismo, emancipação daquele que aprende desperdiçando potenciais para pensar para além da sala de aula ou de escola ou da relação professor/alunos. A instituição escola perde um pouco de força na disciplina quando tem professores e alunos dispostos a ir além dessa caixa quadrada, mas se a escola e/ou a universidade é a sociedade em conceitos... então, educar é subversivo, como, por exemplo, numa escola franciscana (cristã), discutir o casamento homossexual. Escolas privadas se preocupam com a reputação e com a opinião dos pais, e o padrão na educação mercantil, para resolver conflitos, é isolar, excluir, cobrar, mais do que com o educar.

inseparabilidade e as inter-retroações entre qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com o contexto planetário, devastador, neste momento. Conceito complexo requer um pensamento que capte relações, inter-relações, implicações mútuas, fenômenos multidimensionais, realidades simultaneamente solidárias e conflitivas (como a própria democracia, que é o sistema que se nutre de antagonismos e que, simultaneamente, os regula). E, talvez, a aprendizagem só aconteça quando haja ruptura do ponto de vista disciplinar... do claustro disciplinar.

Conhecer. É impossível? Então aprender é esperar e compreender pela síntese dos contrários? Integrar conteúdos seria suficiente para a construção do conhecimento pelo sujeito? Com base em sua relação com o contexto, com a sua realidade, com sua cultura? Humanos aprendem só aquilo com o que se importam? Só integrar seria suficiente? Depende dum contexto, mas o conhecimento é rotativo? Aprendizagem, então, mas o saber (mesmo) se produz no coletivo? Sim, o saber é coletivo. Sensibilidade, afeto, força da palavra e não basta ser técnico, se tudo não estiver a serviço do humano.

Ensinar: é processo intencional que se dá na relação professor/aluno e a partir de situações problemas que possibilitam àquele que aprende encontrar os limites do seu saber, para além do seu contexto social (bolha) de modo a construir hipóteses ascendentes e dar conta de problemas mediatos e imediatos. Para além de corpo, da matéria, de identidades, da cultura, e do contexto. Mas, isto só tem sentido se for para a autonomia, protagonismo e emancipação de quem aprende. É criar possibilidades para ensinar e ser / explorar e relacionar aquilo que se sabe com o saber dos outros...

Escola. Disciplina é a obediência ao conjunto de regras e normas que são estabelecidos por determinado grupo. Também pode se referir ao cumprimento de responsabilidades específicas de cada pessoa. E, se a maneira que os conteúdos são expostos na escola não são atrativos, isso faz com que os alunos não se importem com aquilo, mesmo quando se aprende, sem se importar com o que está sendo oferecido. Lembrar que "o silêncio é disciplinar", por isso, nossa relação com a escola desde sempre é linkado a uma obrigação (os pais sempre diziam: - "não fez menos que a obrigação", - "a sua responsabilidade é estudar", - "estuda para ter um futuro"). Como viver o presente nos anos mais avançados no processo de aprendizagem? Igual ao quando se é criança? Uniformizar, padronizar modos de ser, não para a autonomia, protagonismo, emancipação daquele que aprende, desperdiçando potenciais para pensar para além da sala de aula ou da escola ou das relações professores/alunos.

A instituição escola perde um pouco de força na disciplina quando tem professores e alunos dispostos a ir além dessa caixa quadrada. Mas, se escola e/ou universidade é a sociedade em conceitos...., então, educar é subversivo,

como, por exemplo, numa escola franciscana (cristã), discutir o casamento homossexual? Escolas privadas se preocupam com a reputação e com a opinião dos pais, e o padrão na educação mercantil, para resolver conflitos, é isolar, excluir, cobrar, mais do que com o educar?

Educação. Está atualmente considerada não mais como direito, mas como mercadoria... é a lógica empresarial e financeira assumindo o contexto da educação formal como disciplina, matéria, cadeira, com o objetivo oculto da educação que vemos na escola pública e na escola privada, **então o educar**, não o ensinar, é subversivo e não depende da escola... depende da diversidade e da capacidade de problematizar para ir além da sua bolha ou contexto social, depende da diversidade do pensar e o educar (segundo as falas) é construir elementos para a compreensão das diferenças como constituintes do complexo processo da diversidade e a sua conexão com as desigualdades.... caso contrário é doutrinação, adestramento que cabe aos animais. "Não há educação ingênua!" Somos a perenidade do aprender e do ensinar.

Escrituras coletivas: mais do que uma retomada, uma intencionalidade

- *Flashback* 4 (sínteses dos dias 8 a 22 de fevereiro e 02 de março).

O indivíduo já está inserido em um mundo, em um grupo social, que lhe atribui uma série de expectativas, determinações e representações prévias, ou seja, o indivíduo já tem uma identidade pressuposta. Quando essas expectativas são mantidas pelo grupo, há a afirmação de algo que já está dado.

Para o indivíduo, superar a crença sobre alguma coisa que já está dada, o pressuposto, não é algo fácil. A superação implica o rompimento com aquilo que se configura como hábito padronizado, sobretudo as representações, as convicções e, ou os afetos. Por isso a necessidade de trabalhar (exercer a docência) com estudantes em ERE é diferente de trabalhar em uma situação presencial em muitos aspectos. Mas, principalmente porque, em sua maioria, apresentam visão crítica e analítica do mundo, por isso o cuidado em escolher materiais e metodologias que não sejam infantilizados ou infantilizadoras.

Por isso, insistimos nos *flashbacks* que retornam aos alunos como aprendizagem não-linear, de sensibilização, reflexão, experiência e crítica. Ao fim e ao cabo, o nosso desejo é que estudantes vivenciem situações coletivas (reflexão e crítica) e individuais (sensibilização e experiência).

O texto está organizado em partes e momentos que buscam traduzir aquilo que aconteceu nos encontros síncronos. Cada parte guarda uma unidade interna e apresenta diferentes momentos. Mas, porque entendemos que o ato de educar é, ao mesmo tempo, a base da conservação da ordem e (paradoxalmente) o fundamento de mudanças ou transformações mais radicais, buscamos, na lembrança do que aconteceu, fazer disparar o pensar de todos.

Carmen Machado e Paulo Albuquerque

Parte 1 – Entre um e outro encontro emergem questionamentos

Esta parte apresenta quatro breves momentos. As memórias compartilhadas, as escrituras prévias, nas falas o reconhecer e o reconhecer-se, e ainda os novos diálogos e as escrituras.

Momento 1: Na memória.... Começamos e terminamos os encontros síncronos sempre com uma pergunta:

No último encontro finalizamos com a seguinte pergunta: **É possível se reconhecer nas memórias que temos?**

Por quê? Porque como estratégia pedagógica as memórias (aquilo que vivenciamos) ao serem compartilhadas permitem a cada ser, (a gente) se reconhecer e achar trajetórias que lembram a minha/nossa/sua; porém, apesar das semelhanças em nossas vivências, cada um tem um contexto diferente e único. As decisões foram tomadas e as memórias criadas e recriadas.

Quando retomamos em texto aquilo que foi dito e falado nos encontros síncronos, vamos ver nos relatos dos colegas, não apenas os pontos de vista, mas alguma coisa a mais. *“Todo ponto de vista é sempre a vista de um ponto.”*

“Será que todo ponto de vista corresponde a uma mudança e faz surgir outras transformações? Outras conexões?” disse o professor. Neste mesmo registro a professora afirmou: “Quando o ponto de vista é bem explicado em conversa ele causa transformações, nem que seja a reflexão das razões da pessoa ter esse ponto de vista”.

Assim, tendo por objetivo a promoção do diálogo para entender as diferentes situações que fariam alguém pensar o que pensa e fazendo referência ao que diz Thomas Kuhn (em seus estudos sobre a história da ciência - indicação da segunda aula): **“nenhuma teoria deve ser rejeitada pois cada uma tem um diferente contexto que precisa ser apresentado e compreendido”**.

Por isso, apresentamos este texto organizado em três momentos que aproveitam o fluxo de consciência e se faz disponível para reviver aquilo que aconteceu no encontro e a partir daí provocar a reflexão.

Tomamos a liberdade de deixar o nome de cada uma e cada um, para não omitir a sutileza do pensar de cada intervenção (até porque, nada do que foi dito compromete e está relacionado ao que se disse naquele momento).

MOMENTO 2 – Escrituras prévias ao encontro do dia 22 de fevereiro

Repetindo a pergunta: É possível se reconhecer nas memórias que temos?

Juliana Azevedo

Sim, é possível me reconhecer em minhas próprias memórias bem como me reconhecer através das memórias de outros. Por exemplo: No contexto da pandemia é difícil reconhecer com quem quero dar tchau e com quem quero dizer até breve. O que posso dizer é que quero, até o fim do curso dizer até breve a todos incluindo os professores(a). Tchau é uma palavra subjetiva e na minha opinião pessoal, de cunho negativo. Não sou adepta ao tchau e sim um até breve ou até mais.

Valquiria Menezes da Luz Brunet

Sim, mas nota-se que não há uma razão unânime. Muito menos existe uma verdade absoluta que se possa atribuir como razão para o fato. Tão interessante quanto o motivo individual que nos leva a re-fazer as nossas memórias (escolhas), é o reforço que o motivo alheio faz a minha própria escolha. Isso me faz lembrar do termo "coletivo". Não vivemos em uma bolha isolada dos outros. Pelo contrário, somos um coletivo de pensamentos, ideias e razões. Conforme vamos interagindo o limite entre eu e o outro acaba por desaparecer e a formar algo maior e comum.

MOMENTO 3 – NAS FALAS O RECONHECER e reconhecer-se...

Paulo 08:40 – A mudança tem no ponto de vista a condição e a possibilidade para a construção do conhecimento. Por isso, antes da análise é tudo aparência e desordenado, tudo está emaranhado e precisa dos pontos de vista dos outros se não há pontos de vista não há entendimento e não é possível fazer sínteses. Está na multiplicidade e na pluralidade a condição necessária para se educar: todo ponto de vista corresponde a uma mudança e faz surgir outras transformações? outras conexões?

sim ou não? por que?

Juliana Azevedo 08:56 – acho que quando o ponto de vista é bem explicado em conversa ele causa transformações nem que seja a reflexão das razões da pessoa ter esse ponto de vista

Paulo 08:58 – inclusão

Marina Vieira 08:59 – Acho que não só inclusão, mas empatia também.

Carmen 09:03 – Pode parecer estranho, mas veja o ocorrido dos relatos sobre memória e razão de escolha do curso, mostram, por um lado a opacidade do real e por outro permitem o se colocar no lugar do outro. A título de exemplo:

O ser individual "Crisanto" escolheu pedagogia por iluminar-se ao ouvir de um entrevistado em sua dissertação sobre a obrigatoriedade da educação para o desenvolvimento sustentável. OK! Essa foi a razão apontada por ele. Esta é a sua verdade. Dias depois "Crisanto" entra em contato com a verdade de todo jardim florido. E percebe que em sua vida de semente ele também teve uma mãe professora (como Magnólia), também gostava de brincar de professor quando criança (como Flor de Lotus). Enfim, identificou-se com muitas flores.

Thiago

A sua verdade e sua razão passa a ser questionada, uma vez que um mundo de razões aparecem em sua frente.

Então, forma-se uma razão coletiva, não única, mas múltipla.

Momento 4: Perguntas, Diálogos, falas e por escrituras...

Como toda conversa, em nossos encontros síncronos, há falas e silêncios que demonstram a sua autenticidade, pois nos vacilos e na

fragmentação das falas mostram (a quem lê e a quem esteve presente) que “a aula”, seja ela presencial em sala de aula ou em reuniões à distância, (ERE, nos tempos de pandemia), a informação proposta (disciplina) nem sempre vem pronta, pois, considera a condição de acesso dos alunos.

Estamos dizendo, na prática, que os professores em formação (vocês) precisam estar atentos (escuta, observa, reflete) sobre o blefe do estar na universidade ou de uma proposta didática que propõe uma reflexão sem levar em conta a realidade em que vivem educadores e educandos.

Aquele que lê constantemente os textos e não relaciona com a vida compreende o real apenas na sua abstração (a propósito da fala do Thiago)

Por isso, a leitura de mundo (do social) começa quando se termina o artigo, o texto; as perguntas são a estratégia para que (aquele que aprende) se aproprie daquilo que vivenciou, leu.

Por isso, as tarefas propostas nada mais são (para os professores e para os alunos) do que a forma ideal de tornar o conhecimento tangível.

Trata-se apenas de um método de ensino para demonstrar sua aplicabilidade e que nada tem a ver com a realidade daquilo que acontece em sala de aula.

As tarefas podem ser apenas um exercício burocrático? Que não levam a mudar o pensar?

Valquiria Menezes da Luz Brunet – *Pra mudar de fundo, tem que ter apoio dos professores (a) mas existem outros processos outros setores em união com nós mesmos (alunos) nas manifestações podemos mudar.*

Na fala de Valquiria fica dito que concordâncias ou discordâncias dependem das pessoas / cidadãos e cidadãs, que individualmente tem o poder na mão e coletivamente a responsabilidade de reivindicar, participar e disputar, ou no de manter privilégios aos grupos dominantes.

Carmen: Como metáfora

1. *“Os biólogos descobriram que dentro das células do tecido da lagarta existem células chamadas células imaginativas. Elas ressoam em uma frequência diferente. Além disso, elas são tão diferentes de outras células de verme que o sistema imunológico da lagarta pensa que são inimigos e tenta destruí-los. Mas novas células imaginativas continuam surgindo, e cada vez mais ... De repente, o sistema imunológico da lagarta não consegue destruí-las rápido o suficiente e elas ficam mais*

fortes à medida que se conectam para formar uma massa crítica que reconhece sua missão a cumprir. o incrível nascimento de uma borboleta.

2. **Em 1969, Margaret Mead disse: "Nunca devemos duvidar que um pequeno grupo de cidadãos motivados e determinados pode mudar o mundo. Certamente será assim que, apesar de tudo, nos encontramos."**

Acredito firmemente, junto com muitos outros, que há uma efervescência evolucionária na estrutura da sociedade atual. Apesar do clamor do medo, da ganância, do consumo transbordante e da violência que se expressam nos tecidos da sociedade, existe uma união de homens e mulheres que podemos chamar de células imaginativas, que vão revelando um mundo diferente, uma transformação, uma metamorfose.

3 **O poeta uruguaio Mario Benedetti escreveu: "E se um dia, ao acordarmos, percebermos que somos a maioria? Afirmo que as células imaginativas dominariam e tirariam a borboleta de um mundo de vermes"**

Esta é a hora de acordar. Grupos de células imaginativas estão se agrupando por toda parte; eles estão começando a se reconhecer. Estão desenvolvendo as ferramentas organizacionais para aumentar o nível de consciência, para que se manifeste a próxima Etapa de nossa sociedade humana, para criar uma nova sociedade que, deixando de ser uma lagarta, se torna uma borboleta.

Uma nova dimensão de Vida , uma sociedade mais compassiva e justa, uma humanidade com raízes de felicidade e compreensão mútua. Sejam células entusiastas!

Conecte-se com os outros ... e vamos todos juntos construir uma Nova Humanidade! Deepak Chopra"

Talita Vieira 08:48 – A aula está sendo gravada?

Carmen 08:49 – Não. Não tenho site pago para poder gravar. Estamos registrando as falas, mas sem imgs...

Thiago Severo 08:53 e 08:57 – Minha instituição cresceu 30% na pandemia! (sou professor-tutor em uma IES privada) A cultura está em tudo. Seja ela qual for.

Paulo Albuquerque 08:58 – Mas há uma política pública de defesa educação pública?

A formação do EAD tem compromisso com a formação cidadã? Ou reproduz a lógica do mercado, o consumismo, o mundo do trabalho.

O mundo do trabalho sub-contrata professores com outras denominações, em condições em que o trabalho de educar possa por ser professor, independente da denominação.

Repetindo a Carmen: Em 1969, Margaret Mead disse a propósito do que disse a Margareth Mead: "Nunca devemos duvidar que um pequeno grupo de cidadãos motivados e determinados pode mudar o mundo. Certamente será assim que, apesar de tudo, nos encontramos."

Thiago Severo 09:01 – A minha só não eliminou a "mão-de-obra" pois não conseguiu dominar a Inteligência Artificial e o individualismo.

Paulo Albuquerque 09:10 – Vou repetir a Carmem (de outro modo) há que se admitir que vivemos em sociedades marcadamente voltadas para o consumo individual e, portanto, expostas à erosão da solidariedade e à escassez de pressupostos de responsabilidade ética.

Por isso, é preciso valorizar esta experiência que estamos tendo, pois a pandemia tem explicitado as diferenças de classe que anteriormente estavam escamoteadas.

Se o educar é promover o pensamento, observar, passa pelo escutar, pela reflexão e assim chegar ao dialogar e assim construir o conhecer.

A cultura como tradição ou como cultura popular, disponibiliza quais saberes? (sabendo que em educação não há ingenuidade, inocência, gratuidade ou acaso).

Carmen 09:33 – **Como assim? Os compromissos, as interdependências mostram a diversidade e nossas diferenças são importantes conhecer. Elas que ampliam o repertório de respostas diante das situações que se apresentam de modo singular, na diversidade e desigualdade. A história de Maria pode ser uma situação que diz como cada um e cada uma, como o grupo dá conta das desigualdades sociais nas quais vivemos.**

A segunda parte do texto vai detalhar a História que é a mesma há muitos anos, só que não, pois a cada turma recebe nuances inspirada no entorno social em que vivemos.

Escrituras coletivas: mais do que uma retomada, uma intencionalidade II

Parte 2 Entre histórias e suas interpretações

- *Flashback 5* (sínteses dos dias 22 de fevereiro e 02 de março). Esta parte é a continuidade do *Flashback 4* e se liga ao próximo. Embora possam ser lidos de modo independente, compõe um todo. Nesta parte se apresentam os momentos 5 – a contação de “A História de Maria” e o momento 6 – Propostas para o pensar, refletir e dialogar.

Momento 5: Na Contação de história algo se insinua...

A história de Maria

Era uma vez uma pequena cidade que fica a beira do lado leste de um lago. Tem ao norte uma cadeia de montanhas ligada ao lago que serve para navegação, ao sul uma floresta cultivada e recortada por trilhas e caminhos, ao oeste, pequenas propriedades rurais. Vivem no pequeno município à beira do lago três amigos: José, o artesão, seu amigo João o pastor de ovelhas, e Maria, professora amiga de José. Sempre que João vai para a cidade, costumam se encontrar para conversar, falando das coisas da vida e fazem dos encontros momentos de alegrias e partilhas. Sabem como são amigos. Quando partilham suas ideias atravessam os dias ou as noites, sem ver o tempo passar.

Vocês sabem como é viver na cidade. A gente tem viadutos, ruas esburacadas, muito movimento. No interior não. Tem é “picadas”, tem que passar riachos. Cruzar a floresta. O carro tranca. A bicicleta tranca. Mas João nem liga. Ele sai de casa e vai ao encontro dos amigos. Toda semana João se encontra com José e este o apresenta para Maria. Reafirma mais a amizade deles. Se torna quase que um hábito os encontros a três sempre que possível.

Um dia, passado um certo tempo, João vai até a cidade sem ter um motivo especial que seja seu trabalho e vai encontrar o José. Chega para o José e este diz: – Ué, o que aconteceu? Você veio para a cidade por quê? – Vim falar contigo, porque tu és meu amigo. A gente é amigo há muito tempo e eu precisava conversar contigo, disse João, ao que José responde: – Que é isso, senta aí. Vamos tomar um chimarrão. Que que é? Conta aí. – Eu queria te contar que eu e a Maria, a gente está se encontrando sem tu saber porque faz um tempo que entre nós está rolando um clima uma química, despejou o João num só fôlego. José disse: – Não tô entendendo. Tu e a Maria?

A gente se gosta tanto. Se gosta tanto que se encontra e a gente está pensando em ficar junto, afirma João. – Que bobagem é essa? Nunca pensei

que fosse fazer isso comigo, João. Bem que tu podias ter falado logo. Afinal, a gente é amigo há tanto tempo. E amigo que é amigo não esconde nada do outro. E entre os dois ficou um clima muito estranho.

– Frescura tua, João. Podia ter me falado. Não precisava enganar. O João disse: – não é nada disso. É que a gente gosta ou não gosta. E o José está responde: – está bom.

Mas, a partir daí João e Maria continuam se encontrando, mas agora sem o José. E mais, o João e a Maria entram num acordo de morar juntos. Mas, na conversa entre eles a Maria diz: – Eu sou professora, e eu trabalho na cidade. Eu gosto do que faço. Tenho meu trabalho na escola. As Escolas da Terra, por causa desses governos, estão sendo fechadas. Estão deixando muitas crianças sem escolas. Essa é uma barbaridade, pois crianças de 4 e 5 anos passam muito tempo andando mais de ônibus do que o tempo que ficam na escola e na sala de aula. Eu não tenho o que fazer no campo.

Ainda assim, o João concordou que essa vai ser uma escolha temporária. Com o passar do tempo ela poderia voltar a ser professora no campo ou na cidade.

João diz: – porque afinal eu tenho uma criação no campo, o meu trabalho é no campo. Não pode ser na cidade. Meu trabalho é de criação, é de pastoreio de ovelhas. Eu cuido de ovelhas e as ovelhas, vocês sabem, para viver precisam de muito campo. Comem um pasto numa área e precisa trocar de área. Ir para outro espaço. E, esse é o meu trabalho e eu não tenho como viver sem ele. Mas, no primeiro momento tu vem morar comigo. Vamos dar um jeito depois e entrar num acordo.

A partir daí o João leva Maria para morar na casa dele do outro lado do lago. Nos primeiros tempos. os dois começam a construir suas memórias juntos. O que um gosta, do que não gosta e assim estabelecem uma rotina construindo uma história que é feita de memórias no viver. Do viver não mais na cidade, mas, agora, numa outra cultura, nos espaços do campo.

Assim, seguem. Tanto é que quando o João começa a levar as ovelhas para outros poteiros, mais distantes, ele vai e volta porque quer ficar perto da Maria. Mas quando ele fica longe tem que levar para cada vez mais longe as ovelhas, procura dar um jeito de retornar para poder ficar próximo da Maria. Mas, chega um ponto em que tem que levar as ovelhas cada vez para mais longe e isso vai dificultando o retorno dele.

Com isso, a Maria, que é uma professora e sabe se organizar no tempo, e sabe que como professora aprendeu a resolver as coisas complicadas, começa a ficar insatisfeita com essa situação: ficar sozinha. Se sente descartada pelo João, que fica cada vez mais tempo longe de casa. Certo dia, quando o João

chega em casa, e diz que veio buscar um produto porque precisa socorrer uma ovelha que estava doente e como a ovelha precisava de uma medicação que tinha no paiol, ele voltou para buscar a medicação e vai retornar com rapidez. Maria diz:

- que bom que tu chegaste porque nós precisamos conversar.
- Agora eu não posso. Agora não dá, respondeu João.
- Mas eu preciso conversar contigo.
- Não, agora não dá.
- Mas tu sais e desapareces. Fica 3 ou 4 dias longe. Parece que as ovelhas são mais importantes do que eu. E, eu fico aqui te esperando.
- Mas agora não dá, disse o João.
- Desse jeito não dá. Quando tu sais eu fico sozinha, eu tinha o meu trabalho, tinha minha vida. Aqui eu não tenho internet, não tenho trabalho, nada do que eu faço resolve.

E o João insiste: – Agora eu já disse que não dá porque eu tenho que voltar. Depois a gente conversa.

Ele sai. Resolve as coisas dele. Mas, passa uns 2 dias e ele volta. Quando ele volta, ela retoma o questionamento. Ele, por sua vez, volta a insistir que a situação é temporária, que vai passar, que ela vai se acostumar. Tem que aguardar que tudo passa porque afinal a gente precisa viver nessa condição da nossa sociedade. E agora com tudo que tu estás aprendendo aqui pode usar, porque eu tô vendo como é que a gente pode fazer para achar outras formas sobrevivência.

Passa um tempo e toda vez que João fica longe, Maria mostra a sua insatisfação, seu desconforto, sua inconformidade com a situação. E foi passando o tempo e cada vez que ele voltava ela trazia a questão: – E aí, tem alguma solução? Até que chega um dia e ela já não aguenta mais porque está muito complicado. O João disse para ela: – Olha, quer saber, tu sabe que esse é meu trabalho e eu vou continuar fazendo ele. Não vou fazer outra coisa. Ele sai. Bate a porta. E fica aquele climão. Ela fica em casa, mas pensa: – Quer saber de uma coisa? O João vai ficar fora três quatro dias. Eu vou é ir para a cidade. Não vou ficar mais esperando por ele.

Chega lá no trabalho do seu amigo José e ele diz: – Nossa! Quem é vivo sempre aparece. Senta aí e me conta, o que está acontecendo? Como é que está a tua vida? A vida está te tratando bem? Maria responde: – Ah, tu nem

sabe. Mas, eu vim aqui porque fazia muito tempo que eu não vinha na cidade. O João está sempre trabalhando e vai cada vez mais longe para levar as ovelhas para pastar.

Mas, mas sabe como é que é amigo. Amigo bate o olho e sabe que o outro amigo está mal. Por isso José insistiu: – O que é que houve? Conta Maria? Maria então abre o jogo. Conta que considera ter feito uma escolha que a deixou vulnerável. Sem trabalho. Sem condições de vida. Mas, diz: – sabes que eu sou uma pessoa de fé. José a conforta ressaltando que as perdas doem, mas a gente sempre ganha algumas coisas e perde outras. A gente não gosta de perder, mas quando a gente valoriza a outra pessoa é assim mesmo. As relações vão mudando. Não. Não são tão rígidas e não estão pré-fixadas. Mas, pensa bem.. – É verdade, José. Tu é um bom amigo mesmo. Depois da conversa Maria volta para casa, mas não conta para o João. Esse, que também saiu maquinando o que é que ele ia fazer na volta para encontrar Maria, pensa – Ai, eu fui muito grosso. Devia ter sido mais delicado. Não devia ter tratado a Maria tão mal.

Maria volta para casa e pouco depois chegou o João e ele se encontram. – Está difícil por causa do meu trabalho eu tô muito estressado. Resultado da conversa ficou o seguinte ambiente: toda vez que o João sai trabalhando para levar as ovelhas para mais longe e que vai passar dias fora a Maria vai para a cidade mas não conta para o João. Vai para a cidade. Visita os amigos. Volta, mas não conta para o João. Passa o tempo e a Maria, em função das chuvas, num certo dia, passou por outro caminho em vez de ir pelo caminho costumeiro. Vai por um atalho e, nele, ela encontra Pedro – o Lenhador – Quase ninguém passa por aqui. As pessoas não têm condições de passar por aqui por causa da cerca que está aí e foi posta nessa área de reflorestamento por que o proprietário quer manter a sua posse. Não quer que ninguém pise na sua terra. Eles ficam conversando e se cria um clique entre Pedro e Maria.

Os dois começam a conversar. E começa uma história. São as coisas que a gente não sabe explicar. A partir daí, toda vez que João viaja Maria deixa de ir até a cidade e vai até a metade do caminho. Isso se torna uma rotina e Maria e Pedro passam a se encontrar. E isso também se transforma numa rotina para observar e toda vez que João sai para longe, Pedro e Maria se encontram.

Depois de um certo tempo João diz para Maria: – Vou levar as ovelhas mais para o Norte para uma área mais distante. Vou passar muitos dias sem retornar para casa porque essas ovelhas que eu tô criando são muito frágeis. Nós estamos testando outras pastagens, outro aperfeiçoamento e como somos produtores familiares temos que ir achar uma forma de aumentar a produtividade e temos que nos antecipar. Então, com isso eu vou levar esses borregos para mais longe, até achar pasto melhor. Afinal, a gente está tão bem.

Mas, nesse momento Maria disse para João – vai tranquilo segue vai fazer o teu trabalho. Vai tranquilo. E assim que ele sai ela dá comida para os animais da criação, se arruma e sai. E sai pelo caminho do atalho na floresta. No meio do caminho em direção ao lugar onde pretendia localizar Pedro, encontra um bandido. O bandido estava vivendo na floresta. Ele aparece e diz: – Eu sou bandido e agora eu mando aqui. Maria faz beicinho e diz: – E o que eu tenho com isso? Sou Maria esposa do pastor de ovelhas e não trago nada comigo. Ninguém anda por aqui com dinheiro. Ao que o bandido responde: – Aqui para passar quem manda sou eu. Só passa quem eu quero. E para passar tem que pagar o pedágio porque agora eu mando aqui eu sou o dono daqui. Não me interessa quem tu és. Para passar tem que pagar o pedágio. Se não pagar não pode passar. – Sim, mas eu preciso passar. Não tenho dinheiro. E, mulher de pastor não anda com dinheiro na bolsa.

– Como eu sou um bandido bom vou ser generoso com você. Ou tu volta para casa ou tu passa e não volta, porque quando tu voltar tu vai ter que pagar. Aqui só passa se pagar. Se tu não pagar na ida, tem que pagar na volta. Tem que pagar dobrado na volta. Decide.

Maria para. Para e pensa. Pensa e decide. Vou passar e depois vou achar a solução. Afinal fazia quase 3 semanas que não encontrava Pedro. Vai em direção ao Pedro até alcançar o local. Lá chegando encontrou Pedro. Abraça-o e diz da saudade e: – Sabe quem eu encontrei no caminho? Um bandido. Pedro afirma: – Ouvi dizer que ele está por aí e que nos seus caminhos não deixa ninguém passar; que pagam pedágio com valor extremamente alto. Mas, Maria afirma: – Eu passei por que decidi que vinha te encontrar. Mas, para voltar eu vou ter que pagar o pedágio senão o bandido não vai me deixar passar. Mas, eu achei mais importante vir te ver. Ao que Pedro responde: – Eu tô prejudicado. A seguir explicou que sendo dia 22, depois da semana do carnaval, e no fim do mês tem que fazer a entrega do lote para que possa receber. Não é como quem tem um salário fixo, como os professores que podem atrasar mas, recebem. Lenhadores são pessoas que só recebem pela entrega da tarefa. – Eu tenho que terminar o trabalho, entregar e depois ainda esperar pelo pagamento. Assim, Pedro disse: – Sinto, mas eu não posso fazer nada. Não tenho como te ajudar. A Maria diz: – Bom, deixa que eu vou dar um jeito. Eu vou para a cidade e vou pedir ajuda.

Chega Maria, assustada na casa do José. José recebe Maria manifestando o quanto é bom ver outra vez a amiga. Comenta que ontem mesmo esteve falando nela que agora aparece na cidade. Afinal, faz tempo que Maria não aparece por aqui. – Pois é, sabes José que eu estava vindo para cidade e o bandido me atacou e me pediu um pedágio. Pediu um valor muito alto para que eu possa voltar para casa. E José lembra que esse bandido anda assustando as famílias por aqui e todo mundo já reconhece a existência de quem faz um

estrago e está assustando todo mundo. Está tirando o dinheiro de todos que andam por aqui, de todas as famílias e ninguém mais sai para os arredores. Ninguém mais anda por esses caminhos. – Pois é exatamente por isso. Eu vim pedir ajuda para ti José, me emprestar o valor, porque eu não tenho como voltar sem pagar o pedágio e eu sai e nem avisei o João que ia vir até aqui e tu sabe como é que é, né. José disse está prejudicado pois é quase final de mês. – Não tem como. Eu não tenho dinheiro e não tenho como parar de trabalhar, pois sem entregar as encomendas, os artesanatos que eu faço, não recebo. Ele entrega os artesanatos para a Tok Stok, tudo em consignação. E eles só pagam depois que fecha o mês, e, se venderem a mercadoria. Podes esperar mais uns dias para eu poder receber. – Maria, puedes ficar aqui na minha casa, sem problema nenhum. Espera. Então, quando receber vou ter dinheiro para poder te dar e tu voltar para casa, mas eu mesmo, agora, não tenho aqui, ainda mais depois dos feriados. A Maria em resposta diz: – Não. Eu não posso ficar. Eu tenho que voltar para casa. Não avisei o João e ele pode se assustar e vir me buscar e enfrentar a floresta e correr mais risco. Muito obrigada, Zé. Deixa que vou dar um jeito.

Com isso ela vai até a Igreja a procura do padre, conhecido da família e que a queria bem. O padre reclama: – Nossa. Os caminhos do Senhor são insondáveis. Já não era sem tempo da ovelha desgarrada voltar ao lar. Sei que tu está vivendo em concubinato. Então tu veio para regularizar a tua situação com o João. Maria conta que não. Não veio por isso. Conta toda a história do bandido pede o empréstimo. O padre lembra que ela deve saber que os sacramentos são muito importantes. Afinal ela já fez a primeira comunhão e agora não se casar é ter um relacionamento que não está abençoado por Deus. Mas, ainda assim, diz: – Eu tô prejudicado. A crise está muito forte eu não tenho como ter reservas de dinheiro na igreja para poder emprestar, nestes tempos de pandemia, e ainda depois do carnaval, ninguém mais quer pagar o dízimo e a Cúria não manda mais dinheiro.. Nem os fiéis, os paroquianos, tem vindo aqui. Imagina ficar ajudando quem abandona a igreja. E isso é uma coisa muito séria, mas sempre se pode ficar aqui na casa paroquial. Ou tem um jeito de arrumar com as irmãs franciscanas, no colégio uma cama pelo menos para tu passar a noite, para poder descansar. A Maria disse, não. Não poderia ficar. Tem que voltar para casa. Repete que precisa voltar para casa. – Deixa padre. Vou dar um jeito.

Saindo da Igreja ela lembra: – as minhas colegas de trabalho vão poder me ajudar, são pessoas que trabalharam comigo. Vai em direção à escola onde ela trabalhara para encontrar as suas colegas professoras, reunidas virtualmente – on-line pelo Google Meet, para decidir volta ou não às aulas presenciais. Ela entra na reunião a distância e pretende aproveitar para falar e pedir para as colegas ajuda ou que façam um empréstimo ou uma vaquinha para que ela possa voltar para casa. Ela sabe que nenhuma pessoa só iria dispor do valor

necessário para o pedágio. As colegas estão fazendo o planejamento do semestre que vai iniciar porque parece que vai ter vacina. Então, estão preparando o material com esta indicação e na reunião quando ela entra todo o grupo comemora sua chegada. Diz uma das colegas: – não acredito, tu conseguiste retomar o teu contrato. Vai voltar a trabalhar conosco pelo contrato emergencial. Maria diz que gostaria muito, mas não vai ser possível por que mesmo mediado pelas tecnologias de casa não tem o acesso à Internet. Maria pede desculpas por estar interrompendo a reunião, mas precisa saber se alguém poderia ajudar, pois, é vítima do bandido que anda nos arredores.

Mas, as colegas não têm como resolver a situação que já é complicada de um histórico longo com pagamentos atrasados fracionados e agora mesmo com o pagamento regular as dívidas dos empréstimos anteriores ainda estão sem garantia porque o banco fez empréstimo com juros baixos mas é juros que tem que ser pagos então tá difícil a situação. Uma delas pergunta se Maria não tem cartão de crédito, pois poderia trocar por dinheiro e novamente as respostas são: – Não, não tenho. E mais, concretamente o que é preciso é o dinheiro para poder voltar para casa porque o bandido não vai aceitar cartão ou mercadoria. Aí as colegas olham para ela e dizem que ela não sabe. Não há novos contratos. Os professores do Estado agora é que estão recebendo os atrasados. O salário além de pequeno, além de pouco, vinha sendo parcelado. Além disso, como não recebiam, pegaram empréstimos e pagam juros altos para o BANRI dos empréstimos anteriores, seja por empréstimos voluntários ou compulsórios. As colegas Marina e Cecília oferecem a casa para que ela fique hospedada na casa porque "a gente sempre dá um jeito para acomodar uma amiga", e Alexia se oferece para dar as refeições, até que Maria consiga o alto valor que a rota exige. Ela mais uma vez afirma, agora às colegas: – Agradeço muito a vocês, mas podem deixar que vou dar um jeito. Tenho que voltar hoje.

Sai da escola, pensa um pouco e diz, já sei: – Vou fazer um BO. – Vou à polícia, na delegacia, fazer uma queixa de que ela foi assediada pelo bandido e que está impedida de voltar para casa e pedir apoio para o retorno. Chega na polícia e está tudo fechado. Na porta há um aviso de que devido à pandemia o atendimento será apenas na parte da tarde, a partir das 14h.

Maria pensa e sai caminhando. Pensa mais um pouco e fica indagando: – O que que eu faço? O que que eu faço? Com isso avista uma fila muito grande. Olha e encontra dona Natália. Uma senhora de mais de 85 anos que ela conhece há muito tempo. – O que que a senhora faz por aqui? Dona Natália diz: – Minha filha tô, aqui porque me obrigaram. Tô esperando a vacina, mas qual o quê...Meu neto, que é bem informado pela Internet, já explicou que essa vacina é um risco. É um perigo a gente pode virar jacaré e...eu concordo com ele. Essa vacina não é segura tem mais gente que diz que a gente pode virar jacaré (a televisão não diz, porque são uns sem vergonhas) ou pior ainda que

vão nos botar um chip para nos controlar. Eu acredito no meu neto. Para ti ver minha filha, quanto tempo a gente tá aqui esperando essa vacina e sendo obrigado. Olha, eu acredito mesmo que a Terra é plana porque a gente olha aqui na nossa cidade e a gente enxerga tudo não tem nada redondo e que altere. Tudo aqui é plano a não ser as montanhas na beira do lago O meu neto é bem informado porque ele se informa na internet e ele me explicou direitinho isso. A gente fica sabendo de tudo ouvindo ele falar. Cheguei à conclusão que ele está certo. Basta ver aqui da nossa cidade que tudo é plano. Nós devemos pensar que nós somos mesmo centro de tudo. – Mas, Dona Natália, se a Sra. acredita no seu neto, o que que a senhora tá fazendo na fila? Eu não consigo entender? – Ah, é porque eu não tenho direito à liberdade. Sou obrigada a tomar a vacina. Nisso vem a enfermeira do posto, da unidade básica de saúde e pede que as pessoas recoloquem as máscaras e fiquem a uma distância de 2 m um do outro, higienizem as mãos. Maria pergunta quando terá vacina para ela ao que a enfermeira olha e diz que entre 35 e 40 anos, talvez lá por setembro se não faltar vacinas. Afinal, estava previsto que em fevereiro todos estariam vacinados e, agora, recém chegamos a vacinar aos cidadãos de mais de 80 anos. Então, está muito difícil. Vai demorar bastante. Maria indaga outra coisa enfermeira. – Pode me informar se a delegacia de polícia abre mesmo às 2 horas? – Sim, e acabei de ver o inspetor Sérgio passando aqui e levando um menino pela orelha. A enfermeira dá um grito: – Sérgio! O inspetor para e Maria vai ao encontro dele iniciando uma conversa. Ela conta toda sua história novamente para tentar ter uma orientação. – Positivo operante, diz o inspetor Sérgio. Já tô sabendo dessa história. Maria pede ajuda e mais uma vez recebe a mesma resposta. O Inspetor não pode fazer nada. Inclusive, – porque tô aqui olha aqui: esse pivete acaba de roubar uma fruteira. Ela olha para o menino que estava de costas e descobre que ele é o Antônio. Foi seu aluno no primeiro ano. Era um excelente aluno. Ele tem uma família, moradia. – Não, não é pivete é um menino que, com certeza, eu conheço e sei onde ele mora, inspetor. E com isso Maria repete toda sua história de ter sido professora conhecer o menino agora já está no quarto ano, e pede a confirmação ao Antônio. O inspetor, com isso convida Maria ir na delegacia e assinara que se responsabiliza por esse menino. – Claro, vou me responsabilizar, sim, pois, ele foi meu aluno excelente. Assim, o policial diz que não tem o que fazer por Maria porque não tem viatura, não tem verba para combustível, a outra viatura está na oficina. Tudo está estragado. Ele não tem o que fazer. Ele não tem nem arma, nem bala para ir atrás do bandido. Ou seja, segue Maria responsável por si mesma, tendo que dar conta da sua vida.

A pé a Maria sai da delegacia e o Antônio, que ouviu toda a história de Maria se posiciona: – Tenho uma ideia Prof. Posso lhe ajudar. Tem um barqueiro Professora. Pouco depois ele informa à professora que tem uma ideia. Convida-a para ir lá na beira do lago. Sugere que ela fale com o Barqueiro que transporta a mercadoria para os ribeirinhos e ele pode levar a Professora até o

outro lado do Lago. – Ele pode fazer o transporte para a senhora. Antonio vai com Maria e lá ela conta toda a história para o Barqueiro. o Barqueiro disse não tem problema daqui uma hora eu levanto âncoras porque eu tenho que aproveitar antes que o vento mude porque senão não consigo voltar para casa mas como o preço da gasolina subiu muito eu quero aproveitar o vento para poder diminuir o custo do deslocamento e chegar do outro lado então tem que aproveitar os ventos quanto mais vento tiver mais rápido eu ando se com isso ele o Barqueiro apresenta para Maria o valor do que seria o custo do deslocamento até o outro lado do Lago. Então, responde a ele que não tem nada na carteira. Apenas na sua casa poderá pagar a ele o serviço. Do outro lado eu posso lhe pagar com uma espécie porque em casa eu tenho muito alimento. Tem carnes, grãos, tem manteiga, leite, queijo de cabra, também tudo está em câmara fria, bem armazenado. O senhor vai poder aproveitar bem um alimento caseiro puro. Posso até lhe dar um pouco mais do valor que o senhor tá me pedindo se o senhor aceitar me levar.

O barqueiro fixa logo as condições para negociar: – O que é que eu sou? Que, que eu sou? O quê que eu sou? E Maria olha como quem não está entendendo. – Ora, o senhor é o Barqueiro. – Eu não vendo queijo, nem carne, nem leite. disse o Barqueiro. Eu não comercializo estes produtos. Eu quero saber de poder botar combustível para meu barco poder navegar e eu poder ganhar o meu dinheiro. Portanto, eu só recebo em dinheiro em espécie e a vista. Pagamento adiantado. Caso contrário, nem entro no barco. A gente pode esperar mais meia hora no máximo para sair. Depois vai mudar o vento e eu não consigo mais atravessar a lagoa e não vou me arriscar porque se a gente se demorar, não tenho como sair. Nós vamos precisar desse vento favor, mas, eu não ligo o motor sem o pagamento adiantado. Não sou banco, nem comerciante. Não aceito escambo. Só saio com o dinheiro no bolso.

De cabeça baixa Maria sai de perto e diz ao Antonio, não sei o que fazer. Tenho que dar um jeito. Preciso voltar para casa ainda hoje e sei que o bandido não vai me deixar passar não tenho o dinheiro comigo. prof tem uma outra ideia eu conheço um caminho que Então em vez de ir pelo caminho que a senhora veio nós vamos por esse atalho Vamos mudar o trajeto eu conheço e sei o dia ele mora as pessoas que conheço Maria repete Antonio dá uma outra ideia. – Professora, conheço um outro caminho, de vez em quando eu faço com meu pai, por um outro lado da floresta. Além da estrada e do atalho por dentro do reflorestamento, tem uma trilha que é mais íngreme e por vezes mato fechado. Vai desviando os obstáculos. Leva mais tempo. Segue entre o lago e a floresta, mas dá para chegar na sua casa. O bandido não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Aceita a proposta saem os dois caminhando pela trilha. Vão conversando sobre os limites da Internet por estes lugares e os perigos impostos por este bandido que limita a liberdade de ir e vir típica desta pequena cidade até então. Quando estão quase ao final do projeto tomam essa trilha e já lá na saída, chegando próximo aos Campos que já são Campos abertos, nos quais os pequenos proprietários rurais vão fazendo plantios e cuidando dos animais, depois de terem percorrido um longo trajeto, quase saindo da floresta e chegando ao campo, ouvem a voz do bandido: – O que você está fazendo aqui?

– Corre sora, grita o Antonio se escondendo entre as árvores.

– Trouxe meu dinheiro? Grita o bandido.

– Não, sabe seu band ... começa a gaguejar Maria.

Então o bandido faz: Pá. Pá. Dá dois tiros e acaba com a vida da Maria.

Momento 6: Propostas para o pensar, refletir e dialogar

Carmen 10:20 – Agora vem o nosso trabalho. Por favor, registrem, primeiro individualmente e depois em grupos de até quatro pessoas, ou vamos dialogar de modo conjunto. Tanto pelo Chat como pela voz com ou sem imagem na tela.

1. Vocês vão dizer quem é o mais importante responsável pela morte da Maria.

2. Em segundo lugar, quem é o maior culpado e assim, sucessivamente estabeleçam quem é o culpado do maior ao menor grau de culpa, estabelecendo uma hierarquia de culpa.

A ordem dos personagens é a ordem segundo a sua aparição na história: João, José, Maria, Pedro, bandido, Padre, colegas de trabalho, enfermeira, Dona Natália (idosa), inspetor, Menino Antonio, barqueiro.

Paulo Albuquerque 10:22 – Sabendo quem são os personagens, quem, na opinião de vocês é mais ou menos culpado da morte de Maria?

Isabel Brasil Viegas 10:24 – Poderia colocar de novo os personagens? Minha Internet caiu e eu não tenho acesso ao antigo chat

Juliana Azevedo 10:25 – Bandido, inspetor e Maria são os mais responsáveis para mim

Joana Eifler 10:25 – bandido, policial, Maria e Pedro

Thiago Severo 10:26 – 1. Bandido, 2. Maria, 3. policial. 4. resto

Valquiria Menezes da luz Brunos 10:26 – Bandido , a própria Maria e o resto

Gaby Sparrenberger 10:26 – Bandido, a Maria e o Policial

Aléxia Tavares 10:27 – Bandido, Maria, inspetor

Roberta Dias 10:27 – acho que em geral todos tem uma parcela de culpa pela morte de Maria, nenhum num grau maior nem menor, a morte de Maria foi um reflexo de sucessivas ações e atitudes de todos

Louise Arend 10:27 – Bandido, policial, Maria

Dandara Conrad 10:27 – bandido, João, Maria, policial

Roberta Dias 10:27 – digo porque não consigo listar uma ordem

Isabel Brasil Viegas 10:27 – o pastor era o José ou o João? Obrigada

Roberta Dias 10:28 – pra mim não tem um que é mais ou menos culpado

Talita Vieira 10:28 Bandido, Maria, Os outros

Bruna Lima 10:28 – 1.Maria 2.Bandido 3.Policial 4.Resto

Dandara Conrad 10:28 – mas também concordo com a Roberta, que todos tem uma parcela de culpa

Roberta Dias 10:29 – a Maria foi uma inconsequente, de fato

Paulo Albuquerque 10:29 – Maria uma descriteriada

Kamila Santos 10:29 – Bandido, Maria e o resto é difícil definir a ordem

Paulo Albuquerque 10:29 – Maria uma descriteriada

Isabel Brasil Viegas 10:30 – 1° Bandido 2° Maria 3° João 4° Todos os outros não tiveram culpa

Juliana Azevedo 10:31 – bandido, inspetor, Maria, pessoas que tinham laços com a Maria, pessoas que só estavam trabalhando

Andre chiappini 10:32 – João foi o primeiro a errar, mas o maior culpado é quem mata

Isabel Brasil Viegas 10:32 – Só não consigo colocar a Maria em primeiro pois acredito que ela não se mataria... Já o bandido foi quem a matou

Thiago Severo 10:33 – PODE

Andre chiappini 10:33 – culpada não, responsável sim

Joana Eifler 10:33 – eu só botei ela como uma das responsáveis porque ela fez td isso para encobrir uma mentira mas ela não é culpada

Brenda welter 10:34 – Eu acho que ela assumiu o risco, mas culpa? acho que não

Thiago Severo 10:34 Maria sabia do perigo de passar pelo bandido. Penso o mesmo de quem faz aglomeração e não usa máscara e depois vai parar em uma UTI.

Valquiria Menezes da luz Brunet 10:35 – Concordo, culpada não

Joana Eifler 10:35 – uma das pessoas que eu acho sim que é mais responsável do que a Maria é o policial, que não fez seu trabalho, botando ela me perigo

Juliana Azevedo 10:35 – Acho que não é bem culpa, mas foi mais por peso das decisões dela do que de outras pessoas

Thiago Severo 10:35 – exatamente

Juliana Azevedo 10:35 - sem contar o bandido e o inspetor, claro

Bruna Lima 10:35 – Todos tem sua parcela de responsabilidade, no entanto, nós não podemos responsabilizar os outros pelas coisas negativas que nos ocorrem. Maria não foi a culpada total por sua morte, mas se colocou em tal situação de forma consciente

Isabel Brasil Viegas 10:35 – Eu concordo com a Bruna. Ela se colocou nessa situação

Valquiria Menezes da luz Brunet 10:36 – Concordo com a Bruna

Isabel Brasil Viegas 10:36 – Se submeteu a essa situação e em várias outras

Juliana Azevedo 10:36 – Ela escolheu passar pelo bandido, sabendo que teria que voltar por ele

Louise Arend 10:36 – Verdade. Ela fez as escolhas, mesmo sabendo o que poderia acontecer

Isabel Brasil Viegas 10:37 – Não só isso Juliana, mas de viver descontente a ponto de buscar sua felicidade em outros lugares ou com outras pessoas e se colocar em perigo por esse mesmo motivo (Pedro, José...)

Thiago Severo 10:38 – Vejo o nível de culpa com os seguintes critérios: 1. quem fez (bandido). 2. quem buscou pelo ambiente (Maria). 3. quem era responsável de desfazer o ambiente (policial).

Isabel Brasil Viegas 10:38 – e quem fez ela buscar esse "ambiente", Thiago?

Aléxia Tavares 10:38 – concordo com o Thiago

Joana Eifler 10:39n concordo c essa ordem, acho q o policial é mais responsável, ele tinha o dever d parar essa situação

Isabel Brasil Viegas 10:39 – Até o 2º lugar eu concordo, mas o terceiro eu coloco o marido dela

Brenda welter 10:40 – Eu concordo com a Joana

Juliana Azevedo 10:41 – Mas o marido não sabia de toda situação, mesmo que responsável pela infelicidade. O Inspetor tinha o dever de proteger ela e sabia que ela teria que passar pelo bandido

Joana Eifler 10:41 – concordo c a Juliana

Thiago Severo 10:42 – @isabel Não considero como critério "quem fez ela buscar o ambiente" pois existia outras alternativas, ele não forçou ela a fazer aquilo. Pelo contrário, nem sabia que ela iria para floresta.

Bruna Lima 10:44 – É importante lembrar também que algumas pessoas ofereceram ajuda para Maria, mas não a que ela desejava, por isso coloquei ela como principal responsável pelo seu desfecho

Juliana Azevedo 10:46 – É verdade, bruna

Andre chiappini 10:46 – a culpada é a ovelha!! Thiago Severo se ela soubesse dosar a comida, João teria menos trabalho e eles teriam uma boa relação

Aléxia Tavares 10:48 – Boa André, como não pensei nisso? hahah

Andre chiappini 10:48 – Da pra achar culpa em qualquer personagem, que amadooooo.

Valquiria Menezes da luz Brunos 10:54 – É possível mudar . Mas ideal infelizmente não o real

Paulo Albuquerque 10:58 – A história de Maria pelas respostas parece ser muito mais do que uma simples história e os personagens não são tão vazios assim...

Penso que na história da Maria na prática há duas vertentes que determinam desde a raiz o comportamento moral do homem. Trata-se, de um lado, da vertente que privilegia o indivíduo e, de outro, da que privilegia a sociedade. Os personagens formam um mosaico que remete à múltiplas dimensões do social.

Roberta Dias 11:06 – O Bandido não nasce bandido ele torna-se bandido por consequência social e falta de acesso aos critérios de sociedade básica: saúde, educação e escolarização é um mosaico.

Paulo Albuquerque 11:09 – Concretamente vocês estão vendo agora pela história e na reflexão que nem sempre há como validar respostas diante de uma situação tendo apenas a autoridade do educador.

A partir de pensamentos (sintético) que vem pela imaginação, analítico (pela crítica) uma resposta pedagógica aos problemas enfrentados pelos alunos só terá alcance se responder a uma necessidade, e ela só responde a uma necessidade se os acontecimentos que traz correspondem a realidades experimentadas pelos alunos ...caso contrário é abstração e artificialismo lógico

Roberta Dias 11:22 – Qual é a pergunta que ficou da aula passada?

Carmen 11:22 – **O que aprendo com a história de Maria? É esta a pergunta da semana.**

Roberta Dias 11:23 – entendi, eu não tava na aula passada. queria saber também sobre o texto que ta no Moodle

Louise Arend 11:24 – Então não precisamos postar em nenhum lugar?

Paulo Albuquerque 11:26 – Não, mas o que precisamos é aglomerar a reflexão e isto é mais difícil do que aglomerar corpos.

Aléxia Tavares 11:27 – Profs, a aula está ótima mas preciso sair pois tenho que ir trabalhar, depois assisto o finalzinho. Obrigada! beijos

Paulo Albuquerque 11:29 – entendemos que aprender aquilo que não sei é ampliar aquilo que sei para o que não sei e o que não sou e para isso preciso saber mais

Thiago Severo 11:32 – Indico uma leitura legal sobre o "tempo": Uma breve história do tempo. Stephen Hawking.

Escrituras coletivas: mais do que uma retomada, uma intencionalidade III

Parte III – Ressignificando histórias - *Flashback 6* (sínteses dos dias 1º de março de 2021 e seguintes).

Seguindo as partes 1 e 2 esta terceira será mais facilmente compreendida se a escritura prévia for conhecida. Os momentos que compõe esta parte avançam o diálogo em que o contexto da disciplina Educação e Sociedade é o pano de fundo e a experiencição da escrita e do aprender a professorar se anuncia como possibilidade, retomando e resignificando a História de Maria.

Reescrever aquilo que vivenciamos no encontro síncrono é, antes de tudo, dar a conhecer, colocar de modo público perante um público que é também autor do texto. Também ao público em geral - não restrito.

É um exercício que se abre. Espaços e tempos para uma proposta de, e como lugar de criação. Sem revogar o que a(s) disciplina(s) faz(em) e retomando o ditado, “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

O recontar se apresenta como espaço de criação de conteúdos que se colocam à disposição para alguém. A liberdade na escrita, aqui, não tem a ver com a capacidade de escrever o que se quer, no formato que deseja e de ser avaliado pelo que escreve, para uma revista indexada.

A liberdade da escrita está modelada pelo chat onde o risco está no limite que a forma dá ao conteúdo. O que pode sugerir a leitura do chat, então, é um pensamento que se distende temporalmente e que resulta do momento onde os leitores (quem participou ou não do encontro síncrono) vai ter a experiência, a sensação de que o diálogo no texto e com ele, pode permitir uma reflexão que cresce sobre si mesmo, se expande, fornece pistas sobre o que é Educação e Sociedade em um contexto de “ERE”.

Para quem não esteve presente pode encontrar, num primeiro momento, dificuldade, em função da fragmentação das intervenções. Há falas que não são transcritas. Olhares e gestos compõe o processo comunicativo.

A ideia ao trazer as intervenções, tal com ocorreram, têm por intenção mostrar um tipo de reflexão que se recusa a se fechar em um roteiro proposto pelo chat, e manter o humor.

Agora, com o apresentado fica a possibilidade do leitor preencher um campo, buscar nos vazios um tipo de informação que pode ser

organizada para (se quiser) ser retomada de outra forma, seja nos próximos encontros ou nas próximas postagens.

Qual é a vantagem que Maria leva?

Se há algum ganho no uso desta estratégia de ensino, está no fato de que você termina por escrever o texto.

Trata-se de um texto “generativo” que sai do roteiro usual, pois aqui você é convidado a não aceitar aquilo que os outros formataram... aqui a forma do texto é um apelo para que você esteja incluído.

Boa leitura e... tente dar conta do emaranhado.

Paulo e Carmen

Momento 7 – Resignificando o que vivenciamos em aula virtual síncrona buscando incluir para termos “Nenhum a menos”.

Ou O encontro Síncrono de 01.03.21: Outra vez!

Ou ... *Quando encontramos a resposta, mudaram a pergunta.* Eduardo Galeano

Bem-vindo ao Aprendendo com História de Maria!

Esta sessão está sendo gravada. Agora disponível ao público.

No Chat coletivo, mais do que um *flashback*: a possibilidade da **escrita coletiva (o encontro de 01.03.2021 – rides again)**

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 08:37 – Saudações! Apesar dos problemas de encontrar qual a via certa no ciberespaço ...estamos chegando pouco a pouco!

BRUNA LIMA ALVES (off-line) 08:38; ISABEL BRASIL VIEGAS (off-line) 08:38; LAURA NUNES JASPER (off-line) 08:38; GABRIELE PASCOAL DOS SANTOS (off-line) 08:38 – Bom dia!

AGATHA SANT ANNA ARAUJO (off-line) 08:39 – "aprendendo com Maria"

TALITA CRISTINA VIEIRA (off-line) 08:40; JULIANA MENEZES AZEVEDO (off-line) 08:40; ANDRE LUIZ DE MATOS CHIAPPIN (off-line) 08:42; KAMILA SERAFIM SANTOS (off-line) 08:43; BRENDA DA CUNHA ALVES WELTER (off-line) 08:43 – Bom dia! – Bom dia!– bom dia turma!

Diante das dificuldades em acessar a sala...

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 08:43 A lógica do informata nem sempre serve ou facilita ao usuário

ISABEL BRASIL VIEGAS (off-line) 08:44 – Hoje vou conseguir ser só ouvinte, estou no trabalho

VALQUIRIA MENEZES DA LUZ BRUNES (off-line) 08:45; CECILIA LAGRECA MACHADO (off-line) 08:45; ROBERTA BORBA FONTOURA DIAS (off-line) 08:47; – Bom dia; – Bom dia!– bom dia turma!

THIAGO SEVERO GONCALVES (off-line) 08:52 –

O que aprendemos com a história de Maria?

Primeiro: Existem diferentes pontos de vistas.

Cada um é carregado com suas experiências e significados que dá às coisas.

Segundo: Não existe um culpado único... Uma Série de acontecimentos impacta em um resultado final.

Terceiro: Precisamos analisar qual a nossa parcela de culpa. Poderíamos ter feito diferente em algum momento? Somos seres dinâmicos ou inertes?

BRUNA LIMA ALVES (off-line) 08:54 – **A História de Maria, entre tantos questionamentos, nos faz refletir sobre o indivíduo e o coletivo. Mais especificamente sobre como o coletivo afeta nossas ações individuais, como as ações individuais afetam o coletivo e, para mim em particular, o maior questionamento é quem são esses indivíduos que compõem o coletivo.**

ROBERTA BORBA FONTOURA DIAS (off-line) 08:55 – **Aprendi com a história de Maria que nem sempre todo mundo é tão inocente assim. Percebi que cada um tem um espaço e uma influência no cotidiano do outro, mesmo que isso não seja percebido**

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 08:56 – Vou fazer uma inflexão:

Uma questão muito concreta: o que pode ou deve a escola fazer, em termos de educação (ética), no contexto de uma sociedade democrática e pluralista que não dispõe de valores em torno dos quais haja consenso?

LOUISE VOLKER AREND (off-line) 08:56 – **Além de ensinar sobre o que nossas escolhas implicam, faz a gente pensar sobre o ponto de vista do outro**

LAURA NUNES JASPER (off-line) 08:56 – **Aprendi com a história de Maria que a partir do nosso olhar sobre quem é o culpado, podemos nos questionar e descobrir muito a respeito de nós mesmos e nossas crenças, num sentido de ver de onde partimos para decidir quem é culpado e quem não é...**

VALQUIRIA MENEZES DA LUZ BRUNES (off-line) 08:56 – **O que aprendemos sobre a história de Maria ?**

CECILIA LAGRECA MACHADO (off-line) 08:57 – **Aprendi o impacto que uma pessoa tem num espaço coletivo e a importância que nossas escolhas tem tanto na nossa vida quanto na vida das pessoas próximas**

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 08:59 – **Trata-se, de uma vertente que privilegia o indivíduo e, de outro, da que privilegia a sociedade...que lugar tem a escola?**

JULIANA MENEZES AZEVEDO (off-line) 09:00 – **Algo que faz refletir a partir da história é o peso das nossas decisões e como elas impactam na vida dos outros. Não deixa de ser uma reflexão muito recorrente na relação professor-aluno.**

CECILIA LAGRECA MACHADO (off-line) 09:00 – **acho que a escola até pode interferir nas escolhas éticas de uma pessoas mas na prática acredito que essa "interferência" ética cai por terra quando não se tem um exemplo próximo**

GABRIELA SPARREMBERGER CORREIA (off-line) 09:00 – **Com a história de Maria pude refletir que ninguém vive sozinho, vivemos em comunidade e sob influência do coletivo. Acredito que a escola tenha uma forte influência na nossa identidade como ser pensante, faz refletir sobre nossas escolhas e sobre o pensar no outro indivíduo.**

CECILIA LAGRECA MACHADO (off-line) 09:00 – **na função da pandemia, por exemplo, todo mundo sabe o que é certo e o que é errado,mas por ver outras pessoas saindo decide sair também**

LOUISE VOLKER AREND (off-line) 09:02 – **Acredito q é dever da escola analisar não só o coletivo, mas também o individual, isso poderia ser feito pelo próprio professor, através de diálogos e análises porém é difícil conseguir montar um modelo de aula com tantas diferenças**

VALQUIRIA MENEZES DA LUZ BRUNES (off-line) 09:02 – **A história de Maria são reflexões sobre o dia a dia onde quem é a mais ou menos culpado?Tudo depende de contexto neste contexto Maria, é vítima de suas escolhas**

THIAGO SEVERO GONCALVES (off-line) 09:04 – **Teoria da Estruturação, de 1984... não lembro o nome do autor. E ainda, de mesmo ano, a Teoria da Agência.**

JULIANA MENEZES AZEVEDO (off-line) 09:09 – **É que várias coisas afetam hahah**

TALITA CRISTINA VIEIRA (off-line) 09:09 – **kkk eu também estou pensando aqui, mas eu não tenho um padrão**

CECILIA LAGRECA MACHADO (off-line) 09:09 – **não tem uma fórmula acho tem varias coisas que atraem ! hahaha**

JULIANA MENEZES AZEVEDO (off-line) 09:10 – **muitas coisas influenciam**

THIAGO SEVERO GONCALVES (off-line) 09:10 – **Rodrigo Hilbert, colega Talita, meu marido, minha mãe.**

TALITA CRISTINA VIEIRA (off-line) 09:11 – **hahaha obrigada Thiago**

TALITA CRISTINA VIEIRA (off-line) 09:11 – **agora fiquei com vergonha**

THIAGO SEVERO GONCALVES (off-line) 09:16 – **e o teu marido acha o Hilbert bonito?**

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 09:16 – **Esta sendo dito que o valor (beleza) não é absoluto, mas depende da necessidade de um juízo, portanto, é aquilo que é estimado como tal através de um juízo**

VALQUIRIA MENEZES DA LUZ BRUNES (off-line) 09:16 – **Tô aqui mas minha Internet tá vai e vem**

MELISSA SALDANHA PEREIRA GONCALVES (off-line) 09:20 – **Sim, esses procedimentos estéticos mostram o "padrão" e mulher bonita para a maioria das pessoas, mulher magra, seio grande, boca grande, cintura fina etc.**

TALITA CRISTINA VIEIRA (off-line) 09:20 – **Thiago ele respondeu: é claro que é bonito, mas não tanto quanto o the rock**

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO 09:22 – **A Marina quer falar?**

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 09:22 – **O sentido das coisas é a sua referência ao mundo dos valores que assim se inserem na história (seja na história de MARIA , seja no que consideramos beleza) e são realizados pelas pessoas.**

LOUISE VOLKER AREND (off-line) 09:23 – **Existem muitos padrões impostos pela sociedade**

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 09:25 – **Os ideais, a finalidade conforme se estabelecem os significados das pessoas e dos acontecimentos. Os valores e as normas, portanto, nascem e morrem na história(no tempo) e não existem além nem acima do seu tempo/época. A objetividade deriva apenas da correlação entre sujeito e objeto.**

Não existem valores absolutos; só existem aqueles que as pessoas reconhecem em determinadas circunstâncias

LAURA NUNES JASPER (off-line) 09:29 – **Acho que pode cegar, mas não necessariamente É cego**

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO 09:30 – **Quem ama o feio, bonito lhe parece...**

CECILIA LAGRECA MACHADO (off-line) 09:30 – **é cego mas não no sentido visual, mas tu acaba ignorando características e atitudes quando ta amando**

LAURA NUNES JASPER (off-line) 09:30 – **mas aí eu tava falando de um cego em todos os sentidos, não só no caso da beleza física**

CECILIA LAGRECA MACHADO (off-line) 09:31 – **concordo Laura**

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO 09:31 – **Relação sujeito e objeto passa por Hipocrisia, fingimento para esconder o que não aceita.**

THIAGO SEVERO GONCALVES (off-line) 09:32 – **O belo é o luar do real.**

PEDRO HENRIQUE ZILIO BORTOLINI (off-line) 09:33 – **descobre que o amor é cego quando o amor acaba e tu percebe que foi idiota em certas percepções sobre a pessoa**

MELISSA SALDANHA PEREIRA GONCALVES (off-line) 09:33 – **concordo Pedro**

TALITA CRISTINA VIEIRA (off-line) 09:33 – **kkkkk**

DANDARA ELI CONRAD (off-line) 09:33 – **concordo também**

LAURA NUNES JASPER (off-line) 09:33 – **mas quando tu sabe e escolhe ignorar, seria cegueira? kkk**

LOUISE VOLKER AREND (off-line) 09:34 – **Eu diria " o amor é visto mas é passado pano" kkkk**

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO 09:35 – **Dependência emocional quando é coletiva passa a ser problema social**

LAURA NUNES JASPER (off-line) 09:35 – **Concordo Dandara!**

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 09:41 – **Estamos dizendo que toda a valoração (juízo sobre algo) inteligente é também crítica porque faz um juízo a respeito da coisa que tem valor imediato.**

Por isso, toda teoria é necessariamente um ingresso no campo da crítica. caso contrário é modelo ou conceito "zumbi"

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO 09:46 – **Os valores que temos levam nossas escolhas para além das evidências...**

LAURA NUNES JASPER (off-line) 09:47 – **e como é importante o processo de conscientização da existência desses modelos...**

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 09:48 – **o aborto, a eutanásia, a manipulação genética, as agressões à mulher, ao meio ambiente, entre outros, continuam sem regulamentação ... e que precisam ser refletidas, criticadas**

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO 09:48 – **Escola como, resistência à barbárie, ou mera reprodução. Lembra o Ensaio sobre a cegueira do Saramago**

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 09:50 – **Criticar, refletir sobre modelos diz portanto, de uma nova forma de legitimação de normas e valores que passa não pela autoridade externa, nem simplesmente pela autoridade das práticas existentes e proposta pelas mídias, mas pelo agir comunicativo das pessoa a vontade de uma pessoa não deveria ser determinada por motivos que deveriam igualmente ser levados em conta por todas as outras pessoas?**

A cegueira não estará em perceber que sala de aula e a escola são apenas o lugar privilegiado para legitimar os modelos existentes e não para repensar os modelos? ... Todo mundo tem o seu ponto cego?

THIAGO SEVERO GONCALVES (off-line) 10:11 – **Sobre legitimar modelos na sala de aula ou repensá-los...**

<https://conexaopolitica.com.br/brasil/eleva-do-bilionario-lemann-compras-51-escolas-do-maior-grupo-de-educacao-privada-do-brasil/amp/?__twitter_impression=true&fbclid=IwAR2WwavFR9f8G0BbRzJYynMiJVQOpJvB03NcZvhE7MXELY-GQqXReulxnxo>

Qual a intenção do Lemann: repensar a educação básica ou reproduzir o que ele deseja?

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 10:14 – aulas em plataforma e na lógica da educação como mercadoria podem resultar em doutrinação, que vise sempre motivar o educando para a inserção no mercado de trabalho e não como lugar para que aquele que aprende assuma gradativamente sua autonomia pessoal e responsabilidade social direto para responder ao Thiago

THIAGO SEVERO GONCALVES (off-line) 10:20 – \$\$\$\$

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 10:23 – É só na qualidade de participantes de um diálogo abrangente e voltado para o consenso, que somos chamados a exercer o conhecer pela empatia em relação às nossas diferenças recíprocas que poderiam nos fazer pensar uma situação que é coletiva Qual é o lugar do professor?

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO 10:26 – Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 29, n. 58, p. 1-378, abr./jun 2020. ISSN 2358-0194 (eletrônico)

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 10:31 – Educação como tema pode ser amplo e controverso quando educação é tratada de forma parcial e lacunar

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO 10:43 – Como recurso pedagógico tem sido utilizada em várias turmas no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS. No ano de 2020, em tempos de pandemia COVID-19 e consequente Ensino Remoto Emergencial – ERE, a oralidade, o diálogo presencial e a partilha coletiva são substituídas pela escrita, diálogos virtuais e partilhas verticalizadas.

VALQUIRIA MENEZES DA LUZ BRUNES (off-line) 10:44 – Seu estou acompanhando e sintetizando os debates que são amplos e intrigantes e também empacotando minhas coisas para a mudança

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 10:50 – O obstáculo que temos do ERE deve ser imaginado como sendo o nó de uma rede (NET) resistente, sendo que o obstáculo do conhecer diante do material (oralidade dos encontros/escrita do *flashback*) se apresenta, frequentemente, para nós que seremos professores em obstáculos de outras origens, notadamente didáticas (modelos de ser professor, modelos de sala de aula, modelos de escola).

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO 11:07 – O módulo de atividade Wiki permite que os participantes adicionem e editem uma coleção de páginas web. Uma Wiki pode ser colaborativa, com todos podendo editá-la, ou individual, onde cada um terá a sua wiki e somente essa pessoa pode

editá-la. Um histórico de versões de cada página Wiki é mantido, listando as edições feitas por cada participante.

A atividade Wiki tem muito usos, tais como: * Para obter notas de aula ou guias de estudo; * Para que membros de uma faculdade organizem um esquema de trabalho conjunto ou uma agenda de reuniões; * Para que os estudantes criem de maneira colaborativa um livro online, criando assim conteúdo em um tópico definido pelo tutor; * Para contarem histórias colaborativas ou fazer poesia de forma que cada aluno escreva uma linha ou verso; Para criar um diário pessoal contendo as notas de exame ou de revisão (em uma atividade Wiki individual).

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 11:10 – Diálogos possíveis:Vamos ver quais são os nós da rede (NET) e quais são os pontos de resistência...sendo que os obstáculos notadamente didáticas (modelos de ser professor, modelos de sala de aula, modelos de escola).

11:16 – Atenção: o exercício de construir o texto coletivo tem a ver com a construção de sentido das coisas e a sua referência em nós, decorre daquilo que foi discutido e que se insere na história (dos encontros e do nosso grupo) e são realizados pelas pessoas a cada momento na fala delas

11:19 – Com as discussões pré-conceito, a ideologia, o senso comum e a opinião são lugares de trânsito durante os encontros, para que seja possível identificar nos obstáculos o que pode gerar estagnação, a inércia e, por vezes, a própria regressão do pensar (negacionismo vigente) ao invés do progresso do pensar.

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO: 11.20 – A opinião pública não existe

BRUNA LIMA ALVES (off-line) 11:22 – eu encontrei esse link acredito que seja o texto que a prof citou

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/50619/mod_resource/content/1/A_Opini%C3%A3o_P%C3%BAblica_N%C3%A3o_Existente_\(Pierre_Bourdieu\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/50619/mod_resource/content/1/A_Opini%C3%A3o_P%C3%BAblica_N%C3%A3o_Existente_(Pierre_Bourdieu).pdf)

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO 11:24 – Exatamente este o texto.

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 11:25 – com este texto a gente pode pensar a comunicação (diálogo) de modo a resistir ao tautismo ou a valorização do bom senso, sem a multiplicidade de significações ou da criatividade do pensar.

CECILIA LAGRECA MACHADO (off-line) 11:27 – obrigada pelo link Bruna

BRUNA LIMA ALVES (off-line) 11:29 – **De nada!**

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO 11:30 – **O link para o Wiki está disponível no Topico 7 do Moodle. Hipótese é que o nós em construção nos confere uma identidade de grupo e como conceito, pode ser fechado e perigoso.**

CECILIA LAGRECA MACHADO (off-line) 11:34 – **Obrigada pela aula, professores! Até semana que vem**

LAURA NUNES JASPER (off-line) 11:35 – **Tchau, profs! Boa semana pra todos nós!**

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE 11:35 – **Para não esquecer a hipótese: o exercício de construção coletiva permite a construção de um nós coletivo que enquanto conceito de identidade pode se apresentar como sendo fechado e excludente ou não e abrir possibilidades para a diversidade e confirmar que identidade é conceito aberto e plural**

BRUNA LIMA ALVES (off-line) 11:35 – **Obrigada pela aula! Uma boa semana a todos!**

LOUISE VOLKER AREND (off-line) 11:36 – **Obrigada pela aula!! Tchau pessoal!**

DANDARA ELI CONRAD (off-line) 11:36 – **obrigada! até a próxima aula**

ANDRE LUIZ DE MATOS CHIAPPINI (off-line) 11:49 – **profs, a aula tava ótima mas tenho que sair agora. boa semana!**

Momento 8 - Ressignificando a história de Maria ou... o avesso daquilo que ouvimos/vimos/escrevemos...(01.03.21)

Um tema – como a história de Maria – se apresenta tão amplo e controverso, porque ela nos fala de valores que não podem ser tratados de forma parcial.

As lacunas dos personagens ou os silêncios da história estão na raiz da trama e deixam ao final uma questão muito concreta: o que pode ou deve fazer diante de situações agravadas pelas disparidades que a todo momento nos encontramos e diante do relativismo (as escolhas são individuais? Ou, no coletivo, as pessoas têm que ser responsabilizadas?).

Repetindo o que já havia sido dito sobre a história da Maria; trata-se de uma história que dependendo da “entrada” ou recorte se pode privilegiar o indivíduo ou privilegiar o coletivo (a sociedade).

A grande armadilha do dualismo é que a História de Maria não pode ser compreendida ao privilegiar uma ou outra dimensão (sujeito individual x sujeito coletivo), pois estão profundamente relacionadas em suas dimensões ética e moral.

Para nós que estamos participando, como ouvintes e como educadores, a história nos leva a pensar qual contexto a modela: Educação e Sociedade.

Trata-se do contexto de uma sociedade democrática e pluralista que não dispõe de valores em torno dos quais haja consenso? Ou... trata-se de um contexto de desresponsabilização coletiva e de uma sociedade cujo comportamento se evidencia pelo não estar disposto a partilhar situações problemas?

Como futuros professores estamos diante de um impasse: **Como dar conta** de uma sociedade multicultural, fortalecida pela globalização e pela mobilidade social, na qual as visões de homem/mulher, de vida e de mundo desnorream mais do que ordenam o pensar?

A história de Maria está a nos dizer que: diante de tantas disparidades o relativismo é a resposta? Todos estão certos e ninguém tem a razão. **Mas, o relativismo não é resposta.**

Se o sentido das coisas é a sua referência ao mundo e está nos valores compartilhados, então o(s) valor(es) aprendido(s) na família, na escola, na cultura de um grupo, se apresenta(m) como sendo aquilo que nos identifica em contraposição à multiplicidade, particularidade e mutabilidade das manifestações concretas.

Por isso, a história de Maria, que a princípio parece não ter realização prática, mas a medida em que a gente pensa sobre ela, pode, e tem desdobramentos. Nos diz que a realidade é aquilo que é estimado através de um juízo que expressa um padrão, um modo de pensar, um determinado modelo.

E os modelos, enquanto convicções e práticas, precisam ser criticados para que outra compreensão da razão, do ser humano e da sociedade se viabilize.

Estamos dizendo que o foco principal da análise está muito mais nos desdobramentos da história de Maria que consiste na crítica do paradigma que modela toda a história e que está subsumido: Patriarcalismo, submissão da mulher, desresponsabilização coletiva, violência social, individualismo são dimensões que podem estar subsumidas, mas presentes na consciência de todos quando decomposto pelo diálogo.

O final da história é triste, porque a vontade de uma pessoa (ser livre, querer outra coisa, ter direito de transitar) não foi/foram motivo/s que deveriam igualmente ser levados em conta por todas as outras pessoas?

E...qual é mesmo a moral da história?

Muito mais do que moral a história é contada para que nós (professores) tenhamos presente que o objetivo de uma educação para a consciência e responsabilidade só é possível quando co-criadas, isto é, quando os conteúdos que ministra e as atitudes didáticas de professores tem como eixo principal a liberdade, a emancipação e a responsabilização dos educandos.

A título de considerações inconclusas...

Relendo o chat, encontrei-o cheio de inspirações, ideias e aberturas: é o que eu esperava de um texto, algo que muitas vezes, não encontro nas revistas ou livros ditos “científicos” cuja formalidade, mau humor não nos deixa liberdade para co-criar. (Paulo e eu, Carmen, concordo.)

Neste processo, as aulas não podem resultar em doutrinação, robotização ou manipulação, senão que num processo discursivo argumentativo que vise sempre motivar o educando para que assuma gradativamente sua autonomia pessoal e responsabilidade social.

As controvérsias propostas nos encontros síncronos têm que ser resolvidas mediante decisões individuais, pelos indivíduos afetados.

Do ponto de vista educacional, isto significa que o professor deve levar os seus alunos a refletirem sobre: quais são os valores com os quais podem sentir-se comprometidos e responsáveis.

A tarefa educativa não fica reduzida ao estímulo da reflexão pessoal, mas a construção de um consenso coletivo provisório em que cada indivíduo é corresponsável pela construção do conhecimento, no que se refere aos valores de ordem pública e social.

E a pergunta? Qual é? Fala da tecnologia? Da pandemia? De aprender o que com os modelos? De instituições e ou políticas, ou de indivíduos? Professores e alunes aprendem a reproduzir e / ou a qualificar a cidadania? A quem servem?

Você até pode não concordar, mas Educação em Sociedade ou Educação e Sociedade é isso!!!

Diálogos possíveis:

Vamos ver quais são os nós da rede (NET) e quais são os pontos de resistência...sendo que os obstáculos notadamente didáticos (modelos de ser professor, modelos de sala de aula, modelos de escola).

Temos um histórico de indagações.

O que aprendo com a História de Maria/

O que é ser professor/professora?

Aprendi que ...

Eu Carmen aprendi que:

1. O público e o privado voltaram a ser indissociáveis.
2. A vida e o trabalho de educar estão fragmentados e fragmentam.
3. As fronteiras entre o virtual e o real estão mescladas.
4. O "estar por inteiro" freireano enfrenta as dificuldades de múltiplas plataformas digitais.
5. A aula e a escola não cabem em si ou numa só área.
6. Mais uma vez a vida transborda.
7. O que nos afeta (seja bom ou ruim, agradável ou desagradável, desejado ou indesejável) se estiver inconsciente, em algum momento se manifesta e consciente pode dar o suporte para práticas objetivas e não objetificadas que permitem que sejamos quem somos.

Tecnologicamente aprendi e consegui fazer o link funcionar.

Estas são as aprendizagens da Carmen, neste semestre. Cada um e cada uma pode registrar e enviar para o e-mail educasociedade.pandemia@gmail.com ou por aqui no Wiki.

Tudo o que recebermos irá compor esta publicação. O que, de autoria, não deva ser pessoalmente identificado, por amor, avise no início da postagem.

Diálogos possíveis (Manhã de atividade síncrona - 19 de outubro de 2020)

Turmas A e B de Educação e Sociedade em ERE

Buscando o registro do que ocorre numa aula não gravada em que participam 26 alunos das Turmas A e B de Educação e sociedade tomamos o Chat como ponto de partida para o registro do ocorrido mas como espaço de diálogo possível aos que tendo acesso à Internet, dispunham do tempo, ou queriam estar presentes.

Antes mesmo da abertura formal da aula o Chat registra o “Bom dia!!” de Daniela Borba, Luísa Cardoso, Gabriela Azevedo, Luiza amaro, José Carlos Seixas, Gabriela Campos, Victória Nardi, Jenniffer Araújo, Janete Knevez. Enquanto isto vão chegando os demais.

Professor Paulo inicia dizendo do muito estranho que é olhar para a tela cheia de imagens de bolinhas coloridas, acompanhadas de nomes de pessoas que sabemos existir, mas para as quais a imagem não tem muitas vezes a ver com a cor. Há bolas de cor azul, roxo, amarelo, vermelho, e, um nome escrito na tela, mas não se tem imagem de gente que possa falar. Diz a professora Carmen que é como se estivéssemos fazendo uma transmissão de rádio em que o emissor não sabe e não vê se ou quem escuta.¹ Quando aparece uma foto de alguém que sorri, ou não, a situação muda. Mas, é muito esquisito, é muito estranho e ao mesmo tempo é sala de aula – espaço de possibilidade de detonar ou fazer ruptura de fronteiras. Construir uma outra lógica.

Diálogos possíveis, o título, já encaminha o encontro. Diálogo exige no mínimo dois logos em processo de trocas. Um trânsito, uma bilateralidade. E, possível é uma adjetivação ao substantivo diálogo. Para estabelecer diálogo, além do encontro, necessário um trinômio: a observação, a escuta, e a fala. Constituem suporte para o diálogo. A observação e a escuta exigem disciplina. Exigem o

prestar atenção no que o outro fala, E, neste caso, é também dedicar atenção no que está sendo escrito.

A História de Maria pode mexer com os nossos conhecimentos. Permite o conhecer de nossos preconceitos. Preconceitos são nosso ponto de partida, porque é um modo de conhecer o que nos é familiar. Traduz um sentido para novos conhecimentos.

Enquanto se inicia o assunto do dia, no Chat começa o diálogo que parece paralelo, mas faz parte. E, Gabriela Azevedo escreve: Que felicidade vocês juntos. Obrigada por esse encontro. E Gabriela Campos: A cadeira de vocês está leve para fazer, mas algumas outras estão puxadas. E chegam mais nomes e bolinhas na tela. Até completar potenciais 26 partícipes do diálogo. Jonathan, Giovanna Marimon, Hélio Filho, Luiza Tomasi. Até aqui, parece que quem não participa do Chat está ausente da sala. Assim como em aula presencial há alunos que entram e saem sem dizer palavra, aqui no virtual também.

E, enquanto o Janete Knevez escreve: Eu responsabilizei o Estado. E o bandido;

Kananda Bastos: eu também culpei Maria, no meu grupo ela ficou no top 3.

Enquanto Paulo vai recontando o contexto do desenho que monta um contexto em que a história se passa, e descreve o cenário, falando desenho que acompanha a história na versão oralizada, fala das hierarquias de responsabilidades o Chat deixa de ser espaço de cordialidade e passa a pautar a sociabilidade quanto à forma e ao conteúdo da história. Tal mudança leva ao convite para que quem escreve também ganhe voz e imagem na tela do computador. Maria representa a revolta das mulheres com quem abre mão de decisões de independência e auto-organização para se submeter a um companheiro que não retribui em nada esta dedicação.

Paulo retoma a ideia de que a Maria seria acompanhada na oralidade por um fundo musical usando uma música bem brega, e toda vez que Maria aparece poderia ser ouvida a música: *É o amor*, mostra que a personagem tem uma outra lógica, que não é a da racionalidade ocidental. Ela se move por outro registro e é extremamente coerente com as suas buscas. Com qualquer dos

personagens, todo tempo, ela mantém o seu padrão. Ela se expõe, é corajosa, ela não se omite. Ao mesmo tempo, tem uma fantasia com relação as próprias relações, porque sempre fica esperando que os outros resolvam as suas situações. É assim com todos, e não apenas com seu companheiro. Tem uma pergunta que não quer calar. O amor não é cego?

Carmen problematiza a indagação pois a própria negação na pergunta já coloca a dúvida: O amor não é, ou o amor é cego? Negar a negação traz uma afirmação. Convida Janete para trazer com sua voz as novas reflexões.

Pensando por esse lado, diz Janete: Iria ficar ainda mais indignada com essa personagem. Chega ao ponto do preconceito. Por que e quais os compromissos ela tinha para querer voltar para casa naquele momento? O que impedia que ela ficasse com outra pessoa. O relacionamento dela com o mundo estava complicado. Não estava bem a relação dela com Pedro. Ele não se preocupou com ela. Ele e ela estavam amando, mas não há nenhuma reciprocidade. O marido que estava cumprindo seu papel social. Trabalhando. Esperado era o fazer o trabalho

Carmen, pensando nesta fala da Janete lembra a diferença entre a linguagem oral e a escrita. Na contação a insinuação da zoofilia é permitida com o tom da voz. Não se manifesta no texto como escritura. O acompanhar, o cuidar, a dedicação do personagem aos seus animais não se expressa como trabalho. Ao trazer para escrita e sem o objetivo de construir um personagem denso, pois é apenas construir um estereótipo, na medida em que se coloca um excesso de informações, torna-se mais difícil poder fazer com que o personagem possa ser pensado. O objetivo que é poder construir modelos para interpretar, conhecer e se reconhecer na realidade social vivida, onde as relações que se estabelecem podem ser entendidas desde uma perspectiva mais ampla, e aqui não se trata de formar sociólogos, mas formar professores ou pedagogos. Aprender a fazer a própria leitura de mundo e compreender que o seu modelo pessoal não necessariamente é o modelo Universal, que pode ser recriado em cada um e em cada uma das relações que cada grupo vai criando. Poder sobreviver como profissional, como ser pessoal, como ser de

cidadania. Talvez na história as nuances da fala, que a humanidade é capaz de produzir não aparecendo ganha mais vida na interpretação dos leitores.

Bruna quando mostra a sua imagem na tela produz o pensar dizendo: culpa é uma palavra muito complicada e quem sou eu para estabelecer um critério? Culpa seria, nesse caso, sinônimo de responsabilidade? Culpa implica em julgamento e esse julgamento me faz pensar - Quem sou eu para julgar quem é culpado ou não? Na realidade a culpa parece muito mais posição pessoal do que algo concreto ou fato em si. Expresso por opinião. E qual é a opinião que se emite? Talvez se o personagem fosse mais conhecido daria para responsabilizar mais um ou outro. O bandido é o responsável por que matou Maria. No entanto, o Estado também é responsável. Não consigo muito pensar diferente. Quem é o culpado?

E, no Chat, as escritas vão surgindo tal como pérolas negras, em fundo branco.

José Carlos Seixas: Eu também achei que a Maria ocuparia o 3 lugar.

Gabriela Azevedo: Por um momento culpei a Maria por ela ser responsável pelas escolhas dela.

Mas, logo entrei em conflitos internos.

Daniela Borba: hahahha

Gabriela Azevedo: Conflito*

Jonathan V. Hoffmann: Professor Paulo!!! Saudades de ti! Muitas vezes nos vimos na FACED!

Gabriela Azevedo: Porque a vítima não tem culpa e ponto.

Jonathan V. Hoffmann: A Professora Carmen, eu já havia reencontrado noutra encontro. Eu coloquei como último culpado o Garoto que foi retirado da cadeia pela Maria, isso porque não consigo ver maldade no menino. Ele se sentia impelido a ajudar a ex-Professora que havia o retirado de uma situação ruim. E quando ela pediu ajuda ao menino então ele procurou a única forma que podia ajudar. A Maria sabia que o Bandido podia encontrar ela e o Menino no caminho, então ela assumiu o risco de que o menino fosse machucado. Por isso a Penúltima pessoa culpada foi a Maria.

Aline Azambuja: Mas essa coragem toda tem a ver com amor por João ou pelo Pedro? E pergunto se nós também não temos que ter responsabilidade por nossa vida?

Janete Knevez: Preciso ler novamente a história

Kananda Bastos: Aline, também pensava sobre a responsabilidade por dela por ela mesma, responsabilidade dela por ela mesma*.

Jonathan V. Hoffmann: Professores, desejo falar. Posso?

Aline Azambuja: Isso Kananda!! Claro, a culpa é do bandido e do Estado, mas fico pensando na situação toda... ela sabia que sem dinheiro não poderia voltar e mesmo assim escolheu arriscar.

O silêncio faz a sua aparição pela primeira vez depois de 10 minutos de aula.

Retoma-se a pergunta sobre o amor. O amor é cego ou não? Ou ele enxerga?

Jonathan chega abrindo a imagem na tela, pede autorização para falar e cumprimenta. Situa o encontro e os encontros anteriores com Paulo e Carmen afirmando: Conheço o Paulo. Acredito que a gente se olhava e não só se via. Vê mas não necessariamente se olha.

Encontrar no outro e no seu olhar a possibilidade do encontro. Retomar a memória da presença antes dos tempos de pandemia, porque se encontrava Paulo na FACED. Este traz a ideia de que a alfabetização é um processo onde se trabalha com as duas partes do córtex cerebral. Ao associar a imagem, uma figura, com o significado de uma letra. Direita com esquerda. A esquerda trabalhando a imagem e a direita trabalhando a abstração do símbolo. Agora, na medida em que o Jonathan ganhou um rosto eu consigo fazer essa associação e me alfabetizar digitalmente.

Coloquei o menino em último lugar, diz Jonathan. Porque o menino deve ter em torno de 14 anos, segundo o que está escrito e a situação dele é estar prisioneiro. Na relação com a situação brasileira em que milhões de meninos estão presos, por coisas bobas, insignificantes. E me coloco no lugar desse menino. Se minha professora viesse e me tirasse da cadeia, eu iria oferecer

ajuda a ela. Como adulta, sabendo disso, é que não protegeu o menino. Aceitou ajuda sem perceber as implicações dessa aceitação. Por que colocaria em risco não só a si mesma, mas também em risco o próprio jovem que estava ali. E, com relação a resposta do amor, lembrei dos conceitos dos gregos para o amor. Conceituavam com várias adjetivações. O amor relacionado ao eros, mais corpóreo, ou amor calmo e afetivo.

Luiza Amaro: Queria ouvir vocês contando a história, heheheh.

Janete Knevez: Concordo com Jonathan

Jonathan V. Hoffmann: Valeu Janete! Tbm concordei com muito do que tu disseste.

Gabriela Azevedo: Eu cheguei a pensar o Alfredo como possível cúmplice do bandido.

Kkkkkkkk Minha mente foi a mil já.

Aline Azambuja: Eu também pensei isso Gabriela kkkkk.

Giovana e Felipe querem falar, mas mesmo pertencendo ao mesmo grupo, ambos tem voz própria e quem inicia a fala primeiro é Giovana ao afirmar: Quem somos nós para julgar? Mas, Maria com relação ao seu destino, tem posições diferentes dentro do grupo. Criaram um critério. Para o grupo aquele ponto de vista para poderem então julgar ou decidir - quais foram as ações e quais os encaminhamentos que essas ações são capazes de produzir. A Maria tem sim responsabilidade por que enxerga o amor, e, não, ela teve sim uma irresponsabilidade. Por que as suas ações ao negar a ajuda de todos os seus amigos, se negar a aceitar ajuda de todos, ela não abriu mão da sua posição. E o único auxílio aceito, único apoio foi o do Alfredo. O pivete mesmo é que foi aceito. Assim, ela pode ser uma das culpadas mas na medida em que o bandido estabeleceu a regra do jogo. Ela poderia ter decidido não voltar. Ou poderia ter decidido reunir primeiro dinheiro antes de voltar. Ela correu o risco. O pivete foi o que deu mais suporte para ela. Mais do que o João que ficou numa posição anterior na escala. Ele não teve nenhuma participação direta na morte dela. No momento em que eles têm um relacionamento as ações que acontecem nesta relação importam. Ações do João de não conversar com ela,

e não voltar atrás, de não abrir mão de nada. E, ela a decisão de abrir mão de tudo, trocando-se pela relação. Ela toma todas as suas decisões. A partir dessas questões prévias das relações que já estavam consolidadas, como complicadas, as dificuldades de comunicação já estavam dadas. O que queriam e o como agiam, já estavam delimitados no relacionamento. Ela apesar de tudo decidiu sair. Mas, decide voltar e não aceita ajuda e não abre mão de voltar. Então, o início de tudo o que acontece depois, o tipo de decisão que ela toma, em que ela abre mão da sua vida, a tornam responsável. Obrigada.

Felipe concorda com Giovana, mas dá ênfase nas afirmações da Giovana e também nas atitudes tomadas por todos os personagens, como critério. Quando a pessoa decide por onde andar, sabendo que tem mais de um caminho, ela decide ao que está disposta a se expor. Ela é a vítima.

Jonathan V. Hoffmann: 08:42 Muito bem dito Giovana! Maria é a VÍTIMA da estória, mas ela negou muitas ajudas, mesmo sabendo do perigo que a aguardava. É muito difícil dar alguma culpa para Maria, mas quando pensamos de uma forma racional somos forçados a observar que Maria negava a Realidade do Perigo Iminente.

Bruna Biscaia Menezes: 08:43 posso falar também!

Giovanna Marimon: 08:44 exato, Jonathan!

Janete Knevez: 08:44 A Maria colocou-se em situação de risco

Daniela Borba: 08:46 Achei interessante isso que o Filipe falou, de que realmente temos a necessidade de estabelecer um padrão definido para conseguir chegar a conclusões sobre os assuntos.

Carmen retoma a situação de fragilidade, mas, ao mesmo tempo, conhecia outros caminhos e sabia do que poderia acontecer. Ela não levou a sério. Ela foi tomando atitudes que acabaram levando a própria morte. Foram decisões que ela foi tomando passo-a-passo. Não aceitar auxílio. E, na realidade, o trabalho individual, isoladamente mesmo que dependente, faz pensar na questão colocada no Chat pela Bruna ao pedir ajuda para as duas colegas, Júlia e Thaís, que não estão conseguindo contato pelo link do encontro. Coloca a situação e segue tentando viabilizar o acesso por outro caminho.

Ao colocar a hierarquia no trabalho é difícil, e quando a gente olha a situação, a partir de fora, toda a concepção de um contexto que talvez faça parte ou não, é complicado de ser entendido. Para saber onde está e onde estava cada pessoa e quando a gente entende que faz essas escolhas e quem faz essas escolhas. No final da história se a gente tira a noção de culpa, cada um é dono de suas escolhas e com isso a gente aprende a ler as consequências de cada uma dessas atitudes. Aprender que quando a gente erra, permite atirar as implicações para um terceiro. No caso da Maria ela tem um caminho e não pensa nas consequências e ela tem consciência, mas o diálogo que não acontecia continua não acontecendo. Expectativa de que algo possa mudar porque as coisas vão melhorar é um discurso que não encontra sustentação na própria história. Fazer coisas escondidas, escolher outros caminhos para própria vida, também influencia as suas decisões. Porque a influência do marido acaba influenciando as decisões que a própria Maria toma?

O silêncio se mostra necessário. Nem chat e nem fala.

A importância do exercício é o fazer refletir sobre a questão e a forma, se traz as pessoas, não precisa fazer, isso ou talvez nem tenha que fazer isso, mas quando a gente toma como um exercício, olhando de fora para algo que acontece com outro, é um reflexo da sociedade em que vivemos. Se tem alguém que é uma vítima, mas, quando eu tenho o direito de ir e vir, ele está condicionado. Ela tinha direito de ir e vir. E se a gente abre mão de usar esse direito, a gente responsabiliza a própria vítima pela sua situação. Usar determinada roupa na rua é mais perigoso que andar com outro tipo. Só que se eu abro mão do meu direito, por que é perigoso, e eu vou abrindo mão da própria vida.

A Maria é vítima? Ou ela tem culpa ou as duas coisas. Enfim, é isso. Kananda traz a pergunta do grupo e reclama que não pode se ver na tela. A imagem de quem está falando não aparece para a própria pessoa. Mas, os demais a estão vendo. Fica nessa discussão toda a discussão em torno da Maria entender o papel de vítima e vítima da sociedade a roupa mas o caso da Maria é mais direto na vida do cotidiano quando se tem um aparecer imprevisto agora quando o bandido dá uma oportunidade e abre uma possibilidade ele fixa a

condição na qual ela vai poder o estado que deveria dar segurança Maria não dá ainda sim como é que ela volta sabendo que tá se expondo sabendo que tá sem o dinheiro ela tenta ainda burlar eu perdi toda minha paciência com ela quando ela põe o Alfredo em risco e ela põe a vida de uma criança em risco se ela quer pôr a própria vida é uma coisa mas ela expõe o outro e é um menor de outro lado essa criança tá segundo tem aqui no chat a possibilidade de que ela a situação do Alfredo que eu não não aceito chamar de pivete diz a Kananda faz com que ele sim até possa ser um cúmplice do bandido* é nem sim não é sim é não é assim não você já tava talvez

Jenniffer Araújo: 08:50 Concordo com a Luísa, tive muita dificuldade de classificar culpados. A história contada a respeito da Maria justifica o final da história?

Kananda Bastos: 08:52 Não

Novo silêncio. Silêncios compõe os diálogos. Daniela escreve no chat o reforço para ideia do Felipe sobre a necessidade de o padrão não é ou não o Aquele modelo com o qual a gente concorda Eu acredito na bondade do Alfredo ou eu não acredito na bondade do Alfredo ou a bondade dele faz com que mas ele pode ser cúmplice mesmo sendo bom o Hélio tinha destacado a questão de forma e fundo pois a história e modela de uma forma mas o fundo é outro a vida em sociedade é diferente da vida o Jonathan Azul dos aspectos de fundo dessa história que é a busca do conceito de amor segundo os gregos Então vai ao fundo do sítio do colégio Quais são os princípios filosóficos que estão presentes na história é o amor paixão ou já que estamos no momento de encontro uma das formas do Amor³ Está no encontro que é o Ágape há outra forma de amor para os gregos são é a filia que é o amizade tomar esses prefixos do grego para relacionar com outros termos como o amor próprio Filândia aquele que não é hospitaleiro com a gente é uma forma de amor e tem tem ainda uma outra forma de amor e para construir a história várias formas de amor são possíveis desde amizade a Sexualidade hospitalidade da Alegria mas na história a ênfase maior é dada pelos personagens quando Maria e João aparecem e começam primeiro a triangular com um amigo e depois formam um

Quarteto incluindo a Sexualidade como mas todo tempo a história é um ou dois personagens interagindo a cumplicidade do Alfredo afeição que se dá para encontro a possibilidade de da memória que da relação que viveram no tempo da escola como esses comportamentos se modelam para que nós como professores possamos se possamos estar atentos e julgarmos e nos posicionados cotidianamente. como estávamos comentando antes a gente se via mas não sei se a gente se olhava.

E nosso silêncio aos 34 minutos parte 1

Polifonias da Resistência – Palavra de múltiplos sentidos – memórias e imagens de 19 de abril.

“O mundo nos escapa porque ele volta a ser ele mesmo”

Lewis Carol

Se para o Direito ela pode ser crime - oposição violenta à execução de ato legal, na Psicologia é conceituada por Freud e designa as ações e palavras do analisando que dificultam o acesso ao seu inconsciente, na Física é denominação comum para enfrentar uma força material, seja Resistência à tração; seja a capacidade de um material à passagem de corrente elétrica; seja um conjunto de dispositivos que transformam energia elétrica em energia térmica, seja o que se opõe a um fluxo de calor; seja a “capacidade de um material para resistir a uma força aplicada sem se romper ou deformar permanentemente”; ou mesmo como resistência dos materiais (conceitos da disciplina da mecânica como meios contínuos que permitem o cálculo das tensões e deformações nas estruturas dos diferentes materiais.

Na Ecologia e na Anatomia a palavra está associada à capacidade de um sistema de manter sua estrutura e funcionamento diante de um distúrbio, ou ao sistema imunológico como um sistema de estruturas e processos biológicos que preservam a saúde e protegem o organismo contra doenças, na Política corresponde ao movimento das massas contra um poder estabelecido pela força física, material, ou ideológica, ou ética (ditadores, autoritarismos, machismos, consolidados ou instalados por potência ocupante. Tais sentidos, apenas quando se trata de usar a ciência como argumento, capacidade explicativa ou mesmo manifestação de uma dada compreensão do que é a realidade, poderiam ser desdobrados em vários outros, caso a filosofia, a arte e as religiões fossem aqui consideradas.

E no dia de 19 de abril, dia visto como efeméride, e comemorado como dia do Índio, desconhece as índias, desconhece todas as formas históricas de resistência. Resistência ao morticínio que sacrificou mais de 6 milhões de indígenas entre os séculos XVI e XX. Desconhece e naturaliza.

E, neste momento histórico, as várias nações indígenas seguem na resistência. Vencer a sindemia. Vencer ao vírus, vencer a quem destrói o habitat – reservas, aldeias, florestas, costumes, tal como tem feito os grupos de turistas sem máscaras, distanciamento social, vacinas, expondo as comunidade ribeirinhas, as comunidades indígenas e quilombolas.

Seguem na luta para preservar a vida. Resistem.

Mas, dizem outros: Hoje é o dia para homenagear o exército brasileiro. E esta é outra resistência?

Resistência, então, enquanto conceito preliminar pode ser entendida como sendo “o conjunto de ações que não aceita mediações por se tratar de um agir propositado diante de imposições coercitivas (mudanças, normas, sanções, hierarquias) que não vê incoerência ou disfuncionalidades nas intervenções propostas, pois é condição (causa) de um agir técnico/político que decorre da percepção de alguém sobre uma dada situação, que deriva necessariamente de uma situação problema, na qual as posições/ argumentos/ações dos sujeitos sociais são retirados do próprio viver e nos levam a pensar outros modos de ser.(P.P.Albuquerque).

Por isso, a prática docente (com seus encontros/desencontros que permeiam o dia-a-dia) permite, pelo diálogo, perceber como o ato de resistir (resistência) possibilita entender como operam os mecanismos de dominação/opressão, assim como, discernir que suportes são veiculados, re-elaborados a ponto de propor outros modos de ver, ouvir e de pensar e sentir a realidade e o mundo.

E assim começa o diálogo – transitando entre o falado e o escrito, mediado por pixels, algoritmos, redes, acessos a equipamentos, obsolescência programada, conexões e desconexões. Resistimos.

A proximidade das informações não favorece a observação; é preciso tomar alguma distância para melhor perceber quando muda o contexto, o pensamento coletivo e como nossa observação (individual) muda também. A leitura é sempre instrutiva e indiscreta, pois entre o falado (dito) e o escrito, que atuam como relatos, expressam-se lógicas que organizam o caminho do nosso pensar.

No falado vem as expressões “bem-vinda e chegam agora as” ... pessoas contando da saúde, das condições de vida, de vida escolar e do que aprendemos nos cuidados com os que encontramos nas casas, escolas, trabalhos – as crianças, e os idosos nos processos de perdas de autonomia e de independência.

No escrito:

GABRIELA CORREIA – 08:25 – Bom dia!

Juliana Azevedo – 08:25 – Oi Prof! Bom dia

Mirhia detanico – 08:26 – bom dia prof!

Valquiria Menezes da luz Brunet – 08:26 – Bom dia, Verdade

eu cuidei da sogra no hospital e acompanhei minha falecida mãe acompanhando -a no tratamento do câncer na época fazia pré – vestibular. Não faleceu vai fazer dois anos em setembro

Laura Jasper – 08:31 – bom dia!

Valquiria Menezes da luz Brunet – 08:40 – Eu esqueci de responder o questionário, desculpa tô com problemas familiares.

Laura Jasper – 08:45 – eu enviei hoje antes da aula! **se conseguir fazer mais entrevistas posso mandar?**

Valquiria Menezes da luz Brunet – 08:47 – **Ok até dia 10 (de maio)**

Thiago Severo – 08:48 – Entrevistei minha bisavô. Foi muito engraçado.

Ana Alice Hogetop – 08:51 – prof ali no formulário tem a idade de 20 a 40 e depois acima de 60. Acho que ficou faltando a faixa entre 40 e 60

Porque será que planejamos esta falta? Foi esquecimento ou é outro o motivo?

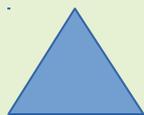
Cecília Machado – 08:54 – sim

Valquiria Menezes da luz Brunet – 08:54 – Sim

Entre prazos e as faixas etárias em que as permanências se mantêm os diferentes pensares surgem quando mudam as condições de trabalho e de vida. Entre os adolescentes, os adultos jovens, e os idosos, o grupo intermediário tende a ter o mesmo tipo de respostas do anterior. Entre o ingresso e a saída do mundo do trabalho (aposentadoria/ demissão/ limites físicos ou intelectuais) e a vivência destes tempos, as constâncias, similitudes, as regularidades se mantêm.

Thiago Severo – 09:02 – Sinto falta de uma linha de gestão educacional

Thiago Severo – 09:06 – Estou pensando em me candidatar ao doutorado de educação. E a ideia é ir para a linha de política e gestão educacional.



Excelente escolha. Tema trabalhado pela professora Vera Peroni, pesquisadora da Gestão democrática nas escolas e na educação. O professor desenha dois modelos de gestão.

O do vértice para cima representa o autoritário que decide o que deve ser cumprido, enquanto o outro mostra a maioria decidindo o que o gestor deve executar.

No caso da UFRGS o confronto entre o Reitor (Interventor) e o Conselho Universitário (CONSUN). Atualmente em disputa, estes modelos têm apoios diversificados. Entre o atual governo e integrantes da instituição democraticamente eleitos. Outra situação excepcional (Completamente fora do

esperado), é a da condução da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior), ocupada por egressa de Universidade Privada, sem reconhecimento público, acadêmico, ou político, cuja meta expressa é a privatização da Educação pública.

Thiago Severo – 09:10 – Que vergonha

Mariana Martins – 09:21 – bom dia!

GABRIELE SANTOS – 09:41 – a falta de um projeto para educação é reflexo de uma falta de projeto de nação

Carmen – 09:44 – Bem vinda Suelen

Suelen lemos – 09:44 – Obrigada, profa! Bom dia a todos!

Entre a falta de um projeto, ou, um projeto de sociedade que pretende submeter, colonizar o país, é diferente de um projeto de nação, de soberania, em que o Estado, diferente do mercado, pretende assegurar o bem viver ao povo/população/cidadãos e cidadãs. As condições para o exercício do trabalho se manifestam como extremas desigualdades sociais nos exemplos contados por “Dandara” - opulência da riqueza de colega, antes vista como amiga e confrontada quando no convívio no ambiente doméstico e dois citados por “Carmen”, onde quem prepara o alimento não pode comer e mesmo a água é negada e cada trabalhadora precisa levar a água que vai beber, para o ambiente doméstico onde exerce a jornada do trabalho. São moradores de condomínio que vivem num “gueto” - escola, esporte, lazer, de campo de pólo à piscinas térmicas individualizadas, de restaurantes à academias – coletivas ou privadas. O menor valor da taxa de condomínio é de R\$ 3.000,00.

E, de outro lado, em local próximo, numa vila – condomínio popular, uma criança de 6 anos faz com que a professora peça transferência para outra escola, pois a mãe (controladora local do tráfico de drogas, que mora em frente a escola) informa que “nenhuma negra vai mandar na minha filha. É melhor sair daqui” e a escola perde uma excelente professora para poder preservar a vida. A vida da Professora Sônia.

Fica a indagação: o que faz um educador ou educadora frente a situações de desigualdades como estas? Qual papel nos cabe? O que a gente faz?

E, enquanto isto, no Chat, as escritas seguem:

Thiago Severo – 09:55 – Quantos deles são políticos será?!

Mariana Martins – 09:57 – tava pensando nisso também

Cecília Machado – 10:00 – vários jogadores de futebol também

Valquiria Menezes da luz Brunet – 10:00 – Aposto que sim

suelen lemos – 10:01 – essas crianças vão viver numa "bolha", sem contato com outras realidades.

Valquiria Menezes da luz Brunes – 10:03 – Deve ser o mesmo prédio do Dr Guilherme oftalmologista cliente do Pai.

Valquiria Menezes da luz Brunes – 10:05 – Sim conheço foi leitura obrigatória da UFRGS.

Universidade como escola é sociedade em conceitos, diz o Professor Paulo. Representação política segundo princípios ilegítimos, mesmo que legal. O Ministério da Educação tem como único projeto avaliar a Educação Básica. Esta é uma política pública para inclusão e acesso e permanência.

Neste dia do índio como clichê e lugar de escola que pinta o rosto das crianças e coloca uma pena na tiara, numa ritualização do dia, hoje passa a ser comemorado o Dia do Exército e as Escolas ... que tem como característica receber militares aposentados, pagos pelo Estado para manter a disciplina escolar.

Cada sociedade cria as suas escolas, o próprio projeto de educação. Cf o tipo de soc. varia o que é ensinado. Nas escolas do mundo capitalista os valores e princípios são: consumo, crédito, obsolescência programada. Como em educação não há inocência ou ingenuidade nem gratuidade, se ensina a hipocrisia. Entre o custo e o salário, a escola ensina o consumo, o crédito e aceitação do rápido obsolescer de máquinas e equipamentos, além da transposição para as relações entre as pessoas que se distanciam caso não concordem com a expressão discordante. Porque hipocrisia? (Buscar argumentos cabe a cada ser. Refletir para estabelecer outros diálogos.)

A educação traz a informação seja pela repetição ou pela pesquisa que vai busca de novas informações – como escuta – observação – reflexão para a possibilidade de diálogo com o outro. Transformar a informação em conhecimento, requer o diálogo e a reflexão para mudanças.

Promover desenvolvimento, tal como foi feito na década de 60, é outra coisa. O desenvolvimento linear e sequenciado, tal como fez a mídia no início da desta década, preparando, em nome dele a submissão e o autoritarismo com o Projeto “Aliança para o Progresso” com o *slogan* “Doe ouro para o bem do Brasil”. Esta proposta recolheu enorme quantidade de pequenas jóias, ouro e pedras preciosas que diziam seriam usadas para pagar empréstimos do país, mas depois divulgada como riquezas que foram apropriadas por grupos de poderosos.

Como afirmou Gabriele – Entre o Projeto de nação e o Projeto de uma nação soberana podemos estar, ou melhor, estamos vivendo a implementação de um projeto de submissão, subserviência, colonialismo, Modos de ser no século XIX – pretendeu formar nações e no séc. XX a proposição foi a da consolidação

dos modos de ser das nações, dos Estados onde a Guerra Fria estabelecia as diferenças. Agora, século XXI, a interdependência global, a especialização e a resistência se materializaram em propostas hegemônicas de constituição de um projeto de mercado enfrentando as concepções de Estado e de seu papel de articulador do bem estar social, ou o que se deseja: o bem viver. Este projeto, como um lugar de classe em que os grupos hegemônicos seguem defendendo a educação como mercadoria controlada pela Organização Mundial do Comércio (OMC) e não mais como um direito a ser assegurado pelo Estado aos cidadãos.

A renda mínima é outra ideia vinculada ao bem viver¹⁸ (A referência deste conceito pode ser encontrada no livro de ACOSTA, disponível em: <https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2017/06/Bemviver.pdf>). A este momento pandêmico está associada a necessidade de acesso e condições para permanência de conexão com a tecnologia. A maior parte de alunos e alunas das turmas estão excluídos. Como falar em bem viver?

Mais, na sala de aula, as fronteiras estão borradas, e a tendência de permanência de atividades à distância ou remotas quando do retorno às atividades presenciais, é certeza. Por outro lado, se vive hoje num cenário ou horizonte e itinerários onde em todos os níveis de ensino, variando da educação infantil até ao ensino aos mais idosos, o trabalho de educadores e educadoras é necessário.

As desigualdades estão dadas. Os exemplos são muitos. Entre os espaços financeiros e casas completamente tecnologizadas, (25 unidades de domicílios computadorizados em Porto Alegre, cujo custo de m2 está a venda por “apenas R\$ 50.000,00”), ou nos filmes disponíveis na rede e que mostram esta desigualdade estrutural. “Ilha das Flores”, “As ilhas”, ou vídeo de Leandro Assis, em que as instituições de duas famílias, sendo uma de elite e outra de trabalhadores, em tempos de confinamento, onde a vida de uma mulher rica se contrapõe a vida da trabalhadora que a “serve”.

Outro é o exemplo relatado por colega da turma, sobre curso oferecido pela Escola Pão do Pobres, em que educação e sociedade, ensina a trabalhar no

¹⁸ Constitui um modo de viver em que a sobrevivência esteja assegurada, em que ninguém passe fome, sede, frio ou desabrigo, em que o afeto e o coletivo não sejam apenas discursos, para que outro mundo possível. Afastar-se do caminho do inferno para chegar ao bem viver, como uma proposta global alternativa ao desenvolvimento com seus riscos e ameaças. Os direitos da Natureza incluem a superação das desigualdades, a descolonização e a despatriarcalização da sociedade são tarefas indispensáveis e partes para tornar possível a superação do racismo, do machismo e da homofobia enraizados em nossa sociedade.

O desafio da complexa construção de um Estado plurinacional baseado em outra economia para outra civilização, para a utopia – o inalcançado – enquanto debate em movimento sobre o Bem Viver como um horizonte estratégico.

varejo e correspondeu a 6 meses de formação teórica e 6 de prática para poder trabalhar no Walmart. Durante três meses um grupo de alunos trabalhou com moradores de rua e desenvolveu projeto assistencial, aprovado no curso, mas recusado pela empresa cujos objetivos são o lucro na atividade comercial e não a assistência social. De outro lado, ficam naturalizadas as armas na cabeceira ou as memórias de tiroteios, de violência, o toque de recolher nos bairros e vilas periféricas.

Carmen – 10:40 – Formas de violência que existem, são naturalizadas e educativamente negadas. Entre a empatia e o entendimento.

Carmen – 10:42 – Geração Nem Nem também é exemplo.

Carmen – 10:43 – Entendendo os espaços coletivos, reconhecer-se e tomar posições ...

Mariana Martins – 10:49 – algum tipo de violência que tenha passado ou presenciado na educação:

Valquiria Menezes da luz Brunes – 10:49 – Na creche das freiras que eu estudei a freira batia de régua nas mãos se errasse o problema matemática. Depois eu sofri uma no pré vestibular a mais recente, onde a pro

Valquiria Menezes da luz Brunes – 10:52 – Desculpe continuando onde a professora me chamou de analfabeta funcional.

suelen lemos – 10:52 – lembro de violência simbólica, a professora pressionando um colega que não conseguia concluir as atividades, constrangendo, isso na 3º/4º série, não tenho certeza.

Mariana Martins – 10:54 – um menino de 5 anos constantemente ameaçado pelas professoras por não fazer tarefas como os outros alunos, outras crianças*

GABRIELE SANTOS – 10:59 – uma professora da educação infantil, na reunião relatando os conflitos com um aluno que segundo ela tinha "trejeitos femininos", que ela mandou ele reagir, pois, estava cansada de intervir nas brigas.

Laura Jasper – 10:59 – não lembro exatamente de uma violência direta, mas me marca a omissão dos professores diante do bullying praticado a um colega diariamente na 5ª série.

suelen lemos – 10:59 – cada criança tem um tempo de aprendizado diferente....

Valquiria Menezes da luz brunes – 10:59 – Vivenciei isso com estrelinha traumatizada quase ã ganhava kkk

Talita Vieira – 11:01 – Por muitos anos passei por violência psicologia dentro de casa, meu pai era alcoólatra e ameaçava minha mãe, esses traumas fizeram que eu fosse uma criança inibida e desconfiada com todos.

Valquiria Menezes da luz brunes – 11:03 – Meu pai dizia, que estudar ã é coisa de mulher. Mulher é pra cuidar da casa e dos filhos.

Imagem da tela do equipamento de Carmen:

Detalhes da reunião

14 Pessoas (14)

talita vieira 11:07
Por muitos anos passei por violência psicológica dentro de casa, meu pai era alcoolatra e ameaçava minha mãe, esses traumas fizeram que eu fosse uma criança inibida e desconfiada com todos.

Valquíria Menezes da luz Brunes 11:03
Meu pai dizia , que estudar ã é coisa de mulher . Mulher é pra cuidar da casa e dos filhos

suelen lemos 11:08
é meritocrático, desconsiderando que nem todos tem o mesmo tempo de aprendizado e acesso as mesmas condições de educação (tempo, ambiente saudável para estudar, material adequado, etc...)

Mariana Martins 11:13
entrega dos formulários ate 10/05

Enviar mensagem para todos

Suelen lemos – 11:08 – é meritocrático, desconsiderando que nem todos tem o mesmo tempo de aprendizado e acesso as mesmas condições de educação (tempo, ambiente saudável para estudar, material adequado etc.)

Educação do relato sintético em que situações de desenvolvimento de uma criança de quatro anos ameaçada, - para ir para a sala, entregue à escola como depósito que sequer é considerada criança/infância.

Relatos da Talita – Violência política. Há as físicas, mentais, emocionais, as chamadas brandas, as sociais e coletivas. As que ferem e as que matam. E da Mariana – escola que funciona com o método das recompensas ...

Paulo destaca que mais se aprende quando se erra ou quando se esquece. Fundamentos baseados em: - respeito – reciprocidade - dignidade - horizontalidade - acolhimento – inclusão. Em tempos de pandemia considerar estes valores é fundamental, para contrapor ao que ocorre: desrespeito à vida, meritocracia, verticalização, exclusão.

Na Universidade, os enfrentamentos nesta semana, passam pela falta de definições sobre o calendário e o vestibular ou formas para o ingresso. Porque não fazer inscrições por expectativas/desejo de frequentar os cursos e, em vez de vestibular fazer um sorteio entre os candidatos? Este é um recurso de menor violência e que confronta a meritocracia vigente.

A complexidade expressa nos processos seletivos e na continuidade da atividade educativa e na sociedade se confronta com as condições concretas do trabalho docente. Trabalho que é mais do que ocupar um espaço, repetir um conceito ou teoria, reproduzir ideias, controlar os movimentos dos corpos, os usos das palavras, da voz ou de imagens.

O relato do Thiago contratado como tutor e não professor, em que atende a duas turmas de cerca de 600 alunos cada, ensinando ambientação nas tecnologias de Educação à Distância, fala da massificação e automatização de processos de aprendizagem.

E o Social? Aqui aparece como coletivo que articula e modela – propõe estratégias para educar para uma outra sociedade em que educar seja a possibilidade de construir e ocupar espaços públicos para a reflexão e o diálogo. Manifestações de violência.

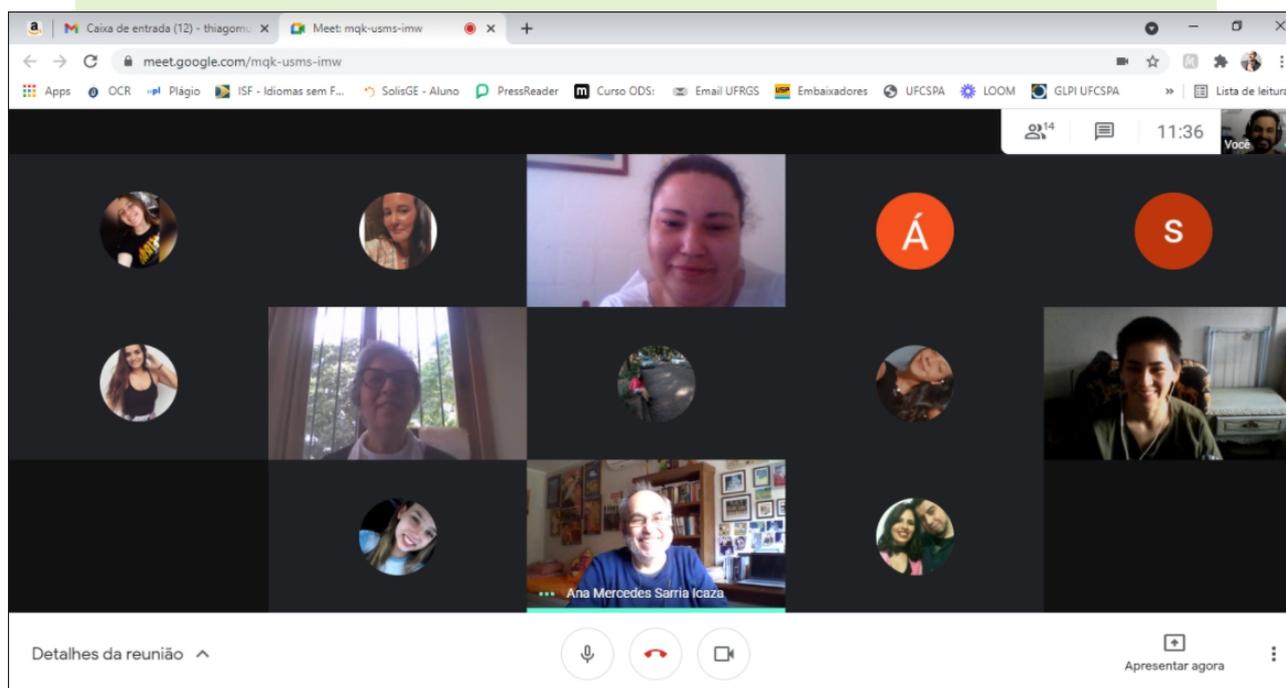


Imagem da tela do equipamento de Thiago.

Valquiria Menezes da luz Brunes – 11:42 – Eu tenho um sobrinho com deficiência mental e tive um aluno assim e eu tenho e tomo medicações pesadas.

Thiago Severo – 11:43 – Profa Carmen... é errado pensarmos que todos temos problemas mentais? (Uns mais outros menos... uns de um tipo, uns de outro)

Neuróticos todos somos – quando falamos de preconceito, discriminação exclusão em relação às doenças mentais, as vivências pessoais como familiar e como professora, em situações concretas compõe a base das falas. Não estamos nos referindo às propostas de medicalização como saídas para “amortecer, anular, silenciar” aos aprendizes-ensinantes.

O debate vem à tona quando vemos em sala de aula estes processos excludentes e quando professoras e professores silenciam ou realimentam discriminações. Vejam que não se trata de usar a palavra da moda “Bullying”. Esta é eufemismo que encobre racismo, machismo, homofobias e também aos

doentes mentais. Encobre as violências que ficam naturalizadas. Somos resistência.

Mariana Martins – 11:13 – entrega dos formulários ate 10/05

Louise Arend – 11:55 – Profs, vou precisar sair agora... Obrigada pela aula!

Talita Vieira – 11:59 – tenho que sair pessoal, até mais

Valquiria Menezes da luz Brunet – 11:59 – Profs preciso sair. Abraços obrigado pela aula

Talita Vieira – 11:59 – pessoal

Brenda Welter – 12:02 – Profs, até semana que vem! Muito obrigada pela aula!

Paulo Albuquerque – 12:02 – <https://www.youtube.com/watch?v=hD36s-LiKlg>

suelen lemos – 12:02 – obrigada pela aula, profs! Até a próxima semana.

A título de ponto e vírgula, porque os textos nunca se fecham ou acabam...

As falas aqui descritas no chat dizem de experiências discentes/docentes; importa destacar que no exame destas experiências que se apresentam como individuais, não implicam em um regresso aos indivíduos, não é atomismo social.

As experiências discentes/docentes aqui descritas servem de postulado histórico para análise de um grupo de jovens em processo de formação profissional (pedagogia). Os encontros/desencontros das falas pressupõe que o(s) indivíduo(s) e a sua(s) vida(s) se compõe(m) e não se dá/dão sem referência ao mundo e as formas de organização proposta por um dado contexto social em suas múltiplas dimensões. E, viver neste mundo implica em resistir ou nas resistências.

Mostra que a relação é sempre social e determina seus termos, suas possibilidades e não o inverso;

CONCEITOS, SONHOS E ENSINAR O QUE NÃO SE SABE

Como é mesmo?

É isso mesmo, pois “Ainda que eu falasse a língua dos homens e falasse a língua dos anjos, sem o amor eu nada seria”, lembramos Legião Urbana:

<<https://www.youtube.com/watch?v=53W3u-74Nz0>>

O texto que segue traduz nossos diálogos para um registro na forma escrita. Não é, e nem pretende ser a mesma coisa da aula. A aula é acontecimento único. Este registro também é único. Tem a ver com a inteligibilidade, isto é, com a apropriação pela razão, dos pensamentos subjetivos singulares que se manifestaram oralmente no encontro síncrono e que podem promover pensares ou ser indutores de conhecimento.

A docência e a educação como processo nos ensinam que os conhecimentos não são transmitidos de maneira uniforme, pois para compreender se faz necessário um conjunto complexo de atitudes, como bem sabem os docentes, como por exemplo a disponibilidade e o querer aprender, para além do querer ensinar.

Nos faz compreender, também, que nem todos têm a mesma leitura de um fato, de um problema ou de uma proposição, ainda que uma dada situação ou informação tenha sido apresentada sob uma formulação racional e tão objetiva quanto possível, enunciando conceitos.

Sem inteligibilidade, não existe conhecer, enquanto resultado da produção humana e, bem entendido, também de uma dada “história”, já que todas as percepções, recepções ou transmissões de informação são o fruto de experiências vividas por estas mesmas subjetividades, reunidas em "comunidades" ou “tribos”, e com saberes partilhados.

Nossa comunidade (das segundas-feiras) de nome: – Educação e Sociedade – tem por proposta pensar as questões da docência, da escola, da educação a partir do pressuposto: mesmo em ERE, participamos de uma vida social e podemos comungar de um saber coletivo.

A comunidade das segundas-feiras está a nos dizer que não existe comunidade e nem sociedade, sem sujeitos individuais, pois, até as bolinhas verdes, azuis e vermelhas da tela do computador, ou do celular, sinalizam que não somos robôs (e nem mesmo clones).

O importante, do texto e destes primeiros momentos da disciplina, é sinalizar para quem vem aos encontros síncronos e para quem não vem, mas lê as “Sínteses” que este e os demais textos (a serem enviados) são uma imagem esquemática demais, e mesmo grosseira, daquilo que poderia ser um encontro presencial, e mesmo do que ocorreu nos dias 16, 23 ou 30 de agosto e dos diálogos que se constituem nas escritas.

Entretanto, eles (os textos) se apresentam como espaço de inteligibilidade que permite aos indivíduos a possibilidade de orientar-se diferentemente entre si, conservando sua capacidade de originalidade criativa.

É por isso, que o acontecido nos encontros síncronos (virtuais ou numa sala de aula), a captura do chat ou o registro nos cadernos, tablets, etc. são paradoxalmente, uma representação do que aconteceu, mas não são esta realidade. O que não é. O que não pode ser.

O encontro síncrono do dia 16 começou com a indagação: – O que aprendi, gostei ou me interessei nas atividades de Recepção aos Calouros ocorrida na semana anterior?

MOMENTO 1 – ACOLHIMENTO OU, PARA COMEÇAR O DIÁLOGO

Luisa Munhoz – 08:00 - bom diaaa

Haruka Ikeda – 08:02 - Bom dia!

Nadia Nara Braga Goulart – 08:06 - Bom dia a todos!

Luiza Reck – 08:17 - Foi ótimo, muito esclarecedor

Ricardo Gomes – 08:18 - bom dia pessoal

Você – 08:20

Aula inaugural da Faced - "A formação de professores/as na perspectiva de Paulo Freire"

<https://www.youtube.com/watch?v=nQsVh1C6iIM>

Caterina Ferraz – 08:21

Olá, estou trabalhando agora por isso não posso falar. Eu também assisti e participei da semana de recepção. Foi muito interessante e esclarecedor! A prof Lisete é uma inspiração! Mulher incrível.

Jeann Medeiros – 08:31 - Bom dia a todos e todass

Micaela oliari – 08:35 - bom dia!!

Fabiola Carvalho Valim – 08:35 - Bom dia

MOMENTO 2 – PALAVRAS: DIÁLOGOS EM CONCEITOS

Classe social, raça, gênero. Política pública, Universidade. Alienação, educação pública e publicização do público.

Classe,

raça,

gênero.

Política pública,

Universidade.

Neoliberais sonham privatizá-las; fascistas/nazistas não escondem seu rancor pela Ciência. Patrimonialistas e conservadores rejeitam sua democratização social, política e racial. Indispensável à reconstrução do país, ensino superior é acossado. Como resistir? O Ministro da Educação, Milton Ribeiro disse em entrevista ao programa Sem Censura, da TV Brasil.:

“Universidade, na verdade deveria ser para poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade.”

Curiosamente ele defende a formação técnica típica dos Institutos federais relacionando-a a menor qualificação profissional e à redução do desemprego (quase 15 milhões de brasileiros, no mês de julho).

“Tem muito engenheiro, muito advogado dirigindo Uber, porque não consegue colocação devida. Se ele fosse um técnico de informática, ele estaria empregado, porque tem uma demanda muito grande.”

Fica a indagação: Há 15 milhões de vagas na área da informática?

Tecnologias - O alerta para tratar das tecnologias que por vezes complicam se complicam e nos complicam e o Curioso é que a tecnologia na expectativa que estará pronta e estar à disposição dos humanos quando quem planeja tecnologia no pensamento das alternativas não consegue os comandos internos usados para configurar para tatuar mas como a mudou e eu testemunhei isso na importação dos endereços para o Google Maps quando foram mesclados endereços nomes das pessoas e imagens quando se passa a digitação de um nome de uma pessoa aparece a foto de outra e o endereço de uma terceira então é algo da importação de um uma plataforma para outra que usa configurações completamente diferente e alguém programou para que fosse direto mas a forma como foi programado permite essa conf....

O alerta para tratar das tecnologias que por vezes complicam se complicam e nos complicam e o Curioso é que a tecnologia na expectativa que estará pronta e estar à disposição dos humanos quando

Nos últimos anos, em meio à programação diária de absurdos com a qual nos habituamos a viver no Brasil contemporâneo, a educação, infelizmente, tem tido um grande destaque, sempre nos fazendo confrontar com discussões sazonais sobre dois temas centrais:

Educação – desde o final de 2016 o recorde no corte de verbas em relação à educação é uma constante.

Alienação,

educação pública e,

publicização do público.

Nadia Nara Braga Goulart – 08:45 - Seria cômico se não fosse trágico.

Luiza Reck – 08:58 - Um negacionismo né

Cindi Benites – 08:59 - EXATO! Um negacionismo!

Jeann Medeiros – 09:04 -

Prof Carmem, Seu áudio ta ligado e ta duplicando a voz dos colegas hehehehe

Você – 09:05

Escuta para construir uma resposta requer disposição para o diálogo.

Gabriela Godoy – 09:10

Acredito que um dos piores casos, são quando pessoas com altas condições e com grande acesso a educação, informações e a cultura, se negam a enxergar o que está bem na frente dos nossos olhos... alienação total

Carolina Garcia – 09:12

Eu também não falo com o meu pai há mais de ano. Ele posta coisas horríveis contra quem é esquerda, não temos mais contato desde então.

Gabriela Godoy – 09:13

Exato, muitas pessoas filtram quais notícias/fatos elas querem ouvir e quais elas decidem ignorar

Você – 09:15 - Solidariedade existe?

Você – 09:17 - Ver e olhar, ouvir e escutar..

Carolina Garcia – 09:17

E na verdade, a construção desse pensamento de quem confia no Bozonaro, vem sendo feita há muitos anos. Desde o surgimento em massa das igrejas universais, principalmente. Me parece uma lavagem cerebral do pior tipo. □

Yara Rosa – 09:18

A luz é um sinônimo de conhecimento

Luiza Reck – 09:19

Eu tinha um professor de história que no período das eleições estava praticamente impondo os pensamentos bolsonaristas

Aí de quem discordasse

Luiza Reck – 09:20

Os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres

Os fatos que serviram de base às nossas apresentações e representações não podem ser exaustivos e foram escolhidos, pela significação de seus conteúdos e pelo impacto que causaram em quem conta ou relata.

Os “recortes” são o olhar posterior que permitem re-fazer o processo / o movimento das falas e a “história” do encontro. Não são falas pequenas, assim como não é pequena “a história” que estamos vivenciando nestes “tempos loucos de olhares outros”.

Nossas falas podem parecer sem significação profunda, mas são úteis, porque traduzem um modo de ser e de pensar – um modo de estar e de viver.

Assim, o olhar retrospectivo é o “mais” que ficou capturado, nos detalhes (situações/ fatos e saberes) cujo elo não podia ser percebido no momento da reunião, mas que se mostra depois, quando relatado, a ponto de permitir caracterizar, em tempos de ERE, como os alunos da disciplina de sociologia construíram junto com os professores uma “história” própria e singular.

Você – 09:23 -Jean abre teu microfone e toma a palavra...

Ricardo Gomes – 09:23

Olha só pessoal, acredito que boa parte de vocês já teve a oportunidade de assistir "Filtros Bolha" e também "A Rede Social" (Netflix) mas também pode ser encontrado no YouTube

<https://www.youtube.com/watch?v=HKtvkvPNAsw>

<https://www.netflix.com/pt/title/70132721>

Cindi Benites – 09:24 - brigaduu

Luiza Reck – 09:26

Sim Jean, por isso que digo que tem que ter essa linguagem política nas escolas

Você – 09:26 - Qual o papel de pedagogos e pedagogas?

O pastor educa?

Jeann Medeiros – 09:29 - hehehehehhee Brigadoo

Nadia Nara Braga Goulart – 09:30

Muito importante os pontos que levantastes. Jean

Luiza Reck – 09:30 - Eu já ouvi esse podcast

Jeann Medeiros – 09:32 - Manda o link no nosso grupo, Micaela

Micaela oliari – 09:33

https://open.spotify.com/show/4jqpeAOzOKCLBg3Pc0eZ6j?si=_kYYTrMJRbmRVJV2ln6Ypw&dl_branch=1

Podcast Retrato Falado - spotify

Nadia Nara Braga Goulart – 09:33 - Ok. Micaela.

Jeann Medeiros – 09:33

"Usa só o anti vírus do Windows professor, o resto é só bobagem"

Ricardo Gomes – 09:34

concordo Jean, o Windows defender dá conta do recado

Jeann Medeiros – 09:34 - Isso meu hehe

Jeann Medeiros – 09:36

o bolsonaro é só uma criança mimada que tem uma vida fracassada e medíocre kkkkk

Nadia Nara Braga Goulart – 09:37

É isso, não conseguiu explodir um vaso sanitário.

Jeann Medeiros – 09:38

Buscando a perda do peito da mãe durante a vida toda hehehehehe Freud, chega aí!

MOMENTO 3 – ENTRE O TRABALHO QUE ASSEGURA A VIDA E O ESTUDO QUE FAZ FORMAÇÃO.

Jeann Medeiros – 09:39 - Gente. eu preciso sairr.

Obrigado por esse papo todo. desculpe qualquer coisa, bjinhos a todos e todas! amo vcs. boa manha!

Nadia Nara Braga Goulart – 09:40 - Ah, gostei da tu fala.

Jeann Medeiros – 09:40 - aaaaa eu fico com vergonhaaaaa hehehe, ta. fui lá. bjins

Micaela oliari – 09:41 - kkkkk foi uma ótima fala

Cindi Benites – 09:41 - foi mesmo, hehehehe

Você – 09:41 - Sem vergonha Jean...boa semana

Karol Gonçalves – 09:44

Eu tenho que sair infelizmente, a aula está muito gostosa me abriu a mente aqui!
Obrigada professores e colegas. Mas antes gostaria de saber a respeito da atividade, se é apenas as que estão no Moodle ou haverá mais alguma?

Eu não olhei ainda mas queria aproveitar para perguntar antes se sair kkkk.

Cindi Benites – 09:48 - Passo Fundo ** Vai ter estátua...

Ricardo Gomes – 09:49 - :o

Karol Gonçalves – 09:50 - Muito obrigadaa!

Carolina Garcia – 09:59 - Sim! É muito difícil estudar de manhã

Eu quase desisti já, porque preciso trabalhar, tenho filha, e é preciso uma rede muito forte se pessoas para me ajudar a me manter na UFRGS

Carolina Garcia – 10:01 - De* pessoas

Caterina Ferraz – 10:01

Eu também quase desisti, preciso fazer um malabarismo entre aulas trabalho e filha.

Caterina Ferraz – 10:02

A situação atual do ERE está "cômoda" de certa forma, pois facilita momentaneamente meu acesso.

Cindi Benites – 10:03

Pois é...também nem pensei ainda como farei no próximo semestre...

Carolina Garcia – 10:04 - Exatamente Caterina, eu também. O ERE facilita um pouco que posso ficar em casa com ela pela manhã, e trabalho a tarde. E outros trabalhos extras para manter.

Leonardo Motta – 10:04

Sim! Estou no quarto semestre fazendo cadeiras do primeiro e segundo semestre somente agora, por causa do ERE. Já fiz praticamente todas as cadeiras da noite que são muito poucas. Deveríamos ter pelo menos mais opções de cadeiras a noite.

Caterina Ferraz – 10:05

Concordo Leonardo. Pra quem precisa trabalhar, infelizmente os horários disponíveis são bem complicados.

Caterina Ferraz – 10:07 - Sim, estou trabalhando nesse momento.

Caterina Ferraz 10:21 - SIM!!!!!!

MOMENTO 4 – E OS SONHOS O QUE ANUNCIAM

SONHOS são educativos?

Modelam pensares, ações, planos, compromissos e promessas.

Nadia Nara Braga goulart 10:21

Sonhar em manter a Universidade aberta a todos sem distinção.

Carolina Garcia – 10:25

Professores, tenho q sair. Mas passando para agradecer essa aula em que vocês possibilitam o diálogo aberto e franco politicamente, falando. Porque afinal, todos os aspectos da nossa vida são políticos. Infelizmente não são todos os professores que permitem essa troca, tão importante e tão urgente. E nós, agora, isolados, muito importante ver os colegas e seus pensamentos. Obrigada

Caterina Ferraz – 10:30

Meu sonho no momento é m e formar! Expandir meu conhecimento.

Nadia Nara Braga Goulart – 10:31 - Sim, sonhar sempre!

Ricardo Gomes – 10:38

peçoal, estou com uma porção de coisas para resolver por aqui.... Vou me despedindo, obrigado pela companhia.

Cindi Benites – 10:46

Gente, vou precisar sair. A síntese da aula ficará disponível no Moodle?

Luiza Reck – 10:47

Professores, vou me despedindo pois terei que ir trabalhar agora, muito obrigada pela aula, foi muito esclarecedor e prazeroso.

Não abri o microfone para falar para não atrapalhar o debate

Caterina Ferraz – 10:51

Perdão mas terei que sair agora. A aula foi maravilhosa, muito obrigada!

Aula On-line EDU1070-2021/1- Turmas A+C

MOMENTO 5 – PARA AS CONTINUIDADES E FORMALIDADES

Perguntas aula 09/08 - Caterina Camila Ferraz da Rosa (cartão 00335104)

Turma C

“Os sonhos não são conceitos?”

Sim, a final conceito é aquilo que pensamos entender sobre algo. Sonhos são formados a partir dos conceitos formados no dia a dia, fazendo sentido ou não.

“O preconceito é uma forma de conhecer?”

De certa forma sim, mas não quer dizer que seja a forma certa de se conhecer (algo ou alguém). Até porque pré-conceitos sobre algo ou alguém podem impedir o conhecimento pleno.

Por quê? Porque em primeiro lugar, ela (realidade) se representa como sendo de natureza simbólica, transcrita em forma de signos, de palavras (conceitos ou de imagens) que têm, no pensamento, a função de apresentar esta realidade, mas que são de uma natureza totalmente diferente.

Atenção: o pedido não é só uma formalidade, embora pareça, está nos dizer que enquanto alunos não podemos aceitar o grupo em sala de aula ou nos encontros em ERE como um ser passivo dominado pelas ações ambientais, mas sim como um ser influente em todos os processos.

“durante uma atividade proposta percebi que alguns alunos tinham muita dificuldade para ler, seu nível de leitura era compatível com os anos iniciais do ensino fundamental, e eles estavam no primeiro ano do ensino médio, naquele momento eu não consegui auxiliar eles, foi quando eu percebi que eu queria estudar, entender e ajudar na formação dos alunos e me faltava bases para isso, por isso escolhi a pedagogia.

Atenção: o descritivo / o dito não é exibicionismo ou narcisismo...a narrativa se apresenta em esquema de síntese (a gente conta o que acha que é) e descreve os determinantes do comportamento. A teoria tem como objetivo apresentar um quadro que sirva de referência e que pode influenciar determinado comportamento e, não prioritariamente explicar os processos implicados.

As devolutivas vem em forma de texto em que se coloca tudo que foi/será enviado e que forem recebidos.

Vou voltar a programar a resposta automática sempre que abrirmos as respostas.

Exemplo: Podemos escolher mudar, mas somos forçados a mutar

Essa reflexão vai ficar sempre na nossa cabeça e vai sempre mudando conforme a nossa vida

As respostas a partir da experiência individual permitem pensar singularidades e que existe uma descontinuidade nas práticas sociais (modos de ser) e ...que no dizer de cada uma/um para mesmos conceitos dão significações diversas....mas pela reflexão coletiva permitem construir conceitos provisórios

Tem gente que sabe muito, mas compreende pouco!

Quem muito compreende, dificilmente saberá compartilhar o pouco que sabe

O professor tem que ajudar o aluno transformar a informação em conhecimento, o que define a aprendizagem não é saber muito, é saber comunicar

Esse é o desafio da educação na era da informação

Pensei agora no livro do Mézaros A educação para além do capital

Então uma educação para além do capital é uma Educação Pública?

- Educação de qualidade e equitativa!

Privatizaram sua vida, seu trabalho, sua hora de amar é seu direito de pensar. É da empresa privada o seu passo em frente, seu pão é seu salário. E agora não contente querem privatizar o conhecimento, a sabedoria, o pensamento, que só a humanidade pertence. BERTOLT BRECHT

Não parece que quem educa tem lado e sabe o lado que está?

neutro e imparcialidade é interessante e interessa a quem?

A discussão está nos levando a compreender que os fenômenos de aprendizagem resultam de experiências diretas e podem ocorrer também, numa base que parte da observação das falas e dos comportamentos e experiências de outras pessoas.

Gabriel Viegas

Um professor antigo meu dizia que a neutralidade não existe, já que a partir do momento que tu faz a escolha de ser "neutro", tu já tá escolhendo uma posição e abdicando da neutralidade.

Teoricamente (abstrato, mas nem tanto) pode-se dizer que a em educação a construção do sujeito se dá no processo de aprendizagem, visto que aquilo e como se aprende serve de modelo para os alunos que através da cognição são capazes de incorporar e imitar comportamentos que irão considerar como experiências positivas.

Acredito que nos deveríamos ter um lado, um lado é uma escolha diante nossa vida, para seguir uma luta.

O comportamento não precisa ser reforçado para ser aprendido ou adquirido, aquele que apreende: aprende e adquire experiências observando as consequências dentro do seu ambiente. Isto é, a gente constrói comportamentos levando em consideração aquilo que permitiu a nossa "sobrevivência", sustentabilidade no espaço educativo formal

Seguir a luta na educação não é solitária, por isso é tão importante. Acreditar no ideais e jamais desistir.

Sexto MOMENTO: Entre o MUTAR e PARA NÃO MUTAR

Rever escritas, reencontrar memórias do vivido no dia 1º e do ponto de vista da sociologia, as formas de falar / escrever e modos de ser são indicativos que permitem manifestar à diversidade de pensamentos e de ações humanas e, em particular, constituem um dado que, nós futuros educadores, precisamos compreender, isto é, de interpretar ou de explicar para compreender e estar/viver no mundo.

Esta compreensão supõe a possibilidade de uma comunicação, mesmo que indireta e parcial, entre formas de falar e ser do passado e aquelas que habitam o sujeito presente e dirigem seu olhar. O conhecimento do “ser professor” parte deste "olhar" atual, informando aquilo que conhece, mas, ao mesmo tempo, sabendo descentrar-se / distanciar-se ou, pelo menos, ter consciência da diferença entre o falar e o olhar.

Compreender o que existe, se manifesta, o mais próximo possível do que aquilo era, isto é, da significação que aquilo tinha então para os sujeitos que estão em situação de aprendizagem. Trata-se de estabelecer uma proposta de compreensão, pertinente, cujo conteúdo traga consigo exemplo, conceitos que podem conferir sentido e articular-se ao que já sabemos. É por isso, que a própria noção de explicação passa por transformações à medida que se lida com exigências diferentes para o conhecimento e que se criam novas exigências.

Assim sendo, continua válido o quê?

VER É BIOLÓGICO, OLHAR É INTENCIONAL: AO CRIAR CONEXÕES, CONHECEMOS, SONHAMOS?

Paulo Peixoto de Albuquerque
Carmen L. B. Machado

O texto que segue vai na direção do que aconteceu no rápido encontro síncrono e, ao mesmo tempo, busca marcar que na experiência do ERE (o encontro no ciberespaço) o conhecer se constrói, a partir dos saberes já acumulados (a experiência de cada um e de cada uma) que atua como condição necessária para evidenciar e alavancar as discussões/reflexões na perspectiva da sociologia (enquanto sub-área de conhecimento científico, e disciplina), e pedagogicamente apoiada em elaborações dialógicas e coletivas.

Aqui procuramos trazer para quem esteve ou não presente e para quem estava distante fisicamente, que o modo de aprender a “olhar” o social (centrado na virtualidade e na oralidade) precisa dar importância ao potencial papel da palavra escrita. Traduzir a oralidade na forma de escritura é reconhecer que não é possível reproduzir tudo o que é dito senão por meio de gravação, o que não fazemos em aula.

No encontro síncrono fica registrado aquilo que cada um e cada uma disse, mas dada a fragmentação das falas/escritas, o que foi dito pode não ser entendido por quem faz uma leitura linear, mas (atenção!!!!) o que fica dito e escrito sinaliza um conhecimento que tem na experiência¹⁹ a sua expressão maior. A vivência difere do que fica transposto no texto.

Pela sequência e na reprodução que o chat faz do que foi o encontro fica evidente que não há uma resposta pronta, legitimada pelo saber dos professores. Ao contrário, **as intervenções do/no grupo** colocam em pauta que há conhecimentos anteriores, construídos com outras lógicas, enfatiza que há lugares “epistêmicos”, lógicas fronteiriças (psicologia, pedagogia, sociologia, história) que nos fazem (a nós pelo menos como professores) a pensar/repensar o dispositivo da “disciplina” como um “universal” capenga que, por um lado hierarquiza aquilo que vai ser conhecido e, por outro, acentua as

¹⁹ Experiência aqui entendida como trânsito e construção de sentido ao que o mundo que se apresenta ao sujeito e/ou experienciado coletivo; implica em continuidade para que, como possibilidade, e se apresente como potência do conhecer e da existência.

desigualdades, diversidades e as diferenças, criando *guethos e aparthaids* culturais, como se – “só a leitura sociológica é importante”.

E o andamento da conversa sinalizou que reconhecer a pluralidade se faz necessário, inclusive para a compreensão do que é o social ou sociológico, nas relações educativas que vivenciamos.

Na sequência os fragmentos registrados no chat no dia 10/08/2021, dia em que os tempos ficaram reduzidos para que a recepção aos calouros e calouras de 2021/1, planejada para ocorrer entre as 9 e as 12h desta data, no formato *on-line*, sem colidir com a aula.

Paulo Albuquerque – 08:14

Se os tempos da conexão (internética) são outros....pergunta: o tempo da conexão na escola ou na universidade é dada pelo conceito(s)?
ou...pelos sonhos?

Paulo Albuquerque – 08:15

os sonhos não são conceitos? não são lugar de conexão

Paulo Albuquerque – 08:17

Pode ser a ideia que permite a arrancar o semestre

Mariana Martins – 08:18 - boa viagem Ricardo!

Luiza Reck – 08:18 - Boa viagem

Paulo Albuquerque – 08:27

pensando no que está sendo dito: o individualismo que não cabe dentro de "nós" representa a não morte do social....fazer parte do que vai acontecer em 2022 nos diz que fazemos parte de uma comunidade.

Jeann Medeiros – 08:31 - Bom dia a todos e todas.

Luiza Reck – 08:31 - Bom dia Jeeaan

Yara Rosa – 08:31 - bom dia

Alice bolzan – 08:31 - bom diaa

Gabriela G – 08:32 - bom diaa

Fernanda Cougo – 08:32 - Bom dia :)

Raissa Mjunqueira – 08:32 - bom diaaaa

Paulo Albuquerque – 08:32

Sabe por quê? Não será, porque olhar é diferente de ver...

Lari Seadi – 08:33 - bom diaaa-

Micaela oliari – 08:33 - bom dia!

Andriele Souza – 08:33 - Bom dia

Erika Bomfim – 08:33 - Bom dia

Luiza Reck – 08:34 - Andriele falou e eu lembrei do "olhar de mãe"

Lari Seadi – 08:35 - issooo, eu concordo, me perdi na hora de falar hehe

Luiza Reck – 08:35 - Exige intenção

Fabíola Carvalho Valim – 08:37

Acredito que o Olhar tem uma intenção e o ver pode ser um "quer" em algumas situações enxergamos o que queremos...

Nadia Nara Braga Goulart – 08:38 - Bom dia a todos!

Luisa Munhoz – 08:40 - Bom dia pessoal!!!

Bruna Machado – 08:40 - quero ser você quando crescer, amiga

Jeann Medeiros – 08:41 - Os top 3 da vida.

Bruna Machado – 08:41 - É PIADA INTERNA PROF

Jeann Medeiros – 08:42 - kkkkkkkkkkkkkkk

Era piada interna. mas funcionou maravilhosamente em professor. kkk

Jeann Medeiros – 08:43 - Boa, concordo com isso ai em Lari.

Fabíola Carvalho Valim – 08:43 - Lari descreveu o meu pensamento

Mariana Martins – 08:43 - Total Micaela

Mariana Martins – 08:48

Isso já põe em cheque o conceito de escolha. a gente vai escolher de acordo com nossa realidade processo social exatamente

Paulo Albuquerque – 08:54 - o desencanto é legal

Mariana Martins – 08:57 - O pré conceito é uma forma de conhecer?

Jeann Medeiros – 08:59 - Vacinadaaaaaaaaaa

Jeann Medeiros – 09:00

mas o conceito de amor da MOANA é lindooo. e é Disney kkkk

Lari Seadi – 09:01

Os preconceitos são um vestígio dos nossos instintos primitivos. Mas, pra mim, preconceito não é uma forma de conhecer, só quando esses preconceitos são quebrados ou confirmados que a gente conhece, de fato.

Andriele Souza – 09:02

Sim Lari, não é uma forma de conhecer e sim de criar rótulos. Concordooo

Jeann Medeiros – 09:03 -Bjinho a todos e todass.

Bruna Machado – 09:03 - Boa semana <3 beijocas

Lucas – 09:03 - boa semanaa

Luisa Munhoz – 09:03 - obrigada profs, boa semana!!!

Alice Guzinski – 09:03 - beijoss

Alice bolzan – 09:03 - obrigada!! beijoss

Fernanda Cougo – 09:03 - Boa semana!!

Luiza Christmann – 09:03 - Boa semana, beijos!

Caterina Ferraz – 09:03 - Obrigada!!! Boa semana!

Andriele Souza – 09:03 - Boa semana

Gabriela G – 09:03 - obrigada profs!!

Nadia Nara Braga Goulart – 09:03 - Beijjos!

Aula On-line EDU1070-2021/1-

Como combinado, utilizamos este espaço para registrar aquilo que foi escrito no chat, e os questionamentos do dito e do feito durante o encontro síncrono, isto é, passando da oralidade para o letramento e da reprodução das escritas no chat, paralelas aos diálogos realizados.

O texto acima busca dar uma ideia do que se passou no encontro sincrônico... E, se há sincronia entre o que falamos e o que foi escrito vai depender da leitura de vocês. O leitor aporta ao texto o que conhece.

Para quem não esteve presente, o relato dá uma vaga uma ideia de como as coisas se encadeiam, o que poderia ser completado com a assistência de uma gravação do encontro, que, no entanto, não ocorreu.

Esperamos que esta alternativa dê conta dos propósitos da disciplina.

Desse modo, o resgate daquele momento (é e não é) a tentativa de materializar e dar a conhecer que o aprender acontece na decodificação, na releitura, na interpretação que se faz em outro momento, porque conhecemos o que somos capazes de conceituar, ou, na pergunta disparadora da aula:

Se os tempos da conexão (internética) são outros... vale a pergunta: – o tempo da conexão na escola ou na universidade é dada por conceito(s)? Ou, ... pelos sonhos?

Ah! e não esqueçam, pensar e refletir, preparar as suas respostas ...

Na véspera do grito das excluídas e excluídos seguimos a formar para professores

Educação e sociedade – EDU 01070 – A+C, ou C+A - 06.09.21

Os títulos não são gratuitos, eles sempre insinuam o que segue ou pelo menos trazem algo que o leitor encontrará.

Entretanto, é bom saber: nosso título não sinaliza que há uma hora correspondente a algum momento específico, para uma ação importante: gritar pelos excluídos e excluídas, pois como professores pensar nos excluídos significa pensar sempre - solidariedade - pois assim como o conhecer é inter-subjetivo, nós não existimos sozinhos.

Estamos dizendo que como professores em formação estamos vinculados a um tipo de **educação e** para um determinado tipo de **sociedade**, até porque esta não existe sem aquela. E, o indagar que inclui-exclui. Qual música nos representa? Qual é escolhida?

NATÁLIA CAROLINE BAPTISTA DOS SANTOS - 08:18

gosto muito de “menina, amanhã de manhã” do Tom Zé como música animada prof...

Raissa MJunqueira - 08:18

quer q eu pesquise o link Nati? ou tu consegue

NATÁLIA CAROLINE BAPTISTA DOS SANTOS - 08:19

<https://youtu.be/2Dcu2XWTT18>

Lari Seadi - 08:19

<https://youtu.be/gqIpqSo0Cmg>

NATÁLIA CAROLINE BAPTISTA DOS SANTOS - 08:19

to sem microfone e sem câmara porque to um pouco doentinha mas fico ouvindo como sempre

Carmen Machado - 08:22

<https://www.youtube.com/watch?v=0yaBHz94oRY>

Betânia cantando Estrela

Lari Seadi - 08:23

mandei o link da música girassóis do Cidadão quem que eu adoro

<https://youtu.be/gq1pqSo0Cmg>

Seguimos nesta segunda feira a pensar em formação de professores, porque para nós o feriado não acontece, porque a história nos “sorriu” ou por “sorte” estamos incluídos em um grupo que pode e ainda quer continuar seguindo na sua formação.

A chamada ou título deste nosso encontro síncrono aponta para um substantivo que precisa ser continuamente pensando:

1. "excluído" não existe por si mesmo;
2. A realidade da exclusão é produzida e existe em relação a alguma coisa;
3. Se alguém ou algo é excluído, devo logo perguntar: Excluído de onde?
Excluído por quem?

O ser excluído de algum lugar, implica que exista esse outro lugar e que a exclusão é uma ação que reafirma alguma coisa muito importante.

São muitas as exclusões - exclusão econômica é, na maioria das vezes, senão a causa, ao menos a condição para outras: a exclusão política, religiosa, cultural, social, educacional.

Daí talvez seja a origem do pensar dos Titãs: Mundo Cão – que o Ricardo lembrou:

RICARDO GOMES – 09:19

Você pode se iludir
Mas ilusão custa caro
Pode até se divertir
Como um animal adestrado
Você tem direito a ter um advogado
Você pode falar
Mas é melhor ficar calado
A verdade é cruel
Mas é melhor que seja dita
Eu vou cuspir pro céu
Que ao menos me refresca a vista
Você pode pensar o que bem entender
Mas é melhor tomar cuidado
Que alguém pode se ofender
Mundo cão, mundo cão
Não estou vendo nada novo
Mundo cão, todos estão
Com uma coleira no pescoço
Ninguém mandou ficar de quatro
Você pode ir em frente
Mas não pode olhar pros lados
Pode até comprar
O que não queria ter comprado
Pode ter razão mas não pode estar certo
Você pode se mexer
Mas é melhor ficar quieto
A verdade liberta
A verdade é essa
Você pode querer mais mas tudo tem a dose certa
Pode reclamar
Ninguém tem nada a ver com isso
Pode ler o que quiser
Mas vão queimar todos os livros
Mundo cão, mundo cão
Não estou vendo nada novo
Mundo cão, todos estão
Com uma coleira no pescoço
Você pode gritar

Mas como foi lembrado:

Espinosa: diz que a alegria como potência de vida é importante e o único fator que serve para contrapor a tristeza e a impotência que o sombrio da vida apresenta.

Mconf nos encontros síncronos estão sendo a possibilidade do singular que explicita as nossas diferenças, produz efeitos ... e possibilita um aula/encontro co-criada.

Cenário ERE que inclui pela música e faz do encontro um lugar afirmativo.

Luiza Reck - 08:49- Sim

NATÁLIA CAROLINE BAPTISTA DOS SANTOS - 08:49 - sempre atual

Luiza Reck - 08:49 - Bem atual

Paulo - 08:49 - e o rock para curto circuitar as lógicas sociais

CARMEN MACHADO - 08:54 -

Conhecer o conhecido e produzir o novo. Co-criação.

Diálogos possíveis....

Expor de si exige confiança e regularidade

Paulo - 09:05

Ao escrever/falar/dizer para o grupo a gente percebe ou tem mais presente que o conhecimento é inter-subjetivo e implica na compreensão de si que é e se dá a partir de um "outro generalizado" (o grupo, a sociedade)...este outro não é tão abstrato assim ainda bem que os nossos pensares não são ortodoxos.

A ortodoxia dificulta a mudança?

Por isso o pensamento ortodoxo é importante para quem gosta de hierarquias

Carmen Machado - 09:33

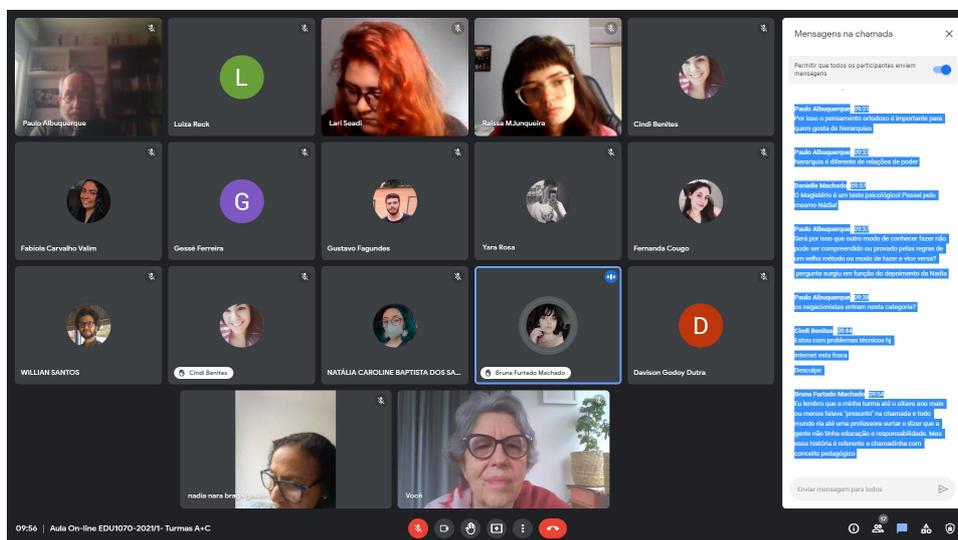
Hierarquia é diferente de relações de poder

Danielle Machado - 09:37

O Magistério é um teste psicológico! Passei pelo mesmo Nádía!

Paulo - 09:37

Será por isso que outro modo de conhecer fazer não pode ser compreendido ou provado pelas regras de um velho método ou modo de fazer e vice versa?



Pergunta surgiu em função do depoimento da Nádía. Depoimentos contam histórias guardadas na memória. Exclusões, discriminações, preconceitos, racismos. Rígidas hierarquias e relações de poder excludentes. Práticas educativas formais, “bancárias”, reprodutoras, desiguais. Econômicas.

Bruna Furtado Machado – 09:54

Eu lembro que a minha turma até o oitavo ano mais ou menos falava "presunto" na chamada e todo mundo ria até uma professora surtar e dizer que a gente não tinha educação e responsabilidade. Mas essa história é referente a “chamadinha” com conceito pedagógico

Bruna Furtado Machado - 10:00

Sim, tipo, pra ela pode ter sido só mais um dia, um momento passageiro na vida dela, que sei lá, acordou com o pé esquerdo, mas que naquele dia te marcou até hoje....

Lari Seadi - 10:01

E, falando com uma criança né! que enxerga nos adultos o apoio

Paulo - 10:01

A Cindi nos diz com seu depoimento que a docência é lugar que tem história, esta marcada por um tempo e um espaço, mas felizmente está em movimento

Por depoimentos como os desta manhã que podemos perceber como subsiste na ação docente: o preconceito. E que ele se manifesta a partir de lugares (de saber) e que se pretendem melhores do que outros.

Se a Cultura é, pois, toda ação de homens e mulheres sobre a natureza; e, se cada grupo humano constrói, produz cultura conforme suas circunstâncias; a cultura é a identidade fundamental. É, e será, a alma de um povo e isto precisa ser lembrado.

Deve ser por isso que os dias feriados ou pátrios existem para lembrar que fomos/somos excluídos de alguma coisa: liberdade, independência, autonomia.

Assim, "entender" e "compreender" os significados, os sentidos, que os dias ou as coisas têm, passa a ser também função daquele que ensina.

Mas como fica quando os gestos, os ritos e às coisas só tem sentido para alguns?

Aí a coisa enrosca, pois de que adianta seguir formando, ou formatando professores se não alcanço compreender o significado do que aquilo significa para as pessoas?

Parece que a resposta veio na continuidade

Lari Seadi - 10:06

Nadia acho que não foi polêmico não! Achei lindo teu relato! Foi o início de uma discussão ótima

Bruna Furtado Machado - 10:06

Sem dizer que tu é um baita exemplo ❤️❤️❤️

Raissa MJunqueira - 10:07 -

também não achei polemico

Lari Seadi - 10:07

na escolinha que eu trabalhava tinha criança de 3 aninhos sem falar

Paulo - 10:10

Ser professor é ensinar aquilo que sei, mas também aquilo que já sou...

E lembrando Barthes, (o Roland em Aula) de também ensinar o que não sei e o que não sou. Pois, sendo o que se é, se ensina e aprende, apesar de quem ensina. Histórias da Carmen e do Paulo em muitas escolas experienciadas, em rotinas hierarquizadas e outras tantas dialógicas.

Lari Seadi - 10:10 - Educar não é seguir protocolo

WILLIAN SANTOS - 10:18

É muito horrível mesmo Nádia. Infelizmente já tive até aluno que era usado de mula...

Lari Seadi - 10:20 - é muito triste

Bruna Furtado Machado - 10:20

Nossa que horror, dona Nadia. A senhora realmente viu e viveu coisas que eu nem sei se aguentaria ver. Tem que ter muita garra e fé na educação...!

Cindi Benites - 10:25

"Eu fico com a pureza. Da resposta das crianças. "

Cindi Benites - 10:26

Foi o que me veio imediatamente a cabeça com o depoimento do prof

Paulo - 10:33

As dificuldades nos obrigam, nos interpelam e nos levam a pensar que o incômodo serve para propor outros pensares ...como professor isto faz o nosso fazer vinculado com a vida e com as pessoas, caso contrário, educação é exercício de abstração estéril

Nadia Nara Braga Goulart - 10:34

Sim, Willian! Tenho muito receio de saber ou de ver que um deles esteja inserido no tráfico.

Lari Seadi - 10:36 - que absurdo

Nadia Nara Braga Goulart - 10:36 - Que horror!

Luiza Reck - 10:36 - Horrível

Paulo ALBUQUERQUE - 10:38

A violência social é uma gramática de poder, de demonstração de poder e resultam num modo de ser que é preciso (como professores junto com quem apreende) perceber a cultura em que nós vivemos

CARMEN MACHADO - 10:42

Trincheiras contra a barbárie e produção do Bem viver.

Lari Seadi - 10:51 - tem protesto 13h30 na redenção

Paulo - 10:51

Por isso, cada vez mais a imaginação não pode estar bloqueada... é na imaginação de um outro modo de ser como professor e como aluno que a mudança ocorre organizar esta relação entre o imaginar e o fazer no tempo (aqui e agora) é o projeto da docência....claro! sempre tendo presente a percepção das ameaças e das possibilidades

Nadia Nara Braga Goulart - 10:53

E nem vai comentar. Querem tirar os livros dele das escolas.

Paulo - 10:55

reconhecer que as situações, as realidades não são homogêneas, elas tem fissuras....

Bruna Furtado Machado - 11:02 - Eu não me importo, prof!

Paulo - 11:02

a noção de autonomia é relativa ou tem papel ativo no aprender?

Fernanda Cougo - 11:02 - Também não me importo

Nadia Nara Braga Goulart - 11:02 - Sim, pode!

Lari Seadi - 11:03 - eu sempre autorizo

Possibilidades éticas, não protocolares que pedem reconhecimento e aprovação para divulgar imagem de tela, solicitada, exibida ao grupo, aprovada, agora divulgada. Cultura em mutação nos tempos excludentes de ERE.

Fernanda Cougo – 11:12 - Tchau profs, boa semana!

Cindi Benites – 11:12 - Obrigada pela aula!

WILLIAN SANTOS – 11:12 - Tchau!

Cindi Benites – 11:13 - ate mais a todos

NATÁLIA CAROLINE BAPTISTA DOS SANTOS – 11:13

boa semanaa!!

Aula On-line EDU1070-2021/1- Turmas A+C

Finalizando, o título do encontro precisa ser desvendado, pois o que ele traz como sentido tem a ver com conceitos/pré-conceitos que nos provocam a pensar.

Nosso pensar as segundas-feiras são definidos não de forma abstrata, mas pela análise de uma realidade que não é apresentada apenas por uma fotografia, mas como fenômeno que não se esconde quando os depoimentos e os modos de ser e olhar se apresentam.

Que bom que vocês estão do outro lado. Ou, do outro lado da tela. Ou só do outro ...,

Paulo e Carmen

:

Memórias dO EnconTrO: EducaçãO e SociEdAdE, 25.10.2021

Paulo Peixoto de Albuquerque

Carmen Lucia Bezerra Machado

Turma de Educação e Sociedade A+C - 2021-1

Encontro síncrono de 25.10. 21

No dia de hoje tivemos a presença do professor Solon Viola, convidado para conversar conosco sobre o que motiva seu trabalho e vida: Educação e Direitos Humanos, resultando em artigo apresentado no XXIX Seminário Internacional de Formação de Professores, sediado na UNIPAMPA e com Resumo expandido incluído neste E-Book.

Feita a abertura protocolar e de boas-vindas a todes, as perguntas incentivadas, e as que seguem dão ideia de como a fala do professor Solon se desdobraram em outras perguntas e repercutiam no grupo.

- **hoje em dia todos que odeiam a igualdade formal querem fazer a naturalização da igualdade de uma vida mercantilizada? Deu início a conversa.**

Lari Seadi - 09:11

- **só para registrar no chat: eu perguntei como a gente pode tornar a educação brasileira antirracista sendo que ela foi construída sobre pilares colonialistas e feita APENAS para pessoas brancas?**

Então o respeito formal aos direitos humanos individuais, apenas acentua a desigualdade, porque desconsidera as situações de indignidades do modo de ser, de fazer economia e de nos relacionarmos com aqueles que são diferente de nós (cultura dominante)?!!!!

Lari Seadi - 09:19

Eu perguntei porque de todas as escolas que eu tive contato (todas particulares) o conteúdo do 4/5 ano que passa pela Revolução Farroupilha mal menciona os lanceiros negros. E em diversos outros conteúdos, quando negros e indígenas são mencionados, na maior parte das vezes, é algo relacionado à escravidão e não à sua história.

Lari Seadi- 09:25

Então o que precisa é uma reformulação da forma que os conteúdos curriculares são apresentados, novos livros didáticos e etc.

Lari Seadi - 09:44

Agora que o prof. Solon falou sobre a matemática lembrei da fala do Davison e de uma prof. de matemática que eu tive. Que nos ensinou o conteúdo de estatística com números sobre feminicídio. Aproximando causas sociais ao nosso aprendizado por meio do conteúdo que estava previsto no currículo.

Você - 09:44

Como estratégia de mudança no pensar ... a escola, ainda pode ser o lugar para a expansão dos direitos humanos ou para a superação da exploração, é muito mais do que atributo meramente ideológico é ato político: resgatar a dignidade das pessoas.

Davison Godoy Dutra - 09:48

Sim, Lari! Sempre tentamos "encaixar" essas questões humanas no currículo, no entanto será que elas não deveriam ou poderiam ser discutidas aberta e amplamente? Com sentimento de revoltada, indignação e/ou ato de revolução?

Você - 09:50

Num mundo onde tudo se mede como mercadoria, os sujeitos são os portadores das mercadorias por excelência e, então, sua inteligibilidade/compreensão de si se faz/fará por meio dos direitos humanos. Daí que, o falar sobre a vida das pessoas opera para a superação e na luta por direitos humanos.

Você - 09:53

Davison/Lari/Raissa...A dificuldade de desejar a esfera de dignidade humana está justamente na materialidade e nas práticas da vida invisibilizadas na sala de aula ou nas mídias porque tudo está sob a forma da mercadoria.

Lari Seadi - 10:06

Seria para ideal né Davison, mas em contexto de professor de escola particular (que é o que eu conheço) é mais difícil né

Davison Godoy Dutra - 10:07

Sim, muito mais! Eu atuo na pública e já lido com tal dificuldade...

Você - 10:09

Outra forma de educação a partir ou através dos direitos humanos são/poderá ser uma espécie de esperanto na linguagem cotidiana!!!????

Você - 10:17

Ou seja na incompletude do conhecimento está a possibilidade de uma estranha utopia...construir um outra linguagem para descrever a vida e o mundo

Você - 10:23

Produzir línguas nativas de emancipação (dos que estão indignados e dos que estão explorados) porque a elite já tem a sua linguagem que é exógena

Você - 10:26

Devemos saber e ter presente que estamos sofrendo a Síndrome de Diógenes que tem seus indícios no isolamento social e reclusão em casa. Evitam o contato com outras pessoas que não sejam iguais a mim e se relacionar só com quem é indispensável.

E se pensar fosse um exercício *fitness* ?!!!!

Pensar dói? Pensar é complicado? Mas e se pensar fosse entendido (metaforicamente) como exercício *fitness*? Ganharia adeptos?

Por que estou dizendo isso?

Porque penso! Não só, mas também...

Segundo pesquisas do Conselho superior de pesquisas científicas (CSIC) pensar muito queima 350 calorias ao dia. Afirmam que “o cérebro humano representa 20% do peso corporal e consumo 20% de oxigênio e glicose do organismo”.

O cérebro é o órgão que mais energia consume, isto se mede pela quantidade de fluxo sanguíneo no cérebro e se comprova por meio de uma ressonância magnética funcional e por uma espectroscopia por ressonância magnética.

Neste conselho afirmam, também, que não é tanto como nos dedicamos ao exercício, senão a tarefa intelectual que realizamos. Não é qualquer pensar, isto é, não é a mesma coisa, decidir o que vamos comer no almoço e resolver um problema. Resolver um problema, se ativa uma zona do cérebro que gasta as calorias.

Segundo, parte, Ignacio Morón, professor da Universidade de Granada e pesquisador do *Centro de Investigación Mente, Cerebro y Comportamiento (CIMCYC)*, “uma hora de trabalho intelectual intenso, consome praticamente a mesma energia que uma hora de trabalho físico”. Sem dúvida, ainda que a lógi-

ca indique que para emagrecer devemos queimar calorias, pesquisadores dizem que não se emagrece, pois é apenas a glicose que se reduz.

Como vemos, esta notícia tritura a ilusão, que basta resolver um par de integrais, quatro derivadas, conhecer a sequência de Fibonacci nas flores do nosso jardim, citar de memória 25 decimais do **PI** equivaleria ao levantamento de alturas durante 20 minutos ou a execução de 50 agachamentos e uma quantidade igual de abdominais oblíquos.

Essa ilusão explode no concreto da vida, pois não basta conhecer e saber muito sobre “curiosidade da ciência da revista Interessante”; sobre coisas que gostaríamos que acontecesse, mas que não acontece.

Mas ... há momentos em que se deveria deixar que o sofisma avançasse, ao menos por alguns instantes de modo a permitir que se propagasse a ideia: pensar emagrece/ fortalece!

Não é gordofobia. Mas o mundo de hoje, onde o que importa é a aparência (imagem exterior), dá para entender a brutal justificativa de que os fins justificam os meios.

Assim, imaginem: poderíamos anunciar com pompa e circunstância que os recursos nutricionais de duvidosa procedência: dieta da lua, a dieta da sopa, dos dias pares, dos dias ímpares, da alternância entre proteínas e carboidratos, da tribo de não sei qual ilha da polinésia ... não se comparam com o exercício de pensar proposto pelos certificados do curso de Pedagogia.

Então, sigilosamente, com publicidade cada vez mais agressiva se poderia instalar:

O *fitness* do Pensar.

Imaginem algo, assim, para o/a docente dizer:

- **Atenção! Você não está se alongando demais no sentido comum?**

- **Senhora! Me parece que tem muito encurtado o pensamento a longo prazo.**

- **Não parece que está na hora de coordenar velocidade dos preconceitos com a inserção de informação sobre os desdobramentos dos seus comentários?**

- **Não faria bem alongar este silêncio, pense, pense, pense...**

- **Vamos! Que está chegando o verão e ainda não vejo estes bíceps alinhados à coerência interna do discurso.**

- **Um dois, três!!! Deltóides pra cima!!! Sem mover os braços terminaremos fazendo uma mudança muito pequena na nossa ideia ...**

Desculpem! Passei do ponto... foi culpa dos encontros síncronos da Educação e Sociedade... pensar uma sessão de ginástica como fazer docente.

Até parece!

Mas, pensando bem, não é fácil fazer as pessoas, (as crianças, os jovens, os adultos, os idosos) passarem de uma ideia a outra quando se fala de educação, pedagogia, direitos humanos ou qualquer outra coisa sem alguém ou de algo que ajude a fazer esta transição.

É... esta mudança, neste movimento sempre há um gasto energético (físico e mental).

Por exemplo: estar de pé (ou pensar por si mesmo) é um exercício que implica em gasto de energia e nos previne de outras gorduras (ter que assumir o pensar de outro) que, longe de acumular-se em lugares incômodos (barriga ou ideias estranhas), podem atrofiar partes vitais do nosso estar no mundo.

É tão vital estar de pé (pensar por si mesmo) que se não gastamos esta energia que é mínima, acabaremos por não acessar a condição de possibilidade de uma pessoa em usar sua energia para fazer outras coisas (ter autonomia).

Não sei vocês, mas (depois da fala do prof Solon) vou direto à academia mental para ajustar um pouco a musculatura ... para compreender um pouco mais esta vida, este mundo, antes que alguém comece a pensar e a dizer o que tenho que pensar.

“O *fitness do*”: E o que tenho? Ou temos quê ...

Ou, o Prof Solon (contador) de Histórias conserva vivos antigos conhecimentos e assegura a expansão que futuras gerações trarão?

As histórias de sabedorias atualizam pensares?

Recontam o conhecido e observando acontecimentos o entrelaçam à situações e condições das lutas do aqui e agora?

Trançando pensares, masculinos e femininos, entre batalhas verbais e orgulho de cada papel desempenhado, entre os ensinamentos tradicionais e o momento presente, às próprias vidas.

A cada história contada outra e outra vez, diversos significados, sentidos e formas diferentes vão sendo agregadas. E os mesmos acontecimentos dentro de uma história, repetidos de modos diferentes, promovem, em cada ouvinte, percepções, criações e recriações, segundo o momento de vida, na singularidade de que é.

Não costumamos revelar ou explicitar tudo o que pretendemos ensinar. Preferimos deixar que cada leitor utilize seus conhecimentos pessoais, experiências, observações, leituras de textos e de mundo para descobrir potências e possibilidades, nas condições materiais de suas existências.

Assim cada um e cada uma pode aprender conforme o ritmo que lhe é próprio, seu próprio modo de ser e pensar, para que a liberdade não se torne camisa de força, e sim..., descobrir formas linguísticas: a ironia, o insinuar e o não dizer, a paródia ou a paráfrase, analogias.

Liberdade para ser o que se é? Todos, todas e todes somos iguais?

Há reconhecimentos? Há arte neste processo?

E, não há acusações ou há uma técnica ao sem personalizar ou personificar pontos de discordâncias ou divergências, sem culpabilização ou obrigatoriedades.

O medo e a ignorância seguem organizando o pensamento?

Estas memórias (individuais e coletivas) permitem traçar novas estratégias?

Cada ouvinte / leitor é capaz de chegar às próprias conclusões?

Afinal, o que é “o que é que tem quê”? Ou não?

Ou, didaticamente, dito de outro modo: cada pessoa pode decidir como usar as histórias / memórias ouvidas / dialogadas em sua própria vida?

Visitantes convidados, planos e realizações.

As inserções no mundo universitário em tempos de ERE para conhecer

ouros modos e outros pensares



UNIVERSIDADE FEDERAL RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Concurso Público para provimento de cargo de professor adjunto

Área de conhecimento: Educação e Saúde

PLANO DE AULA

Sabrina Lacerda da Silva

1. TEMA:

Suicídio na Escola: Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio.

2. OBJETIVOS:

- Possibilitar aos alunos conhecer a definição do suicídio;
- Enunciar quais são os fatores de risco do suicídio e os sinais de risco;
- Apresentar aos alunos a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio;
- Destacar o papel do (a) professor(a) dentro da Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio.

3. CONTEÚDOS:

Conceito de Suicídio;
Espectro suicida;
Fatores e sinais de risco do suicídio;
Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio;
Rede de Atenção Psicossocial

4. ESTRATÉGIAS DE ENSINO:

Aula expositiva dialogada, com utilização de slides.

Realizar um breve estudo de caso a partir de exemplos de exercício prático, a fim de oportunizar aos alunos a articulação entre os temas abordados e os conhecimentos que já possuem.

O encontro será organizado em três momentos:

Primeiro:Exposição-dialogada sobre conceitos de educação e de saúde e suas interfaces com a formação e atuação profissional em saúde e os desafios para produção de inovações e de mudança na formação

Segundo:Exercício de aquecimento sobre concepções de educação e saúde e suas implicações na formação em saúde.

Terceiro:Fechamento do Encontro

5. AVALIAÇÃO:

Será disponibilizado aos alunos a possibilidade realizar perguntas sobre o tema, que serão respondidas e entregues aos docentes da disciplina. E, também será solicitado aos discentes que realizem uma avaliação do encontro.

6. REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA et al. O suicídio como um problema de saúde pública. **saúde coletiva**. Ceará, v. 11, n 61, p.518-522.
- BARRETO, I. F.; LIMA, M. A. Suicídio e o jogo da Baleia Azul analisados na perspectiva de Anomia de Émile Durkheim. **Revista de Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídica**. Brasília v. 3 n. 1. p. 121 – 136 Jan/Jun. 2017.
- BRASIL. Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Vigência. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 26 abr. 2019. Seção 1, p. 1.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saber, agir e prevenir: Boletim epidemiológico**. Brasília. v.48, n. 30, 2017a. 14 p.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo, SP: Editora Martin Claret. 2008.
- KRAVETZ, Patrícia Louise et al . Representações Sociais do Suicídio para adolescentes de uma Escola Pública de Curitiba, Paraná, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 26,n. 4,p. 1533-1542, Apr. 2021
- LEVANDOWSKI, Mateus Luz et al . Impacto do distanciamento social nas notificações de violência contra crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro ,v. 37, n. 1, e00140020, 2021.
- SILVA, A. Santos; SCHMIDT, V. Z. Autolesão na adolescência: transbordar da dor na pele. Trabalho apresentado como tema livre na **jornada “Caminhos da Dor”** da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, em setembro de 2019.
- TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. Três fórmulas para compreender "O suicídio" de Durkheim. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 6, n. 11, pág. 143-152, agosto de 2002.

Emergências na escola: Engasgo e a Lei Lucas

EMERGÊNCIAS NA ESCOLA: ENGASGO E LEI LUCAS

Me. Enfa. Sabrina Lacerda Silva

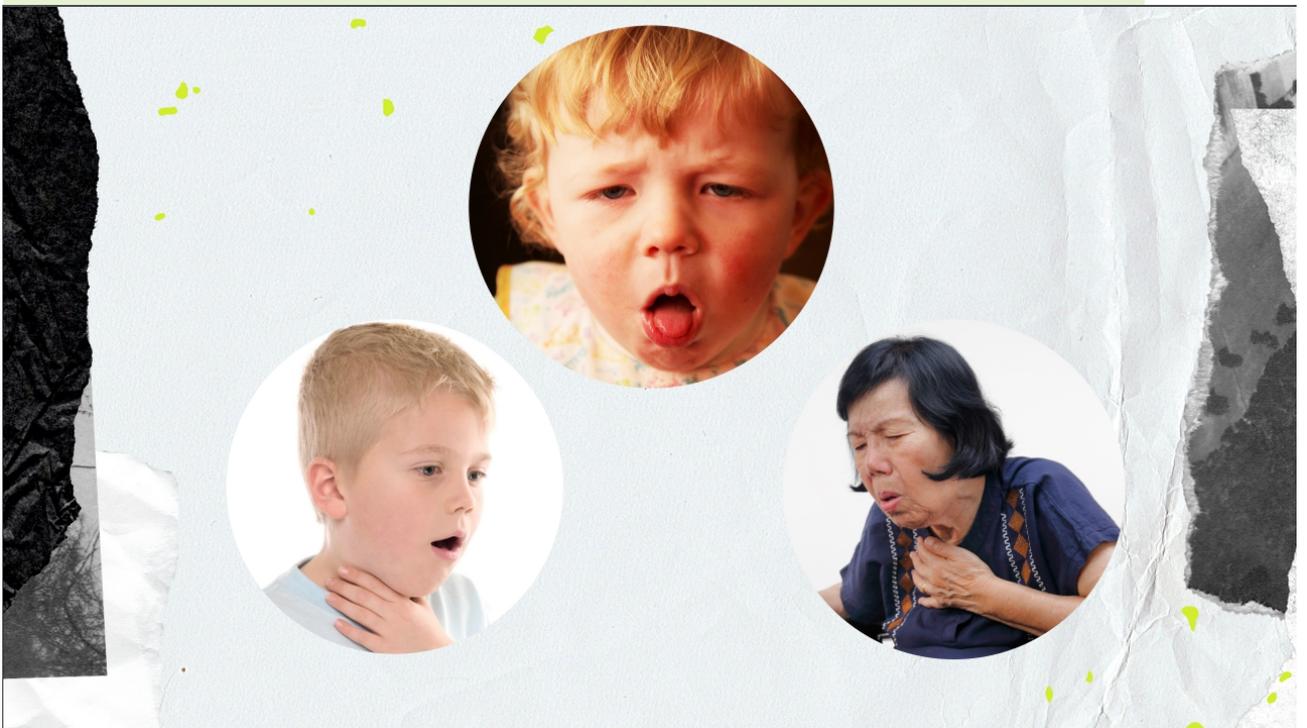


EMERGÊNCIA X URGÊNCIA

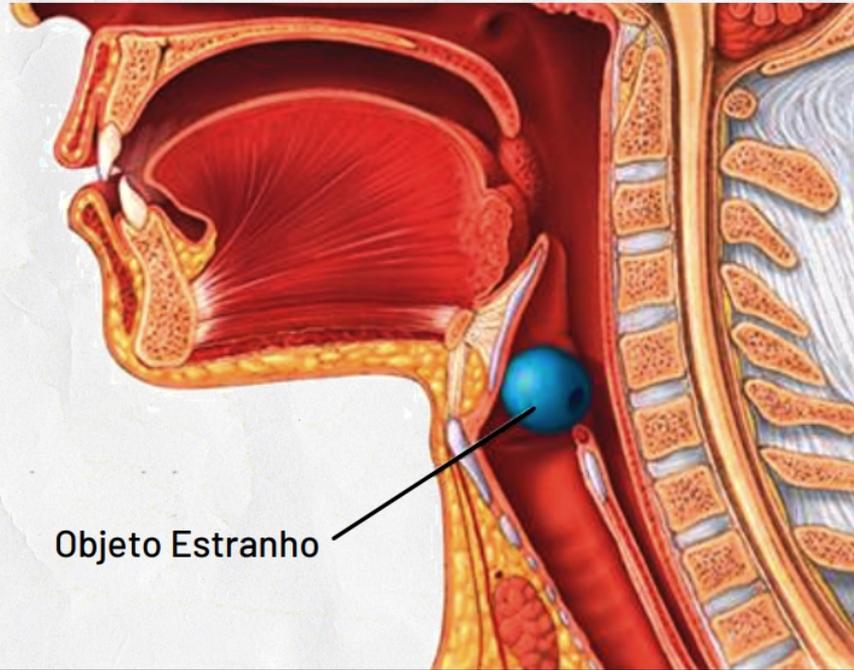
Agora



Quase Agora



POR QUE ENGASGAMOS?



LEI 13.722/18 – LEI LUCAS

TORNA OBRIGATÓRIA A CAPACITAÇÃO EM NOÇÕES BÁSICAS DE PRIMEIROS SOCORROS DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PÚBLICOS E PRIVADOS DE EDUCAÇÃO BÁSICA E DE ESTABELECIMENTOS DE RECREAÇÃO INFANTIL.

LEI 13.722/18 – LEI LUCAS

É OBRIGATÓRIA A INSTITUIÇÃO PAGAR O CURSO PARA O PROFISSIONAL SE CAPACITAR.

LEI 13.722/18 – LEI LUCAS

- ✘ Períodicidade: anual
- ✘ Recreção, escola de educação infantil e básica
- ✘ A porcentagem de funcionários a realizar a capacitação deve ser registrada no regimento da escola – prof/alunos
- ✘ Conteúdo: deve ser condizente ao público atendido
- ✘ Kits e Certificação

**SÓ MAIS 5
MINUTINHOS...**



LEMBRE-SE: NUMA SITUAÇÃO DE ENGASGO A PESSOA DEVE SER SOCORRIDA IMEDIATAMENTE

O QUE NÃO DEVEMOS FAZER

- ✗ Fazer a pessoa pular
- ✗ Oferecer água
- ✗ Tentar retirar o objeto

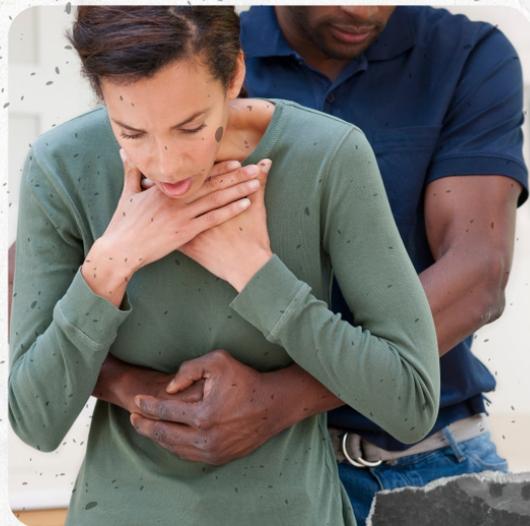
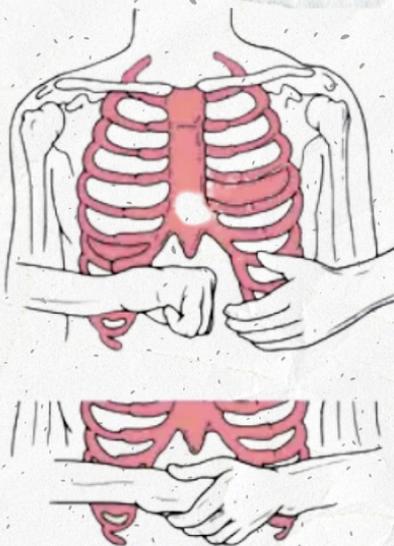
MANOBRA DE HEIMLICH: BEBÊS



MANOBRA DE HEIMLICH: CRIANÇAS



MANOBRA DE HEIMLICH: ADULTOS



PREVENÇÃO DE ENGASGOS

- ✗ Alimentos considerados perigosos: uva, azeitona, pipoca, etc.
- ✗ Refeição deve ser feita tranquilamente
- ✗ Evitar comer pedaços grandes de alimentos
- ✗ Evitar comer e falar ao mesmo tempo
- ✗ ...

DÚVIDAS, CONTATOS E REFERÊNCIAS

 binalacerda@hotmail.com

 [@sabrina_lacerda_silva](https://www.instagram.com/sabrina_lacerda_silva)

Design e diagramação:

Amanda Vek Krainovic Vitorino

 amandakvitorino@hotmail.com

 [@amandoula_](https://www.instagram.com/amandoula_)

Aula Enfermeira Sabrina

binalacerda79@gmail.com

Enfa Sabrina 11:36

Agradeço tua colocação

GABRIELE SANTOS 11:37

eu nunca tinha parado para refletir sobre o tema, tem coisas que a gente não imagina que tem que ser pensado no ambiente escolar

Enfa Sabrina 11:34

binalacerda79@gmail.com

Enfa Sabrina 11:36

Agradeço tua colocação

O muito obrigada à Sabrina foi oralizado. Coisas não pensadas. Nunca problematizadas. Entre o diferente e o diverso as histórias singulares abrem os espaços, aprofundam temáticas.

GABRIELE SANTOS 11:37

Eu nunca tinha parado para refletir sobre o tema, tem coisas que a gente não imagina que tem que ser pensado no ambiente escolar

Enfa Sabrina 11:46

@sabrina_lacerda_silva

Paulo Albuquerque 11:59

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social. Essa definição, até avançada para a época em que foi realizada, é, no momento, irreal, ultrapassada e unilateral.

Você11:59

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfBoH3ashGcXZMOsiNlw7Q3awD-MGqo_KFaVdh00nFHbp6TjQ/viewform?usp=sf_link

Paulo Albuquerque12:00

Ou quem sabe saúde é um estado de razoável harmonia entre o sujeito e a sua própria realidade?

Paulo Albuquerque12:00

esta pode ser uma definição mais adequada aos tempos pandêmicos

Mariana Martins12:02

profs, preciso ficar com o Joaquin pois minha sogra precisa sair

desculpe interromper

Paulo Albuquerque12:02

ok. vai tranquila Mariana

GABRIELE SANTOS12:04

tchau



XXIX Seminário Internacional Formação de Professores para a América Latina

Democracia e Diversidade

24, 25 e 26 de novembro de 2021

MAIS DO QUE UMA RETOMADA, UMA INTENCIONALIDADE e ESCRITA COLETIVA

Solon Eduardo Annes Viola

Paulo Peixoto de Albuquerque

Carmen Lucia Bezerra Machado

Anúncios e pressupostos, (Introdução)

Pesquisar a Formação de professores no Brasil dos tempos pandêmicos e de Ensino Emergencial Remoto na UFRGS, no curso de Pedagogia situando a contribuição dos fundamentos requer mais do listar as disciplinas ministradas e suas possíveis interações.

Os temas transversais anunciados nas legislações em vigor reconhecem a importância do elo entre educação e direitos humanos. A experienciação da docência compartilhada na especificidade do fazer pedagógico permite a construção coletiva de texto que se tece como interdisciplinaridade.

Avança o diálogo em que o contexto da disciplina Educação e Sociedade é o pano de fundo e a experienciação da escrita e do aprender a professorar, se anuncia como possibilidade.

Problematizando caminhos de escrita (Da metodologia)

Problematização proposta por Paulo Freire mostra caminhos do perguntar de docentes e discentes, a quem agradecemos como co-autores e no diálogo construímos a escrita sem hierarquizar posições. Pergunta feita, qualquer que seja o formato (oral, escrita e por vezes gestual), é registrada e a autoria reconhecida. Assim no diálogo construímos a sequência deste texto e buscamos responder ao requisito: metodologia utilizada.

Os fundamentos da educação, para registrar, ***como a gente pode tornar a educação brasileira antirracista sendo que ela foi construída sobre pilares colonialistas e feita APENAS para pessoas brancas?*** (Lari Seadi), seguem pensados por maioria de pessoas brancas.

Entre a história, a sociologia e a educação em relação aos direitos humanos, entre a docência que compartilha e os conceitos disciplinares, problematizamos dialogicamente. As indagações sobre o respeito formal aos direitos humanos individuais, apenas acentua a desigualdade, porque desconsidera as situações de indignidades do modo de ser? O de fazer economia e o de nos relacionarmos com aqueles que são diferentes de nós (cultura dominante)? E na sequência se desdobram outras perguntas, repercutindo nos grupos:

Hoje em dia todos que odeiam a igualdade formal querem fazer a naturalização da igualdade de uma vida mercantilizada?

Ressignificando histórias ao e no formar professores e professoras para e com Direitos Humanos e de Humanas, e não de humanos direitos, interdisciplinarmente requer aproximação entre os fundamentos da filosofia, sociologia, história, economia, pedagogia. O diálogo é estratégia potenciadora deste transdisciplinar. Como nota explicativa informamos o trabalho em docência compartilhada, e que o texto “Memórias do EnconTrO: Educação e SociedAdE, 25.10.2021”, com postagem e disponibilização no link: (MOODLE) redigido por Paulo Albuquerque, Carmen Machado, monitora docente Mariana Martins e Turma de Educação e Sociedade A+C – 2021-1/FACED/UFRGS, re-

lata a problematização entre a sociologia e a história na presença de convidado para conversar com a turma sobre o que motiva o trabalho e vida do Historiador, Professor Solon Viola. A relação entre Educação e Direitos Humanos.

Ponto disparador da pesquisa que percorre caminhos originais. Indagações incentivadas. Incertezas aceitas. Princípios acordados. Seguimos, pois na mudança sempre há um gasto energético (físico e mental, individual e coletivo). Conflitos promovem movimentos. E quais são eles? Identificamos três, poderiam ser outros. Modelo teórico para a leitura do mundo.

Problematizando Direitos Humanos e Educação (Fundamentos)

As cotidianas notícias falam da desigualdade.

De caminhão de lixo e das filas do osso.

O que dizer de direitos humanos?

A primeira referência ao conceito data dos cândidos tempos de Santo Agostinho. Falando no contratempo do tempo, entre o chover menos ou mais, como agora. Um nobre anuncia ao representante do dono da terra que ela é de Deus. E o Papa distribui para os bispos, e o representante do representante do dono da terra, que era Deus, passa a cobrar impostos e mais impostos. Entram na casa dos Camponeses e recolhem as carnes. Deixam o osso, ou a carcaça do frango para fazer o caldo, ou o joelho do porco para tirar o tutano e fazer a sopa.

Origens da primeira revolta dos Camponeses, inspiram o conhecido personagem - Robin Wood – o distribuir para os pobres. Rebelião. Reclame ao dono da terra. Reclama para o Bispo. E o bispo chama-se Santo Agostinho. “A Rebelião é um direito humano perante a fome”. A rebelião é direito humano de proteção do frio. Direito humano é o direito à rebelião – desde os anos 1000.

O princípio da liberdade entra em questão complexa. O que é o estado? Como revisar o processo de construção da prometida igualdade? Os que a prometeram não a conseguiram realizar. Os que prometeram a vontade de transformar em ato encontraram

uma barreira. Para garantir o processo de igualdade é necessária reação e contexto. E esse é o processo histórico. Talvez o mais significativo é o momento em que os conselhos, nascidos da sociedade passam a ser contidos pelo Estado. Num salto para os séculos XVI e XVII.

Momentos terríveis da construção entre liberdade e igualdade que agora marca o século 20. E há conflitos essenciais no século XX. Entram na história para não sair mais.

1. Os filmes “As sufragistas” e “Pagú” ou no livro de Silvia Federici (FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2016. Tradução Coletivo Sycorax. 464 p.), na resistência mostram os tempos de companheiras, femininas e feministas resistências.

2. A questão da paz ligada ao entre Guerras do século XX. Na discussão dos termos da Paz, jogam sobre Hiroshima a bomba nuclear e, em um segundo, mata 100 mil japoneses. No museu o grito de horror impresso em pedaço vidro de uma janela. A face humana colada e eternamente eternizada no vidro. Que Deus recebe esse corpo? O Pentecostal? O da terra plana? O do bem?

3. Alguém bêbado derrubou o petróleo e teclados aos mares e nas marés. Em algum lugar queimam uma floresta ou um pântano. Queimadas e mudanças de clima e o rio de água evapora. Da Amazônia para América do Sul. Os prometidos direitos subjetivos à Paz estão claramente ameaçados no século 21.

Da fome à rebelião. Da paz às guerras. E deste segundo movimento que não termina mais. Emerge o terceiro. O movimento dos que dizem “queremos nossa cidadania”, “vidas negras importam”. Vidas indígenas importam. Vidas chinesas importam. Vidas americanas importam. Do maio de 68, das mulheres em movimento à preservação ambiental, agora o movimento das igualdades de raça, de etnias... Compõem os direitos humanos. Continuamos buscando reconhecer a questão da diferença para poder trabalhar com igualdade é fundamental.

E a educação?

Como lidar com a pergunta da Lari? A questão das etnias na construção Brasil? Agora que o Brasil apaga e silencia os movimentos? Educação fascista? Ou anti-racista? Aquela que apaga a questão da desigualdade no processo histórico, desde a colônia?

Ao eliminar a memória, ao e no Brasil de uma visão triunfante e dominante, a pedagogia do esquecimento. A história dos Lanceiros Negros? Tabajara Ruas, um homem branco, no belíssimo livro, com a compreensão do lugar dos lanceiros negros na Revolução Farroupilha, como as mulheres na Revolução Francesa, recupera a história. E os movimentos contra o domínio português? Onde encontrar direitos humanos? Na Revolução em Pernambuco, com Frei Caneca? Redigindo a declaração dos direitos diz que todo homem “não pode ser vendido pelo homem”, e não se tratava de libertar os escravos. Apenas impedir a venda. E na América Latina?

E há quem diga que é necessário acabar com ela, porque a escola é que ensina igualdade e assim se faz o socialismo e o Brasil está se transformando numa nação comunista, por conta dessas questões raciais. E de gênero? Prever o triunfo das ideias perguntando para Lenin ou Fidel? Um mal? É possível produzir um outro tipo de sociedade a partir da escola? E se a legislação não se faz real-ação, e quando se faz, não se executa? Se a política que domina é a pedagogia do esquecimento?

Davidson traz questões relembrando a da Lari: *A escola considera no dia a dia a prática? Pensar a escola como uma instituição colonialista? E observar a escola no seu currículo como espaço que se mostra como uma instituição controladora positivista, punitivista e fragmentária? E ainda, como dar dois períodos (2 h-aula semanais) de ciências e incluindo alguém para falar sobre gênero?* Numa aula de matemática gênero só pode aparecer no dia da fala sobre gênero, diz a orientadora pedagógica. Não, senão a aula de matemática avança muito pouco. Ou quase nada na construção de uma sociedade mais igualitária?

O ato pedagógico na sala de aula, o que é? O que ocorre? Quem sabe? Agora em grupos, no Rio Grande do Sul, organizando *lives* sobre educação e direitos humanos com três ou quatro grupos de alunos de Escolas Públicas de Porto Alegre, ou com o chamado – QuilomBelas. Estudos de literatura, autoria, poesia, música... Na arte e na defesa de um quilombo Urbano - o quilombo dos Machados frente a ameaça da construção civil, em “uma área nobre” de moradia em Porto Alegre.

Como? Se no limite de um dia de aula será possível romper e criar uma escola plural? Escola identitária de gênero? Ética? Étnica? A realidade desigual não dá esse espaço para as realidades desses grupos. As vivências das desigualdades precisam ser re-trabalhadas.

E, salários e direitos humanos podem ser questões pontuais na sala de aula. Aparecem como conteúdo ilegítimo quando não é. Tudo precisa ser problematizado. Pensar bem. Ou, como é que essa ligação entre ideologia e técnica é uma decisão política que vai coletivamente construindo a invisibilização das pessoas no espaço da sala de aula e na relação com o conteúdo que está proposto. Na escola só tem um lugar a reprodução de um modo de ser e fazer a cultura?

Vivemos num tipo de sociedade que é violenta e avilta as pessoas e não é por acaso, é contra o direito de divórcio entre os significados, do acesso ao judiciário, à propriedade de determinados bens. Sujeito fica assujeitado. Lugar consolidado. A escola é uma camisa de força moldando pelo conteúdo, onde a vida fica de fora, como se pudesse. Lança um conceito e outro. Depois divulga. Segundo Mario Manacorda há na educação profissão e sub-profissão. Exemplos há. A Universidade Brasileira é um deles.

Aqui sugerimos que a busca se faça para além do espaço escolar, mas também no espaço escolar. Para além do formal. Experiências sendo construídas há. Rompem as barreiras que o Estado constrói para que o povo brasileiro. Assumir a consciência não é tarefa fácil. E talvez mais difícil do que num jogo ser capaz de enfrentar os adversários, com coragem e disposição para vencer. É uma tarefa difícil porque talvez domine sobre nós, respondendo ao alarme e reconhecendo a importância das perguntas do Davison, que é quem vai incluir ou excluir, construir junto, na sociedade, no ato de escolhas, pelo seu lugar, entendendo quem é que domina o país há 500 anos.

Se sociólogos construíram a sociologia por que filósofos deixaram de produzir movimentos e ficaram pensando abstratamente. Abstrações filosóficas originaram a sociologia. É preciso pensar o movimento de mudança, mas também há sociólogos que pensam os movimentos de preservação.

A nova base nacional curricular comum (BNCC) é uma forma de fazer o encaixe dos alunos no sistema, sem questionamentos. Sem filosofia, sem sociologia, sem história. Como encontrar *espaços para falar na sala de aula sobre a vida*? Indaga Raíssa.

O espaço da educação precisa também ser concebido na sua realidade e materialidade e assim como o espaço da escola é de reprodução, ele também pode ser mesmo hegemônico. Historicamente se sabe e reconhece que é a astúcia de quem é explorado, de quem é dominado, e nesse sentido é necessário começar a pensar a produção de espaços como foram grêmios, sindicatos, partidos, as lógicas e também como um lugar para jogar o jogo não jogando o jogo.

Pensar uma outra educação em função da realidade. A partir ou por meio dos Direitos Humanos para não ter humanos de direita dominando a escola. Como o Esperanto na linguagem, os direitos humanos podem ser um guarda-chuva. Mesclando, agregando a partir da experiência, descobrindo outras palavras, com outras ideias. Até porque direitos humanos são incompletos. E o conhecimento também é incompleto. Podem ser a possibilidade do estranhamento. A possibilidade da utopia. Outra linguagem e outra forma de escrever a vida.

Lembrar Norberto Bobbio e os níveis de direitos: individuais, políticos, sociais e planetários na construção do mundo segue outros caminhos. Possibilidades de ser e de construir, como sujeitos sociais e políticos, tal como linguagem política, para evitar a pedagogia do esquecimento.

Resultados. Ou, o que não é discutido na atualização dos Direitos Humanos?

Escrever e reescrever diálogos é, antes de tudo, dar a conhecer, publicizar perante um público que é também autor do texto. Possíveis temáticas. Inúmeras. Do combate indústria bélica à formas de negociação nesta produção; formas de construção das linguagens, apropriadas e fundidas nessa construção de armas para o domínio e o convencimento e mais...

O projeto de educação e o da escola sem partido, ou escola cívico-militar oriundas dos Estados Unidos, e é de lá que vem estes modelos, das Fundações para o convencimento. Sem bases militares. A destruição do meio ambiente sugere a possibilidade de

manter o domínio pelo convencimento. Em setembro de 2021 alguns “gauchinhos corajosos fascistas”, numa barraca, defendem escravidão. E o hino anuncia que o exemplo a ser seguido. Agora a escravidão não é pela cor, é uma escravidão de todos os pobres. Incluída compra e venda.

Pensar uma nova declaração que inclua de fato todas as: expressões de religiosidade, formas de comunicação sem censura, autonomia e emancipação dos estados nacionais como capacidades de definir a cultura e a forma de viver de cada nação, impor sanções às nações que dominam e querem suprimir autonomia especialmente a das Nações do Hemisfério Sul.

O que fica neste fechamento? Um certo nióbio, por exemplo? Aprender a pensar sobre si mesmo e sobre como construir caminhos do presente e do futuro? A ideia da incompletude?

Davison pergunta: **Qual é a dica, Professor?** Como sobreviventes, reinventem e reinvente-se. Tenha coragem. Se reinvente a cada dia e tenha coragem todos os dias. A mesma que o tempo para sobreviver como negro na sociedade branca. Tens astúcia para no espaço de cultura hegemônica, dominante, chegar aqui. Romper com essa lógica, tecnológica ou a da fronteira da sala de aula, ir para a rua, capacitação e verticalização na pedagogia. Reinventar procurando espaços e razões de ser que continua se dando pelo trabalho. Na volta ao século XIX.

No ambiente domiciliar. No horário do almoço. E Nádia que quer aprender **com ... e como lidar para além do silêncio na escola?** Um silêncio sobre os acontecimentos? Ou, viva o Silêncio de quem, assim, resiste? Não só ter coragem, encontrar possível dialogar.

